

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

**Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo - PROGRAU**



Dissertação de Mestrado

**Cor e identidade do ambiente urbano:
o bairro Porto, Pelotas/RS**

Helena Borda Soares

Pelotas, 2014

Helena Borda Soares

Cor e identidade do ambiente urbano:

o bairro Porto, Pelotas/RS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Natalia Naoumova

Pelotas, 2014

Dados de Catalogação na Publicação
Kênia Moreira Bernini – CRB-10/920

S676c Soares, Helena Borda

Cor e identidade do ambiente urbano : o bairro Porto, Pelotas/RS / Helena Borda Soares ; Orientadora : Natalia Naoumova. – Pelotas, 2014.

166 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas.

1. Identidade. 2. Cor. 3. Percepção ambiental. 4. Áreas históricas I. Naoumova, Natalia orient. II. Título.

CDD 720

Helena Borda Soares

Cor e identidade do ambiente urbano:

o bairro Porto, Pelotas/RS.

Dissertação aprovada, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Data da defesa: 15 de setembro de 2014.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Natalia Naoumova – orientadora – PROGRAU / UFPel

Profa. Dra. Adriana Araújo Portella – PROGRAU / UFPel

Prof. Dr. Sylvio Dick Jantzen – PROGRAU / UFPel

Prof. Dr. Wilson Marcelino Miranda – FAUrb / UFPel (membro externo ao Programa)

RESUMO

SOARES, Helena Borda. **Cor e Identidade do ambiente urbano: o bairro Porto, Pelotas/RS**. 2014. 166p. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

Esta pesquisa investigou a cor na formação da identidade do lugar em contextos urbanos históricos, sob a ótica da percepção ambiental. Como estudo de caso foi selecionada a cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, que tem entre seus bairros, o histórico bairro Porto. O bairro Porto apresenta características de homogeneidade em muitos aspectos, como a alturas das edificações e seus usos, além de agregar edificações dos diversos estilos, que variam do Período Eclético até os dias atuais. Suas fachadas pintadas – ora formando nuances cromáticas, ora compondo mosaicos coloridos com as edificações vizinhas – começam a compor uma nova imagem do bairro. A investigação ocorreu em duas etapas: na primeira etapa, foi realizado um estudo exploratório das peculiaridades das estruturas física e cromática do bairro; na segunda etapa, foi realizado um estudo avaliativo das cores dos prédios por pessoas que frequentam o bairro. Com o intuito de comparar as avaliações realizadas por pessoas mais e menos familiarizadas com o bairro, formou-se dois grupos distintos de respondentes: moradores do bairro e transeuntes. Os resultados obtidos mostram que (1) existem relações cromáticas específicas no bairro Porto com sua linguagem visual em termos de paleta e estruturação cromática; (2) que há legibilidade (imagem forte) no bairro relacionada à sua policromia; e (3) que há diferença na avaliação de moradores e transeuntes em relação à agradabilidade e à satisfação quanto ao aspecto estético dos prédios do bairro. Por meio desta pesquisa foi construída uma base teórica para auxiliar nos estudos sobre a identidade cromática de áreas de contexto histórico. Foi disponibilizada uma base de dados sobre o caráter do bairro Porto, por meio de diversos aspectos formais e simbólicos. Esse estudo poderá também servir como referência para a elaboração de um plano cromático para o bairro.

Palavras-chave: identidade, cor, percepção ambiental, áreas históricas

ABSTRACT

SOARES, Helena Borda. **Color and Identity of Urban Environment: Porto District (Pelotas, RS)**. 2014. 166p. Master's Thesis – Master's Degree in Architecture and Urbanism. Post-Graduate Program in Architecture and Urbanism, School of Architecture and Urbanism, Universidade Federal de Pelotas.

This research investigated the role of color in shaping the identity of a neighborhood in its historical urban context from an environmental perception perspective. The city of Pelotas (Rio Grande do Sul State) was selected as a case study; it includes the historic Porto district among its neighborhoods. The Porto neighborhood has several consistent characteristics including building heights and uses, and incorporates a variety of styles, ranging from eclectic period to the present day. Its painted facades – sometimes forming chromatic nuances, sometimes composing colorful mosaics with neighboring buildings – start composing a new image of the neighborhood. This research was carried out in two stages: at first, a survey of the peculiarities of physical and chromatic structures in the neighborhood was conducted; then it was followed by an assessment of building colors by people attending the neighborhood. Two distinct groups of respondents were created to properly weigh answers by people more and less familiar with the neighborhood: residents and passersby. Attained results indicate (1) the existence of specific chromatic relations within the Porto area with its visual language, both in terms of color palette and structure; (2) legibility (strong image) in the neighborhood related to its polychromy; and (3) differences in the evaluation of residents and bystanders regarding pleasantness and their satisfaction with the aesthetics of the neighborhood buildings. As a by-product of this research, a theoretical basis was created to assist in further studies of chromatic identity in areas of historical relevance. Based on various formal and symbolic aspects, a database of the Porto district characteristics was created. This study may also serve as a reference when preparing a color master plan for the neighborhood.

Key words: identity, color, environmental perception, historic areas

Lista de Figuras

Figura 2.1	Exemplos de policromia regular e irregular: a) Cidade de Izamal, México. Traçado e policromia regular; b) Cidade de Valparaíso, Chile. Traçado e policromia irregular.....	17
Figura 2.2	Exemplos de equilíbrio das características físicas e cromáticas: a) e b) as edificações formalmente simples das vilas de Ndebele e Sotho, na África do Sul, com acentuada ornamentação cromática; c) as construções muito detalhadas do Templo Akshardham, Nova Deli, Índia, com coloração monotonal.....	18
Figura 2.3	Aberturas de alguns prédios em Paris, França.....	20
Figura 2.4	a) Cidade de <i>Nuuk</i> , Groenlândia; b) St. Johns, Canadá.....	22
Figura 2.5	Rua <i>Caminito</i> , bairro <i>La Boca</i> , Buenos Aires, Argentina.....	22
Figura 2.6	Cidade de Jodhpur, na Índia. A “cidade azul”.....	23
Figura 2.7	a) Cidade de Jaisalmer, na Índia e b) Cidade de Sana, no Iêmen	23
Figura 2.8	Exemplo de variação na aparência da cor em diferentes estações do ano na Casa Branca, Washington, D.C., Estados Unidos.....	24
Figura 2.9	Edificações com pintura envelhecida através da aplicação de pátina artificial. Roma, Itália.....	25
Figura 2.10	Edificação em Pelotas. Esta edificação chegou a ser apelidada de “Casa do Obelix” – em alusão à vestimenta do famoso personagem – na época em que tinha suas paredes listradas.....	25
Figura 2.11	Ilha de Burano, Itália.....	26
Figura 2.12	Imagens da cidade de Piratini, RS, Brasil.....	26
Figura 2.13	Exemplo da influência do uso de luz artificial nas fachadas: Sala São Paulo, São Paulo, SP.....	27
Figura 2.14	Espectro visível.....	28
Figura 2.15	Representação das sínteses cromáticas: a) síntese aditiva, b) síntese subtrativa.....	29
Figura 2.16	Atributos da cor: a) variações de matiz, b) variações de claridade, c) variações de saturação.....	29
Figura 2.17	Círculo cromático de Itten.....	30
Figura 2.18	Variações cromáticas de temperatura.....	30
Figura 2.19	Exemplos de contraste de matiz: a) exemplo de Itten, b) obra de Renzo Piano, em Londres, c) vitral gótico da catedral Notre Dame de Chartres, em Paris.....	31
Figura 2.20	Exemplo de contraste de claro e escuro: a) exemplo de Itten, b) edifício no Kwait.....	32
Figura 2.21	Exemplo de contraste de complementares. Fragmentos da fachada da catedral de Santa Maria del Fiore, em Florença, Itália.....	33
Figura 2.22	Exemplos de contraste simultâneo: a cor cinza é percebida no fundo amarelo como mais escura que no fundo azul.....	33
Figura 2.23	Exemplos de contraste de saturação.....	34
Figura 2.24	Exemplos de contraste de quantidade: a) esquema de Johannes Itten, e b) <i>San Antonio Central Library</i> , em <i>San Antonio</i> , EUA; obra do arquiteto Ricardo Legorreta.....	34
Figura 2.25	Exemplos de contraste de cor quente e fria: a) Exemplo de Itten, b) edificação.....	35

Figura 2.26	Elementos gráficos representativos do <i>Natural Color System</i> : a) <i>NCS colour scan</i> ; b) modelo tridimensional <i>NCS</i> ; c) círculo <i>NCS</i> e d) triângulo <i>NCS</i>	36
Figura 2.27	Código da cor <i>NCS</i>	37
Figura 2.28	Levantamentos de Lenclos: materiais coletados e croquis.....	38
Figura 2.29	Características das tipologias cromáticas históricas das edificações dos estilos (a) colonial, (b) eclético e (c) pré-modernista.....	42
Figura 3.1	Imagens de registros toponímicos das freguesias do Porto, em Portugal.....	52
Figura 3.2	Igreja branca em meio à paisagem natural. Ouro Preto, Minas Gerais.....	54
Figura 3.3	Representação espacial das descrições das qualidades afetivas do ambiente.....	61
Figura 4.1	Imagens do bairro Porto. Prédios residenciais na Rua Almirante Barroso (a) e na Rua Benjamin Constant (b).....	66
Figura 4.2	Porto de Pelotas no início do século XX.....	67
Figura 4.3	Zoneamento da cidade segundo Plano Diretor Municipal.....	68
Figura 4.4	Zonas de preservação e mapeamento dos imóveis inventariados e com tombamento municipal, estadual e federal...	68
Figura 4.5	Marcação do bairro Porto e área de recorte.....	69
Figura 5.1	Mapeamento cromático da área de estudo.....	79
Figura 5.2	Paletas gerais do bairro: a) paleta das paredes, b) paleta dos detalhes.....	80
Figura 5.3	Gráfico referente ao levantamento dos matizes.....	80
Figura 5.4	Mapa de usos.....	82
Figura 5.5	Gráfico do mapa de usos.....	82
Figura 5.6	Paleta referente às edificações com usos diversos na área de recorte, com exceção do uso residencial.....	83
Figura 5.7	Gato Gordo Café. a) visão geral da quadra; b) fachada.....	83
Figura 5.8	Exemplos dos matizes usados em instituições de ensino no bairro Porto: a) Campus II da UCPel; b) FAUrb, UFPel; e c) Colégio Estadual Félix da Cunha.....	83
Figura 5.9	Mapa de altura das edificações.....	84
Figura 5.10	Gráfico do mapa de altura das edificações.....	84
Figura 5.11	Exemplos de edificações de quatro pavimentos presentes no bairro. Destaque para o prédio violeta na Rua Almirante Barroso.....	84
Figura 5.12	Paleta referente às edificações de diferentes alturas da área de recorte, com exceção dos prédios de 1 e 2 pavimentos.....	84
Figura 5.13	Mapa de estado de conservação das fachadas.....	85
Figura 5.14	Gráfico do mapa de estado de conservação das fachadas.....	85
Figura 5.15	Mapa do estilo das edificações.....	86
Figura 5.16	Gráfico do mapa de estilo das edificações.....	86
Figura 5.17	Exemplos do uso na cor nos diferentes estilos de edificação do bairro.....	87
Figura 5.18	Exemplo de edificações com uso destinado ao público estudantil no bairro: a) e b) papelarias e xerox; c) bar Papuera.....	87

Figura 5.19	Imagens da rua Benjamin Constant, mais citada na questão 1....	90
Figura 5.20	Quadrado, local mais citado na questão 1	91
Figura 5.21	Imagens dos prédios mais citados na questão 1: a) ICH, b) Igreja do Porto.....	91
Figura 5.22	Gráfico da questão 15.....	91
Figura 5.23	Gráfico questão 5.....	92
Figura 5.24	Gráfico questão 6.....	92
Figura 5.25	Gráfico questão 14.....	93
Figura 5.26	Gráfico questão 2.....	95
Figura 5.27	Gráfico questão 12.1.....	97
Figura 5.28	Gráfico questão 12.2.....	98
Figura 5.29	Gráfico questão 12.3.....	98
Figura 5.30	Gráfico questão 12.4.....	99
Figura 5.31	Gráfico questão 12.5.....	99
Figura 5.32	Gráfico questão 12.6.....	100
Figura 5.33	Gráfico questão 12.7.....	100
Figura 5.34	Gráfico questão 12.8.....	101
Figura 5.35	Gráfico questão 12.9.....	101
Figura 5.36	Gráfico questão 12.10.....	102
Figura 5.37	Gráfico questão 13.....	102
Figura 5.38	Gráfico questão 8.....	103
Figura 5.39	Gráfico questão 9.....	104
Figura 5.40	Gráfico questão 10.....	104
Figura 5.41	Relação das fotos mais escolhidas no questionário.....	105
Figura 5.42	Relação das fotos menos escolhidas no questionário.....	106
Figura 5.43	Gráfico questão 11.....	107
Figura 5.44	Gráfico questão 7.....	108

Lista de Tabelas

Tabela 4.1	Relação dos tipos de uso encontrados na area de recorte.....	71
Tabela 4.2	Caracterização dos níveis de avaliação do estado de conservação das edificações e exemplos no bairro dos diferentes estados de conservação considerados.....	71
Tabela 4.3	Distribuição da faixa etária e sexo por grupo de respondentes.....	76
Tabela 4.4	Perfil profissional dos grupos de respondentes.....	76
Tabela 5.1	Análise das paletas individuais.....	81
Tabela 5.2	Compilação das respostas da questão 1.....	89
Tabela 5.3	Compilação das respostas da questão 15.....	91
Tabela 5.4	Frequências questão 5.....	92
Tabela 5.5	Frequências questão 6.....	92
Tabela 5.6	Compilação das respostas questão 14.....	93
Tabela 5.7	Frequências questão 2.....	95
Tabela 5.8	Compilação dos dados da questão 3.....	95
Tabela 5.9	Compilação dos dados das questões qualitativas 4 e 4.1.....	96
Tabela 5.10	Frequências questão 12.1.....	97
Tabela 5.11	Frequências questão 12.2.....	98
Tabela 5.12	Frequências questão 12.3.....	98
Tabela 5.13	Frequências questão 12.4.....	99
Tabela 5.14	Frequências questão 12.5.....	99
Tabela 5.15	Frequências questão 12.6.....	100
Tabela 5.16	Frequências questão 12.7.....	100
Tabela 5.17	Frequências questão 12.8.....	101
Tabela 5.18	Frequências questão 12.9.....	101
Tabela 5.19	Frequências questão 12.10.....	102
Tabela 5.20	Compilação das respostas questão 13.....	102
Tabela 5.21	Frequências questão 8.....	103
Tabela 5.22	Frequências questão 9.....	104
Tabela 5.23	Frequências questão 10.....	104
Tabela 5.24	Compilação das respostas questão 11.....	107
Tabela 5.25	Frequências questão 7.....	108

SUMÁRIO

RESUMO	3
ABSTRACT	4
LISTA DE FIGURAS	5
LISTA DE TABELAS	8
CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO	9
1.1 IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA E SUA RELEVÂNCIA	9
1.2 VARIÁVEIS ASSOCIADAS À IDENTIDADE DO LUGAR	12
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA	12
1.4 OBJETO DE ESTUDO – justificativa da escolha do local	12
1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	14
CAPÍTULO 2 COR E SEUS ASPECTOS	16
2.1 COR, AMBIENTE E ARQUITETURA: INFLUÊNCIAS	16
2.1.1 A influência dos aspectos formais no desenvolvimento da policromia arquitetônica urbana	17
2.1.2 A influência da cultura no desenvolvimento da policromia arquitetônica urbana	20
2.1.3 A influência da dinâmica da cor no desenvolvimento da policromia arquitetônica urbana	24
<u>2.1.3.1 Dinâmica natural</u>	24
<u>2.1.3.2 Dinâmica artificial</u>	25
2.2 O FENÔMENO DA COR	27
2.2.1 Os atributos da cor e sua classificação	29
<u>2.2.1.1 Contrastes cromáticos</u>	30
2.2.2 Sistemas Cromáticos de Referência	35
2.3 ESTUDOS CROMÁTICOS NO AMBIENTE URBANO	37
2.4 CONCLUSÃO	42

CAPÍTULO 3 IDENTIDADE DO LUGAR	45
3.1 IDENTIDADE DO LUGAR: conceito e importância	45
3.1.1 O processo de identificação	48
3.1.2 Componentes da identidade do lugar	49
<u>3.1.2.1 Aspectos materiais</u>	49
<u>3.1.2.2 Aspectos imateriais</u>	52
3.1.3 Perda da identidade do lugar	54
3.2 PROCESSO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL	55
3.2.1 Variáveis associadas à identidade	56
3.2.2 Variáveis formais e simbólicas	58
3.2.3 Dimensões da imagem avaliativa do ambiente	61
3.3 HIPÓTESES	63
3.4 CONCLUSÃO	63
 CAPÍTULO 4 METODOLOGIA	65
4.1 SELEÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	65
4.1.1 Características arquitetônicas do bairro Porto	66
4.1.2 Histórico do bairro Porto e área de recorte	67
4.2 MÉTODO DE COLETA DE DADOS	69
4.2.1 Levantamento de Arquivo	70
4.2.2 Levantamento de Campo	70
<u>4.2.2.1 Etapa I – estudo exploratório das peculiaridades das estruturas física e cromática existentes</u>	70
<u>4.2.2.2 Etapa II – avaliativa</u>	72
<u>4.2.2.2.1 Questionários</u>	73
<u>4.2.2.2.1a Variáveis investigadas no questionário</u>	73
<u>4.2.2.2.1b Seleção e classificação do material visual</u>	75
<u>4.2.2.2.1c Seleção dos grupos de respondentes</u>	75
4.3 MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS	77

CAPÍTULO 5 RESULTADOS	78
5.1 Etapa I – estudo exploratório das peculiaridades das estruturas física e cromática existentes	78
a) análise do mapa cromático	78
b) análise do mapa de usos e sua relação com a estrutura cromática	81
c) análise do mapa de altura das edificações e sua relação com a estrutura cromática	83
d) análise do mapa de estado de conservação das fachadas e sua relação com a estrutura cromática	85
e) análise do mapa de estilos arquitetônicos e sua relação com a estrutura cromática	86
5.2 Etapa II – avaliativa	89
5.2.1 hipótese 1: A estrutura cromática do bairro contribui significativamente para a legibilidade do bairro.	89
5.2.2 hipótese 2: Há diferença na avaliação de moradores e transeuntes em relação à agradabilidade e à satisfação com o aspecto estético dos prédios do bairro.	94
5.2.3 hipótese 3: Existe correlação entre o nível de agradabilidade dos respondentes com as cenas do bairro e a presença de cores nas fachadas.	108
CAPÍTULO 6 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
6.1 REVISÃO DO PROBLEMA, OBJETIVOS E HIPÓTESES	110
6.2 PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS	112
6.3 DIFICULDADES E LIMITAÇÕES DO ESTUDO	114
6.4 IMPORTÂNCIA DOS RESULTADOS	114
6.5 SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES	115
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICES	122
APÊNDICE A - TABELAS, GRÁFICOS E PALETAS DA ETAPA I – Rua Três de Maio	123
APÊNDICE B - TABELAS, GRÁFICOS E PALETAS DA ETAPA I – Rua Gomes Carneiro	126
APÊNDICE C - TABELAS, GRÁFICOS E PALETAS DA ETAPA I – Rua Uruguai	130

APÊNDICE D - TABELAS, GRÁFICOS E PALETAS DA ETAPA I – Rua Almirante Tamandaré	133
APÊNDICE E - TABELAS, GRÁFICOS E PALETAS DA ETAPA I – Rua Benjamin Constant	136
APÊNDICE F - TABELAS, GRÁFICOS E PALETAS DA ETAPA I – Rua Almirante Barroso	139
APÊNDICE G - TABELAS, GRÁFICOS E PALETAS DA ETAPA I – Rua Cel. Alberto Rosa	142
APÊNDICE H - TABELAS, GRÁFICOS E PALETAS DA ETAPA I – Rua Álvaro Chaves	145
APÊNDICE I - TABELAS, GRÁFICOS E PALETAS DA ETAPA I – Rua Bento Martins	149
APÊNDICE J - TABELAS, GRÁFICOS E PALETAS DA ETAPA I – Rua João Pessoa	153
APÊNDICE K - TABELAS, GRÁFICOS E PALETAS DA ETAPA I – Rua José do Patrocínio	156
APÊNDICE L - TABELAS, GRÁFICOS E PALETAS DA ETAPA I – Rua Dona Mariana	159
APÊNDICE M – Questionário	162
APÊNDICE N – Material Visual (classificação)	164
APÊNDICE O – Material Visual	

CAPÍTULO 1 | INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga a cor na formação da identidade em contextos urbanos históricos. Neste capítulo é introduzido o tema da pesquisa, a identificação do problema e sua relevância, as variáveis associadas ao problema, os objetivos da pesquisa e o objeto de estudo.

1.1 IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA E SUA RELEVÂNCIA

Os valores da identidade destacam-se entre os valores culturais, sendo considerados como os mais fortes em termos emocionais. A identidade é um assunto amplamente abordado na literatura sobre o lugar por autores como Relph (1976), Proshansky (1978), Tuan (1980), Norberg-Schulz (1980), Altman e Low (1992), Green (1999), Hidalgo e Hernández (2001), Manzo (2003), Aguiar (2005) e Marušić e Nikšić (2012). Conforme Green (1999, p.311), a conservação e a gestão de recursos ambientais que reforçam o caráter das cidades – e uma experiência distinta e positiva – tem sido sugerida como uma forma de mitigar alguns dos efeitos psicológicos negativos que o crescimento urbano pode ter sobre as comunidades.

As cidades são os habitats humanos na sua forma mais intensa. O ambiente urbano é um sistema vivo, onde a vivência, os sentidos e os símbolos formam diferentes imagens do meio. Essas imagens são formadas por elementos de contexto natural, edificado, sociocultural e simbólico, que formam marcos visuais e referências para os indivíduos. Nos ambientes urbanos históricos, a definição de sua imagem ocorre através de elementos peculiares que constituem a sua

especificidade, que por sua vez contribui com o patrimônio cultural e urbano. Essa especificidade é um importante recurso histórico, cultural, urbano e econômico (MENEZES e TAVARES, sd, p.1-2).

É fato que a dinâmica da vida nas cidades acaba sendo refletida no ambiente urbano, o que contribui para que a identidade dos lugares seja uma característica evolutiva – respeitando ou não as especificidades locais (AGUIAR, 2005, p.127). A estrutura de um lugar não é fixa, e em regra lugares mudam, às vezes rapidamente. Para Norberg-Schulz (1980, p.18), isso não significa, no entanto, que necessariamente o espírito do lugar muda ou se perde, pois o *stabilitas loci* é uma condição necessária para a vida humana. Essa estabilidade deve ser compatível com a dinâmica da mudança, pois qualquer lugar deve ter a capacidade de receber diferentes conteúdos, naturalmente dentro de certos limites. Proteger e conservar o espírito do lugar significa concretizar de fato a sua essência em um novo contexto histórico, contemplando ao mesmo tempo o antigo e o novo. Por conseguinte, um local compreende propriedades que têm um grau variável de invariância (NORBERG-SCHULZ, 1980, p.18).

Entende-se que, caso a identidade de um lugar pudesse ser parada no tempo, deixaria de representar a vida urbana em toda a sua totalidade. Impediria as alterações naturais de significado e de valor que ocorrem no processo de reapropriação que cada geração faz dos valores artísticos, estéticos e arquitetônicos herdados (AGUIAR, 2005, p.127). Além dos significados – históricos ou de um imaginário – carregados, há sempre novos significados que podem vir a ser acrescentados a um lugar por seus habitantes e usuários. A identidade é, portanto, resultado de um processo cumulativo.

A construção de uma identidade do lugar pode revelar-se de forma natural, através das manifestações das pessoas que usufruem do lugar e o constroem (ou o exploram) ou pode ser projetada, por meio de ações de reabilitação urbana. O uso da cor, em ambos os casos, é altamente considerado pelo seu poder de expressão, capaz de lançar uma dimensão poética complementar ao ambiente (LENCLOS, 1976, p.75). Porém, sendo a cor um elemento com tamanha potencialidade dentro de uma composição visual, sua aplicação deve ser feita com conhecimento. Do contrário, a cor, sendo utilizada indiscriminadamente, pode ter um efeito indesejado,

afetando a reação das pessoas em relação às informações ali passadas. É necessário projetar “desde o conhecimento, não desde crenças” (JONES, 1962 apud LANG, 1987: 12); e guiar-se por “observações tangíveis, em vez de especulações em abstrato” (NEUTRA, 1954 apud LANG, 1987: 12).

Os significados, emoções e sentimentos normalmente vinculados às cores (como vermelho simbolizar paixão, ou verde, a esperança) nem sempre podem ser aplicados em relação ao ambiente construído. O significado da cor muda de acordo com as características cromáticas e varia quando aplicada num objeto concreto (SIVIK, 1976). A mudança de cor de uma edificação altera também o significado da fachada em termos de leitura formal, por exemplo um prédio pode passar a ser visto como mais alto/baixo ou pesado/leve. A não-adequação da cor à forma estilística também pode afetar a resposta avaliativa sobre essa edificação (NAOUMOVA, 2009, p.144).

Autores como Lenclos (1976, 1983, 1995, 1999), Efimov (1990), Mazzilli (1993), Lancaster (1996), Naoumova (1997, 2006, 2009) e França (1998), possuem estudos que abordam a cor vinculada ao espaço urbano. Lenclos, por exemplo, analisa a policromia de diversos lugares do mundo, observando tanto paisagens com exemplares arquitetônicos inseridos num ambiente natural, como também ambientes urbanos onde há alguns elementos naturais.

Porém, apesar dos estudos existentes, constata-se uma lacuna de conhecimento quanto ao aspecto da percepção do indivíduo sobre a cor na construção da identidade de contextos urbanos históricos, compostos de prédios de vários estilos arquitetônicos. A relevância desta investigação está ligada à necessidade de criar ambientes mais congruentes com as necessidades humanas estéticas e capazes de contribuir de maneira positiva para a formação e manutenção da identidade pessoal dos indivíduos.

Com base no que foi exposto, tem-se a **questão principal** da pesquisa: De que maneira a cor é usada pelos indivíduos no processo de coloração das fachadas de edificações de áreas históricas, construindo assim a identidade cromática do espaço urbano?

1.2 VARIÁVEIS ASSOCIADAS À IDENTIDADE DO LUGAR

No estudo em questão, a investigação da identidade levou em consideração três variáveis principais: a agradabilidade, a legibilidade e familiaridade.

As variáveis formais que contribuem para o estudo em relação às edificações, consideradas aqui foram: as cores, os usos, a altura, o estado de conservação (manutenção) e o estilo, além da ordem, complexidade, adequação e destaque percebido. As variáveis simbólicas consideradas nesta pesquisa foram: valor histórico, novidade e interesse. A descrição mais detalhada dessas variáveis encontra-se no Capítulo 3, item 3.2.1.

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

A pesquisa tem como **objetivo geral** desvendar de que forma as manifestações cromáticas aleatórias podem colaborar para a formação da identidade de um ambiente histórico, considerando a percepção dos indivíduos, descobrindo assim o nível de interação das pessoas com o ambiente construído.

Deste objetivo geral, derivam os **objetivos específicos**. São eles:

- (i) investigar a relação existente entre a estrutura física do bairro (espaços e formas arquitetônicas e urbanas) e sua estrutura cromática (pintura dos prédios);
- (ii) verificar a presença de legibilidade (imagem forte) cromática no bairro percebida por moradores e transeuntes;
- (iii) verificar o nível de agradabilidade de cenas urbanas do bairro associadas às relações cromáticas existentes.

1.4 OBJETO DE ESTUDO – justificativa da escolha do local

É delimitado ao estudo de caso a cidade de Pelotas, localizada no estado do Rio Grande do Sul. O bairro Porto, foco deste estudo, possui características históricas

no seu traçado e na sua arquitetura. Caracteriza-se ainda por ser um bairro tranquilo, residencial, longe da movimentação do centro da cidade, e que está em transformação com o estabelecimento de prédios universitários em antigas instalações portuárias e fabris do local. Possui questões comuns a alguns bairros e áreas históricas em geral: traços de degradação, perda da identidade originária (redução das atividades no Porto) e valor cultural.

Também contribuiu para a escolha do bairro o fato de já haver estudos feitos no local. Porém, em nenhum destes estudos, o aspecto da cor foi abordado com a devida profundidade. A pesquisa realizada por Poetsch (2002), sobre a identidade do bairro, levou em consideração a questão da identidade portuária, com foco nas antigas construções industriais. O estudo realizado por acadêmicos da disciplina de "Técnicas Retrospectivas" da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação dos professores Ana Oliveira e Sylvio Jantzen, tratou de aspectos formais e tipologias de ruas e quarteirões do bairro. Porém, o estudo foi realizado há aproximadamente uma década e não contemplou a análise das cores. Outro estudo que teve como foco o bairro Porto foi o Ateliê SIRCHAL (Seminário Internacional de Revitalização de Centros Históricos na América Latina e Caribe), realizado em 2002. Essa foi uma ação no âmbito da Cooperação Técnica, firmada entre a Caixa Econômica Federal e o Governo Francês.

Conforme algumas considerações do Ateliê SIRCHAL, a revitalização do bairro pode gerar um reflexo positivo sobre o imaginário da comunidade no que se refere à estima dos moradores que se mantiveram no Porto desde o período de declínio da atividade portuária, bem como sobre a própria degradação física das habitações. O estudo evidenciou uma forte identificação dos moradores em relação ao bairro, destacando-se certa unidade de vizinhança e relações sócio-culturais de épocas passadas (SIRCHAL, 2002). Entretanto, todos estes estudos foram realizados antes da implantação da Universidade Federal no bairro e, portanto, não refletem as mudanças ocorridas nos últimos anos.

Entre os estudos mais recentes sobre o bairro, destacam-se dois trabalhos. O "Curso de Desenho Urbano, Prática Projetual e Pesquisa na Cidade com os espaços públicos e privados", ministrado pelo arquiteto britânico Ian Bentley, em 2013, cujo

objetivo foi desenvolver uma proposta de desenho da área a fim de atender as necessidades de todos os grupos de usuários da região do Porto – universitários, residentes, comerciantes locais e futuros turistas. Mais recentemente, em maio de 2014, foi ministrado o curso “Caminhando no Porto” pela professora Celma Paese, doutoranda em Arquitetura na UFRGS, e teve como fundamentação “o caminhar como prática estética”. Novamente, em nenhum dos estudos citados, a cor foi abordada.

1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O **Capítulo 1** introduz a Dissertação. Aqui é apresentado o tema da pesquisa, o problema, sua relevância, as questões levantadas, as variáveis associadas ao problema de pesquisa, os objetivos do trabalho e uma breve introdução ao objeto de estudo.

O **Capítulo 2** traz a revisão da literatura sobre aspectos cromáticos, e está dividido em três partes: a primeira parte aborda as influências na formação da policromia urbana, a segunda parte fala sobre os estudos cromáticos realizados no ambiente das cidades, e a terceira parte expõe a teoria da cor e os sistemas cromáticos de referência.

O **Capítulo 3** traz a explicitação do conceito de identidade do lugar diante das diversas definições teóricas existentes. Aborda também a relação pessoa-ambiente, bem como a relação das variáveis, formais e simbólicas, associadas a esta identidade.

Já no **Capítulo 4** é apresentada a metodologia da pesquisa, assim como os objetivos e as hipóteses investigadas, a caracterização da área de estudo com a demarcação da área explorada além dos critérios que originaram sua escolha. São expostos também os métodos e técnicas de coleta de dados, bem como os métodos de análise desses dados, fundamentados na área de Percepção Ambiental.

No **Capítulo 5** são apresentados os resultados encontrados e a análise de todos os dados, verificando se as hipóteses levantadas são comprovadas ou revogadas.

Por fim, no **Capítulo 6** são confrontados os principais questionamentos teóricos da pesquisa com os resultados obtidos, promovendo uma reflexão sobre possíveis investigações futuras a respeito do tema.

CAPÍTULO 2 | COR E SEUS ASPECTOS

O presente capítulo possui o papel de apresentar a revisão da literatura sobre a cor. Para tanto, o conteúdo divide-se em três partes: a primeira parte aborda os diferentes fatores que influenciam no desenvolvimento da policromia arquitetônica urbana; a segunda parte fala sobre a teoria da cor, abrangendo aspectos técnicos e os sistemas cromáticos de referência; e a terceira parte expõe estudos sobre cor realizados no ambiente das cidades. Com isso, constrói-se uma base teórica para uma maior compreensão sobre as questões de identidade ligadas com a cor.

2.1 COR, AMBIENTE E ARQUITETURA: INFLUÊNCIAS

A cor sempre esteve presente na história da humanidade. Ao longo dos séculos, impérios e culturas fizeram uso da cor como representante de ações, ordens e ideologias. A cor é um dos fatores determinantes da hierarquia visual do espaço, conferindo, por exemplo, sentidos de continuidade e de descontinuidade.

A formação da policromia do espaço urbano (característica que engloba vários elementos cromáticos) sofre influência de diversos fatores, entre eles estão os aspectos formais, a cultura e a própria dinâmica da cor.

2.1.1 A influência dos aspectos formais no desenvolvimento da policromia arquitetônica urbana

Há uma relação direta entre a estrutura e a forma da cidade com o tipo de policromia que nela se desenvolve. Alguns autores (EFIMOV, 1990; NAOUMOVA, 1997) indicam que existem duas tendências opostas de desenvolvimento da estrutura da cidade que podem criar dois tipos de policromia urbana: a regular e a irregular. A forma urbana do traçado regular tende a gerar uma policromia também regular, ou mesmo a monocromia (Figura 2.1a); já a do traçado irregular determina uma policromia igualmente irregular, variável e colorida, apresentando grande quantidade de manchas de cores diversas, contrastantes entre si (Figura 2.1b). Formas urbanas densas ou rarefeitas também tem influência na formação da policromia.



Figura 2.1 | Exemplos de policromia regular e irregular:
a) Cidade de Izamal, México. Traçado e policromia regular; b) Cidade de Valparaíso, Chile. Traçado e policromia irregular.

Fonte: <<http://arquitetapage.wordpress.com>> acesso em 20/10/2013

Conforme Efimov (1990 *apud* NAOUMOVA, 1997, p.3), essa relação observada no ambiente urbano histórico é reflexo das leis fundamentais de interligação entre forma arquitetônica e cor. O autor comenta que há um equilíbrio entre características plásticas e colorísticas, isto é, a plasticidade “rica” (com uma maior complexidade de formas e grande quantidade de elementos) pressupõe menor uso de cor e a plasticidade “pobre” (com formas mais simples e menor quantidade de detalhes) aumenta a necessidade do seu uso (Figura 2.2).



Figura 2.2 | Exemplos de equilíbrio das características físicas e cromáticas: a) e b) as edificações formalmente simples das vilas de Ndebele e Sotho, na África do Sul, com acentuada ornamentação cromática; c) as construções muito detalhadas do Templo Akshardham, Nova Deli, Índia, com coloração monotonal.

Fonte: a) e b) Lenclos, 2004, p.158 e 171); c) <<http://www.akshardham.com>>, acesso em 28/07/2014

Segundo a sua teoria, Efimov classifica três tipos de relações entre forma e cor:

(i) nas formas íntegras, muito densas, há uma tendência à monocromia ou policromia com atividade mínima, ou seja, as cores se aproximam pela saturação, luminosidade e matiz, não havendo contrastes. Assim, como há uma união densa dos diversos componentes que formam um todo, as cores também tendem para a integridade;

(ii) nas formas semi-íntegras, há uma tendência à policromia ativa, que apresenta contrastes de matiz, claridade e saturação. Isso ocorre porque a forma semi-íntegra apresenta-se como a soma dos componentes formais significativamente salientes, cada um com características individuais de cor;

(iii) e as formas desintegradas, mais dispersas no espaço, que apresentam um conjunto de elementos tri-dimensionais desmembrados, tendem à monocromia ou policromia com atividade mínima. Como esses elementos são afastados entre si, são percebidas isoladamente, daí a monocromia.

As tendências cromáticas quanto às formas íntegras, semi-íntegras e desintegradas podem ser observadas na estrutura urbana, no entanto estas tendências podem sofrer algumas alterações por interferência de outros fatores,

sejam eles climáticos, históricos ou sócio-culturais. Ou seja, as tendências de relação entre forma e cor não aparecem de maneira pura no ambiente urbano.

Uma outra relação entre forma e cor é a sua distribuição espacial, que é chamada por Efimov de *estruturação cromática*. A *estruturação cromática* pode ser observada em quatro diferentes escalas: escala da cidade ou bairro, escala da rua, escala dos prédios e escala dos detalhes construtivos e decorativos (janelas, venezianas, ornamentos, etc.). Lenclos (1976, 1983, 1995, 1999) e Uhl (1981) também observam essas escalas.

Na escala da cidade ou bairro observa-se a estruturação cromática geral do ambiente. Essa estruturação é constituída pelas estruturas do plano horizontal e dos planos verticais. O plano horizontal é a base onde se desenvolvem as estruturas espaciais – volumes arquitetônicos, que são elementos determinantes para a policromia. Outros componentes que podem influenciar a estruturação das cores são o tamanho da cidade, o grau de regularidade da malha urbana, a densidade das construções, a dimensão vertical e tradições locais.

Na escala da rua, cada ponto de vista (ou sequência de visuais) tem suas peculiaridades, podendo mostrar uma visão mais abrangente ou mais restrita da rua, o que pode interferir na compreensão da policromia. Na escala da rua, as construções e suas cores, dependendo da velocidade com que o observador se locomove e dos elementos que atraem sua atenção, podem ser observadas de quatro pontos de vista diferentes: de lado, de frente, de baixo e de cima (Uhl, 1981).

Na escala dos prédios, pode-se observar que os edifícios são volumes divididos em partes, e que as cores tendem a seguir estas divisões. De modo geral, construções são divididas basicamente em três partes: o embasamento, que liga o solo ao primeiro pavimento da edificação; o corpo, compreendendo o edifício em si, onde se localizam as portas e janelas; e o coroamento, ou seja, o topo do edifício, onde se localizam o telhado e as platibandas.

A estrutura cromática, em diferentes escalas, pode mudar de acordo com o contexto histórico e com os diferentes estilos.

As observações de Efimov (1990) e Uhl (1981) mostram a necessidade de considerar no estudo das cores no ambiente urbano, não somente as características cromáticas das edificações, mas também as suas relações com a forma urbana.

2.1.2 A influência da cultura no desenvolvimento da policromia arquitetônica urbana

As sociedades são unidas pela cultura, estrutura comum de referência que permite às pessoas que a ela pertencem se comunicar com facilidade e se comportar. Compreende conhecimentos, valores e crenças coletivas (WALL e WATERMAN, 2012, p.113). Por sua vez, o espaço urbano é complexo, constituído por locais onde as pessoas realizam as mais variadas tarefas, e possuindo, portanto, fatores de identificação cultural.

O ambiente construído transmite significados simbólicos de uma maneira sutil. Ao aceitar que os significados simbólicos são, principalmente, sócio-culturalmente determinados, então compreende-se que as pessoas que não entendem uma linguagem visual usada para transmitir um significado, não podem apreciar o ambiente da maneira que outra pessoa possa pretender. Essa é uma armadilha ao deparar-se com outras culturas, que não a própria (LANG, 1987, p.14).

Também é claro que os significados de padrões específicos dependem do seu contexto. Fato que também ocorre em relação à cor, pois seu simbolismo permeia a vida de várias maneiras. O ritual de nascimento, casamento e a morte são celebrados com o uso de cores simbólicas, que variam de uma sociedade para outra (LANCASTER, 1996, p.19). Os franceses, por exemplo, evitam pintar seus postigos de preto ou violeta (Figura 2.3), já que para eles são cores tradicionais de luto, enquanto no Japão, o violeta é a cor imperial.



Figura 2.3 | Aberturas de alguns prédios em Paris, França.
Fonte: <<http://oceuazuldeparis.blogspot.com.br>> acesso em 28/08/2014.

As fachadas são elementos que compõem a linguagem visual do ambiente urbano. Nesse meio, a sua pintura é usada não só para apreciação da construção em si, mas também como representação da imagem desejada do próprio “eu” conforme os valores da sociedade. A cor, no meio habitado, reflete também um certo código social. No Brasil, em bairros populares, alguns moradores pintam suas casas com as cores de seus times de futebol ou escola de samba a qual eles pertencem (LENCLOS, 1995, p.62). Vários autores afirmam que a pintura não é unicamente proteção, ela é também, essencialmente, cor. E, pelo intérprete da pintura, a cor é um meio de expressão acessível a todos.

(...) as fachadas urbanas concorrem para a definição de um novo tipo de espaço, também com características de um “interior”, mas a uma diferente e muito maior escala: a amplitude do espaço urbano. Nesse sentido, as fachadas são como que as “paredes interiores” do espaço urbano, pelo que são, no mesmo momento, *significantes* e *significado*. (AGUIAR, 2005, p.137)

A cor pode ser um elemento determinante para a identidade de um lugar, justamente pela sua potencialidade de uso como informação cultural. Esse fenômeno pode ser observado em diversos pontos do mundo, cada um com suas peculiaridades. Essa identidade pode acontecer de modo espontâneo, formada através da permanência de costumes tradicionais ou ainda através de constantes mudanças, que acabaram por dar origem à configuração cromática atual.

Pode-se citar diversos exemplos desses acontecimentos, como no caso de *Nuuk*, na Groenlândia, uma das maiores cidades da região do Ártico, onde os prédios coloridos se destacam. Antigamente, suas cores indicavam a função das edificações. Por exemplo, os prédios comerciais eram pintados de vermelho, os hospitais de amarelo, as delegacias de preto, a companhia telefônica de verde, e as empresas de pesca de azul. Hoje em dia ainda é possível observar a tradição destas pinturas nos prédios locais (Figura 2.4a). Também contrastando com o clima frio do país, a cidade de *St. Johns*, na ilha *Newfoundland*, é a mais colorida do Canadá. Num litoral rochoso e com montanhas como pano de fundo, conta-se que as casas foram pintadas de matizes diferentes para permitir que os navegantes pudessem avistar suas residências de longe (Figura 2.4b).



Figura 2.4 | a) Cidade de Nuuk, Groenlândia; b) St. Johns, Canadá.
Fonte: a) <<http://www.airgreenland.com/destinations>>, acesso em 06/06/2014; e
b) <<http://nomadesdigitais.com>>, acesso em 06/06/2014

La Boca, bairro da zona portuária de Buenos Aires, apresenta uma policromia que tornou-se identidade da sua principal rua, a *Caminito*. O lugar surgiu e se desenvolveu como um bairro de marinheiros e imigrantes predominantemente genoveses, chegados entre 1880 e 1930. A origem das edificações multicoloridas está relacionada às sobras de tintas, as quais os marinheiros traziam dos navios para pintarem suas casas (Figura 2.5).



Figura 2.5 | Rua *Caminito*, bairro *La Boca*, Buenos Aires, Argentina.
Fonte: <assistanceexpatsbuenosaires.wordpress.com> acesso em 31/08/2012

Porém, o fato de um lugar ter sua identidade relacionada à cor, não significa necessariamente que este lugar tenha uma policromia tão variada. Na Índia, que é mundialmente conhecida por suas cores e seu simbolismo único (SOPHER, 1964, apud RAPOPORT, 1978, p.283), há uma “cidade azul”. A monocromática Jodhpur está situada em pleno deserto no estado do Rajasthan. Ao entrar na cidade, tem-se a visual de uma grande mancha azul que cobre as casas e os edifícios públicos. No século X, esta cor identificava a parte mais nobre da cidade, o bairro dos *brahmanes*. Hoje a cidade inteira se veste de azul, tanto no exterior como no interior das casas, cultivando a tradição antiga (Figura 2.6).

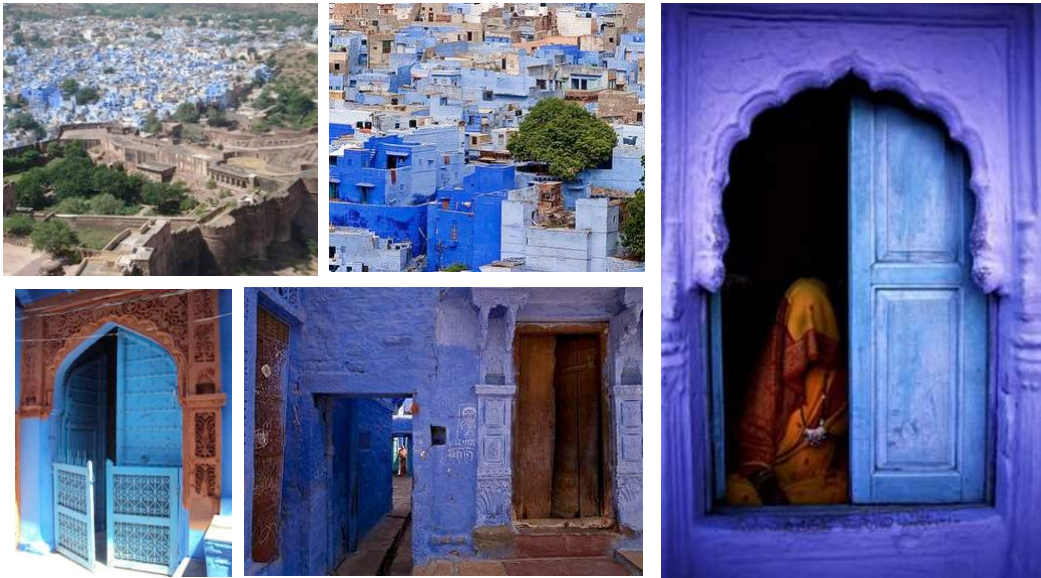


Figura 2.6 | Cidade de Jodhpur, na Índia. A “cidade azul”.
Fonte: <www.architecturalgrammar.blogspot.com> acesso em 20/09/2012.

A identidade cromática de um lugar pode ser também discreta, mas composta de cores particulares e específicas de uma região. Por exemplo, também no estado do Rajastão, os prédios da cidade de Jaisalmer se confundem com as areias do deserto, ganhando o apelido de “cidade dourada” (Figura 2.7a). Já nos bairros antigos de Sana, capital do Iêmen, a uniformidade cromática dos prédios compõem uma paleta geral ocre-cinza das paredes de tijolos de argila e uma paleta pontual branca nos detalhes (LENCLOS, 2004, p.220-240) (Figura 2.7b).

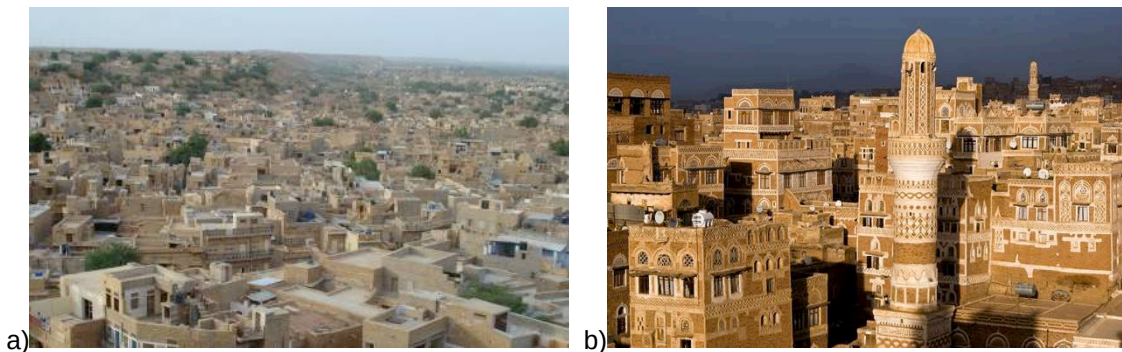


Figura 2.7 | a) Cidade de Jaisalmer, na Índia; e b) Cidade de Sana, no Iêmen.
Fonte: Lenclos, 2004, p.240 (a) e 220 (b).

Tais exemplos mostram que a cor faz parte da imagem da cidade, apresentando-se nas mais variadas formas, de acordo com a cultura local. Assim, a interpretação da policromia urbana deve estar vinculada ao entendimento dos valores culturais de cada povo, uma vez que as cores tornam-se forte elemento de alteração e apropriação do espaço urbano – através do qual são criadas suas imagens representativas.

2.1.3 A influência da dinâmica da cor no desenvolvimento da policromia arquitetônica urbana

A cidade possui uma dinâmica própria, porém o meio cromático é mais mutável do que a forma urbana. A dinâmica da cor pode ser classificada como natural ou artificial. Dentro da dinâmica natural, está o envelhecimento dos prédios provocado pela ação do tempo, as variações de luz ao longo dia e durante as estações do ano. Na dinâmica artificial, ocorrida pela ação do homem, têm-se desde as repinturas periódicas dos prédios para a renovação da sua imagem até um planejamento cromático em escala maior, ou ainda a instalação de uma iluminação específica nos prédios.

2.1.3.1 Dinâmica natural

A aparência da cor depende da composição espectral da luz, que pode variar intensamente de acordo com a estação do ano, a posição do sol e o estado da atmosfera (NAOUMOVA, 2009, p.38) (Figura 2.8).



Figura 2.8 | Exemplo de variação na aparência da cor em diferentes estações do ano na Casa Branca, Washington, D.C.

Fonte: <<http://washington.org>>, acesso em 01/06/2014

Já o envelhecimento progressivo das cores com a ação do sol e das intempéries, confere-lhes pátinas naturais. Tais pátinas, por sua vez, contribuem para o aspecto histórico dos prédios. Em construções contemporâneas, é possível reproduzir essa ação do tempo com o uso de tintas específicas. Em Roma, a preferência das pessoas pela imagem “envelhecida” (considerada com maior valor, por remeter às construções antigas) levou projetistas italianos a preferir pigmentos e composições de tintas sem o uso de fixadores, a fim de permitir a sua rápida degradação (AGUIAR, 2005, pp.387-388) (Figura 2.9).

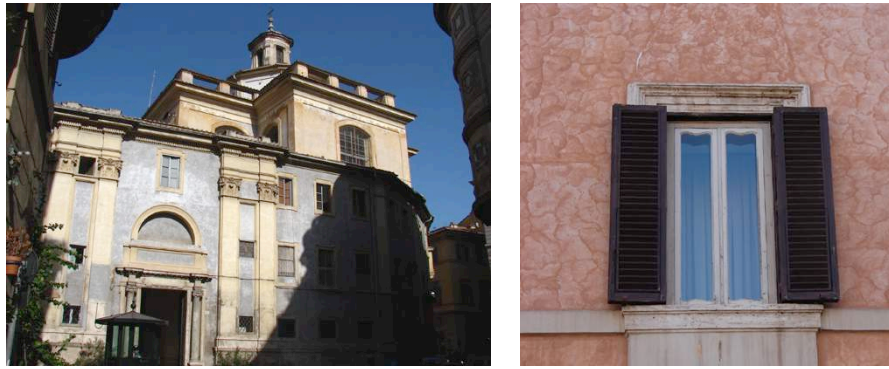


Figura 2.9 | Edificações com pintura envelhecida através da aplicação de pátina artificial. Roma, Itália.
Fonte: fotos de Natalia Naoumova, 2007.

2.1.3.2 Dinâmica artificial

As cores são efetivamente capazes de acompanhar o ritmo de vida da cidade, tendo a capacidade de rápida transformação como uma notável característica (Figura 2.10). Por ter esse poder, as cores podem transformar a percepção de um espaço da cidade de uma hora para outra através da pintura, “criando-se novos planos de leitura do espaço urbano, que aparece como teia de ligações cromáticas mutáveis, com várias e incessantes possibilidades de interpretação” (NAOUMOVA, 2009, p.14).

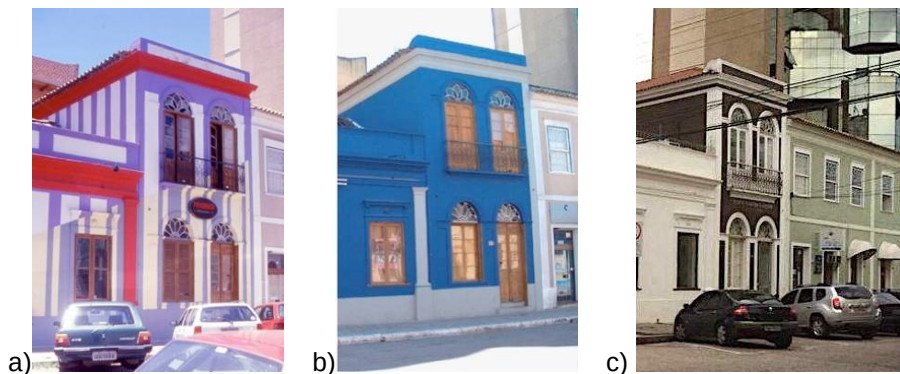


Figura 2.10 | Edificação em Pelotas. Esta edificação chegou a ser apelidada de “Casa do Obelix” – em alusão à vestimenta do famoso personagem – na época em que tinha suas paredes listradas.
Fonte: a) e b) fotos de Natalia Naoumova, 1998 e 2006; c) foto da autora, 2014.

Em certos locais pratica-se a renovação da pintura das fachadas em intervalos regulares. Neste caso, o fenômeno de envelhecimento natural praticamente não é notado. Por exemplo, na Ilha de Burano, Itália, a paleta das ruas se transforma periodicamente (Figura 2.11). Essa iniciativa, associada às inúmeras possibilidades de combinações e contrastes proporcionadas pela cor, geram muitas

vezes “inovações inesperadas” por parte dos habitantes, proporcionando uma identidade mutável, mas constante.



Figura 2.11 | Ilha de Burano, Itália.
Fonte: <www.elitehotel.it> acesso em 30/08/2012

O tempo introduz uma variabilidade natural, já que o envelhecimento e a contínua renovação dos materiais, das pinturas, modifica progressivamente as paletas. Os desejos do homem, de continuidade ou de ruptura, de lógica criativa ou poluente, introduzem também fatores de variação artificial. (AGUIAR, 2005, p. 352)

A dinâmica pode ocorrer como fator negativo, pois pode descaracterizar fachadas, comprometendo a imagem de um lugar. O Centro Histórico da cidade de Piratini (interior do estado do Rio Grande do Sul) contém prédios coloniais coloridos de forma não condizente com o estilo antigo. Conforme Naoumova (2009, p.62), os resultados das prospecções dos prédios do início do século XIX, de linguagem colonial, revelaram que grande parte das edificações era caiada em cor branca, a qual predominou nas paredes ao longo dos anos, apresentando ligeiras variações de tonalidade devido ao tipo de cal utilizado – tendência que perdurou até a primeira metade do século XX. Atualmente o caso de Piratini ilustra como a cor pode afetar de forma negativa, não só a aparência estética do ambiente urbano, como a própria identidade do lugar (Figura 2.12).



Figura 2.12 | Imagens da cidade de Piratini, RS.

Fonte: fotografia s.d., Acervo do Arquivo da Secretaria de Turismo, Indústria, Comércio e Serviços da cidade de Piratini; fotografias datadas de 1999 e 2007, Natalia Naoumova e Ana Paula Neto de Faria.

Nesta situação pode-se arriscar o uso do termo “carnavalização”, criado por Mikhail Bákhtin (1928, *apud* Brendle, 2012), que trata de um procedimento de

ruptura de códigos, e é diretamente associado com o burlesco e com a ausência de ordem. Segundo Brendle (2012, p.2), “carnavalizar é também manipular a herança cultural coletiva reduzindo a arquitetura a um tipo de brinquedo urbano”.

Outra manipulação do efeito visual sobre a cor dos prédios é a iluminação artificial, projetada para valorizar e/ou destacar volumes, acessos e cores das edificações, criando diferentes cenários no ambiente urbano. Um exemplo dessa influência pode ser observado na fachada da Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Figura 2.13).

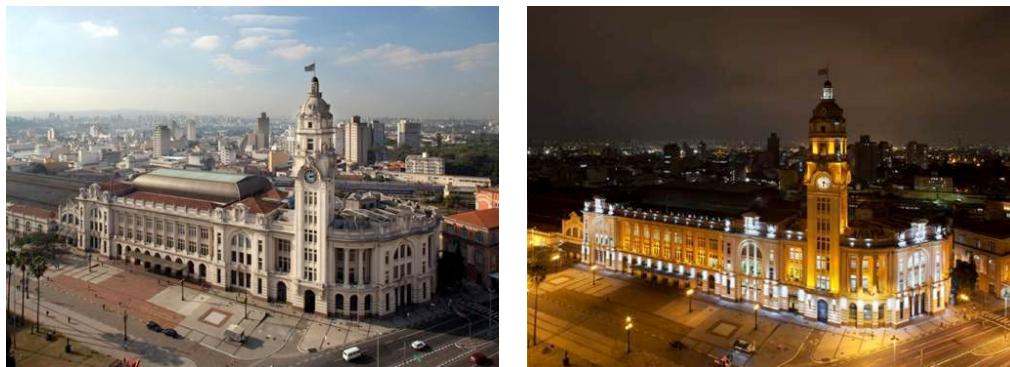


Figura 2.13 | Exemplo da influência do uso de luz artificial nas cores das fachadas:
Sala São Paulo, São Paulo, SP.

Fonte: <<http://www.osesp.art.br>> acesso em 03/06/2014.

Observa-se que as dinâmicas natural e artificial da cor, possuem forte influência sobre a percepção visual do meio urbano, podendo, alterar a imagem da cidade de acordo com suas variações de luz e cor.

2.2 O FENÔMENO DA COR

A cor não é propriedade de objetos, espaços ou superfícies, mas a sensação causada por certas qualidades da luz que o olho reconhece e o cérebro interpreta (MAHNKE, 1996, p.2). Ou seja, a cor do ponto vista físico, não existe. É uma convenção adotada para explicar a parte das radiações que o ser humano é capaz de captar, entender e traduzir como sensação colorida. As sensações de cor dependem de uma fonte luminosa e das diversas superfícies materiais que absorvem e refletem os raios luminosos de diferentes formas.

O entendimento sobre luz e cor como radiação energética visível foi facilitado pela descoberta de Isaac Newton, em 1666, de que a luz branca contém todas as cores visíveis. A ordenação sistemática das radiações energéticas de acordo com o seu comprimento de onda recebe o nome de espectro. No espectro visível é possível distinguir o azul (azul-violeta), o ciano (azul-esverdeado), o verde, o amarelo e o vermelho (vermelho-alaranjado) (Figura 2.14).

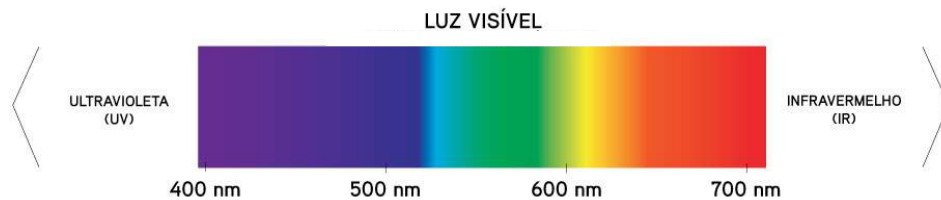


Figura 2.14 | Espectro visível.
Fonte: Pedrosa, 2010, p.37.

Desde então, a teoria das cores destaca dois tipos de estímulos: cor-luz e cor-pigmento. Os estímulos de **cor-luz** são as radiações luminosas visíveis, quando sua fonte é formada por luzes coloridas emitidas (naturais ou produzidas pela filtragem ou decomposição da luz branca); já o estímulo de **cor-pigmento** é formado por substâncias coloridas ou corantes que cobrem os corpos, e a luz que age como estímulo é obtida por refração (GUIMARÃES, 2000, p.12).

As cores-luz são produzidas pela **síntese aditiva**, quando são somadas entre si as radiações de diversos comprimentos de onda. Se forem projetadas simultaneamente algumas luzes com comprimentos de onda de tal maneira que se sobreponham, será possível observar que as áreas onde os feixes luminosos se juntam, são percebidos pelo olho como uma cor diferente e mais clara que as dispostas (Figura 2.15a).

As cores-pigmento são produzidas pela **síntese subtrativa**, quando obtem-se a cor resultante pela mistura de pigmentos, que atuam como filtros de luz. Cada mistura de pigmentos determina uma seguinte subtração de luzes refletidas, até a ausência total de radiação, ou seja, um cinza escuro, próximo ao preto (Figura 2.15b).

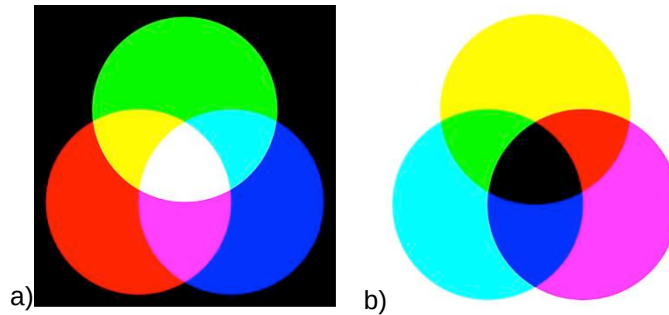


Figura 2.15 | Representação das sínteses cromáticas:
a) síntese aditiva, b) síntese subtrativa.

Fonte: Pedrosa, 2010, p.23.

2.2.1 Os atributos da cor e sua classificação

A definição da aparência da cor pode ser dada a partir de seus atributos básicos: matiz, claridade e saturação.

Matiz é o que chamamos de cor, é a qualidade que distingue uma “família” de cor da outra. Essa característica é conhecida por designações tais como *verde*, *amarela* e *vermelha* entre outras similares, tanto em cor-luz como em cor-pigmento (Figura 2.16a).

A **claridade** resulta do nível energético de irradiações coloridas ou força do fluxo de luz, variando entre o valor máximo, no caso do branco, até a total ausência de luz, no caso do preto. Diferentes cores podem ter a mesma claridade quando refletem a mesma quantidade de luz. No caso de cor-pigmento essa dimensão depende do nível de claridade da própria cor, e também, da quantidade do preto e/ou branco, adicionado numa amostra. Quanto mais branco, mais claro, assim como quanto mais preto, mais escuro (Figura 2.16b).

Saturação é a intensidade, pureza ou força da cor. Ela é determinada, em cor-luz, pela fração da radiação branca contida nas irradiações coloridas. Em cor-pigmento, depende da quantidade de pigmento puro presente na mistura observada (Figura 2.16c).



a) Variações de matiz.

b) Variações de claridade.

c) Variações de saturação.

Figura 2.16 | Atributos da cor.

Fonte: da autora

Na teoria da cor, tratando-se de cor-pigmento, distinguem-se as três cores primárias (vermelho, azul e amarelo), as três secundárias (verde, laranja e violeta, formadas pela mistura das primárias) e as seis terciárias, criadas pelas misturas das primárias com as secundárias (Figura 2.17). Nas variações cromáticas, distinguem-se ainda as escalas de cores quentes e frias (Figura 2.18).



Figura 2.17 | Círculo cromático de Itten
Fonte: Itten, 2001, p.33.

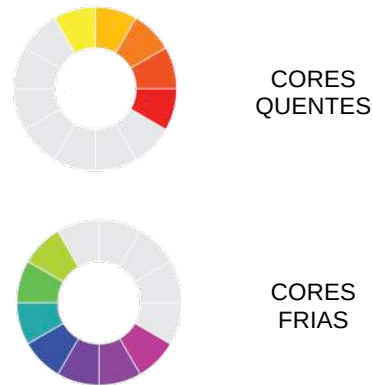


Figura 2.18 | Variações cromáticas de temperatura
Fonte: da autora.

No entanto, a percepção das cores é sempre relativa. Depende da comparação entre dois ou mais matizes. Por exemplo, a cor verde é mais quente quando está próxima da cor azul, e mais fria em relação à cor amarela.

2.2.1.1 Contrastes cromáticos

Diversos efeitos da justaposição de cores podem alterar a percepção do observador, tornando relativa a sua visualização. Johannes Itten (1961) apontou sete tipos de contrastes cromáticos: de matiz, de claro e escuro, de cores complementares, simultâneo, de qualidade, de quantidade e de cores quentes e frias.

O contraste de matiz ocorre devido à justaposição de qualquer tipo de cor ao mais alto grau de saturação (três cores primárias, por exemplo). Combinar as cores primárias e secundárias resulta no maior contraste possível entre os matizes. O contraste pode ser reduzido, combinando as cores usadas com nuances obtidas a partir delas, clareadas ou escurecidas. Um fundo escuro aumenta a luminosidade das cores e aumenta ainda mais o contraste do conjunto. Este contraste pode ser observado, por exemplo, nos vitrais góticos e em algumas construções de grande

impacto visual (Figura 2.19). Com o uso desse contraste pode-se criar pontos focais e aumentar a complexidade do espaço. Porém, se usado em grande quantidade torna-se cansativo e pode produzir avaliação negativa do local.

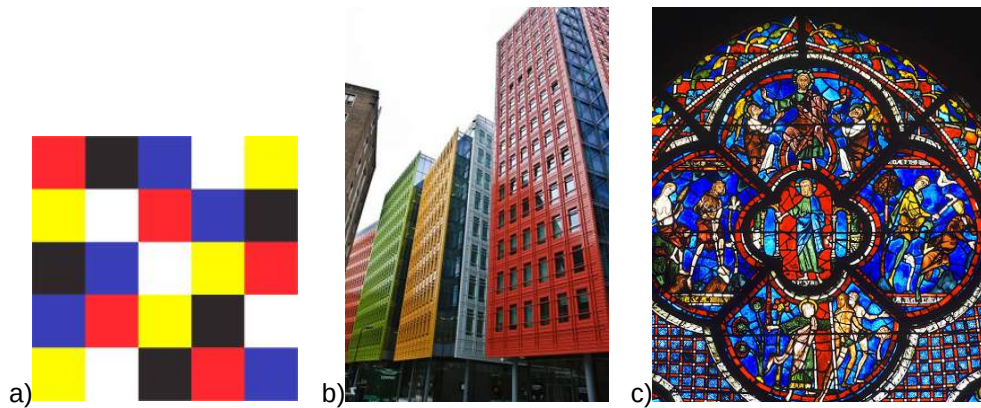


Figura 2.19 | Exemplos de contraste de matiz

Fonte: a) exemplo de Itten, 2001, p.36; b) Obra de Renzo Piano, em Londres
<<http://piniweb.pini.com.br>> acesso em 14/05/2014; c) Vitral gótico da catedral Notre Dame de Chartres, no Vale de la Loire, Paris.
<<http://catedraismedievais.blogspot.com.br/2013/04/vitrais-da-catedral-de-chartres.html>> acesso em 14/05/2014

O contraste de claro e escuro é obtido pela justaposição de tons da gama cores cinzas, preto e branco, por exemplo. As cores branco e preto constituem o maior contraste claro-escuro que pode-se produzir, e os tons intermediários de cinzas complementam esse conjunto. A capacidade de diferenciar tons de cinza ou outras tonalidades depende das condições do olho de cada pessoa reagir a estímulos. O limite de percepção de tonalidades pode ser ampliado através de treino. Acrescentado a proporção de branco ou preto aos matizes cinzentos pode-se aumentar ou reduzir a luminosidade de uma composição. A composição dessas cores é considerada monocromática porque presencia uma única cor que contrasta com as tonalidades da sua modulação. A combinação monocromática é a escala de claridade de uma cor. O conjunto de cores proporciona um efeito: quando vários cinzas estão um ao lado do outro, influenciam-se mutuamente, fazendo com que o mais claro deles pareça ainda mais claro e que o mais escuro, pareça ainda mais escuro. No espaço urbano, o contraste de claro e escuro aparece raramente e pode criar visuais mais neutros (Figura 2.20).

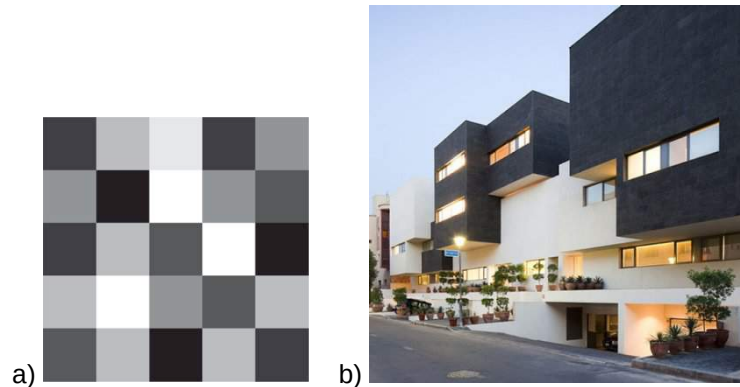


Figura 2.20 | Exemplos de contraste de claro e escuro

Fonte: a) Itten, 2001, p.41;

b) Edifício no Kwait <<http://www.criadesignblog.com>> acesso em 14/05/2014

O contraste de cores complementares ocorre quando as cores envolvidas na composição são opostas no círculo cromático (ver Figura 2.17). Em termos de combinação de cores pode-se dizer que as cores complementares representam o equilíbrio que a fisiologia do olho humano busca constantemente (PEDROSA, 2010). Isso é confirmado pelo fenômeno chamado “pós-imagem”, que pode ser evidenciado em várias experiências visuais. Se um observador olhar por trinta segundos para uma forma determinada e pintada de uma cor e desviar o olhar em seguida para um plano branco, perceberá um estímulo luminoso dessa forma em sua cor complementar. A essência da combinação das cores complementares é a unidade e o conflito dos contrários. A unidade, porque uma cor primária com sua complementar contém todos os elementos cromáticos da natureza (elas apresentam todas as cores do espectro) e mantém o equilíbrio ótico do olho humano. O conflito, porque quando cores complementares estão juntas numa composição, ambas saturadas, disputam através da sua intensidade, porque cada cor tende a predominar sobre a outra (NAOUMOVA, 1997).

No ambiente urbano, como exemplo de modificações visuais proporcionados por esse fenômeno, pode-se observar a fachada da catedral de *Santa Maria del Fiore*, Florença, incrustada de mármore colorido, cor-de-rosa e verde acinzentado. Ao ser observada de longe, em função do contraste complementar, a saturação da cor verde, quase cinza, intensifica-se significativamente pela presença da cor-de-rosa (Figura 2.21).



Figura 2.21 | Exemplos de contraste de complementares. Fragmentos da fachada da catedral de *Santa Maria del Fiore*, em Florença, Itália.
Fonte: fotos de Natalia Naoumova, 2006.

No contraste simultâneo tem-se a percepção das cores em conjunto, o que tange à “relatividade das cores”. Ou seja, uma cor pode parecer mais clara ou mais escura dependendo da cor que a rodeia. É uma imediata consequência do contraste de complementares que se dá não pela presença, mas pela ausência do tom complementar. Trata-se de um fenômeno em que o olho, exposto a uma determinada cor por um tempo prolongado, exige simultaneamente a presença da cor complementar. (Figura 2.22).

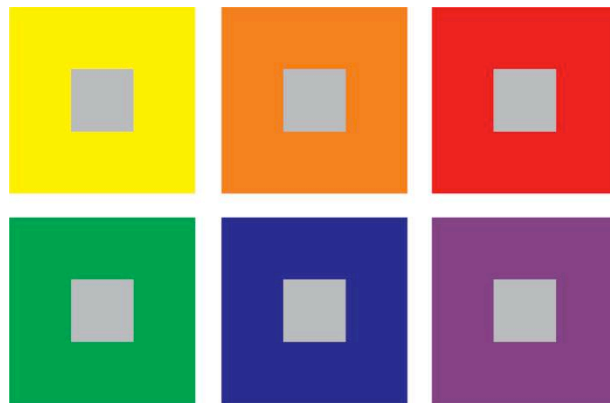


Figura 2.22 | Exemplos de contraste simultâneo:
a cor cinza é percebida no fundo amarelo
como mais escura que no fundo azul.
Fonte: Itten, 2001, p.54.

O contraste de saturação (ou contraste de qualidade, como Itten o classifica) de acontece no uso concomitante de cores saturadas e dessaturadas. Os matizes podem ser dessaturados de diversas formas. Acrescentando gradativamente cinza a um matiz obtém-se tons menos vivos, mas que ainda mostram a origem das cores que os geraram (Figura 2.23).

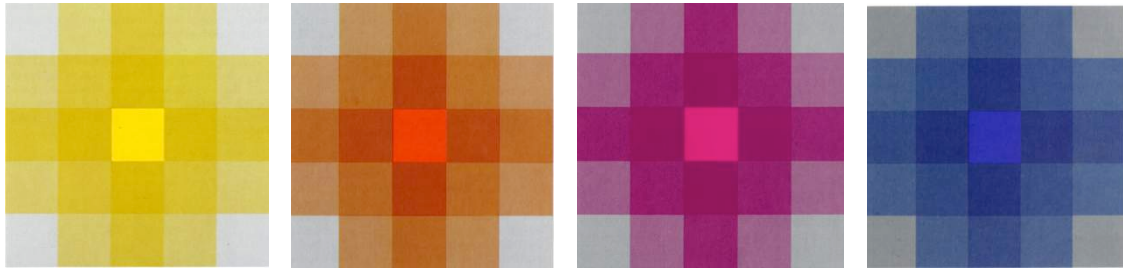


Figura 2.23 | Exemplos de contraste de saturação.
Fonte: Itten, 2001, p.58

O contraste de quantidade, também chamado de contraste de proporções, diz respeito às proporções das superfícies cromáticas justapostas. Este contraste é usado para realçar uma determinada cor justamente pela pequena quantidade usada no meio de outras cores. Por exemplo, uma pequena quantidade de uma cor quente, num fundo com presença predominante de cores frias (ou vice-versa), pode chamar a atenção para uma mensagem ou marcar o acesso a um prédio (Figura 2.24).

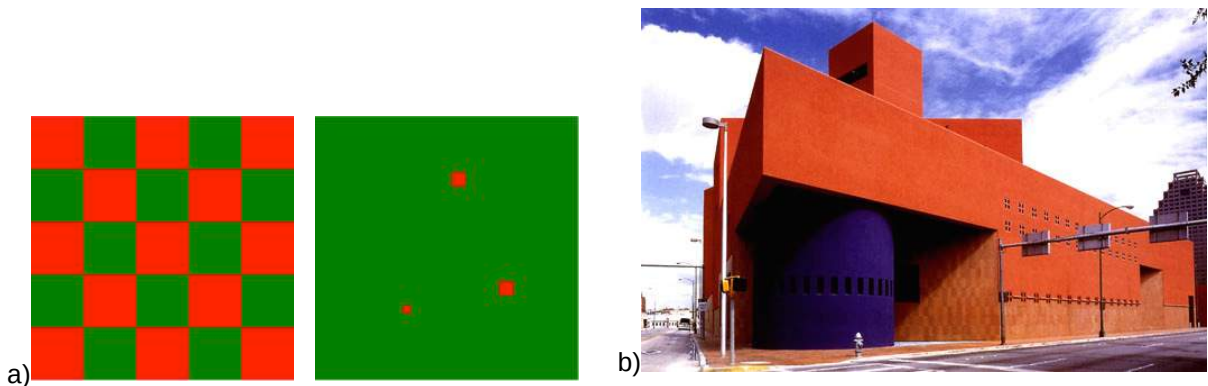


Figura 2.24 | Exemplos de contraste de quantidade: a) esquema de Johannes Itten, e b) *San Antonio Central Library*, em *San Antonio*, EUA; obra do arquiteto Ricardo Legorreta.

Fonte: a) Itten, 2001, p.63; b) <<http://legorretalegorreta.com/en/proyectos/>> acesso em 19/08/2014.

No contraste de cor quente e fria, observa-se que a diferença de temperatura percebida de cada cor aumenta o contraste visual entre ambos. Outro fenômeno associado a esse contraste é a sensação de aproximação e afastamento visual dos planos pintados, proporcionado por cores quentes e frias, respectivamente. Isso reflete-se na percepção dos relevos presentes nas fachadas e a percepção de sua simbologia associativa. Itten (2001, p.48) associou o contraste quente – frio à simbologia das cores e pares em oposição: ensolarado – sombrio, opaco – transparente, excitante – calmante, pesado – leve (Figura 2.25).

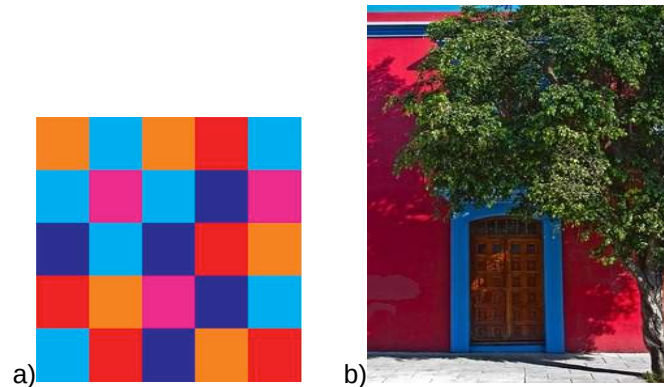


Figura 2.25 | Exemplos de contraste de cor quente e fria.
Fonte: a) Itten, 2001, p.48; e
b) <<http://www.corcomcor.com/>>, acesso em 01/08/2014

Estes mesmos contrastes cromáticos podem ser encontrados no ambiente urbano, o que torna estes conceitos aplicáveis a este estudo.

Para representar graficamente todas as possíveis variações de uma cor e descrever objetivamente as suas combinações, é fundamental utilizar os sistemas cromáticos de referência.

2.2.2 Sistemas Cromáticos de Referência

Entre os mais conhecidos sistemas de representação da cor, estão a Pirâmide de H. Lambert, a Esfera de O. Runge, os sistemas de Ostwald e Munsel, o triângulo CIE, a norma alemã DIN 6164 e o *Natural Color System (NCS)*. Os sistemas são modelos que traduzem interpretações tridimensionais adequadas à representação de teorias da cor, capazes de exprimir as principais propriedades que caracterizam cada cor (matiz, claridade e saturação). A explicação detalhada sobre os vários sistemas cromáticos pode ser encontrada no livro *Color in Townscape* (DUTTMANN, SCHMUCK e UHL, 1981, p.59-83).

Atualmente o *Natural Colour System*, desenvolvido na Escandinávia, é o padrão de referência para vários países da Europa, como Noruega, Dinamarca, Espanha, Rússia, Portugal e Suécia, entre outros. Tal sistema foi desenvolvido com base em estudos psicológicos de percepção das cores pelos indivíduos, considerando como as pessoas (o olho humano) distinguem e classificam as cores diferentes. Pelas características apresentadas, o *NCS* mostra-se o sistema mais adequado para fins de levantamento e cadastro cromático em estudos sobre cor no ambiente urbano (NAOUMOVA, 2009; BALLESTE e NAOUMOVA, 2013).

Os parâmetros considerados pelo NCS para classificação de cada amostra de cor são os seguintes: 1) conteúdo de preto/branco (relacionado com claridade), 2) conteúdo de cromaticidade (relacionado com saturação) e 3) conteúdo cromático completo (relacionado com matiz). As cores amarelo (*Y* – *yellow*), vermelho (*R* – *red*), azul (*B* – *blue*) e verde (*G* – *green*) criam um círculo de cores, agrupadas em dois pares opostos, que montam dois eixos perpendiculares, vermelho-verde e amarelo-azul. O preto, indicado pela letra *S* (*black*), e o branco indicado pela letra *W* (*white*), estão localizadas acima e abaixo do modelo, criando um sólido tridimensional em forma de dois cones unidos. As variações monocromáticas, relacionadas a cada matiz com nuances de claridade e saturação, aparecem na seção vertical do modelo em formato triangular. O alinhamento vertical das amostras nessa seção explicita as mudanças na escala de claridade, e o alinhamento horizontal revela as mudanças de saturação (HARD, 1976, p.108-119, NAOUMOVA, 2009, p.51) (Figura 2.26).

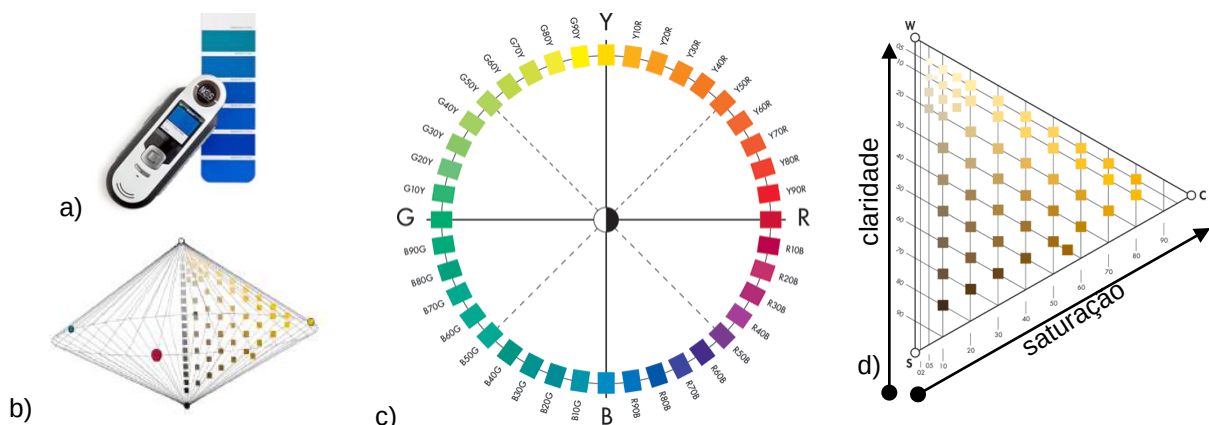


Figura 2.26 | Elementos representativos do *Natural Color System*:
a) *NCS colour scan*; b) modelo tridimensional NCS; c) círculo NCS e d) triângulo NCS

Fonte: <<http://www.ncscolour.com>> acesso em 4/12/2013.

Para descrever uma cor, o sistema usa o código do seguinte formato, composto de duas partes: S1070–Y10R (Figura 2.27). Assim, as amostras são discriminadas (i) pelo grau de similaridade com a escala de preto e branco (medida de 0 a 100), onde o número menor significa uma aproximação ao branco, e o número maior corresponde a uma proximidade ao preto (por exemplo, 10 na primeira parte do código, indica a nuance clara de cor); (ii) pelo grau de similaridade com maior intensidade perceptível de um matiz, especificado por uma escala de 0 a 100, na qual o número menor representa uma amostra menos saturada, e o número maior aponta nuance mais saturada (assim, o número 70 demarca a cor não

completamente saturada); e (iii) pela relação entre o par de cores de matizes opostos identificada pelas letras: Y – amarelo, R – vermelho, B – azul e G – verde; ou por pares: Y-R, R-B, B-G e G-Y, a qual também varia de 0 a 100 entre cada par (o matiz Y10R, no código S 1070–Y10R, corresponde, a uma nuance amarelada, posicionada entre o Y – amarelo – e o vermelho – R , contendo 10% de vermelho e 90% de amarelo, isto é, amarelo-alaranjado).

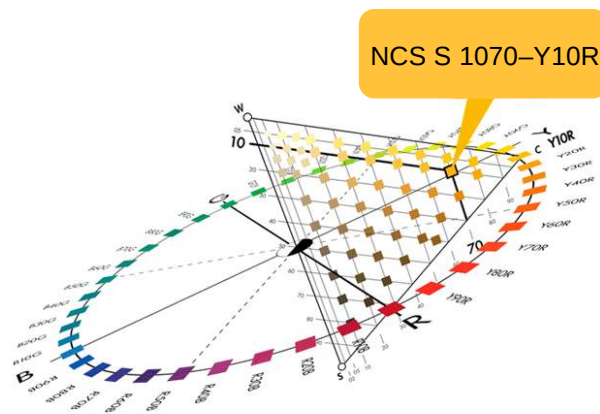


Figura 2.27 | Código da cor NCS.

Fonte: <<http://www.ncscolour.com>> acesso em 4/12/2013.

A revisão da literatura sobre os aspectos da cor assinalou que sua investigação deve sempre considerar seus atributos básicos: matiz, claridade e saturação. Também observou-se que os efeitos de justaposição das cores podem alterar significativamente a percepção do observador. Portanto, para representar com precisão todas as possíveis variações de uma cor, é necessário utilizar os sistemas cromáticos de referência.

2.3 ESTUDOS CROMÁTICOS NO AMBIENTE URBANO

A importância das cores na percepção da imagem da cidade estimulou pesquisadores como Lenclos (1976, 1983, 1995, 1999), Efimov (1990), Mazzili (1993), França (1998) e Naoumova (2009), entre outros, a desenvolver metodologias específicas de estudo da policromia urbana.

A metodologia proposta por Lenclos possui as seguintes fases: 1) análise da cor do sítio *in loco*; 2) síntese visual das constantes cromáticas encontradas,

realizado em atelier; 3) elaboração dos conceitos de intervenção cromática programada, estabelecendo guias visuais para a tomada de decisões de projeto (LENCLOS, 1983).

Conforme a teoria de Lenclos, todos os lugares possuem cores *permanentes* e cores *não permanentes*. As cores *permanentes* são fornecidas por elementos estáveis, sucetíveis de levantamento ou registro (como materiais de construção); e as cores *não permanentes* são as que dependem de fatores variáveis (como a mudança de luz e do clima).

A primeira fase inclui a análise dos elementos naturais que possuem cores estabelecidas, como terra, areia, pedras e rochas. São também analisados os elementos naturais que possuem dinâmica em suas cores, como o céu e a vegetação durante as diferentes estações do ano e durante a mudança de iluminação. Além disso, nessa fase são coletadas várias amostras de elementos coloridos: fragmentos de tinta, materiais de paredes, telhados, portas e janelas. São feitos também croquis, pinturas e fotos da paisagem para reunir material para posterior análise (Figura. 2.28).



Figura 2.28 | Levantamentos de Lenclos: materiais coletados e croquis.

Fonte: Lenclos, 2004, p.19, 21 e 210.

Na segunda fase é feita a classificação das cores, destacando os matizes principais de acordo com a escala de observação. Com base nesses matizes, é elaborada uma paleta com combinações de cores para os prédios, que sempre estão ligadas com a paisagem da região.

A terceira fase é a formação do “alfabeto cromático” que pode ser usado na prática. O alfabeto inclui paletas geral e particular, relacionadas entre si. A paleta geral é formada pelas cores suaves, menos saturadas e utiliza-se para grandes superfícies (como paredes e telhados). A paleta particular é formada pelas cores saturadas e é destinada para detalhes dos prédios (como portas e janelas).

Pode-se observar que os estudos cromáticos de Lenclos sustentam-se na importância do contexto para a cor de um lugar, baseando-se em análises visuais que buscam registrar a especificidade cromática, através da informação de cor disponível, “na tentativa de reconstituir o vocabulário básico que garanta a sua coerência no urbanismo e na arquitetura, salvaguardando os aspectos regionais-geográficos identitários da cor desse lugar” (AGUIAR, 2005, p.353).

Porém, nota-se que este método possui algumas limitações. Lenclos não se procede ao estudo das cores históricas e nem dos materiais e tecnologias da época e trabalha com uma unidade urbana pequena (como uma rua) e homogênea em termos de estilo das edificações. Mas ainda assim, o trabalho de Lenclos deu origem a vários outros trabalhos sobre a cor no ambiente urbano.

Estudos cromáticos ligados a aspectos históricos foram desenvolvidos pelo arquiteto russo Efimov (1990). O autor participou da reconstrução do meio cromático de diversos bairros e ruas históricas de Moscou, além de ter desenvolvido estudos complexos em outras cidades da Rússia. A fundamentação teórica do método de Efimov tem como base o conceito de policromia urbana, baseado em três componentes: 1) o conteúdo cromático relacionado à paleta de cores; 2) a estruturação cromática definida como modo de distribuição das cores no espaço urbano ou no plano de fachada; e 3) a dinâmica que reflete as mudanças do conteúdo e da estruturação cromática durante a evolução temporal e histórica da policromia (NAOUMOVA, 2009, p.115).

Efimov preocupa-se com a clareza e a legibilidade da imagem, diferenciando as funções intencional e estética da policromia. Também destaca a relevância da cor para manter a identidade do lugar. O arquiteto trabalha sistematicamente com propostas cromáticas em escala urbana mais ampla (bairros, cidades, regiões) focando o estudo na contemplação formal e artística dessas áreas através de

intervenções cromáticas. Apesar de suas propostas não incluírem a percepção dos usuários, seus trabalhos ampliaram significativamente o campo dos estudos da policromia, além de demonstrar a possibilidade do controle do meio cromático contemporâneo (NAOUMOVA, 2009, p.115-116). Suas teorias sobre a relação entre cor e forma foram discutidas no item 2.2.1, p.17, neste capítulo.

O estudo de Mazzilli (1993) abordou a problemática da cor na arquitetura e na cidade, sendo direcionado às áreas de programação visual e desenho da paisagem urbana, buscando diretrizes para o planejamento da paisagem da cidade pela cor, tendo como base a percepção ambiental. A pesquisa sobre o significado da cor na paisagem ocorreu no bairro do Brás, em São Paulo, e teve dois pontos de observação: o do pesquisador/arquiteto e o do usuário do local.

Em sua estrutura metodológica, Mazzilli (1993, p.71) definiu parâmetros para a leitura da cor na paisagem urbana ao mesmo tempo em que encaminhou a discussão sobre identidade cromática. Considerando que existem diferentes escalas de observação do meio urbano, procurou definir a medida em que os diferentes enfoques sobre o lugar atuam na construção da imagem ambiental. Para isso, adotou uma estrutura dividida em (i) níveis de percepção (percepção global, referencial e de detalhes – aplicando a metodologia de Lenclos) e (ii) categorias de observação (estrutura urbana e valores de significado ambiental/social), com base nos estudos de Monzeglio (1972). A autora pôde verificar que, segundo a percepção dos observadores, as edificações e suas cores são os elementos que mais contribuem para a formação da imagem cromática do Brás (MAZZILLI, 1993, p.190).

A sistematização cromática e a ordenação da paisagem foi tema de tese elaborada por França (1998), que teve como objeto de estudo o bairro do Bonfim, em Salvador. A autora buscou, num estudo fenomenológico, com base nos estudos de Norberg-Schulz (1980), detectar o significado da cor na paisagem de Salvador e seus vínculos com a cultura e a tradição local. Teve como enfoque a cor em seu conteúdo de lugar, o cromatismo como manifestação de certas tradições locais, bem como os elementos que compõem o lugar que incidem sobre a policromia da arquitetura e da paisagem.

A metodologia adotada por França (1998, p.9) baseou-se em um trabalho eminentemente de campo, com observações da realidade, da qual foram obtidos dados gráficos do lugar, fotografias, investigação etnográfica com entrevistas aos habitantes e frequentadores da zona, e anotação das áreas das fachadas. Entre as conclusões de França, está a de que, no Bonfim, a cor assume vários significados, relacionados com os conceitos de devoção, limpeza, durabilidade, mas, fundamentalmente, a cor é um símbolo de identificação. Conforme França (1998, p.26), “a cor constitui-se como mensagem e como linguagem. É, então, quando as coisas explicam o ambiente, manifestando o seu caráter, tornando-se outra vez significativas”.

Naumova (2009) investigou fatores relacionados a assuntos cromáticos que afetam a avaliação estética das edificações de diferentes estilos, tendo realizado estudo de caso em quatro cidades do Rio Grande do Sul: Pelotas, Piratini, Jaguarão e Bagé. Essas cidades possuem um acervo representativo de edificações patrimoniais de três estilos (colonial, eclético e pré-modernista).

Com base na literatura e em relação a aspectos perceptivos e cognitivos, a autora definiu o conceito de tipologia cromática do estilo histórico. Tal conceito serviu como base para identificar modelos com atributos cromáticos concretos (esquemas de cores históricos e não-históricos) que foram o objeto de sua investigação. Naumova (2009, p.206) apresenta as tipologias cromáticas dos três estilos arquitetônicos estudados: colonial, eclético e pré-modernista.

As tipologias cromáticas das edificações coloniais foram estabelecida com base em uma paleta geral de gama restrita. As paredes em cores claras (branco, ocre e rosa envelhecido), os detalhes em ocre, cinza e, menos frequentemente, em azul e salmão, e as esquadrias com cores escuras, em marrom avermelhado, verde e azul (Figura 2.29a).

As tipologias cromáticas das edificações ecléticas englobam o Primeiro e Segundo Período Eclético (da classificação adotada) e são definidas a partir de paletas com ampla variação de matizes. As paredes, em cores de claridades médias e médias saturadas (azul, verde água, rosa, salmão, amarelo e ocre); os detalhes em cores claras, quais sejam, branco, amarelo claro e bege; janelas em

cores bege, marrom clara ou branca; e portas pintadas em verde e marrom escuro (Figura 2.29b).

As tipologias cromáticas das edificações pré-modernistas limitam-se a uma gama de cores neutras, semelhantes às das tonalidades dos materiais aparentes. As paredes em cinza, bege ou amarelo; os detalhes de marcação estrutural em matizes próximos das paredes em nuances “tom sobre tom”, com diferentes níveis de claridade; a decoração de elementos pontuais em ocre, branco, vermelho, rosa e azul; e esquadrias em marrom e cinza (Figura 2.29c).



Figura 2.29 | Características das tipologias cromáticas históricas das edificações dos estilos (a) colonial, (b) eclético e (c) pré-modernista.

Fonte: Naoumova, 2009, p.206.

Na primeira etapa de sua pesquisa, foi analisada a avaliação efetuada pelos respondentes em relação às edificações históricas, e a segunda etapa consistiu na avaliação referente aos modelos cromáticos. Os resultados obtidos permitiram estabelecer uma base teórica e metodológica para o estudo das cores em ambientes urbanos históricos, dentro da área de percepção ambiental.

2.4 CONCLUSÃO

A literatura indica que a investigação da cor deve sempre considerar seus atributos básicos: matiz, claridade e saturação, considerando ainda os efeitos de justaposição das cores que podem afetar a percepção dos indivíduos. Sendo assim, entendeu-se que para os levantamentos cromáticos é necessário utilizar os sistemas cromáticos de referência.

A literatura revisada mostrou a influência de diversos aspectos na formação da policromia urbana: os aspectos formais, a cultura e a dinâmica (natural e artificial) da cor. Quanto à influência dos aspectos formais, Efimov (1990) esclarece a relação que existe entre a estrutura e a forma da cidade, com o tipo de policromia

desenvolvida. As suposições do autor trouxeram embasamento para este estudo. Quanto à influência da cultura, constatou-se que as pinturas das fachadas podem provocar variadas interpretações, caso estejam fora de contexto – ou sejam observadas e interpretadas por pessoas de outra cultura, que podem não compreender sua mensagem original. Quanto à influência da dinâmica natural da cor na formação da policromia urbana, observou-se sua capacidade de variação de acordo com as variações de luz, de estações do ano e do envelhecimento das pinturas. Já na dinâmica artificial, provocada pelas pessoas, foi evidenciada sua capacidade de transformação do espaço urbano.

Conforme revisado, diversos pesquisadores trouxeram contribuições para esta pesquisa, como Lenclos (1976, 1983, 1995, 1999), Efimov (1990), Mazzili (1993), França (1998) e Naoumova (2009). Em relação aos estudos de Lenclos, considera-se a relevância de seus métodos de levantamento do potencial cromático e inventário das cores, a maneira de tipificá-las em relação aos elementos das edificações (paredes, detalhes, esquadrias, telhados), além da produção de paletas gerais e pontuais.

Já Efimov possui estudos cromáticos preocupando-se com a legibilidade da imagem, destacando a importância da cor para a identidade do lugar. Suas suposições sobre estruturação cromática e a relação entre forma e cor, que indica que formas rígidas pressupõem uma policromia homogênea, servem de direcionamento para o estudo em questão. Suas observações assinalam a necessidade de considerar no estudo das cores no ambiente urbano, as características cromáticas das edificações e suas relações com a forma urbana.

A metodologia de França também é considerada relevante para esta pesquisa. Sua abordagem baseou-se em trabalho de campo, com observações, fotografias, entrevistas aos habitantes e frequentadores da área, além do registro das cores das edificações.

Já a extensa contribuição dos estudos de Naoumova (2009) abrange diversos aspectos, como a definição de tipologia cromática do estilo histórico, a base teórica e metodológica para o estudo das cores em ambientes urbanos históricos, além de questões referentes à adequação e familiaridade.

O capítulo seguinte traz a explicitação do conceito de identidade do lugar, aborda a relação pessoa-ambiente, bem como a relação das variáveis, formais e simbólicas, associadas a esta identidade.

CAPÍTULO 3 | IDENTIDADE DO LUGAR

O presente capítulo traz a definição do conceito de identidade do lugar diante das diversas definições existentes. Aborda também a relação pessoa-ambiente, bem como a relação das variáveis, formais e simbólicas, associadas a esta identidade. Por fim, são apresentadas as hipóteses desta pesquisa.

3.1 IDENTIDADE DO LUGAR: conceito e importância

O termo identidade do lugar (*place identity*) foi introduzido por Proshansky (1978), que o designou como a relação que se estabelece entre a identidade pessoal e o ambiente. Para ele a identidade do lugar é uma subestrutura da identidade pessoal que descreve a socialização da pessoa com o ambiente em que vive. Ocorre por meio de um complexo padrão de idéias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e tendências comportamentais relevantes para um ambiente específico. Porém, as definições de Proshansky não especificaram quais tipos de relações se estabelecem entre os aspectos físicos e sociais da identidade.

Atualmente, a literatura sobre o lugar oferece um amplo conjunto de conceitos similares e, em parte, sobreinclusivos que procuram definir e melhor compreender essa relação. Os principais são: sentido ou senso de lugar (RELPH, 1976; TUAN, 1980; STEELE, 1981; MANZO, 2003), apego ou ligação com o lugar (ALTMAN e LOW, 1992; HIDALGO e HERNÁNDEZ, 2001) e dependência do lugar (STOKOLS e SHUMAKER, 1981).

O sentido ou senso de lugar pode ser entendido como um conjunto de significados simbólicos, ou ainda como "um processo experiencial criado pelo cenário, combinado com o que uma pessoa traz a ele" (STEELE, 1981 *apud* MANZO, 2003, p.47). O apego ou ligação com o lugar, é definido como o elo afetivo que as pessoas estabelecem com os ambientes específicos onde tendem a permanecer e onde se sentem confortáveis e seguras (HIDALGO & HERNÁNDEZ, 2001, p.274). A ligação pode ser desenvolvida em diversas escalas, como a casa, o bairro, a cidade, os locais de lazer. Já a dependência do lugar é descrita como a força de associação percebida entre a pessoa e lugares específicos (STOKOLS e SHUMAKER, 1981 *apud* MANZO, 2003, p.47). Yi-Fu Tuan (1980, p.5) chegou a criar um neologismo para descrever o elo afetivo entre pessoa e lugar ou ambiente físico: "topofilia" (onde "topo" significa "lugar", e "filia" significa "sentimento positivo").

Algumas vezes a própria definição de lugar se confunde com estes conceitos. Altman e Low (1992) afirmam que, por lugar, entende-se um espaço ou contexto físico ao qual as pessoas ou grupos estão emocional ou culturalmente ligados, e ao qual atribuíram significados através de processos pessoais, grupais ou culturais. Enquanto espaço normalmente reflete um significado comum, lugar representa geralmente algo que é incorporado em nossa memória. Em outras palavras, o espaço se torna um lugar quando é vivido e experimentado (NOORMOHAMMADI, 2012, p.24). Canter (1977 *apud* GREEN, 1999) propõe uma estrutura para a identificação de componentes que contribuem para transformar um espaço em um lugar. Ele afirma que para entender um lugar é preciso conhecer tanto as características físicas bem como as concepções e significados que as pessoas associam com a sua configuração.

Relph (1976, p.45) define a identidade de um lugar como sendo a sua "mesmice persistente" e unidade que permite esse lugar ser diferenciado de outro. O autor criou dois neologismos na língua inglesa para apreciar o lugar: *placeness* e *placelessness*. Tais neologismos introduzidos pelo autor são intraduzíveis, porém, por paralelismo, Castello (2007, p.70) sugere empregar as expressões: "lugaridade" e "falta de lugaridade" (que expressaria a falta de sentido de lugar). Outros conceitos introduzidos por Relph, sobre *interioridade* e *exterioridade*, também são contribuições importantes para a compreensão do lugar. Relph sugere que quanto

mais profundamente dentro de um lugar uma pessoa se sente, mais forte será a sua identificação com esse lugar – o que chama de *interioridade*. Por outro lado, uma pessoa pode ser separada de um lugar, e este modo de experiência é o que Relph chama de *exterioridade*. Nesse caso, as pessoas sentem algum tipo de vivência de divisão ou separação entre eles e o seu mundo – por exemplo, o sentimento de nostalgia em um bairro novo ou em um país estrangeiro.

Segundo Seamon e Sowers (2008, p.45), o ponto fenomenológico crucial é que *exterioridade* e *interioridade* constituem uma dialética fundamental na vida humana e que, em variadas combinações e intensidades, lugares iguais assumem identidades diferentes para diferentes grupos e indivíduos, assumindo diferentes qualidades de sentimento e significado.

Teorias da percepção e cognição buscam explicar os processos de percepção ambiental, possuindo como base diferentes conceitos. O papel da experiência, com foco na relação entre a pessoa e o ambiente é enfatizado pela teoria Transacionalista (ITTELSON, 1962, RAPOPORT, 1978 e WERNER, BROWN e ALTMAN, s.d.). O processo de percepção ambiental é considerado como uma transição, na qual o ambiente e a pessoa dependem mutuamente um do outro. Aquilo que o indivíduo percebe, é devido a sua história de vida, motivações e valores, portanto é influenciado pelo processo cognitivo relacionado com a memória e a cultura. Ou seja, a experiência prévia de cada pessoa interfere naquilo em que ela presta atenção, e no que se torna importante para ela. A teoria também alega que as pessoas interpretam de modo diferente as ambiências e lugares, porque os vivenciam de maneira diferente (LANG, 1987, p. 89-90).

A teoria Transacionalista é capaz de auxiliar no entendimento das peculiaridades na percepção de determinados grupos ou indivíduos, principalmente no que diz respeito às percepções diferenciadas entre moradores e visitantes de um local. Indica ainda que as constâncias nas respostas dentro do grupo são os elementos essenciais na compreensão do lugar. Segundo os pressupostos dessa teoria, a avaliação mais positiva do ambiente é alcançada se sua estrutura proporciona padrões psicologicamente confortáveis de comportamento.

As moradias, no caso, são vistas não só como construções, mas como lugares para viver e, portanto, como símbolos de conforto e estilo de vida. A

influência de valores culturais e sociais estende-se consequentemente à pintura das edificações, contribuindo para a identificação do lugar e sua imagem (NAOUMOVA, 2009, p.93).

A literatura sobre a identidade do lugar contém várias conceituações sobre o papel do lugar na formação e manutenção de identidades individuais. Isso enfatiza a importância do ambiente no fornecimento de um sentido de continuidade às pessoas (LALLI, 1992 *apud* DEVINE-WRIGHT e LYONS, 1997, p.35).

Considera-se nessa pesquisa que, na sua essência, a identidade do lugar pode ser definida como uma subestrutura da identidade pessoal, resultante da apropriação de características atribuídas ao lugar. Pode-se afirmar ainda que a identidade associada ao lugar contribui para a formação da imagem de um ambiente, como também a sua vitalidade, habitabilidade e desempenho. Refere-se também ao significado e à importância dos lugares para seus moradores, visitantes e usuários, uma vez que a identidade tem base na experiência, percepção e valorização do ambiente. A identidade permite que as pessoas desenvolvam seus laços afetivos com o lugar, assim como um sentimento de pertença que as une em torno de valores comuns (PROSHANSKY, 1978; TUAN, 1980; MANZO, 2003; CASAKIN e BERNARDO, 2012).

3.1.1 O processo de identificação

O desenvolvimento da identidade ocorre ao longo de três fases (GRAUMANN, 1983, *apud* DEVINE-WRIGHT e LYONS, 1997, p.34). A primeira, designa do “processo de identificação”, que consiste na atribuição subjetiva de determinadas propriedades aos lugares, em resultado da experiência e da percepção de semelhanças entre objetos, indivíduos, grupos e lugares.

Na segunda e terceira fases é necessário que ocorram, segundo Graumann, igualmente os processos de “identificar-se com” e “ser identificado com”. Neles, o indivíduo se identifica com a cidade (ou lugar) e constrói a sua identidade com base na consciência da pertença a um grupo definido pela partilha de um espaço, apropriando-se das características que lhe são atribuídas.

3.1.2 Componentes da identidade do lugar

A identidade do lugar está dividida em três componentes inter-relacionados: (i) características físicas, (ii) atividades observáveis (funções e padrões de uso do lugar), e (iii) os significados individuais e de grupo criados através de experiências e intenções das pessoas em relação a esse lugar (RELPH, 1976, e MARUŠIĆ e NIKŠIČ, 2012, p.120). A interação entre indivíduos e esses componentes do ambiente tem uma forte influência sobre a forma como a identidade do lugar é percebida e vivida. Como tal, a visão da identidade do lugar pode variar em função das condições geográficas, culturais, políticas, sociais, psicológicas.

Os três componentes mencionados em relação ao ambiente urbano, podem ser reestruturados em dois grupos. O primeiro abrange as características físicas e as atividades observáveis do lugar e seus padrões de uso (bairro residencial, rua comercial), e nesse estudo é chamado de **aspectos materiais**; e o segundo, que inclui os significados, é denominado de **aspectos imateriais**.

3.1.2.1 Aspectos Materiais

A identidade urbana é caracterizada por formas e elementos físicos que definem a especificidade de sua arquitetura, que com o tempo, adquire aspectos particulares (AGUIAR, 2005, p. 120). A articulação detalhada das características físicas do espaço o torna reconhecível por seus usuários.

Há mais de cinquenta anos, Kevin Lynch (1960, pp.58-59) já havia se apropriado dos elementos físicos do ambiente urbano definindo-os numa série: vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes. O autor destacou esses elementos como capazes de constituir a identidade de bairros e cidades.

As *vias* são os canais por onde o observador se move. Podem ser ruas, passeios, linhas de trânsito, canais. São essenciais para a conexão do espaço urbano, reunindo pessoas, elementos urbanos e edificações. As pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam, enquanto os outros elementos organizam-se e relacionam-se ao longo destas vias. Os *limites* são elementos lineares não usados nem considerados pelas pessoas como vias. Podem ser a fronteira entre duas áreas, paredes, costas marítimas ou fluviais. Já os *bairros* são regiões urbanas

de tamanho médio e grande, que de modo geral podem ser percorridas a pé, com edificações, equipamentos urbanos e identidade própria, e definindo muitas vezes a dimensão física de uma comunidade. Os *cruzamentos* são pontos, locais estratégicos de uma cidade, através dos quais o observador tem focos para os quais e dos quais ele se desloca. Podem ser junções, locais de interrupção num transporte, um cruzamento de vias. Os *pontos marcantes* são representados por um objeto físico, definido de modo simples: edifício, chafariz, monumento, montanha ou até a cor de uma casa. São sinais diversos de todas as escalas possíveis que completam a imagem da maior parte dos observadores e são, normalmente, usados como indicação de identidade e até de estrutura. Os pontos marcantes são importantes para as pessoas que se deslocam pela cidade, pois tornam-se referência na memória.

Pesquisas confirmam a estabilidade dos elementos definidos por Lynch, para muitas populações e cidades ao redor do mundo (NASAR, 2001, p.1822). E, embora as imagens e a proeminência dos elementos indicados por Lynch possam variar entre as populações e lugares, seu arranjo planejado pode aumentar a legibilidade de uma cidade ou de uma área. Porém, o enfoque espacial de Lynch permite a leitura de aspectos apenas parcelares, que não são uma reposição integral, ou linear, dos valores da identidade de um lugar.

Os elementos físicos também são explorados por Stamps (1994, 1999), que se utiliza do termo “caráter” para se referir à identidade do lugar. O autor, no artigo “Definição do caráter de quarteirão” (*Defining block character*, 1999), levanta a questão: Como podemos saber se um determinado lugar tem um caráter visual?. Stamps argumenta sobre a importância desta pergunta tendo em vista que: 1) a maioria das cidades nos Estados Unidos e no Reino Unido regulam os projetos arquitetônicos usando leis de urbanismo ou revisão de projeto; e 2) são utilizados vários critérios, mas o aspecto dominante é a compatibilidade com o caráter de vizinhança. Stamps então propõe métodos (inclusive leis matemáticas) para tentar definir a identidade global de quarteirões e áreas urbanas observando os atributos físicos das edificações, como recuos frontal e lateral, linhas da cobertura, articulação da fachada, ornamentos, escala, proporções gerais da construção (altura e largura), material, tamanho das portas, escadas e portões de garagem (STAMPS, 1999). A cor nesse caso entra como textura dos materiais usados na construção. Para o

autor, a existência do caráter ou identidade física do quarteirão é medida de duas maneiras: de forma objetiva e de forma subjetiva. A medida objetiva relata a existência e a frequência de características no objeto ou ambiente, e a medida subjetiva evidencia a proporção de pessoas que reconhecem essas características como pertencentes ao caráter do quarteirão. Isso sugere que, para evidenciar efetivamente a identidade do bairro, é necessário investigar a percepção de pessoas que moram e transitam pelo local.

Para Kohlsdorf (1996) a identidade dos lugares dá-se principalmente a partir de sua forma física. Segundo a autora, é preciso que se observe os lugares como composições plásticas, conforme a Teoria da Gestalt. Os pressupostos dessa teoria indicam que as pessoas naturalmente organizam os estímulos ambientais em padrões visuais para torná-los mais simples e coerentes. Ou seja, quando existem várias possibilidades de entendimento da organização visual, percebe-se espontaneamente a estrutura visual mais equilibrada, mais homogênea, mais regular e mais simples de todas dentro das circunstâncias (KOHLSDORF, 1996, pp.31-32). Esse entendimento pode ser transferido para a percepção das cores nas fachadas – e na relação figura-fundo entre paredes e detalhes – o que por sua vez reflete na legibilidade e clareza de espaços urbanos. Para a autora, em paralelo com Lynch, a boa capacidade de orientação em um determinado bairro é ligada com a identificação dos elementos, e deve ser examinada por intermédio de atributos-chaves reconhecidos pelos indivíduos.

As funções ou atividades realizadas em um lugar podem ser considerados elementos identitários, quando passam a representar a sua imagem. Por exemplo, a vida na rua, em uma grande cidade medieval, tinha uma atmosfera de apinhamento, atividade, barulho, cheiro e cor produzindo uma vivência intensa. Como nessa época as atividades eram inúmeras, muitos comerciantes usavam letreiros para chamar a atenção para os seus prédios (TUAN, 1980, pp. 211-214). Os comerciantes ainda penduravam no exterior das lojas um objeto, como um sapato ou um peixe, para indicar qual a sua atividade comercial. Muitas vezes, as ruas recebiam o nome das atividades ali realizadas como, por exemplo, Rua do Sapateiro, Rua do Padeiro, Rua do Barbeiro, Rua dos Mercadores, como nas Freguesias do Porto (Freguesia de São Nicolau e Freguesia da Sé, entre outras) em Portugal (Figura 3.1). Os registros

toponímicos indicam que a rua, beco, rampa, travessa, caminhos, escadas, patios ou praças têm algo para contar.



Figura 3.1: Imagens de registros toponímicos das freguesias do Porto, em Portugal.

Fonte: <www.portopatrimoniomundial.com> acesso em 12/01/2014

A revisão da literatura mostra que em várias pesquisas os autores fazem ligação entre a identidade do lugar e os aspectos físicos do ambiente, apontando a sua importância. No entanto, os aspectos físicos não são os únicos que caracterizam o espaço urbano e lhe conferem identidade. Vários autores (como RELPH, 1976, RAPOPORT, 1978 e NORBERG-SCHULZ, 1980) observam que os significados de lugar também contribuem para a identidade do lugar. Os significados ancorados em atividades e configurações físicas não são propriedade dessas características, mas refletem as intenções e experiências humanas que as povoam.

3.1.2.2 Aspectos Imateriais

A identidade do ambiente urbano pode ser definida também por aspectos imateriais, tais como: (i) sua origem, (ii) a memória coletiva e (iii) o espírito do lugar (RELPH, 1976).

A identidade de um lugar pode estar associada à sua origem, à sua relação com o sítio natural (Recife, por exemplo) ou ao seu processo de desenvolvimento (como a cidade de Aparecida). A identidade de uma cidade pode resultar daquilo que a cidade decide ser, do papel que escolhe representar na sua história, com as funções que o processo de evolução urbana e as mutações socioeconômicas solicitarem. Surgem, assim, as diferentes identidades das cidades-porto, das cidades-capitais, das cidades-santuário (AGUIAR, 2005, p. 121).

O mesmo aplica-se aos bairros. O bairro do Porto, na cidade de Pelotas – no sul do Brasil, teve sua identidade ligada à sua histórica função portuária, bem como ao abrigo de indústrias têxteis, cervejaria, entre outras. Tais instalações requeriam grandes prédios, que terminaram por configurar a paisagem do bairro. A perda da função, nesses casos, pode resultar não na perda dos elementos físicos que a formam, mas de profundas transformações funcionais, e assim, na perda da identidade. Por outro lado, abre-se espaço para que novas funções possam ser desenvolvidas neste espaço, e com isso, a construção de uma nova identidade funcional.

Outro aspecto imaterial associado à percepção da identidade dos lugares é a memória coletiva. À ela é frequentemente atribuída a própria identidade espacial – um lugar seria produto de uma sedimentação de vivências das quais a comunidade teria a memória, não podendo existir um (o lugar), sem o outro (a memória) (HALBWACHS, 1950 apud POLIS XXI, 2008, p.14). Como exemplo, pode-se citar a cidade de Piratini, capital da Revolução Farroupilha, também no Brasil. A cidade conserva casarões da época do povoamento e da revolução, constituindo testemunho do Período Farroupilha, tradição do povo do sul.

O espírito do lugar, ou *genius loci*, é mais um aspecto imaterial a ser considerado. De acordo com a antiga crença romana, cada ser tinha seu *genius*, seu espírito guardião. Esse espírito daria vida a pessoas e lugares, os acompanhava desde o nascimento até a morte, e determinava o seu caráter ou essência (NORBERG-SCHULZ, 1980, p.18). Suas qualidades espirituais foram reforçadas por símbolos e lendas e muitas vezes, o medo de deparar-se com tal espírito era usado para proteger os lugares. Ao longo do tempo essas mensagens formaram a impressão distinta de um lugar. Durante o Iluminismo, as qualidades do "espírito" de lugar desenvolveram um aspecto mais positivo, quando passaram a significar o caráter distintivo, a essência ou a atmosfera de um lugar com referência à impressão que ele faz sobre a mente (ou sentidos) (MOREL-EDNIEBROWN, 2012, p.210). Pode-se dizer que *genius loci* é a manifestação física de autenticidade do lugar. Como exemplo, pode-se citar a cidade de Ouro Preto (Minas Gerais) e seus visuais, com as edificações e Igrejas brancas em meio à paisagem natural (Figura 3.2).



Figura 3.2 | Igreja branca em meio à paisagem natural.
Ouro Preto, Minas Gerais.

Fonte: < <http://www.ouropreto.com.br>>, acesso em 7/7/2014.

Observa-se, portanto, que na composição da identidade do lugar, existe força tanto nos aspectos materiais como nos aspectos imateriais, influenciando a identidade em várias escalas (cidades, bairros, ruas).

3.1.3 Perda da identidade do lugar

A importância do ambiente que circunda as pessoas para a construção e manutenção do sentido de identidade parece evidente. De fato, muitas vezes para responder à questão “quem sou eu?” contrapõe-se à questão “de onde sou?” ou “aonde é que pertenço?” (CUBA e HUMMON, 1993). Para os moradores de um lugar, ao longo de uma geração ou mais, o aspecto da cidade tem especial interesse. A sensibilidade ao desaparecimento de uma rua, um edifício ou uma árvore, pode ser maior do que a uma intervenção de grande escala. Por vezes, quando há uma modificação radical, a lembrança da identidade anterior pode ser compensada por registros toponímicos relacionados aos nomes dos locais, ruas, bairro (MENEZES e TAVARES, sd, p.5).

A dinâmica do ambiente urbano, associada ao processo de globalização – que contribui para o desenvolvimento das cidades – pode ser prejudicial. A expansão urbana, a rápida transformação do espaço e uma quase homogeneização das edificações e bairros são os primeiros sinais de atenção. Tais acontecimentos podem conduzir a deterioração da imagem do meio, ao desordenamento da fisionomia urbana e por fim a perda de referências importantes para os indivíduos. A perda da identidade de um bairro ou cidade tem consequências negativas,

principalmente para as pessoas que vivem nos lugares afetados, tornando-os alienados em relação a seus ambientes familiares (GREEN, 1999, p.311). Isto, por sua vez, pode ter um impacto negativo no seu sentido mais geral de bem-estar.

As mudanças no tecido edificado podem provocar drásticas mudanças no tecido social das cidades (MENEZES e TAVARES, sd, p.9). O destino de populares residentes nem sempre é levado em conta. Devido à valorização de áreas reabilitadas, suas casas também passam a ter um alto valor, muitas vezes forçando as populações a mudar de bairro, criando assim cenários sem os atores locais. Os indivíduos, ao longo do tempo, investem parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro. Para Tuan (1976, p.114), ser retirado à força, da própria casa e do bairro é “ser despido de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano do mundo exterior”. Algumas pessoas – especialmente idosas – relutam em abandonar seu velho bairro por outro. A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar.

A preservação da arquitetura faz com que as pessoas valorizem seu patrimônio (WALL e WATERMAN, 2012, p.134). Como comentam Menezes e Tavares (sd, p.9), é legítima a valorização das formas culturais como produto comercial tendo em vista o estímulo que poderá dar à economia local. Porém, deve-se atentar que o desenvolvimento econômico e o turismo podem alterar a imagem das áreas históricas – por exemplo, com a mudança de usos (prédios de uso residencial se transformarem em uso comercial, desconsiderando características formais tipológicas dos edifícios), ou a implantação de prédios novos para a instalação de redes hoteleiras ou de empresas (quando não considerado o caráter de vizinhança). Quando o espaço urbano deixa de ser realidade cultural e se transforma em produto de consumo, necessita de uma aparência diferenciada para ser competitiva, o que na realidade pode corresponder à redução da sua própria identidade (POLIS XXI, 2008, p.17).

3.2 PROCESSO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL

As pessoas e o meio ambiente formam um sistema. A relação pessoa-ambiente ocorre por meio de um processo chamado percepção ambiental. Este

processo engloba várias atividades em diferentes níveis e profundidades de interação.

Para Neisser (1977 *apud* LANG, 1987, p.85), o processo de percepção é parte do meio de obtenção de informação desde – e acerca de – o ambiente. É onde a atividade de cognição e a realidade se encontram. Rapoport (1978, pp.46-47) defende que o processo de percepção ambiental é uma ação contínua, composta de três etapas consecutivas e repetitivas. Essas etapas são partes de um *continuum* que envolve os atos de perceber, compreender e avaliar. Esses atos possibilitam a captação da informação inicial do ambiente, sua compreensão e avaliação, e a reiniciação do processo.

A atividade relacionada à percepção refere-se, principalmente, à experiência direta do meio ambiente através dos sentidos (RAPOPORT, 1976, p.224). É a ação onde a imagem mental de um objeto, lugar ou fenômeno é adquirida. Já a de cognição organiza as informações recebidas em esquemas cognitivos. É a etapa onde o que é percebido obtém valor dentro do universo de conhecimento do indivíduo. É a atividade cumulativa de construção do sentido na mente, que se forma através da experiência cotidiana, complementar à percepção.

Para investigar a relação entre pessoa e ambiente, foram utilizadas neste estudo diferentes tipos de variáveis relacionadas à identidade do espaço urbano.

3.2.1 Variáveis associadas à identidade

As pessoas têm a necessidade de identificar a parte na cidade na qual vivem e de poder distingui-la de todas as outras (ALEXANDER, 2013, p.81). Em relação a isso, na literatura encontram-se dois conceitos interligados: *legibilidade* e *imaginabilidade* (LYNCH, 1960, pp.12-13).

A *legibilidade* é uma qualidade visual particular da paisagem urbana que contribui para a facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente. Já a *imaginabilidade* é a qualidade de um ambiente físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador. Mas o conceito de imaginabilidade não tem, necessariamente, relação com algo de fixo, limitado ou ordenado regularmente,

embora possa, por vezes, ter estas qualidades (LYNCH, 1960, p.20). Lynch comenta que a imaginabilidade possui desvantagens, afirmando que uma paisagem carregada de significados pode inibir atividades práticas, e que o objetivo deve ser um ambiente imaginável e que seja aberto a mudanças (LYNCH, 1960, pp.151-152). Ressalta-se que o autor refere-se à *imaginabilidade* também como *legibilidade*, ou ainda *visibilidade*. Sendo assim, na pesquisa em questão, adota-se o termo “legibilidade”, entendido como “imagem forte” do ambiente.

A *agradabilidade* do ambiente urbano pode ter grande valor como uma fonte de prazer para as pessoas, podendo proporcionar a recuperação do *stress* da vida quotidiana e evocando uma resposta avaliativa fortemente favorável entre as pessoas que o vivenciam (NASAR, 1998, p.2-3). Devido às experiências únicas de cada pessoa, a imagem avaliativa de um lugar poderá variar entre os observadores. Porém, conforme Nasar (1998, p.6), pesquisas confirmam que as avaliações podem ter muito em comum, e entre os aspectos que mais se destacam como promotores da avaliação positiva do ambiente – e que estão ligados com identidade – estão a manutenção, a ordem e o significado histórico.

Também está associado à ideia de identidade um processo de reconhecimento por parte das pessoas do local, o que depende do grau de autoconsciência que essas pessoas tem de si próprias como comunidade, seu grau de organização social, cultural e político (AGUIAR, 2005, p.122). Sendo assim, entende-se que tanto mais forte e clara será a comunicação dessa identidade, quanto mais consistente for a interação entre os indivíduos e o seu lugar.

Com base nessa afirmação, concluiu-se que a identidade percebida (captada pelos visitantes, transeuntes) é diferente da identidade vivida (captada e experienciada pelos moradores). Pode-se dizer então que o grau de familiaridade com o lugar afeta a avaliação das características físicas e o significado percebido, constituindo parte importante da sua identidade. Isso é confirmado no trabalho de Naoumova (2009, p.109), que afirma que em relação à policromia urbana, quando a coloração das edificações torna-se claramente reconhecida e familiar, parece ajudar a criar um sentimento de pertencimento ou sentido de lugar, afetando a experiência e a avaliação.

O transeunte e o morador focalizam aspectos diferentes do ambiente (TUAN, 1980, pp.72-73). Em geral, pode-se dizer que o transeunte (e especialmente o turista) tem sua percepção frequentemente reduzida a apreciação estética. Ao contrário, o morador tem uma atitude complexa decorrente da sua imersão na totalidade de seu meio. O ponto de vista do transeunte, por ser simples, é de fácil expressão. A confrontação com a novidade, também pode levá-lo a manifestar-se, e a contribuir com uma perspectiva nova, capaz de perceber méritos e defeitos em um ambiente que não são mais visíveis para o residente. Por outro lado, a atitude complexa do morador pode ser expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, conhecimentos e mitos (TUAN, 1980, pp.72-75).

Sendo assim, na investigação da identidade, destacam-se duas variáveis significativas: a **legibilidade** (que representa a imagem forte do lugar) e **familiaridade**. Em razão dos diferentes graus de familiaridade, nesta pesquisa é analisada a percepção de dois grupos de indivíduos: (1) moradores e (2) transeuntes do local.

A literatura indica que tanto variáveis formais como simbólicas devem ser consideradas nos estudos do ambiente urbano, tendo em vista que a resposta avaliativa em relação aos lugares está ligada a aspectos materiais e imateriais. As variáveis formais e simbólicas abrangidas nesse estudo são elencadas a seguir.

3.2.2 Variáveis formais e simbólicas

As variáveis formais dizem respeito à estrutura ou forma do objeto, abrangendo seus aspectos físicos (NASAR, 2001, p.1823). Essas variáveis podem ser divididas segundo três grupos de atributos: (i) atributos físicos dos objetos e seus elementos como altura, comprimento, volumetria, posição no espaço, massa, cor e textura, entre outros; (ii) estrutura das relações e organização formal do objeto ou ambiente, que por sua vez definem a posição no espaço, justaposição (de cima, de baixo) e relações de contraste e nuance entre as formas e elementos; e (iii) características que, apesar da ligação com o estímulo físico, retratam algum tipo de afeto, como novidade, coerência/incongruência, surpresa, ambiguidade e complexidade (BERLYNE, 1971; STAMPS, 2000; NAOUMOVA, 2009, p.120). Os atributos referentes ao primeiro grupo são usados para descrever as edificações.

Porém, os mesmo tipos de variáveis formais podem ser reconhecidos em composições cromáticas. Os atributos referentes ao segundo e terceiro grupos são usualmente discutidos nas pesquisas com abordagem avaliativa que estudam a percepção do ambiente urbano pelas pessoas (NASAR, 1992; STAMPS, 2000; NAOUMOVA, 2009).

A variável *ordem* é objeto de estudos que buscam identificar quais aspectos físicos são capazes de contribuir para a sua formação. Fatores como a repetição de elementos, uniformidade de texturas, baixos contrastes de cor, tamanho das edificações e adequação são contribuintes para a clareza do ambiente (KAPLANS, 1989; NASAR, 1987 *apud* NASAR, 1997).

A *adequação* (ou coerência), também contribui na percepção da *ordem*. Segundo Nasar (1994, p.385), a coerência representa a baixa discordância entre elementos da fachada ou entre o prédio e seu entorno. A presença do estilo numa composição de edificações (por conter elementos repetitivos) contribui para o ordenamento. Além da *ordem*, a *manutenção* também é fortemente apontada como contribuinte para a *agradabilidade* de um lugar (NASAR, 1998, p.6), bem como o destaque percebido (distinção em relação a outros lugares) (APPLEYARD, 1969; NASAR, 1997).

A teoria explica que a presença de ordem não exclui a complexidade de uma composição. A percepção da complexidade e da ordem também pode ser influenciada pela cor da edificação (Lang, 1987, p.130). Isso ocorre pela capacidade de manipulação que a cor possui de alterar características como proximidade, coerência e contraste – que afetam a complexidade.

Nesta pesquisa, as variáveis relacionadas aos atributos físicos presentes nas edificações do ambiente contribuem com a caracterização da área de acordo com: (i) a presença da cor nas edificações, caracterizando a área de acordo com suas relações cromáticas; (ii) os usos dados às edificações, caracterizando a área em relação aos aspectos residencial, comercial, serviços, misto e institucional; (iii) a altura dos prédios, caracterizando a área de acordo com seus planos verticais; (iv) o estado de conservação das fachadas, caracterizando a área em relação à

manutenção dada às edificações; e (v) o estilo dos prédios, caracterizando a área de acordo com os estilos arquitetônicos ali presentes.

As variáveis simbólicas dizem respeito a como os objetos e seus atributos são percebidos pelo observador, ou seja, tratam do reflexo das variáveis formais na mente do indivíduo. As dimensões simbólicas são importantes para o estudo da identidade, pois podem interferir significativamente na avaliação sobre o lugar. As variáveis simbólicas consideradas no estudo em questão são: (i) valor histórico, (ii) novidade e (iii) interesse.

O significado de um lugar pode ter uma forma denotativa ou conotativa. Os significados denotativos referem-se ao reconhecimento do lugar; já os significados conotativos referem-se a inferências sobre a qualidade e o caráter do lugar. A partir de estímulos ambientais, as pessoas podem fazer inferências sobre o prestígio do lugar, status, uso, identidade, adequação. As variáveis simbólicas, ou de conteúdo, podem contemplar ambos os significados. O observador pode, por exemplo, reconhecer um bairro (significado denotativo) e gostar deste bairro (significado conotativo) (NASAR, 1997, p.31, 1998, pp.27-28, 2001, p.1822).

Lugares que possuem significado histórico - ou que apenas pareçam históricos - evocam respostas favoráveis (PORTELLA, 2003). Além disso, os leigos também preferem estilos mais populares a projetos arquitetônicos mais ousados. A preferência pelo significado histórico e determinados estilos populares podem surgir a partir de significados conotativos associados a eles (NASAR, 2001, p.1823; NAOUMOVA, 2009).

No que diz respeito à *novidade*, Berlyne (1971) a dividiu em dois tipos: novidade absoluta, em que o estímulo é diferente em todas as escalas na experiência do observador; e novidade relativa, em que o estímulo tem elementos familiares para o observador, mas que são organizados de uma maneira não-familiar. De acordo com Berlyne, quantidades moderadas de novidade, como a gerada na relativa novidade, são mais propensas à respostas positivas em relação ao ambiente.

Quanto ao *interesse*, os resultados obtidos por autores como Berlyne (1971) e Nasar (1984, 1987, 1997), mostram que esse aumenta com a complexidade do

ambiente. Tais resultados estão em conformidade com a perspectiva de que a complexidade é “despertada” (potencial de atratividade). Porém, os níveis de complexidade devem ser moderados.

3.2.3 Dimensões da imagem avaliativa do ambiente

A imagem avaliativa representa o constructo psicológico que envolve as avaliações subjetivas de sentimentos sobre o ambiente (NASAR, 1998, p.25). As pessoas fazem julgamentos sobre o meio, e a vontade de um indivíduo de frequentar um lugar, escolher ir e retornar a este lugar, pode ser determinada por esses julgamentos. Russel (1992) chama esses julgamentos de avaliações afetivas, e afirma que essas avaliações se assemelham a emoções (que dizem respeito aos sentimentos afetivos) e cognições (um aspecto de como alguém interpreta algo) (RUSSEL, 1992, p.120).

Russel (1992, p.122) identifica os sentimentos com base em quatro dimensões, apontando-as como as mais relevantes para a avaliação das características ambientais: (i) *agradabilidade*; (ii) *atratividade*; (iii) *excitação*; e (iv) *relaxamento*. Essa rede de inter-relações é descrita na figura 3.3.

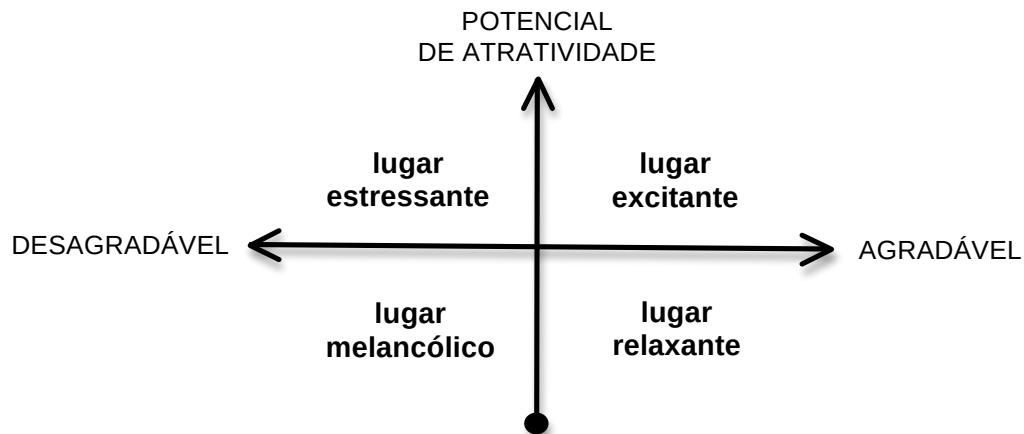


Figura 3.3 | Representação espacial das descrições das qualidades afetivas do ambiente.
Fonte: Adaptado de Russel (1992, p.122).

A *agradabilidade* é uma dimensão puramente avaliativa, sendo por vezes considerado como o único sentimento relacionado com o julgamento de beleza, Porém, a agradabilidade pode influenciar na ligação com o lugar, e por sua vez, na identificação com o lugar. É considerada uma variável importante à investigação, tendo em vista que se busca identificar quais cenas urbanas associadas às relações

cromáticas existentes são avaliadas como agradáveis ou desagradáveis pelos respondentes. Segundo o entendimento de Russel (1992), Stamps (2000) e Nasar (1997, 2001), o *potencial de atratividade* (tradução do inglês, *arousal*) é independente da dimensão avaliativa, não possuindo polos de conotação positiva ou negativa, surgindo de qualquer estímulo visual.

Entende-se que um lugar que seja potencialmente mais atrativo, seja capaz de despertar a atenção dos indivíduos por mais tempo e possuir uma identidade mais fortemente desenvolvida. As variáveis descritivas do lugar *excitação* e *relaxamento* envolvem a avaliação complementar. As pessoas julgam lugares excitantes como mais agradáveis e interessantes do que os lugares melancólicos; experienciam lugares relaxantes como mais agradáveis, mas menos excitantes do que os lugares estressantes (RUSSEL, 1992, p.122; NASAR, 1997, p.27; 2001, p.1823).

Lang (1992, p.14) comenta que os significados simbólicos específicos dos prédios dependem do seu contexto, e aponta a existência de três níveis de significados simbólicos: sintático, semântico e pragmático. O significado sintático é resultado da compreensão de localização do prédio em relação ao seu entorno (e o uso da cor pode reforçar este significado, por exemplo, a casa verde da esquina); o significado semântico refere-se à idéia que o objeto representa (na Bahía, o branco representa o sagrado); e o significado pragmático realça o símbolo para aqueles que o usam.

O conjunto de escalas de avaliação representa as dimensões de sentido mais fortemente associadas com a concepção das pessoas quanto à identidade do bairro. Reflete atributos de vários temas conceituais relacionados ao ambiente, como as avaliações afetivas, o carácter distintivo e a familiaridade. No desenvolvimento da técnica diferencial semântica, Osgood *et al* (1957 apud GOLANT e BURTON, 1976, p.365) ainda defendeu que o espaço semântico poderia ser eficientemente definido por três grupos de dimensões, denominadas *atividade*, *avaliação* e *dominância*.

Em seu estudo sobre identidade, Green (1999, p.316) combinou um conjunto de escalas de avaliação baseado no vocabulário para descrição do ambiente desenvolvido por Craik (1972) e Kasmar (1988). Com base nessas escalas de

avaliação, foram estipuladas para o estudo em questão, as seguintes escalas bipolares: agradável-desagradável; bonito-feio. A investigação de outras avaliações (sobre cor, por exemplo) foi feita através da Escala Likert, que estudou o grau de concordância com uma série de declarações sobre o ambiente avaliado.

3.3 HIPÓTESES

Com base no que foi exposto, e nos objetivos definidos, foram determinadas as seguintes hipóteses:

- **hipótese 1** – A estrutura cromática do bairro contribui significativamente para a legibilidade do bairro.
- **hipótese 2** – Há diferença na avaliação de moradores e transeuntes em relação à agradabilidade e à satisfação com o aspecto cromático dos prédios do bairro.
- **hipótese 3** – Existe correlação entre o nível de agradabilidade dos respondentes com as cenas do bairro e a presença de cores nas fachadas.

3.4 CONCLUSÃO

A revisão da literatura sobre o processo de percepção ambiental evidenciou que a identidade do lugar contribui para a formação da boa imagem de um ambiente, sendo uma subestrutura da identidade pessoal. Refere-se ao significado e à importância dos lugares para seus moradores, visitantes e usuários, permitindo que as pessoas desenvolvam laços com o lugar. O contexto forte de um bairro é muitas vezes evidenciado pelas particularidades físicas da quadra ou da rua, mas também inclui e expressa a grande complexidade da vida cotidiana das pessoas (WALL e WATERMAN, 2012, p.50). Sendo assim, considerou-se necessário abordar a identidade do lugar levando em conta os aspectos materiais do lugar (incluindo as características físicas) e aspectos imateriais (incluindo as atividades observáveis e os significados).

Quanto aos aspectos materiais, entendeu-se que a identidade urbana é caracterizada por formas e elementos físicos que definem a sua singularidade. Na

escala urbana, o arranjo dos elementos físicos definidos por Lynch (1960) – vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes –, são capazes que constituir a identidade de bairros e cidades. Em relação às edificações, observa-se que seus atributos (detalhes e cores) também contribuem para a existência do caráter ou identidade num ambiente. Eles podem ser medidos de maneira objetiva (relatando a frequência de características no ambiente) e de maneira subjetiva (evidenciando a proporção de pessoas que reconhecem essas características como pertencentes ao caráter do lugar). Salienta-se que a imagem ambiental e a boa capacidade de orientação em um determinado bairro são ligadas com a identificação de seus elementos, e devem ser examinadas por meio de características reconhecidas pelos indivíduos.

Quanto aos aspectos imateriais, é possível dizer que a identidade de um lugar pode estar associada às atividades realizadas no lugar e seus padrões de uso, à sua origem, à sua relação com o sítio natural ou ainda ao seu processo de desenvolvimento, à memória coletiva e ao espírito do lugar (NORBERG-SCHULZ, 1980; RELPH, 1976).

Por fim, conclui-se que a investigação sobre a identidade do lugar deva abordar os aspectos físicos (estudo exploratório das peculiaridades das estruturas física e cromática existentes) e o aspecto avaliativo (investigando as peculiaridades avaliativas percebidas pelas pessoas). Ambos aspectos são contribuintes para a identidade do local.

Com base nessas conclusões, é importante considerar, na investigação da identidade nesse trabalho, três variáveis principais: a *agradabilidade*, a *legibilidade* e a *familiaridade*. Entre as variáveis formais que contribuem com a caracterização da área foram selecionadas: as cores presentes nas edificações, os usos dados às edificações, a altura dos prédios, o estado de conservação das fachadas e o estilo dos prédios. Entre as variáveis simbólicas – importantes para o estudo da identidade, pois podem interferir significativamente na avaliação sobre o lugar – foram selecionadas: *valor histórico*, *novidade* e *interesse*.

No capítulo seguinte é apresentada a metodologia da pesquisa.

CAPÍTULO 4 | METODOLOGIA

Neste capítulo é apresentada a metodologia da pesquisa, assim como a seleção da área de estudo com a demarcação da área explorada, além dos critérios que originaram sua escolha. São expostos também os métodos e técnicas de coleta de dados, bem como os métodos de análise desses dados, fundamentados na área de estudos Ambiente-Comportamento.

4.1 SELEÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Para atender aos objetivos propostos e verificar as hipóteses levantadas, foi delimitado ao estudo de caso a cidade de Pelotas, localizada no estado do Rio Grande do Sul. A cidade possui sete regiões administrativas: Barragem, Fragata, Três Vendas, Areal, Laranjal, São Gonçalo e Centro. Cada uma destas regiões é subdividida em meso e microrregiões, conforme o III Plano Diretor Municipal. O bairro Porto, foco deste estudo, é uma microrregião do Centro, e seus limites englobam uma área de 747.370,96m².

Hoje, o bairro localizado às margens do canal São Gonçalo apresenta uma fisionomia urbana e industrial, além de uma paisagem carregada culturalmente. Possui, como ao longo de sua história, uma predominância de uso residencial (Figura 4.1). Formam a paisagem periférica das residências algumas grandes instalações portuárias e fabris, abandonadas e em ruínas (como o antigo prédio da Brahma, por exemplo). Ainda que não apresente construções excepcionais, a área possui valor na ambiência gerada pelo seu espaço urbano e pela soma dos seus

prédios, resultando num contexto ímpar, com significativo valor histórico e arquitetônico.



Figura 4.1 | Imagens do bairro Porto.
Prédios residenciais na Rua Almirante Barroso (a) e na Rua Benjamin Constant (b)
Fonte: fotos da autora, 2013.

4.1.1 Características arquitetônicas do bairro Porto

Existem diversos estilos arquitetônicos presentes no bairro Porto, oriundos das diferentes etapas de seu desenvolvimento ao longo dos anos. Esta pesquisa sintetizou, de modo geral e conforme a classificação de Schlee (2003, p.144), os estilos arquitetônicos presentes no bairro dividindo-os em três grupos, para fins de levantamento: (i) as edificações remanescentes do Primeiro Período Eclético (de 1850 a 1900), (ii) as provenientes do Segundo Período Eclético até o Primeiro Período Moderno (de 1900 a 1950), e (iii) os prédios do Período Moderno até os construídos nos dias atuais (a partir de 1950). Os principais atributos formais que caracterizam as construções de cada um dos três grupos são apresentados por Schlee (2003) e destacados por Portella (2003, p.91). São os seguintes:

(i) do Período Eclético: platibanda com balaústres, elementos de massa, estatuetas, pinhas, globos, frontões triangulares e curvos (às vezes com a data da construção); pilastras e/ou colunas com fuste liso ou canelado e elementos de ordens clássicas; cornijas, frisos e elementos com motivos florais ou geométricos; mirantes e cúpulas; sacadas de púlpito contínuas ou janelas de sacadas, em geral em ferro fundido; marcos de pedra, de alvenaria lisa ou trabalhada e/ou umbrais imitando pedra; bandeiras sobre portas e janelas; revestimento de argamassa lisa, trabalhada ou cimento penteado; cunhais; gateiras; proporções, simetria e modulação.

(ii) do Segundo Período Eclético até o Primeiro Período Moderno: platibandas cegas, na maioria; planos de fachadas definidos por linhas retas e/ou curvas; saliências e reentrâncias nas fachadas em linhas retas; uso de ferro, principalmente em muros e portões; esquadrias com menor altura e maior largura; redução do pé direito; eliminação do porão, na maioria dos casos.

(iii) do Período Moderno até os dias atuais: ausência de ornamentos; balcões de alvenaria em substituição às sacadas de ferro; lajes sobre as aberturas; planos de fachadas definidos por linhas retas; concreto aparente; aumento da largura das aberturas, que em alguns casos são panos de vidro. As construções pós-modernas, em Pelotas, não apresentam características formais específicas como os demais estilos. Em alguns casos, tendem a refletir traços da Arquitetura Moderna, ou ainda a propor releituras do estilo Eclético, por exemplo. Portanto, em relação a esse estilo, é considerado apenas o período de construção.

Assim como cada época possui sua cultura e estilo arquitetônico, cada estilo possui historicamente uma específica cultura cromática (AGUIAR, 2005, p.317 e NAOUMOVA, 2009, p.206).

4.1.2 Histórico do bairro Porto e área de recorte

Quando em plena atividade, o Porto de Pelotas (Figura 4.2) atraiu para o seu entorno a instalação de indústrias e equipamentos complementares (armazéns e depósitos, por exemplo), que se utilizavam das instalações portuárias.

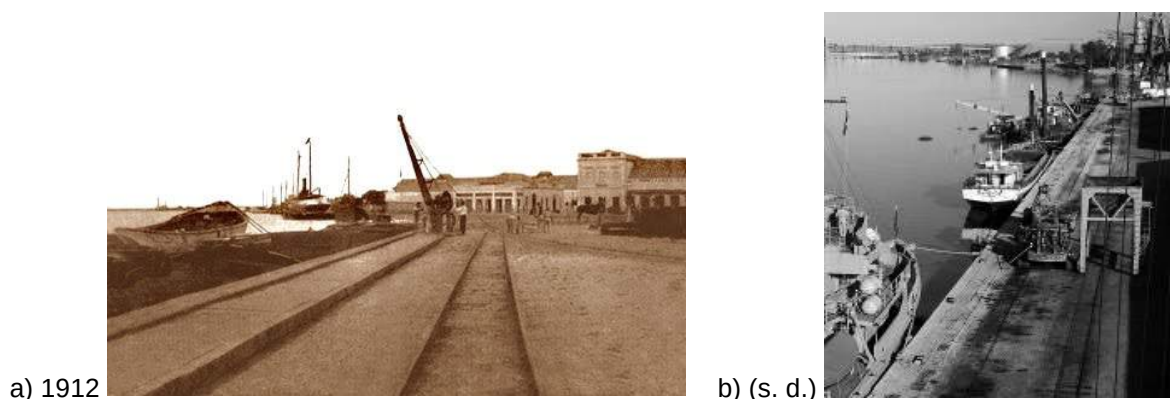


Figura 4.2 | Porto de Pelotas no início do século XX.

Fonte: a) <www.pelotascultural.blogspot.com.br> acesso em 05/09/2012; b) <<http://www.amigosdepelotas.com.br>> acesso em 05/08/2013.

O século XIX caracterizou-se por uma série de transformações em todos os setores da sociedade – cultural, territorial, urbano tecnológico, econômico, político e social. No final do século XIX e começo do século XX, com a industrialização aquecida, área do porto assumiu uma importante valorização urbana.

Formaram-se, ao norte da área portuária, núcleos residenciais de baixa renda, característicos do início da formação do proletário urbano (WEINER, 1992 apud POETSCH, 2002, p.99). Na segunda metade do século XX o porto da cidade começa o seu processo de estagnação. Foi o resultado de um processo de decadência econômica que teve início no começo dos anos 30, com a quebra do Banco Pelotense.

Hoje o Porto é uma das Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPCs) da cidade. Cada ZPPC corresponde à implantação de um dos primeiros loteamentos executados na cidade e o zoneamento foi definido de acordo com o processo de evolução urbana de Pelotas. Este zoneamento tem como objetivo manter a integridade de áreas da cidade com características históricas e culturais significativas para a identidade local. As figuras 4.3 e 4.4 mostram as zonas de preservação e o mapeamento dos imóveis inventariados e com tombamento municipal, estadual e federal. Como principal instrumento legal utilizado pelo poder público municipal para a preservação do patrimônio pelotense tem-se a Lei Municipal nº4568/00.

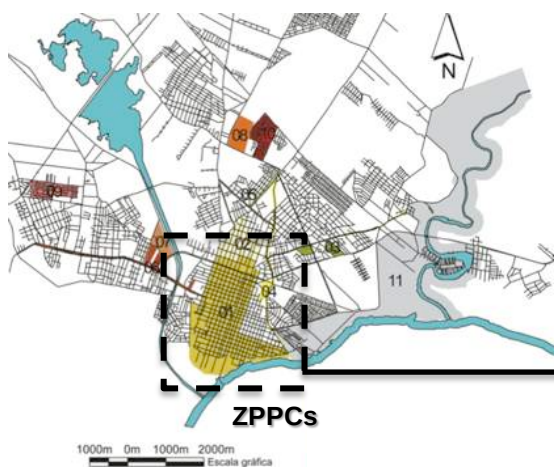
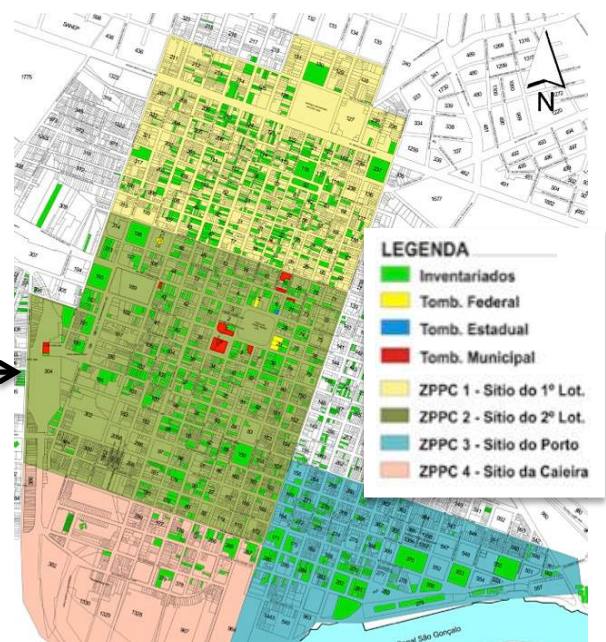


Figura 4.3 | Zoneamento da cidade segundo Plano Diretor Municipal (acima).

Figura 4.4 | Zonas de preservação e mapeamento dos imóveis inventariados e com tombamento municipal, estadual e federal.

Fonte: Secretaria Municipal da Cultura.



A área de estudo, que compreende grande parte da zona do Porto, está composta por vinte e quatro quadras (e as faces das quadras confrontantes destas) e é delimitada pelas ruas Almirante Barroso, Três de Maio, Dona Mariana e Benjamin Constant (Figura 4.5). A área investigada engloba a parte central do bairro e foi definida a partir das observações realizadas no local. Para tanto, levou-se em consideração as ruas onde havia maior incidência de prédios com relações cromáticas representativas, assim como a presença de prédios históricos de diversos estilos arquitetônicos.

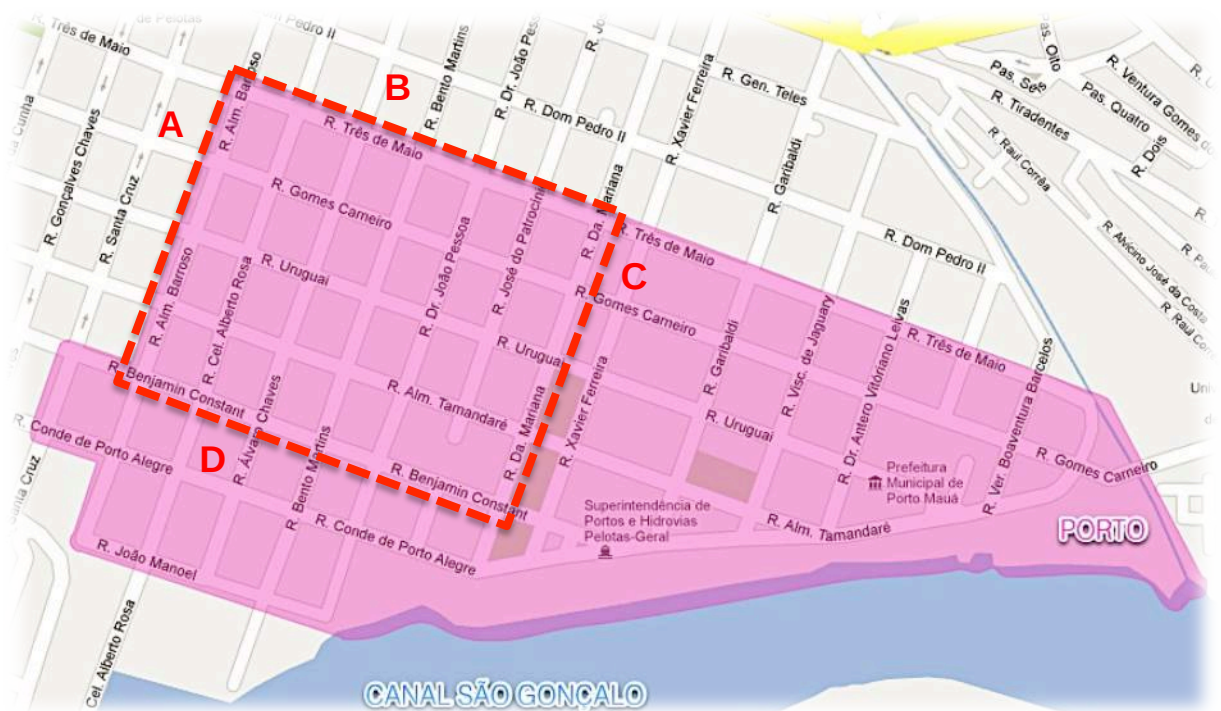


Figura 4.5 | Marcação do bairro Porto e área de recorte.

Fonte: da autora.

Legenda: Limites da área de recorte

- A** – Rua Almirante Barroso
B – Rua Três de Maio
C – Rua Dona Mariana
D – Rua Benjamin Constant

4.2 MÉTODO DE COLETA DE DADOS

Em pesquisas na área Ambiente–Comportamento são utilizados simultaneamente múltiplos métodos e técnicas de investigação. A coleta de diferentes tipos de informação sobre o mesmo fenômeno propicia contrabalanço adequado, sendo que as deficiências de uma técnica podem ser compensadas pelo

bom desempenho de outra. Isso aumenta a qualidade da pesquisa em termos de validade e confiabilidade dos resultados, diminuindo as chances de erro.

A coleta de dados consiste em dois tipos de levantamentos: (i) levantamento de arquivo e (ii) levantamento de campo.

4.2.1 Levantamento de Arquivo

Considerado o ponto de partida deste estudo, o levantamento de arquivo caracterizou-se pela busca de materiais e dados necessários para o desenvolvimento da etapa seguinte (levantamento de campo). Para isso foram analisadas informações a respeito da zona do Porto de Pelotas, consideradas importantes para a delimitação do recorte do estudo. Fizeram parte do levantamento de arquivo a obtenção de trabalhos já realizados na área do Porto (Capítulo 1, item 1.4) além de mapas relativos ao zoneamento da cidade e localização de seus prédios históricos.

4.2.2 Levantamento de Campo

O levantamento de campo foi realizado em duas etapas: (1) sobre os aspectos físicos (estudo exploratório das características das estruturas física e cromática existentes no bairro), e (2) aspecto avaliativo (investigação sobre a imagem do bairro percebida pelas pessoas). Ambos aspectos são contribuintes para a identidade do local.

4.2.2.1 Etapa I – estudo exploratório das peculiaridades das estruturas física e cromática existentes

Para desvendar a relação existente entre a estrutura física do bairro e sua estrutura cromática, e quais são as peculiaridades desse relacionamento, têm-se nesta etapa do levantamento de campo a observação das características físicas da área.

As observações foram realizadas pela pesquisadora *in loco* na área de recorte, onde foram considerados: (a) os usos atribuídos às edificações, (b) a altura dos prédios, (c) o seu estado de conservação, (d) o seu estilo arquitetônico e (e) as cores das fachadas.

a) Usos – Mapeamento da área conforme a Tabela 4.1:

Tabela 4.1 | relação dos tipos de uso encontrados na área de recorte.

Tipo de edificação	Destinação
Residencial (R)	Edificações com uso destinado exclusivamente à moradia.
Comercial (C)	Edificações com uso destinado ao comércio (ex: lojas, papelarias, padarias...).
Serviços (S)	Edificações com uso destinado à prestação de serviços (ex: salão de beleza, oficina mecânica...).
Misto (M)	Edificações que agregam os usos “residencial” e “comercial”/“serviço”.
Institucional (I)	Edificações com uso destinado à escolas, Universidades, igrejas, posto de saúde, clubes, creches...

Fonte: da autora.

- b) Altura das edificações – Mapeamento da área de acordo com a altura dos planos verticais. no caso do bairro porto, foram destacados seis tipos de alturas das edificações de acordo com o número de pavimentos (de 01 a 06 pavimentos).
- c) Estado de conservação – Mapeamento da área de acordo com o estado de conservação das fachadas: nível A – muito bom; nível B – razoável, nível C – ruim.

Tabela 4.2 | Caracterização dos níveis de avaliação do estado de conservação das edificações e exemplos no bairro dos diferentes estados de conservação considerados.

Nível	Nível A “muito bom”	Nível B “razoável”	Nível C “ruim”
Características	<ul style="list-style-type: none"> acabamento das paredes conservado ou novo pintura conservada ou nova esquadrias conservadas ou novas 	<ul style="list-style-type: none"> acabamento das paredes desgastado ou com falhas pintura desgastada ou com falhas esquadrias desgastadas 	<ul style="list-style-type: none"> acabamento das paredes deteriorado pintura totalmente desgastada esquadrias deterioradas
Exemplos			

Fonte: fotos da autora.

d) Estilo arquitetônico – Mapeamento da área de acordo com o estilo arquitetônico das edificações:

- E1 – Período eclético (de 1850 a 1900);
- E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950),
- E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

e) Estruturação cromática - Em relação à estrutura cromática, o mapeamento visa mostrar as relações cromáticas existentes, proporcionando uma visão geral da área de recorte, bem como identificar suas características predominantes posicionadas no espaço urbano. Em um primeiro momento foi realizado o mapeamento com a utilização de lápis de cor para a representação das cores nos mapas. Nesse levantamento inicial, foi levada em consideração a cor predominante de cada edificação (excluindo-se portanto a cor de detalhes, gradis, janelas, letreiros, etc). Após o mapeamento destas informações foi realizado um segundo levantamento cromático com o auxílio do colorímetro *NCS colour scan*. Desta vez foram realizadas até duas leituras por edificação, registrando a sua cor predominante (paredes) e, quando existente, a cor de seus detalhes. No caso do bairro Porto, a cor dos telhados não possui grande influência visual devido à presença de platibandas (que escondem os telhados) e também devido ao relevo plano da cidade, ficando assim fora dos levantamentos.

Foram desenvolvidas, a partir dos dados coletados, tabelas e paletas individuais das ruas (apresentadas nos apêndices de A a L), incluindo a paleta das paredes e a paleta dos detalhes construtivos, e a paleta geral do bairro (apresentada no Capítulo 5, item 5.1).

Para o arquivamento desta coleta de informações sobre a área, foram feitos mapas, tabelas e registros fotográficos do bairro. As fotografias foram captadas em vistas frontais e em perspectivas, a fim de possibilitar diferentes análises. O registro fotográfico foi também importante para os questionários, etapa seguinte da investigação. Os mapeamentos possibilitaram desvendar as particularidades do bairro e elucidar a posição das cores no espaço urbano, bem como relacionar as duas estruturas, física e cromática, entre si.

4.2.2.2 Etapa II – avaliativa

Para desvendar a avaliação das pessoas em relação ao bairro Porto, foi realizado um levantamento de dados por meio de questionários com material visual.

4.2.2.2.1 Questionários

O questionário é um método de coleta de dados considerado eficiente para desvendar a percepção e a avaliação das pessoas, assim como as diferenças e semelhanças na avaliação de determinados fatores entre diferentes grupos de indivíduos. Como complemento, foi fornecido material visual a fim estimular as respostas e o diálogo entre pesquisador e respondentes (SANOFF, 1991). A aplicação dos questionários ocorreu nas ruas do bairro. Sua aplicação teve como objetivo investigar o nível de interação dos grupos de usuários com o bairro quanto ao aspecto da percepção da sua identidade cromática. Previamente foi realizado um estudo-piloto com um pequeno grupo de respondentes, com o objetivo de ajustar o formato e o conteúdo das perguntas.

O questionário aplicado (apêndice M) constituiu-se de trinta e cinco perguntas no total. Dessas, vinte e seis eram perguntas fechadas, onde cinco continham alternativas de respostas correspondentes à escala de diferencial semântico. A escala adotada nesta pesquisa é de 5 pontos – considerada adequada quando se trabalha com amostras mínimas (30 respondentes por grupo) (Lay e Reis, 1995, p.20). Dez questões foram trabalhadas com base na Escala de Likert, escala de resposta psicométrica usada em questionários, onde os respondentes indicam o seu nível de concordância com uma determinada declaração por meio de uma escala ordinal (BERTRAM, s.d.). A escala utilizada nessas questões também é de cinco pontos. O questionário contou ainda com nove perguntas abertas, tendo em vista as questões qualitativas a serem abordadas.

4.2.2.2.1.a Variáveis investigadas no questionário

A *legibilidade* (compreendida como imagem forte do bairro pela presença de elementos físicos identificáveis na estruturação física e cromática, e em conjunto) e a *agradabilidade* foram investigadas no estudo com variáveis ligadas aos aspectos formais e cromáticos.

Legibilidade

Dentro dos aspectos formais, foram investigadas questões estruturais e locais. Pediu-se que os respondentes pensassem no bairro e respondessem

qual a rua, o lugar e o prédio que mais o caracterizam. Dentro dos aspectos cromáticos, perguntou-se o quanto consideram o bairro colorido e quais são as três cores que predominam no Porto.

As questões investigadas também incluíram aspectos referentes a *valor histórico*, *manutenção* dos prédios e *destaque percebido* no bairro em relação às outros locais da cidade. Nessas questões, onde o respondente deveria marcar o quanto concordava com as sentenças, foram feitas as quatro seguintes afirmações: (i) O Porto é um bairro antigo, tem muitas casas de valor histórico; (ii) No bairro Porto há muitas casas com pintura nova; (iii) A maioria das casas do bairro tem sua pintura bem conservada; e (iv) As cores presentes nas ruas do bairro são diferentes dos outros lugares da cidade. Por fim, foi questionado aos respondentes se consideravam o bairro Porto mais colorido do que outros locais da cidade e pediu-se que escrevessem uma palavra que o definisse.

Agradabilidade

Quanto à *agradabilidade*, foi pedido aos respondentes para que indicassem, numa escala de cinco pontos, o quão agradável consideram o bairro como um todo e quais seriam os locais mais agradáveis e mais desagradáveis do Porto. Quanto à *agradabilidade* ligada a aspectos cromáticos, perguntou-se sobre a contribuição das cores das casas para a aparência agradável do bairro.

Em relação à *agradabilidade* e *satisfação*, foi questionado qual o nível de satisfação dos respondentes em relação a aparência visual dos prédios do bairro, e quão bonitos estes prédios se parecem – justificando a resposta se por seu estilo, seus ornamentos, materiais, cores utilizadas, altura ou estado de conservação. Foi investigada a relação entre o nível de satisfação e a beleza dos prédios.

A apresentação do material visual no questionário tinha como finalidade confirmar as preferências dos respondentes, pedindo-lhes que escolhessem as três imagens que consideravam mais bonitas em termos de pintura das edificações.

Nas questões onde o respondente deveria marcar o quanto concordava com as sentenças, foram feitas as cinco seguintes afirmações: (i) O bairro é muito interessante. As suas ruas proporcionam uma grande variedade de visuais e cores;

(ii) O bairro é muito monótono em termos de cor. As casas do bairro parecem todas iguais; (iii) A pintura com cores fortes combina melhor com os prédios do bairro; (iv) A pintura com cores pálidas e neutras combina melhor com os prédios do bairro; e (v) As mudanças que estão acontecendo no bairro com a vinda da Universidade são positivas. Por fim, questionou-se sobre o que as pessoas mudariam em termos de cor no bairro Porto.

4.2.2.2.1.b Seleção e classificação do material visual

O material visual (Apêndice N) reflete a realidade do bairro e como a cor se apresenta em seu espaço urbano. Os critérios de escolha das imagens, em relação aos aspectos físicos, foram: 1) predomínio de edificações de caráter residencial, 2) edificações localizadas tanto em esquinas, quanto no meio das quadras, e 3) alturas das edificações. Em relação aos aspectos cromáticos, os critérios para definição das imagens, foram: 1) aspectos cromáticos gerais, incluindo três tipos de relação entre fundo e detalhes (detalhes mais claros que as paredes, detalhes na cor das paredes e detalhes mais escuros que as paredes); e 2) aspectos cromáticos individuais, como (a) tipo de contraste presente nos prédios, (b) grau de saturação e (c) gama cromática predominante (cores quentes ou frias). Estas questões interferem na complexidade e interesse.

De acordo com os critérios citados, foram selecionadas dezoito cenas com fachadas representativas do bairro. As fachadas foram representadas em perspectiva e apresentadas em uma prancha no formato A3, impressa na versão colorida e com alta qualidade. A identificação das imagens ocorreu por meio de letras do alfabeto, de A até R (Apêndice O).

4.2.2.2.1.c Seleção dos grupos de respondentes

A fim de investigar a identidade do lugar, subdividida em (i) identidade vivida – ligada a um processo de reconhecimento por parte das pessoas para com o lugar onde vivem, e (ii) identidade percebida – onde não há o sentimento de ligação com o lugar, a amostra foi dividida em dois grupos de respondentes: (1) moradores do bairro e (2) transeuntes.

A abordagem aos respondentes foi feita de forma aleatória, quando procurou-se interpelar pessoas que estavam sentadas (sozinhas ou em pequenos grupos) em frente às suas casas – de forma que estariam mais confortáveis para responder ao questionário.

Para criar um perfil dos respondentes mais completo, foram reunidos dados sobre faixa etária, gênero, nível de escolaridade e profissão. Aos moradores do bairro Porto, foi perguntado seu tempo de residência no local, se mora em casa própria e se gosta de morar no bairro. Aos transeuntes foi pedido que escrevessem seu principal trajeto no bairro, ou os lugares que mais frequentam na área. Também foi questionada a frequência com que visitam o bairro e se gostariam de morar ali. A distribuição da faixa etária e gênero por grupo de respondentes está na tabela 4.3, e o perfil profissional dos respondentes na tabela 4.4 a seguir:

Tabela 4.3 | Distribuição da faixa etária e gênero por grupo de respondentes.

faixa etária	moradores			transeuntes		
	feminino	masculino	total	feminino	masculino	total
18-30 anos	9 (29%)	7 (22,6%)	16 (51,6%)	11 (34,4%)	9 (28,1%)	20 (62,5%)
31-59 anos	8 (25,8%)	5 (16,2%)	13 (42%)	7 (21,9%)	4 (12,5%)	11 (34,4%)
+ 60 anos	1 (3,2%)	1 (3,2%)	2 (6,4%)	1 (3,1%)	0 (0%)	1 (3,1%)
total	18 (58%)	13 (42%)	31 (100%)	19 (59,4%)	13 (40,6%)	32 (100%)

Fonte: da autora.

Tabela 4.4 | Perfil profissional dos grupos de respondentes.

Profissão	TRANSEUNTES	MORADORES
Estudante	13 (40,6%)	12 (38,7%)
Arquiteto e Urbanista	5 (15,6%)	1 (3,2%)
Assistente Administrativo	2 (6,25%)	3 (9,7%)
Artista Plástico	2 (6,25%)	-
Servidor Público, Professor	2 (6,25%)	1 (3,2%)
Técnico Informática, Consultor em acústica	2 (6,25%)	-
Vendedor, Manicure	1 (3,1%)	4 (12,9%)
Advogado, Bancário	2 (6,25%)	2 (6,45%)
Publicitário, Tradutor editorial	-	2 (6,45%)
Enfermeira, Fonoaudiólogo, Psicólogo	1 (3,1%)	2 (6,45%)
Dona de casa, Aposentado	-	2 (6,45%)
Não respondeu	2 (6,25%)	2 (6,45%)
TOTAL	32 (100%)	31 (100%)
TOTAL DA AMOSTRA = 63 respondentes		

Fonte: da autora.

4.3 MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados tem como objetivo relatar, interpretar e explicar os dados coletados a fim de que respondam à pergunta de pesquisa e testem as hipóteses formuladas. Nas duas etapas da pesquisa foram utilizados diferentes métodos de análise de dados.

Quanto à primeira etapa da pesquisa, todos os levantamentos foram catalogados e digitalizados em forma de tabelas e gráficos (Apêndices A a L). De posse desses dados, foi possível revelar características específicas e traçar um perfil geral do bairro e de suas especificidades quanto ao seu aspecto físico.

Quanto à segunda etapa, para análise das respostas dos questionários, foram realizados testes estatísticos não-paramétricos. A adoção desse tipo de teste fundamentou-se nas argumentações de Van Dalen (1979) e Siegel (1956) que afirmam que os métodos estatísticos paramétricos não podem ser utilizados com escalas nominais ou ordinais – caso desta pesquisa, mas somente em escalas numéricas. Os dados provenientes da aplicação dos questionários foram sistematizados no programa computacional SPSS/PC (Statistical Package for Social Sciencies). Os testes estatísticos realizados foram: frequências, Chi-square, Mann Whitney e correlação Spearman, que aponta a força e a direção da relação entre variáveis.

Para a visualização dos dados mais relevantes, foram elaboradas tabelas e gráficos. Para a análise das correlações foram considerados os seguintes intervalos (adaptados da categorização de Rowntree, 1981): $(0 < \text{coef.} \leq 0,3)$ = correlação fraca; $(0,3 < \text{coef.} \leq 0,5)$ = correlação média; $(0,5 < \text{coef.} \leq 0,7)$ = correlação forte; $(0,7 < \text{coef.} \leq 0,9)$ = correlação muito forte; e $(0,9 < \text{coef.} \leq 1)$ = correlação excepcional.

No capítulo seguinte são apresentadas as análises dos dados e os resultados obtidos, verificando se as hipóteses investigadas são sustentadas.

CAPÍTULO 5 | RESULTADOS

Neste capítulo apresentam-se-se os resultados obtidos e as análises das hipóteses apresentadas.

5.1 Etapa I - estudo exploratório das características das estruturas física e cromática existentes

Para realizar este estudo, primeiramente foi feita a análise do mapa cromático do bairro em conjunto com os mapas temáticos de usos, de altura das edificações, de estilo arquitetônico e de estado de conservação das edificações, relacionando-os com o mapeamento da cor.

a) análise do mapa cromático

Como já mencionado (no item 4.2.2.1, Capítulo 4), o mapeamento da cor mostra as relações cromáticas existentes posicionadas no espaço urbano. Para traçar um perfil cromático exato da área, o mapeamento foi realizado com base no sistema *Natural Colour System*. Este levantamento foi feito com o auxílio do *NCS colour scan* – que gera um código referente a cada leitura, que por sua vez corresponde às cores existentes no sistema. Levou-se em consideração a cor da edificação e a cor de seus detalhes (somando duas leituras por prédio), sendo possível identificar como a cor está sendo aplicada nas fachadas (paredes e detalhes) (Figura 5.1). A partir deste mapeamento, foi possível desenvolver as paletas de cada rua (apêndices de A a L), bem como a paleta do bairro, expressa na Figura 5.2, que mostra o perfil cromático qualitativo da área de recorte, evidenciando todos os matizes encontrados nas paredes e detalhes de suas edificações.

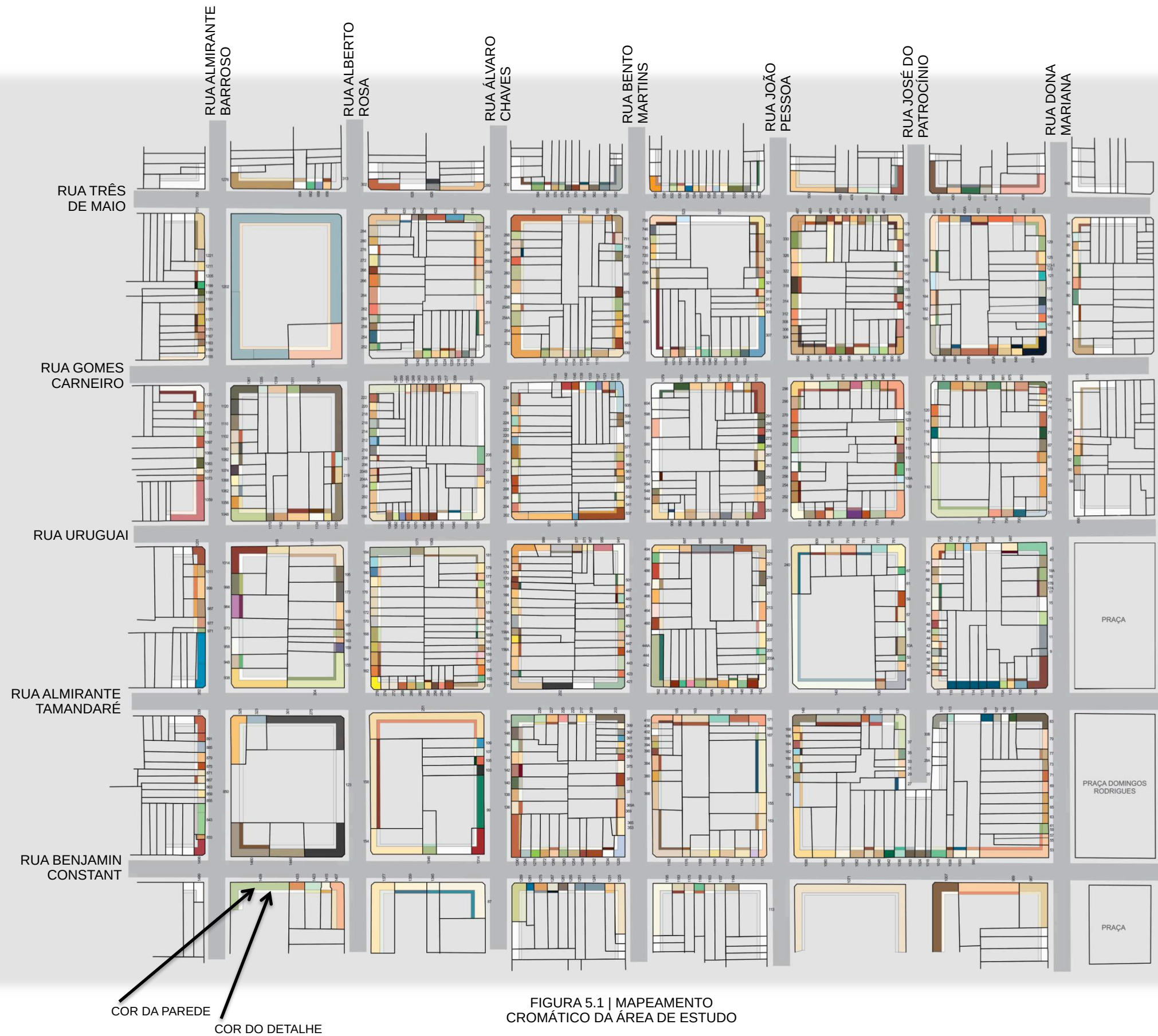


FIGURA 5.1 | MAPEAMENTO CROMÁTICO DA ÁREA DE ESTUDO



Figura 5.2 | Paletas gerais do bairro: a) paleta das paredes, b) paleta dos detalhes.
Fonte: da autora.

O levantamento quantitativo de matizes apresentado na Figura 5.3 indica que apesar da aparência multicolorida, os tons de bege estão entre os que ainda predominam nas fachadas no bairro, aparecendo tanto na paleta das paredes como na dos detalhes. Nas paredes, os tons de laranja e salmão também se destacam. Nos detalhes, além dos tons de bege, o marrom e o branco também aparecem em quantidades significativas.

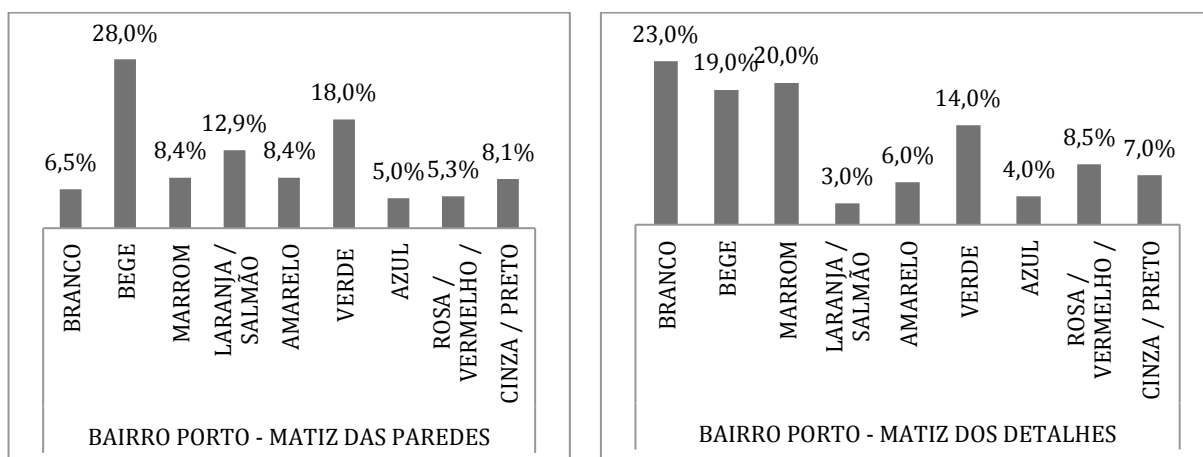


Figura 5.3 | Gráfico referente ao levantamento dos matizes.
Fonte: da autora.

As paletas individuais de cada rua (apêndices de A a L) revelam a peculiaridade cromática das vias que compõem a paleta geral do bairro. A relação dos matizes predominantes em cada rua e outras contatações quanto às paletas estão na tabela 5.1.

Tabela 5.1 | Análise das paletas individuais.

RUA	MATIZES PREDOMINANTES	OUTRAS CONSTATAÇÕES
Três de Maio (apêndice A, fig. A.2)	PAREDES: beges DETALHES: branco	Paletas (parede e detalhes) muito diversificadas, com predomínio de matizes com grau de saturação baixo.
Gomes Carneiro (apêndice B, fig. B.2)	PAREDES: beges e verdes DETALHES: beges e marrons	Paletas (parede e detalhes) muito diversificadas, com predomínio de matizes com grau de saturação baixo e médio.
Uruguai (apêndice C, fig. C.2)	PAREDES: beges DETALHES: beges e brancos	Paleta das paredes diversificada, com predomínio de matizes com grau de saturação baixo.
Tamandaré (apêndice D, fig. D.2)	PAREDES: beges e verdes DETALHES: marrons e brancos	Paleta das paredes diversificada, com presença de matizes com graus variados de saturação.
Benjamin Constant (apêndice E, fig. E.2)	PAREDES: beges DETALHES: beges, marrons e brancos	Paleta das paredes diversificada, com predomínio de matizes com grau de saturação baixo. Pouca presença de azuis.
Almirante Barroso (apêndice F, fig. F.2)	PAREDES: beges e verdes DETALHES: beges, marrons e brancos	Paleta das paredes diversificada, com presença de matizes com variados graus de saturação. Pouca presença de azuis.
Alberto Rosa (apêndice G, fig. G.2)	PAREDES: beges e verdes DETALHES: marrons e brancos	Paletas (parede e detalhes) muito diversificadas, com predomínio de matizes com grau de saturação baixo.
Álvaro Chaves (apêndice H, fig. H.2)	PAREDES: salmão, beges e verdes DETALHES: beges e verdes	Paletas (parede e detalhes) muito diversificadas, presença de matizes com variado grau de saturação, com predomínio de matizes com grau de saturação baixo.
Bento Martins (apêndice I, fig. I.2)	PAREDES: beges e verdes DETALHES: beges	Paleta das paredes muito diversificada entre os laranjas. Paleta dos detalhes com presença de matizes com grau de saturação alto.
João Pessoa (apêndice J, fig. J.2)	PAREDES: amarelos, beges e verdes DETALHES: marrons, brancos e beges	Paleta das paredes muito diversificada entre os laranjas. Paleta dos detalhes com a presença de matizes com grau de saturação alto.
José do Patrocínio (apêndice K, fig. K.2)	PAREDES: beges DETALHES: marrons	Paleta das paredes diversificada, com predomínio de matizes com saturação baixa.
Dona Mariana (apêndice L, fig. L.2)	PAREDES: beges DETALHES: beges e brancos	Paleta com pouca variação e predomínio de matizes com saturação baixa.

b) análise do mapa de usos e sua relação com a estrutura cromática:

O uso residencial é característica marcante da área de recorte desta pesquisa, onde mais de 85% das edificações abrigam esse uso. Pela expressiva presença, o posicionamento destas edificações se dá em todas as partes do quarteirão – tanto em esquinas quanto em meio de quadras, tanto em ruas de maior movimento quanto em ruas mais tranquilas. Já a presença de comércio e serviços é pontual na área de recorte, sendo que a oferta de serviços (8,83%) se sobrepõe ao comércio (1%). O uso misto – que caracteriza-se por agregar moradia e comércio/serviço – aparece timidamente na área de recorte, somando apenas 2% do total. O posicionamento destas edificações em relação ao quarteirão, nessa área, é aleatório, ou seja, não há um padrão. Cabe salientar que, em relação ao baixo percentual de edificações com esses usos (comércio e serviços), é possível

observar a grande ocupação em (e próximo de) esquinas. As edificações com uso institucional aparecem de forma marcante na área de recorte, se comparada a outros bairros da cidade. O número expressivo desses prédios (3%) se justifica devido a presença de escolas e instalações da UFPel no bairro. Na maior parte das vezes esses prédios ocupam grandes extensões do quarteirão. A maior presença deste uso está nas ruas de maior movimento (Amirante Barroso, Benjamin Constant e Cel. Alberto Rosa) (Figuras 5.4 e 5.5).

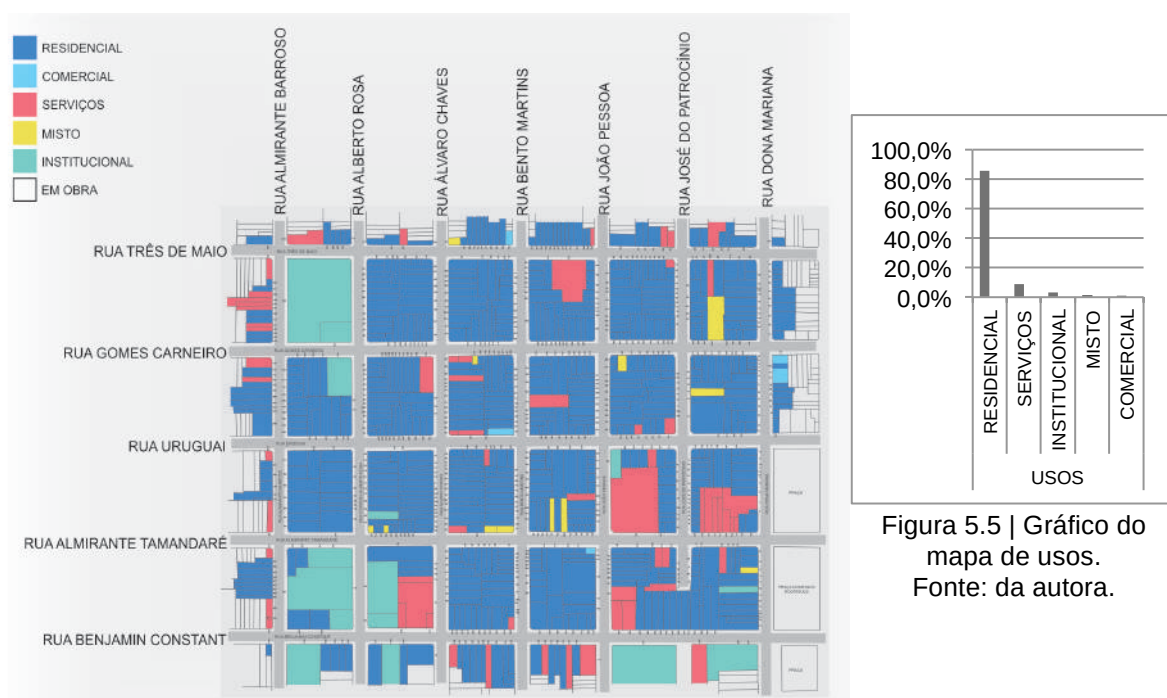


Figura 5.4 | Mapa de usos.
Fonte: da autora.

Figura 5.5 | Gráfico do mapa de usos.
Fonte: da autora.

A maioria dos prédios do bairro é de caráter residencial, sendo assim, a cor aparece principalmente nesse uso. Isso pode ser observado na paleta (Figura 5.6) referente aos prédios com usos diversos (com exceção do uso residencial). Se comparada à paleta geral do bairro, percebe-se a forte contribuição de cor vinda das paredes das residências. Tal fato deve-se às ações de pintura das fachadas realizadas pelas pessoas que alí vivem. Esse diferencial contribui para que os prédios de uso comercial e de serviços pareçam perfeitamente integrados ao seu entorno (por exemplo, o “Gato Gordo Café”, Figura 5.7).

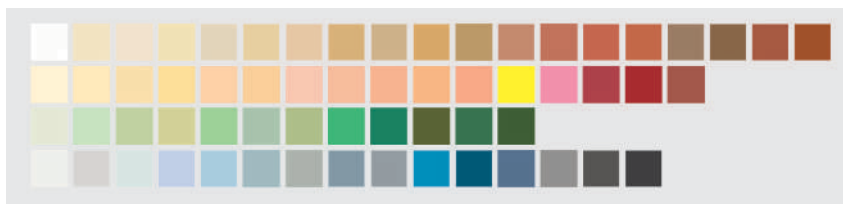


Figura 5.6 | Paleta referente às edificações com usos diversos na área de recorte, com exceção do uso residencial.

Fonte: da autora.



Figura 5.7 | "Gato Gordo Café". a) visão geral da quadra; b) fachada do prédio.

Fonte: fotos da autora, 2012 e 2013.

As edificações destinadas ao uso institucional apresentam pintura mais discreta (com tons menos saturados) que os demais usos levantados. Tem-se como exemplo o prédio do Campus II da Universidade Católica de Pelotas, o prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas e o prédio do Colégio Estadual Félix da Cunha (Figura 5.8).



Figura 5.8 | Exemplos dos matizes usados em instituições de ensino no bairro Porto: a) Campus II da UCPel; b) FAUrb, UFPel; e c) Colégio Estadual Félix da Cunha.

Fonte: fotos da autora, 2013.

c) análise do mapa de altura das edificações e sua relação com a estrutura cromática:

A área de recorte caracteriza-se pela expressiva presença de edificações de um pavimento (73,16%), o que demonstra a baixa densidade populacional da área. Observa-se também um número significativo de prédios de dois pavimentos (22,83%), enquanto edificações de três, quatro, cinco e seis pavimentos aparecem

apenas pontualmente na área de recorte (com 1,41%, 2,25%, 0,25% e 0,16%, respectivamente) (Figuras 5.9 e 5.10).

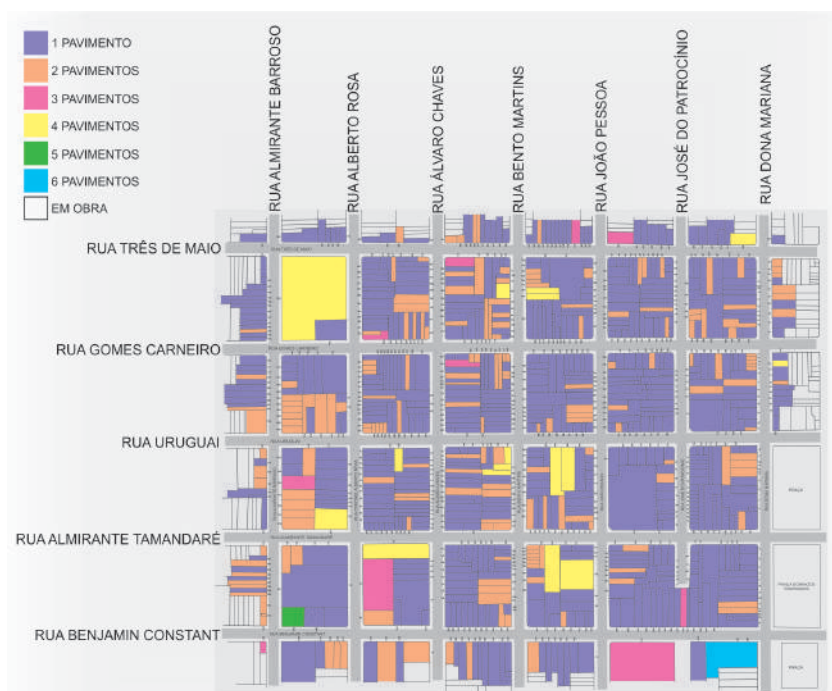


Figura 5.9 | Mapa de altura das edificações.
Fonte: da autora.

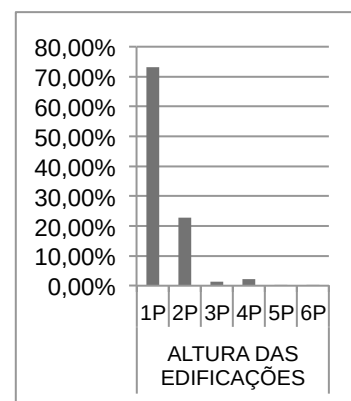


Figura 5.10 | Gráfico do mapa de altura das edificações.
Fonte: da autora.

Nota-se que a cor está presente nas edificações de um e dois pavimentos (de usos residenciais, predominantemente). Nos prédios mais altos (acima de três pavimentos) encontra-se exemplos onde a cor foi usada com mais moderação – com algumas exceções (por exemplo, o prédio violeta da Rua Almirante Barroso, Figura 5.11). Isso pode ser observado na paleta (Figura 5.12) referente às edificações de diferentes alturas (com exceção dos prédios de um e dois pavimentos), comparando-a à paleta geral do bairro. Logo, entende-se que a cor está mais presente nas residências do bairro (um e dois pavimentos, em geral), oriundas das ações de pinturas realizadas pelos moradores e proprietários.



Figura 5.11 | Exemplos de edificações de quatro pavimentos presentes no bairro.
Destaque para o prédio violeta na Rua Almirante Barroso.
Fonte: fotos da autora, 2013

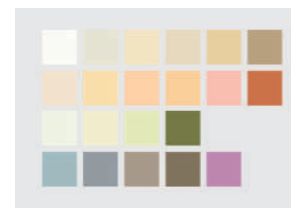


Figura 5.12 | Paleta referente às edificações de diferentes alturas da área de recorte, com exceção dos prédios de 1 e 2 pavimentos.
Fonte: da autora.

d) análise do mapa de estado de conservação das fachadas e sua relação com a estrutura cromática:

Dentro da área de recorte, a maior parte das fachadas (54,5%) foi classificada como nível A, ou seja, está com seu estado de conservação “muito bom”. Outra grande parte das fachadas dessa área (34,4%) obteve nível B, ou seja, possuem um estado “razoável” de conservação. Observa-se um número significativo de fachadas classificadas em nível C (11,1%) – estado de conservação considerado “ruim” (Figuras 5.13 e 5.14).

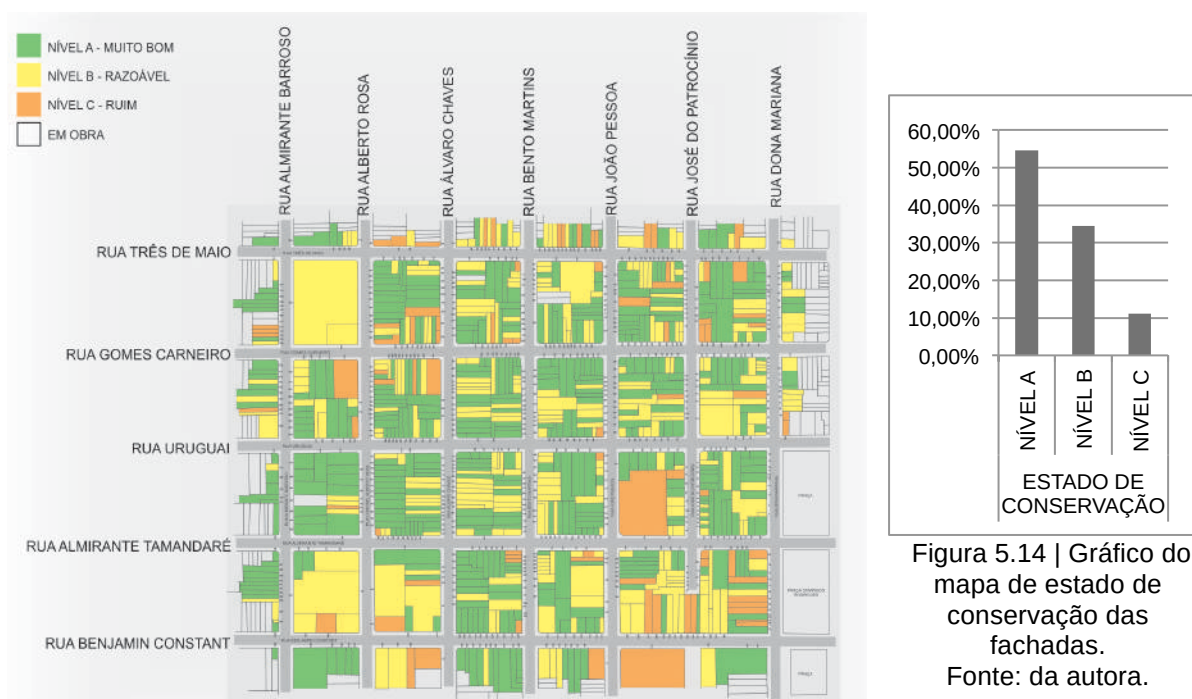


Figura 5.13 | Mapa de estado de conservação das fachadas.

Fonte: da autora.

Figura 5.14 | Gráfico do mapa de estado de conservação das fachadas.

Fonte: da autora.

Comparando esses dados com o estudo realizado anteriormente, no Atelier Sirchal em 2002 (ver Capítulo 1, item 1.4), observa-se que houve mudanças na imagem do bairro. Foi apontado que, à época, a grande maioria das edificações do bairro apresentava mau estado de conservação. Tal situação foi creditada ao fato de, também à época, grande parte dos moradores serem locatários, e por isso, a manutenção das fachadas poderia não ser algo prioritário – além de estarem inseridas num bairro desvalorizado. Conforme os levantamentos da pesquisa em questão, essa realidade mudou. Dentro da área de recorte, o predomínio é de edificações consideradas bem conservadas. Fato que evidencia o novo ritmo de vida

do bairro, e que pode ser atribuído às renovações feitas através da pintura das fachadas.

e) Análise do mapa de estilos arquitetônicos e sua relação com a estrutura cromática:

Para o mapeamento de estilos arquitetônicos, a divisão de períodos foi organizada da seguinte forma: E1 – Primeiro Período Eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo Período Eclético (de 1900 a 1950); e E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950). Em relação aos estilos arquitetônicos mapeados, há um predomínio de edificações construídas do Período Moderno até hoje (E3), com mais de 49% do total. Porém, as edificações com linguagem formal do Segundo Período Eclético (E2) também tem presença marcante no bairro, aparecendo na área de recorte em 46,8% das edificações. As construções do Primeiro Período Eclético (E1) aparecem pontualmente na área estudada com 3,75% do total (Figuras 5.15 e 5.16).

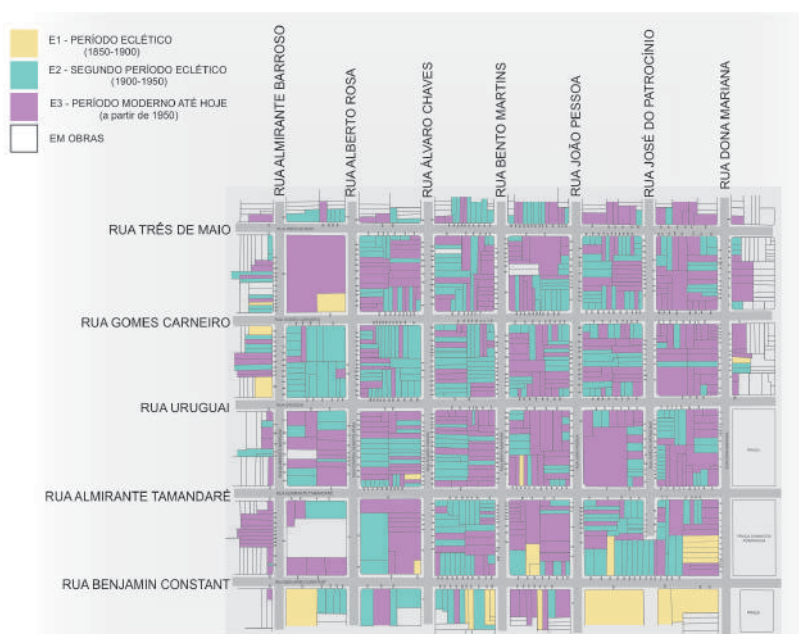


Figura 5.15 | Mapa do estilo das edificações.
Fonte: da autora.

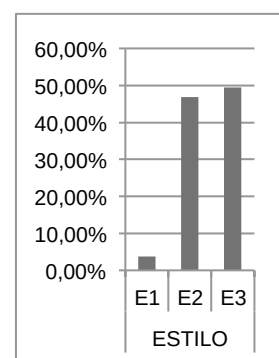


Figura 5.16 | Gráfico do mapa de estilo das edificações.
Fonte: da autora.

Observou-se que a utilização da cor nas fachadas nem sempre respeita as tipologias cromáticas históricas características de cada estilo. Tal fato pode comprometer a leitura original desses prédios, dando margem à diversas interpretações de sua forma. Estruturas cromáticas de várias escalas estão

presentes no bairro, construindo assim a imagem de uma policromia irregular frente à regularidade da forma do bairro (exemplos na Figura 5.17).



Figura 5.17 | Exemplos do uso na cor nos diferentes estilos de edificações do bairro.

Fonte: fotos da autora, 2012 e 2013.

Observou-se que a implantação dos centros educacionais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em antigas áreas de ocupação econômica, trouxe novo dinamismo ao local. Uma nova população flutuante, vinculada à Universidade, é uma das responsáveis pelo surgimento, no entorno dos seus prédios, de papelarias, bares, restaurantes, cafés e outras atividades relacionadas ao público estudantil (Figura 5.18).



Figura 5.18 | Exemplo de edificações com uso destinado ao público estudantil no bairro: a) e b) papelarias e xerox; c) bar Papuera.

Fonte: fotos da autora, 2013.

Por meio dos levantamentos realizados, foi possível observar na área de recorte, o início de um fenômeno cromático identitário. Diversas edificações possuem fachadas cuidadosamente pintadas, ora formando nuances cromáticas com as edificações vizinhas, ora compondo mosaicos coloridos com seu entorno imediato. Tais relações cromáticas, oriundas de atividades isoladas de pintura e manutenção das fachadas (realizadas por seus proprietários e moradores),

começam a compor uma nova imagem do bairro. O levantamento cromático mostrou que, embora em menor número, a presença das cores marcantes (como o vermelho, por exemplo) é suficiente para a construção de uma nova imagem cromática do bairro. E, ainda que a presença da cor seja fortemente notada, os tons de bege e verde estão entre os que ainda predominam no bairro.

É possível afirmar que a cor está expressivamente presente tanto nos usos residenciais quanto nos demais usos levantados. Muitas vezes, por isso, tem-se a sensação de homogeneidade. Quanto à altura das edificações, pode-se afirmar que a cor está presente principalmente nos prédios de 1 pavimento, tendo em vista sua expressiva presença no bairro. De acordo com o levantamento sobre o estado de conservação das fachadas, têm-se o predomínio de edificações consideradas muito bem conservadas, o que remete às renovações feitas através da pintura das fachadas (tendo em vista que trabalhos anteriores mostravam uma outra realidade). Em relação aos estilos arquitetônicos presentes no bairro, observou-se que a aleatoriedade na utilização da cor nas fachadas pode por vezes desrespeitar as tipologias cromáticas históricas características de cada estilo. Além disso, existem estruturas cromáticas de várias escalas no bairro, construindo assim a imagem de uma policromia irregular.

Como o bairro apresenta uma estrutura regular, tanto no seu traçado como no tipo de ocupação dos lotes (construções em fita, na sua maioria), pode-se afirmar que a suposição de Efimov (ver Capítulo 2, item 2.3) sobre a relação entre forma e cor (e, noutra escala, sua relação com o meio urbano), que diz que uma estrutura rígida pressupõe uma coloração mais homogênea, não acontece nesse bairro. Isso mostra a peculiaridade dessa área. Existem relações cromáticas específicas no Porto que mostram a sua linguagem visual em termos de paletas e estruturação cromática.

Conclui-se que o bairro possui uma dimensão cromática identitária. Tal fato é reflexo da relação que se estabelece entre a identidade pessoal das pessoas que vivem no bairro e o ambiente que as circunda. As residências deixam de ser apenas edificações para serem representantes, em suas paredes externas, de valores, símbolos e tendências cromáticas. Isso enfatiza a importância do ambiente no fornecimento de um sentido de continuidade aos indivíduos, tendo papel

fundamental na formação e manutenção de sua identidade pessoal. No caso do bairro Porto, a cor passa a ser a manifestação física da autenticidade do lugar, uma manifestação desse tempo.

5.2 Etapa II – avaliativa

5.2.1 hipótese 1: A estrutura cromática do bairro contribui significativamente para a legibilidade do bairro.

Inicialmente, para investigar qual a legibilidade do bairro em relação aos seus elementos identificáveis, pediu-se, na questão 1, que os respondentes pensassem no bairro e respondessem qual a rua, o lugar e o prédio que mais o caracterizavam. A Tab. 5.2 mostra os resultados dessa avaliação.

Tabela 5.2 | Compilação das respostas da questão 1:

1 – Pense no bairro Porto e responda: qual a rua, o lugar e o prédio que você acha que mais caracterizam o bairro?								
a) rua:	número de citações		b) lugar:	número de citações		c) prédio:	número de citações	
	T	M		T	M		T	M
Benjamin Constant	15 (47%)	9 (29%)	Quadrado	20 (62,5%)	14 (45%)	ICH	11 (34,4%)	2 (6,4%)
			Praça da Alfândega	4 (12,5%)	3 (10%)	Antiga fábrica da Brahma	4 (12,6%)	1 (3,3%)
Alberto Rosa	8 (25%)	7 (23%)	Entorno do ICH	3 (9,5%)	-	Igreja do Porto	3 (9,4%)	11 (35%)
			Porto	2 (6,2%)	5 (16,1%)	Antiga Alfândega	3 (9,4%)	7 (22,6%)
Almirante Barroso	5 (16%)	7 (23%)				Antiga Fábrica de tecidos	1 (3,1%)	1 (3,3%)
			FAUrb	1 (3,1%)	-	Anglo	1 (3,1%)	-
			Tamandaré	2 (6%)	5 (16%)	Anglo	-	1 (3,2%)
FAUrb	1 (3,1%)	1 (3,3%)						
Uruguai	1 (3%)	-	Casa da Prece	-	2 (6,45%)	Cotada	1 (3,1%)	4 (12,9%)
						Galpões do Porto	1 (3,1%)	-
Gomes Carneiro	1 (3%)	1 (3%)	Feira	-	1 (3,2%)	Galpões em frente ao ICH	-	1 (3,3%)
						Colégio Benjamin x Barroso	1 (3,1%)	-
			Antiga Alfândega	-	2 (6,45%)	Casa Benjamin x Bento Martins	1 (3,1%)	-
			D. Mariana	-	1 (3%)	Bares	-	1 (3,2%)
Santa Cruz	-	1 (3%)						
			Bar do Zé	1 (3,1%)	-			
Não respondeu	-	-	Não respondeu	2 (6,2%)	1 (3,2%)	Não respondeu	2 (6,3%)	1 (3,3%)
TOTAL	32 (100%)	31 (100%)	TOTAL	32 (100%)	31 (100%)	TOTAL	32 (100%)	31 (100%)

LEGENDA: T=transeuntes, M=moradores

Tanto para moradores quanto para transeuntes, a rua mais fortemente lembrada é a Benjamin Constant. A rua caracteriza-se por ser ampla e arborizada, possuir tráfego de veículos em ambos os sentidos e cortar o bairro no sentido leste – oeste. Possui prédios em estilos diversos arquitetônicos e com bom estado de conservação (Figura 5.19).



Figura 5.19 | Imagens da rua Benjamin Constant, mais citada na questão 1:
Fonte: fotos da autora, 2013.

Transeuntes e moradores concordaram, em sua maioria, que o lugar que mais caracteriza o bairro é o “Quadrado”, antigo atracadouro localizado ao final da Rua Alberto Rosa, utilizado com área de lazer. É comum encontrar em seu entorno pessoas apreciando a vista do canal São Gonçalo, tomando chimarrão ou pescando (Figura 5.20).

Quanto aos prédios considerados mais característicos do bairro, o Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFPel foi o mais citado pelos transeuntes. Isso provavelmente deve-se ao fato de que boa parte dos transeuntes frequentam o bairro para dirigir-se à faculdade. Já os moradores indicaram que a Igreja do Porto caracteriza mais fortemente o bairro (Figura 5.21). A igreja é um marco visual do bairro, pelo seu uso (diferente de todos os outros, dentro do bairro residencial), pela sua forma (grande altura e ocupação quase total de um grande lote), e pela sua posição na quadra (esquina das ruas Alberto Rosa e Gomes Carneiro) – ligado com o significado sintático (Capítulo 3, item 3.2.3). Appleyard (1969, p.136) alega que esses fatores contribuem para a edificação parecer singular e, assim, reforçam seu significado.



Figura 5.20 | Quadrado, local mais citado na questão 1

Fonte:

<<http://pelotascultural.blogspot.com.br/2013/05>> acesso em 3/3/2014.



a)



b)

Figura 5.21 | Imagens dos prédios mais citados na questão 1: a) ICH, b) Igreja do Porto.

Fonte: fotos da autora, 2013.

Pediu-se que os respondentes escrevessem uma palavra que, para eles, definisse o bairro Porto. Uma grande diversidade de respostas foram citadas. Entre os transeuntes, palavras como “tranquilidade”, “histórico” e “potencial” foram as que mais se repetiram. Entre os moradores, as palavras “antigo” e “histórico” foram as mais citadas (Tabela 5.3 e Figura 5.20). Isso mostra que boa parte dos respondentes (29% de moradores e 15,6% de transeuntes) tendem a perceber o significado histórico do bairro como aspecto identitário.

Tabela 5.3 | Compilação das respostas da questão 15:

15 – Escreva uma palavra que, para você, define o bairro Porto:		
Palavra utilizada	número de citações	
	TRANSEUNTES	MORADORES
familiar	-	3 (9,7%)
deteriorado, desbotado	2 (6,25%)	2 (6,45%)
arquitetura, histórico, patrimônio, antigo	5 (15,62%)	9 (29,0%)
velho, pobre	1 (3,15%)	1 (3,25%)
inseguro, perigoso	2 (6,25%)	-
atirado, esquecido	1 (3,15%)	1 (3,25%)
faculdade, estudantes	2 (6,25%)	3 (9,7%)
bonito, beleza	1 (3,15%)	2 (6,45%)
triste	3 (9,4%)	-
tranquilidade, agradável	4 (12,5%)	4 (12,8%)
amigável	-	1 (3,25%)
diferente	-	2 (6,45%)
potencial, reviver, ascensão	4 (12,5%)	-
cativante, pitoresco	2 (6,25%)	-
integração, miscelânea	2 (6,25%)	-
Não respondeu	3 (9,4%)	3 (9,7%)
TOTAL	32 (100%)	31 (100%)

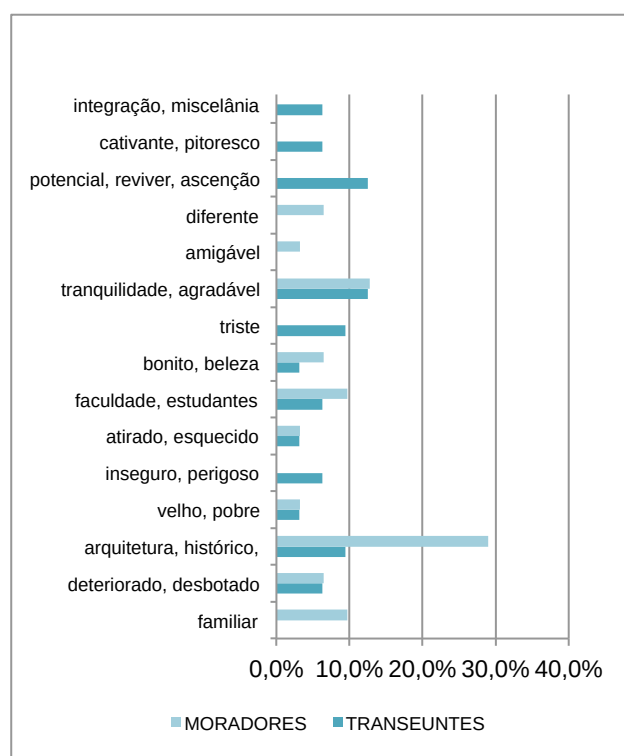


Figura 5.22 | Gráfico da questão 15:

Em relação à cor, questionados sobre o quanto consideravam o bairro colorido, moradores e transeuntes mostraram opiniões diferentes. Apesar da resposta “mais ou menos colorido” ter predominado nas respostas de ambos os

grupos (transeuntes, 59,4%, e moradores, 45,2%), o bairro tende a ser avaliado como mais colorido pelos moradores (45,2%). A porcentagem dos respondentes que avaliaram o bairro como “colorido” e “muito colorido” mostrou-se menor entre os transeuntes (21,9%) (Tabela 5.4 e Figura 5.23).

Tabela 5.4 | Frequências questão 5:

5 - Você considera o bairro:	TRANSEUNTE		MORADOR	
sem cor	1 (3,1%)	6	1 (3,2%)	3
pouco colorido	5 (15,6%)	(18,7%)	2 (6,5%)	(9,7%)
mais ou menos colorido	19 (59,4%)		14 (45,2%)	
colorido	6 (18,8%)	7 (21,9%)	14 (45,2%)	14
muito colorido	1 (3,1%)	-	-	(45,2%)
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

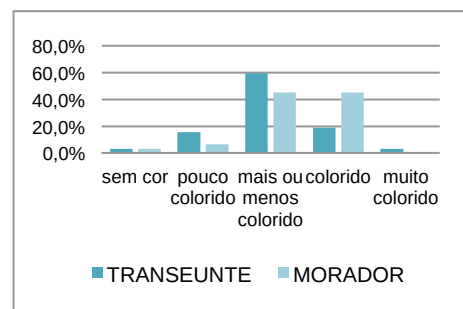


Figura 5.23 | Gráfico questão 5:

É compreensível que a visão dos transeuntes seja a de um bairro menos colorido, tendo em vista os possíveis trajetos realizados por eles ao frequentar a área. Tais respostas justificam-se também diante das cores citadas pelos respondentes como predominantes no bairro. Como dito anteriormente na análise dos mapa cromático (item 5.2.1.1), os tons de bege e verde (mais citados por moradores e transeuntes) realmente estão entre os que predominam em meio à expressiva policromia do bairro. Outras cores lembradas pelos respondentes foram o amarelo e o azul (Tabela 5.5 e Figura 5.24).

Tabela 5.5 | Frequências questão 6:

6 – Na sua opinião, quais são as 3 cores que predominam no bairro?		
Cor citada	número de citações	
	TRANSEUNTES	MORADORES
Bege	23 (23,9%)	17 (18,3%)
Verde	15 (15,6%)	21 (22,6%)
Amarelo	15 (15,6%)	15 (16,1%)
Azul	14 (14,6%)	14 (15,05%)
Cinza	10 (10,5%)	5 (5,37%)
Branco	5 (5,2%)	3 (3,25%)
Laranja	5 (5,2%)	7 (7,53%)
Rosa	4 (4,16%)	8 (8,6%)
Preto	2 (2,1%)	-
Marrom	2 (2,1%)	-
Vermelho	1 (1,04%)	1 (1,07%)
Roxo	-	1 (1,07%)
Salmão	-	1 (1,07%)
TOTAL	96 (100%)	93 (100%)

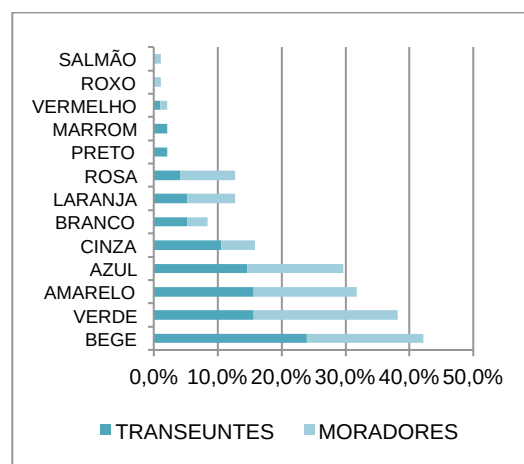


Figura 5.24 | Gráfico questão 6:

Na questão 14, foi perguntado se “O bairro Porto é mais colorido do que outros locais da cidade”. Quase a metade dos respondentes (45,2% de moradores e 43,8% de transeuntes), consideram o bairro mais colorido que outros lugares. Ou

seja, há uma concordância entre os dois grupos sobre a imagem cromática do bairro. Porém, os percentuais entre “sim” (é mais colorido) e “não” (não é mais colorido), não apresentaram uma disparidade expressiva (Tabela 5.6 e Figura 5.25).

Tabela 5.6 | Compilação das respostas
questão 14

14 – O bairro Porto é mais colorido do que outros locais da cidade?	TRANSEUNTES	MORADORES
não	18 (56,3%)	17 (54,8%)
sim	14 (43,8%)	14 (45,2%)
TOTAL	32 (100%)	31 (100%)

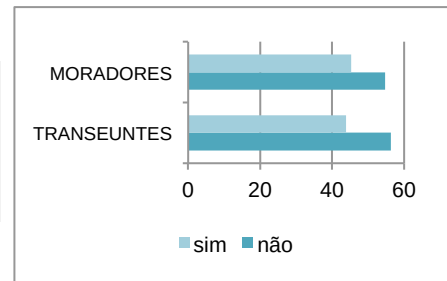


Figura 5.25 | Gráfico questão 14

Em conclusão, os dados encontrados sustentam a hipótese investigada que afirma: A estrutura cromática do bairro contribui significativamente para a legibilidade do bairro.

Para investigar a hipótese, buscou-se identificar os aspectos identitários do bairro para os respondentes. Observou-se que a Rua Benjamin Constant é considerada a via que mais caracteriza o bairro. Analisando com mais profundidade suas características, notou-se que, além do traçado regular presente em todo o bairro, tem-se nos prédios dessa rua uma policromia também regular, com paleta de tons de baixo grau de saturação em sua maior parte. Tais aspectos indicam a presença de uma complexidade moderada. A maioria dos prédios da Benjamin Constant possuem bom estado de conservação, que contribui para uma avaliação positiva, além de estilo arquitetônico, o que indica a presença de ordem.

O fato de a Igreja do Porto ter sido citada pelos moradores como característica do bairro, reforça a idéia da importância do uso da edificação, de sua forma e modo de inserção no tecido da cidade, para que elementos urbanos tornem-se marcos visuais. Em meio ao traçado regular e à certa homogeneidade das edificações, em vários pontos do bairro tem-se a visualização das torres da Igreja, servindo de referência para quem por ali se desloca.

Em relação aos aspectos cromáticos, observou-se que quase metade dos moradores, e mais de 1/5 dos transeuntes consideram o bairro “colorido” ou “muito

colorido”. Soma-se a isso o fato de que quase metade dos respondentes consideram o bairro mais colorido que outros locais da cidade.

A homogeneidade do bairro em termos formais poderia ser considerada um fator de decréscimo da sua legibilidade, porém se encarrega de produzir um pano de fundo para que sua identidade cromática seja ainda mais reveladora. Em um ambiente em que as edificações têm tipologias arquitetônicas semelhantes e estilos diferentes, a cor entra como um diferencial.

5.2.2 hipótese 2: Há diferença na avaliação de moradores e transeuntes em relação à agradabilidade e à satisfação com o aspecto estético dos prédios do bairro.

A análise da hipótese 2 foi dividida em duas partes, quando foram avaliadas as respostas dos indivíduos sobre *agradabilidade* e *satisfação* com o aspecto estético dos prédios. Quanto à *agradabilidade*, foram apontados os diferentes percentuais do nível de *agradabilidade* do bairro para os diferentes grupos de respondentes (frequências e Mann-Whitney), bem como os motivos que os levaram a atribuir tal classificação. Para uma visão mais precisa sobre esse aspecto, apresentou-se uma compilação dos locais apontados como mais e menos agradáveis pelos respondentes. Questões referentes a *valor histórico*, *novidade*, *manutenção*, *interesse* e *adequação*, contribuíram para a condução da investigação da hipótese. Quanto à *satisfação* com o aspecto estético dos prédios, foram apontados os diferentes graus de *satisfação* com a aparência das edificações, para os diferentes grupos de respondentes (frequências e Mann-Whitney). Apresentou-se também os percentuais quanto à beleza dos prédios, bem como os aspectos que justificaram sua atribuição. Esses aspectos foram analisados por meio de frequências, Mann-Whitney e Spearman.

quanto à agradabilidade

Com base na tabela de frequências resultante das respostas da questão 2 do questionário aplicado, obteve-se uma visão geral das avaliações realizadas pelos respondentes. O bairro foi avaliado como “muito agradável” e “agradável” por um número maior de moradores (80,6%) do que de transeuntes (71,9%), enquanto que

a avaliação “nem agradável, nem desagradável” teve uma maior semelhança em números (médias de 18,8% e 19,4%, respectivamente) entre os grupos. Ressalta-se que não houve nenhuma avaliação essencialmente negativa, como “muito desagradável” e, por parte dos moradores, também nenhuma avaliação como “desagradável”. Sendo assim, conclui-se que o bairro tende a ser visto como agradável tanto por moradores quanto por transeuntes (Tabela 5.7 e Figura 5.26).

Tabela 5.7 | Frequências questão 2:

2 - Você acha que o bairro é:	TRANSEUNTE		MORADOR	
muito desagradável	-	3	-	-
desagradável	3 (9,4%)	(9,4%)	-	-
nem agradável, nem desagradável	6 (18,8%)		6 (19,4%)	
agradável	21 (65,6%)	23 (71,9%)	20 (64,5%)	25 (80,6%)
muito agradável	2 (6,3%)		5 (16,1%)	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

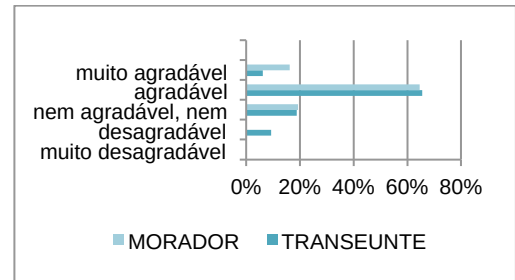


Figura 5.26 | Gráfico questão 2:

Na pergunta aberta (número 3), sobre os motivos que justificariam a resposta dada na questão anterior, a *tranquilidade* foi apontada, por ambos os grupos de respondentes, como o principal motivo relacionado à *agradabilidade* do bairro. Outras características levantadas pelos respondentes como “pouco movimento de carros” e “bairro residencial/familiar” também remetem à ambientes tranquilos. Tais resultados conduzem à teoria que aponta a possibilidade de julgamento de lugares *mais tranquilos* como *mais agradáveis* (RUSSEL, 1992; NASAR, 1997, 2001). Entre as avaliações negativas citadas, a falta de segurança no bairro foi o que mais motivou os respondentes a avaliá-lo como “desagradável” ou “nem agradável, nem desagradável” (Tabela 5.8).

Tabela 5.8 | Compilação dos dados da questão 3:

3 – Escreva o principal motivo que explica a resposta anterior: (agradabilidade do bairro)
(nesse caso, os respondentes podem ter mais de uma resposta)

Avaliações positivas citadas	número de citações		Avaliações negativas citadas	número de citações	
	T	M		T	M
Tranquilidade	10 (8,06%)	12 (9,68%)	Falta de segurança	5 (4,03%)	7 (5,65%)
Pouco movimento de carros	7 (5,65%)	3 (2,42%)			
Estilo dos prédios	6 (4,84%)	3 (2,42%)			
Bairro residencial / familiar	4 (3,23%)	11 (8,87%)	Estado de conservação	2 (1,61%)	1 (0,8%)
Bairro de estudantes	-	6 (4,84%)			
Arborização	4 (3,23%)	4 (3,23%)			
Altura dos prédios	2 (1,61%)	-	Falta de atrativos (visuais, culturais e de lazer)	2 (1,61%)	-
Atmosfera do bairro (ruas, casas...)	1 (0,8%)	3 (2,42%)			
Presença de bares	1 (0,8%)	-			
Localização	1 (0,8%)	1 (0,8%)	Falta de iluminação	1 (0,8%)	2 (1,61%)
Calçadas e ruas largas	1 (0,8%)	1 (0,8%)			
Clima universitário	1 (0,8%)	-			

(continuação) Tabela 5.8 | Compilação dos dados da questão 3:

3 – Escreva o principal motivo que explica a resposta anterior: (agradabilidade do bairro) (nesse caso, os respondentes podem ter mais de uma resposta)					
Avaliações positivas citadas	número de citações		Avaliações negativas citadas	número de citações	
	T	M		T	M
Pessoas nas ruas	1 (0,8%)	-	Frio e úmido	1 (0,8%)	-
Presença mista de jovens e idosos	1 (0,8%)	-	Falta de estrutura	1 (0,8%)	1 (0,8%)
Presença das fábricas antigas	-	1 (0,8%)	Lixo nas ruas	1 (0,8%)	-
Famílias sentam em frente às casas	-	3 (2,42%)	Antigo	1 (0,8%)	1 (0,8%)
Bares	-	2 (1,61%)	Inundações		
Presença da Universidade	-	1 (0,8%)			
Beleza	-	1 (0,8%)			
Cores	-	1 (0,8%)			
Pavimentação	-	1 (0,8%)			
Cultura dos moradores	-	1 (0,8%)			
Interessante	-	1 (0,8%)			
Charmoso	-	1 (0,8%)			
TOTAL = 124 (100%)					

LEGENDA: T=transeuntes, M=moradores

Para um melhor entendimento das avaliações feitas pelos respondentes, solicitou-se nas questões 4 e 4.1 do questionário, que fossem mencionados os locais do bairro considerados mais e menos agradáveis (Tabela 5.9). Curiosamente, o “Quadrado” foi o local mais citado para justificar, tanto as avaliações positivas, quanto as negativas. Provavelmente, a estrutura ali existente que propicia atividades de lazer contribuiu para as avaliações positivas, e aspectos como limpeza e manutenção contribuíram para as respostas negativas. Outros locais fortemente lembrados como positivos pelos transeuntes foram os prédios da faculdade e seus entornos próximos, os bares e os cafés. Para os moradores, as ruas Benjamin Constant e Almirante Barroso são os locais mais agradáveis do bairro. Possivelmente isso aconteça pelo fato de que a rua Benjamin Constant apresenta muitos prédios históricos bem cuidados e a rua Almirante Barroso é uma das ruas mais arborizadas do bairro.

Tabela 5.9 | Compilação dos dados das questões qualitativas 4 e 4.1

4 – Mencione quais são, para você, os locais mais agradáveis no bairro:			4.1 – Mencione também os locais que você considera desagradáveis:		
Local citado	número de citações		Local citado	número de citações	
	T	M		T	M
Quadrado	14 (25,45%)	11 (19,0%)	Quadrado e casas do entorno	6 (17,14%)	3 (10,0%)
Faculdades e entorno	12 (21,81%)	3 (5,17%)	Prédios abandonados / deteriorados	3 (8,57%)	2 (6,67%)
Bares e cafés	9 (16,36%)	4 (6,90%)	Armazéns do Porto e seu entorno próximo	3 (8,57%)	6 (20,0%)
Praça da Alfândega	5 (9,10%)	1 (1,72%)	Ruas desertas atrás da FAUrb (Conde de PoA em diante)	3 (8,57%)	4 (13,33%)
Instalações portuárias, cais	4 (7,27%)	1 (1,72%)	Frente do ICH	3 (8,57%)	-
Ruas	-	3 (5,17%)	Bares	2 (5,71%)	-
Rua Almirante Barroso	3 (5,45%)	9 (15,51%)	Praça da Alfândega	2 (5,71%)	7 (23,3%)
Rua Benjamin Constant	3 (5,45%)	10 (17,27%)	Ruas com maior movimento	2 (5,71%)	1 (3,33%)
Rua Bento Martins	-	1 (1,72%)	Casa “abandonada” ao lado da FAUrb	1 (2,86%)	-
Ruas tranquilas	2 (3,65%)	1 (1,72%)	Casas deterioradas em frente à Alfândega	1 (2,86%)	-

(continuação) Tabela 5.9 | Compilação dos dados das questões qualitativas 4 e 4.1

4 – Mencione quais são, para você, os locais mais agradáveis no bairro:			4.1 – Mencione também os locais que você considera desagradáveis:		
Local citado	número de citações		Local citado	número de citações	
	T	M		T	M
Ruas residenciais	1 (1,82%)	1 (1,72%)	Praça em frente ao condomínio – Gonçalves Chaves	1 (2,86%)	-
Ruas arborizadas	1 (1,82%)	6 (10,34%)	Construções precárias na orla	1 (2,86%)	-
Ruas sem edifícios	-	2 (3,44%)	Zona próxima ao Anglo	1 (2,86%)	1 (3,33%)
Ruas de pedras	-	1 (1,72%)	Terrenos baldios	1 (2,86%)	-
Canal, orla	-	2 (3,44%)	Rua Gomes Carneiro – Anglo	-	1 (3,33%)
Anglo	-	1 (1,72%)	Zona utilizada pelas auto-escolas / treino baliza	-	2 (6,67%)
Padaria Popular	-	1 (1,72%)	Nenhum específico	5 (14,28%)	3 (10,0%)
Nenhum específico	1 (1,82%)	-	TOTAL	35 (100%)	30 (100%)
TOTAL	55 (100%)	58 (100%)			

LEGENDA: T=transeuntes, M=moradores

As questões de 12.1 a 12.10 reforçam o indagamento sobre o bairro, desta vez através de afirmações sobre as variáveis *valor histórico*, *novidade*, *interesse*, *adequação*, *destaque percebido* e *manutenção* dos prédios. Na questão 12.1, afirmou-se que “O bairro é muito interessante. As suas ruas proporcionam uma grande variedade de visuais e cores”. Transeuntes (59,4%) e moradores (77,4%) apresentaram visões compartilhadas quanto a esse aspecto (concordaram que o bairro é interessante), no entanto os moradores afirmaram isso com maior frequência (Tabela 5.10 e Figura 5.27).

Tabela 5.10 | Frequências questão 12.1:

12.1 – O bairro é muito interessante. As suas ruas proporcionam uma grande variedade de visuais e cores.	TRANSEUNTE		MORADOR	
discordo totalmente	1 (3,1%)	2 (6,2%)	0 (0,0%)	2 (6,5%)
discordo	1 (3,1%)		2 (6,5%)	
não concordo, nem discordo	11 (34,4%)		5 (16,1%)	
concordo	7 (21,9%)	19 (59,4%)	11 (35,5%)	24 (77,4%)
concordo totalmente	12 (37,5%)		13 (41,9%)	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

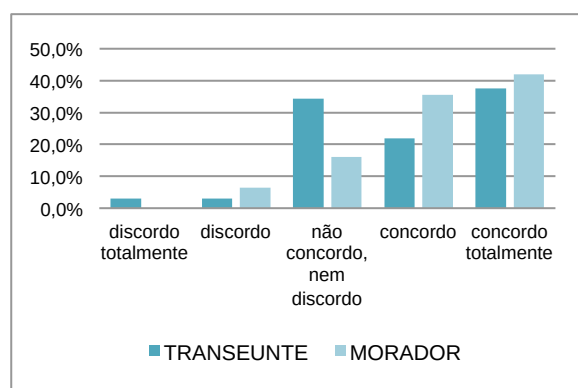


Figura 5.27 | Gráfico questão 12.1:

Na questão 12.2, foi afirmado que “O bairro é muito monótono em termos de cor. As casas do bairro parecem todas iguais”. Transeuntes (78,1%) e moradores (80,7%) apresentaram opiniões semelhantes, ao “discordar” ou “discordar totalmente” dessa afirmação. Os moradores apresentaram mais uma vez, uma visão mais positiva do bairro (Tabela 5.11 e Figura 5.28).

Tabela 5.11 | Frequências questão 12.2:

12.2 – O bairro é muito monótono em termos de cor. As casas do bairro parecem todas iguais.	TRANSEUNTE		MORADOR	
discordo totalmente	17 (53,1%)	25 (78,1%)	11 (35,5%)	25 (80,7%)
discordo	8 (25,0%)		14 (45,2%)	
não concordo, nem discordo	1 (3,1%)		5 (16,1%)	
concordo	6 (18,8%)	6 (18,8%)	1 (3,2%)	1 (3,2%)
concordo totalmente	-		-	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

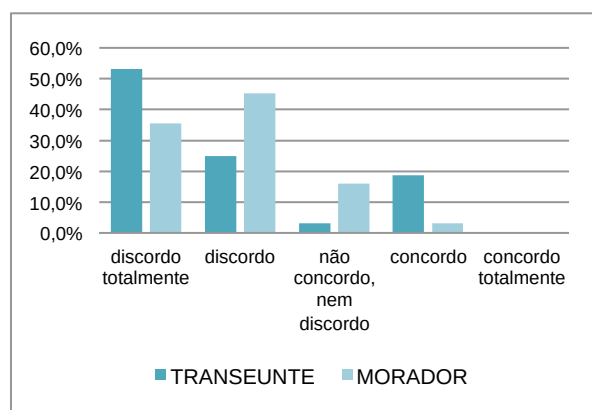


Figura 5.28 | Gráfico questão 12.2:

Na questão 12.3, a afirmação feita foi “O Porto é um bairro antigo, tem muitas casas de valor histórico”. A maior parte dos respondentes (moradores=100%, transeuntes=78,1%) “concorda” ou “concorda totalmente” com tal afirmação (Tabela 5.12 e Figura 5.29). Porém, observou-se que os moradores tendem (mais que os transeuntes) a enxergar o bairro como antigo e atribuir valor histórico às suas edificações (U=292, N1=32, N2=31, two-tailed=0,00).

Tabela 5.12 | Frequências questão 12.3:

Tabela 3.12 Frequências questão 12.3:				
12.3 – O Porto é um bairro antigo, tem muitas casas de valor histórico.	TRANSEUNTE		MORADOR	
discordo totalmente	1 (3,1%)	5 (15,6%)	-	-
discordo	4 (12,5%)		-	
não concordo, nem discordo	2 (6,3%)		-	
concordo	11 (34,4%)	25 (78,1%)	6 (19,4%)	31 (100%)
concordo totalmente	14 (43,7%)		25 (80,6%)	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

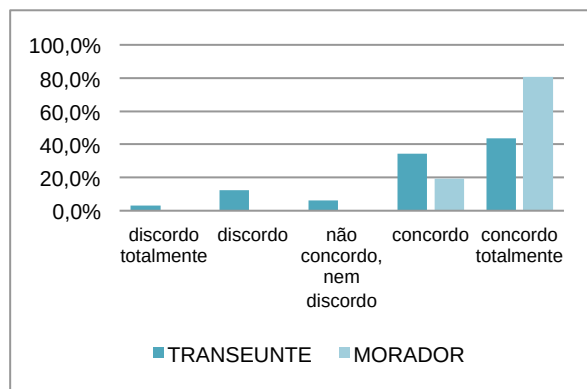


Figura 5.29 | Gráfico questão 12.3:

A afirmação dada na questão 12.4 foi “O Porto é um bairro em mudança, tem muitos prédios em construção”. Houve semelhança nas respostas dos dois grupos de respondentes (moradores=67,7%, transeuntes=43,8%) ao “discordarem” ou “discordarem totalmente” dessa afirmação. Isso significa que a “mudança” é percebida somente por metade da população. Entretanto, nota-se que os transeuntes tendem a perceber mais as mudanças no bairro do que os moradores (Tabela 5.13 e Figura 5.30). Supõe-se que o significado da palavra “mudança” tenha

sido entendido de modo equivocado, representando a existência de construções de grande porte e, assim, as reformas dos prédios antigos foram desconsideradas.

Tabela 5.13 | Frequências questão 12.4:

12.4 – O Porto é um bairro em mudança, tem muitos prédios em construção.	TRANSEUNTE		MORADOR	
discordo totalmente	3 (9,4%)	14 (43,8%)	4 (12,9%)	21 (67,7%)
discordo	11 (34,4%)		17 (54,8%)	
não concordo, nem discordo	10 (31,3%)		6 (19,4%)	
concordo	6 (18,8%)	8 (25,1%)	4 (12,9%)	4 (12,9%)
concordo totalmente	2 (6,3%)		-	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

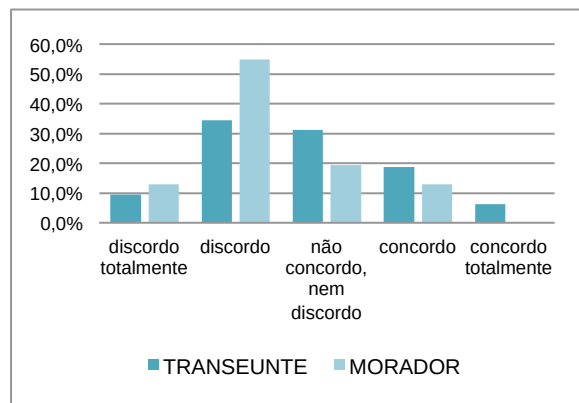


Figura 5.30 | Gráfico questão 12.4:

Na questão 12.5, onde a afirmação dada era “No bairro Porto há muitas casas com pintura nova”, observou-se que a maior parte dos respondentes, moradores (77,4%) e transeuntes (62,5%), concordaram (Tabela 5.14 e Figura 5.31). Porém, existe significativa diferença em grau de concordância e os moradores percebem (mais que os transeuntes) as mudanças referentes às pinturas novas dos prédios ($U=359$, $N_1=32$, $N_2=31$, two-tailed=0,04).

Tabela 5.14 | Frequências questão 12.5:

12.5 – No bairro Porto há muitas casas com pintura nova.	TRANSEUNTE		MORADOR	
discordo totalmente	-	7 (21,9%)	-	2 (6,5%)
discordo	7 (21,9%)		2 (6,5%)	
não concordo, nem discordo	5 (15,6%)		5 (16,1%)	
concordo	15 (46,9%)	20 (62,5%)	13 (41,9%)	24 (77,4%)
concordo totalmente	5 (15,6%)		11 (35,5%)	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

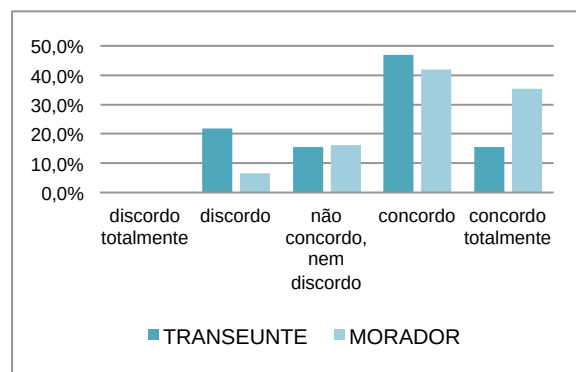


Figura 5.31 | Gráfico questão 12.5:

Quanto à afirmação das questão 12.6 (“A maioria das casas do bairro tem sua pintura bem conservada”), moradores e transeuntes apresentaram opiniões semelhantes. Ambos os grupos, em sua maioria, discordaram sobre a boa conservação das pinturas das casas. Porém, a visão dos moradores mostra-se um pouco mais “gentil” com a situação das fachadas, pois divide-se com a opção de resposta “não concordo, nem discordo” (da afirmação) (Tabela 5.15 e Figura 5.32).

Tabela 5.15 | Frequências questão 12.6:

12.6 – A maioria das casas do bairro tem sua pintura bem conservada.	TRANSEUNTE		MORADOR	
discordo totalmente	5 (15,6%)	16 (50,0%)	6 (19,4%)	13 (42,0%)
discordo	11 (34,4%)		7 (22,6%)	
não concordo, nem discordo	9 (28,1%)		13 (42,0%)	
concordo	6 (18,8%)	7 (21,9%)	5 (16,0%)	5 (16,0%)
concordo totalmente	1 (3,1%)		-	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

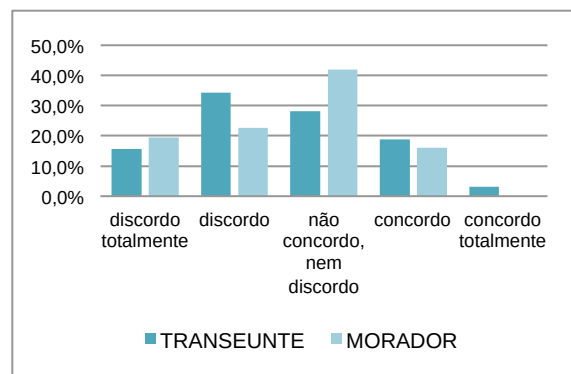


Figura 5.32 | Gráfico questão 12.6:

Tal resultado diverge dos dados coletados pela pesquisadora no estudo exploratório, Etapa I desse estudo (ver item 5.1). Uma possibilidade é o fato, evidenciado na questão 12.4, de que apenas metade dos respondentes percebem as mudanças no bairro (e a imagem do bairro deteriorado ainda pode existir).

A questão 12.7 buscou saber se os respondentes veem no bairro cores diferentes de outros locais. Assim, a afirmação de que “As cores presentes nas ruas do bairro são diferentes dos outros lugares da cidade”, mostrou que 31,2% dos transeuntes e 38,7% dos moradores concordaram ser esta a realidade do local (Tabela 5.16 e Figura 5.33). Porém, mais de 30% dos respondentes dos dois grupos não tinham opinião formada nesse aspecto (não concordaram, nem discordaram).

Tabela 5.16 | Frequências questão 12.7:

12.7 – As cores presentes nas ruas do bairro são diferentes dos outros lugares da cidade.	TRANSEUNTE		MORADOR	
discordo totalmente	4 (12,5%)	5 (34,4%)	1 (3,2%)	8 (25,8%)
discordo	7 (21,9%)		7 (22,6%)	
não concordo, nem discordo	11 (34,4%)		11 (35,5%)	
concordo	9 (28,1%)	10 (31,2%)	11 (35,5%)	12 (38,7%)
concordo totalmente	1 (3,1%)		1 (3,2%)	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

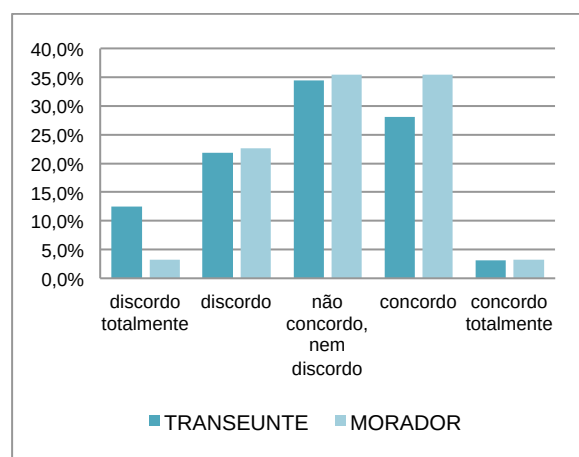


Figura 5.33 | gráfico questão 12.7:

As questões 12.8 e 12.9 apresentaram afirmações opostas, a fim de descobrir qual a opinião dos respondentes sobre a utilização de cores saturadas e pálidas nos prédios do bairro. A questão 12.8, onde afirmava-se que “A pintura com cores fortes

combina melhor com os prédios do bairro”, mostrou que a maioria dos respondentes de ambos os grupos (transeuntes, 56,2% e moradores, 80,7%) concordaram com a afirmação (e com o colorido saturado nas fachadas) (Tabela 5.17 e Figura 5.34). O grau de concordância dos moradores foi significativamente maior.

Tabela 5.17 | Frequências questão 12.8:

12.8 – A pintura com cores fortes combina melhor com os prédios do bairro.	TRANSEUNTE		MORADOR	
discordo totalmente	5 (15,6%)	10 (31,2%)	1 (3,2%)	3 (9,7%)
discordo	5 (15,6%)		2 (6,5%)	
não concordo, nem discordo	4 (12,5%)		3 (9,7%)	
concordo	13 (40,6%)	18 (56,2%)	19 (61,3%)	25 (80,7%)
concordo totalmente	5 (15,6%)		6 (19,4%)	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

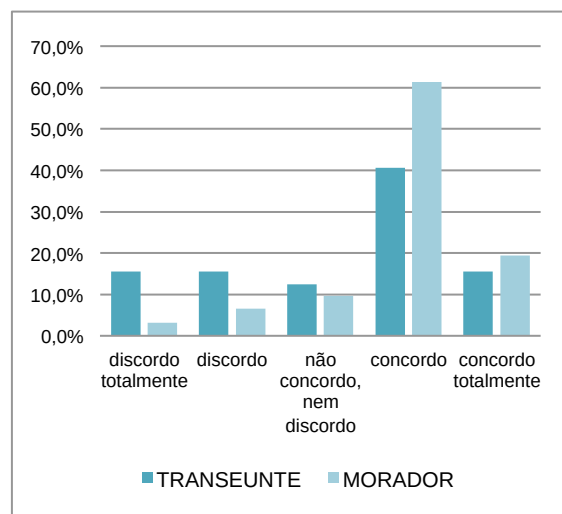


Figura 5.34 | gráfico questão 12.8:

Porém, na questão 12.9, quando afirmou-se que “A pintura com cores pálidas e neutras combina melhor com os prédios do bairro”, obteve-se percentuais similares de concordância em ambos os grupos de respondentes (transeuntes, 68,8% e moradores, 80,7%) (Tabela 5.18 e Figura 5.35). Isso mostra uma divisão de opiniões entre a população, e provavelmente a intenção de apontar um ambiente com edificações pintadas, independentemente se de cores saturadas ou neutras.

Tabela 5.18 | Frequências questão 12.9:

Tabela 3.10 Frequências questões 12.9:				
12.9 – A pintura com cores pálidas e neutras combina melhor com os prédios do bairro.	TRANSEUNTE		MORADOR	
discordo totalmente	1 (3,1%)	8 (25,0%)	-	-
discordo	7 (21,9%)		-	
não concordo, nem discordo	2 (6,3%)		4 (12,9%)	
concordo	12 (37,5%)	22 (68,8%)	13 (41,9%)	25 (80,7%)
concordo totalmente	10 (31,3%)		14 (45,2%)	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

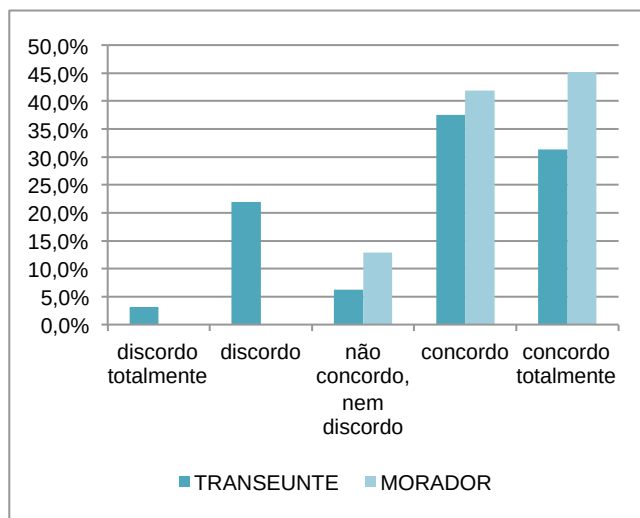


Figura 5.35 | gráfico questão 12.9:

Na questão 12.10, onde a afirmação era “As mudanças que estão acontecendo no bairro com a vinda da Universidade são positivas”, ambos os grupos de respondentes concordaram, em sua maioria (moradores=71%, transeuntes=59,4%). Os moradores, porém, tendem a enxergar mais positivamente tais mudanças (Tabela 5.19 e Figura 5.36).

Tabela 5.19 | Frequências questão 12.10:

12.10 – As mudanças que estão acontecendo no bairro com a vinda da Universidade são positivas.	TRANSEUNTE		MORADOR	
discordo totalmente	1 (3,1%)	6 (18,7%)	-	3 (9,7%)
discordo	5 (15,6%)		3 (9,7%)	
não concordo, nem discordo	7 (21,9%)		6 (19,4%)	
concordo	11 (34,4%)	19 (59,4%)	15 (48,4%)	22 (71%)
concordo totalmente	8 (25,0%)		7 (22,6%)	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

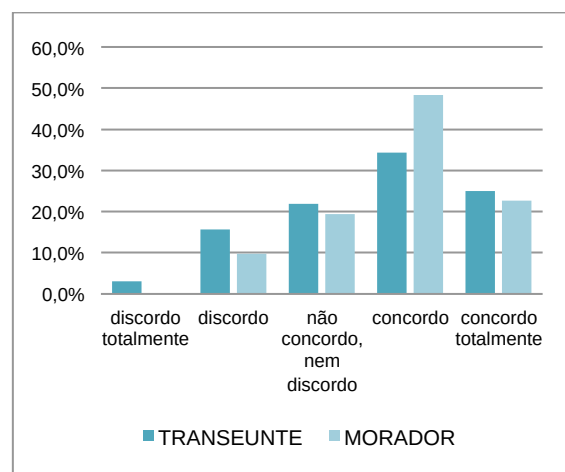


Figura 5.36 | Gráfico questão 12.10:

Em forma de pergunta aberta, a questão 13 buscou elucidar o que os respondentes mudariam em termos de cor no bairro Porto. Uma melhor conservação das pinturas das fachadas e a não utilização de cores muito saturadas estão entre as respostas mais citadas pelos transeuntes. Os moradores, por outro lado, não mudariam nada em sua maioria, mas apontaram como mudanças positivas uma maior harmonia e equilíbrio entre as cores (Tabela 5.20 e Figura 5.37).

Tabela 5.20 | Compilação das respostas questão 13

13 – O que você mudaria em termos de cor no bairro Porto?		
Mudança sugerida	número de citações	
	TRANSEUNTES	MORADORES
Evitaria as cores muito saturadas	6 (18,75%)	4 (12,9%)
Melhor conservação das pinturas	6 (18,75%)	4 (12,9%)
Maior harmonia entre as cores, equilíbrio	5 (15,65%)	5 (16,05%)
Usaria mais cores, mais contraste entre as casas	4 (12,5%)	3 (9,7%)
Que nas quadras as cores combinassem entre si	2 (6,25%)	1 (3,25%)
Não mudaria nada	2 (6,25%)	13 (41,95%)
Mais uniformidade nas cores	1 (3,1%)	-
Usaria cores mais claras	-	1 (3,25%)
Não sei	2 (6,25%)	-
Não respondeu	4 (12,5%)	-
TOTAL	32 (100%)	31 (100%)

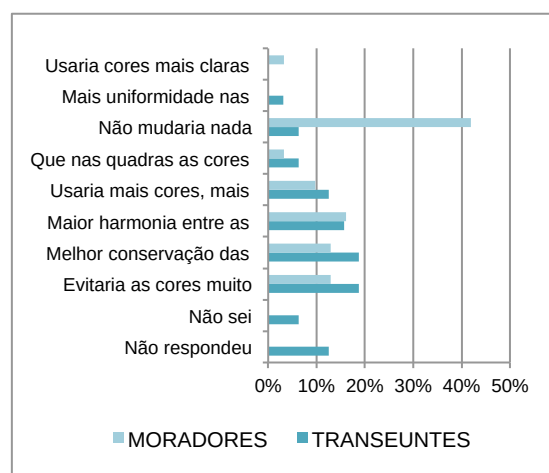


Figura 5.37 | Gráfico questão 13

Em conclusão, no aspecto geral, é possível afirmar que o bairro foi considerado “agradável” por moradores e transeuntes. Um grau maior de concordância sobre *agradabilidade* foi encontrado entre os moradores, porém não há uma diferença significativa entre os grupos. O principal motivo citado pelos respondentes para justificar a agradabilidade do bairro foi sua *tranquilidade*. O “Quadrado”, os prédios da faculdade, os bares e os cafés, além das ruas Benjamin Constant e Almirante Barroso, foram considerados os locais mais agradáveis do Porto.

satisfação quanto ao aspecto estético dos prédios

Foi questionado aos respondentes sobre o seu grau de *satisfação* com a aparência dos prédios do bairro. Os moradores (71%) mostraram-se mais satisfeitos que os transeuntes (apenas 34,4%). Em geral, as respostas dos transeuntes refletiram uma divisão de avaliações, tendo percentuais muito próximos entre as respostas “satisfeito”, “nem satisfeito, nem insatisfeito” e “insatisfeito” (Tabela 5.21 e Figura 5.38). Observa-se assim uma divergência grande entre as avaliações dos diferentes grupos ($U=328$, $N_1=32$, $N_2=31$, two-tailed=0,01). Os transeuntes foram mais exigentes nesse aspecto, evidenciando a tendência de querer ver as edificações do bairro mais bonitas esteticamente.

Tabela 5.21 | Frequências questão 8:

8 - Você está satisfeito com a aparência visual dos prédios do bairro?	TRANSEUNTE		MORADOR	
muito insatisfeito	-	11 (34,4%)	-	6 (19,4%)
insatisfeito	11 (34,4%)	11 (34,4%)	6 (19,4%)	22 (71,0%)
nem satisfeito, nem insatisfeito	10 (31,3%)		3 (9,7%)	
satisfeito	11 (34,4%)	11 (34,4%)	22 (71,0%)	22 (71,0%)
muito satisfeito	-	-	-	-
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

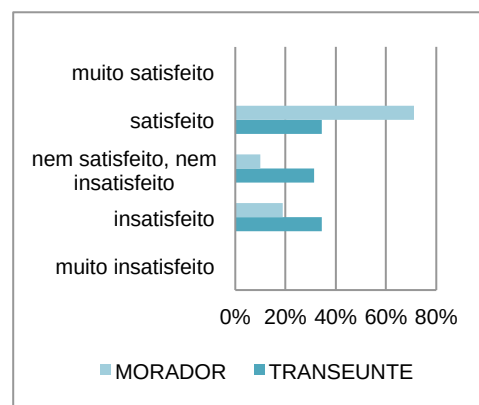


Figura 5.38 | Gráfico questão 8:

Questionados sobre a beleza atual dos prédios do bairro, uma grande quantidade de moradores e transeuntes (58,1% e 37,5%, respectivamente) concordaram que os prédios são “bonitos”. Entretanto, a opinião dos transeuntes dividiu-se em três grupos com proporções semelhantes entre os que consideram os prédios “muito bonitos” (9,4%), “nem bonitos, nem feios” (31,3%) e “feios” (21,9%)

(Tabela 5.22 e Figura 5.39). Constatou-se com isso que os moradores consideram os prédios do bairro mais bonitos que os transeuntes ($U=301$, $N_1=32$, $N_2=31$, two-tailed=0,00). Esse fato confirma a teoria sobre familiaridade (NAOUMOVA, 2009), que aponta a tendência de que as pessoas consideram mais bonitos os prédios mais conhecidos (mais familiares).

Tabela 5.22 | Frequências questão 9:

9 – Os prédios do bairro são:	TRANSEUNTE		MORADOR	
muito feios	-	7 (21,9%)	-	1 (3,2%)
feios	7 (21,9%)		1 (3,2%)	
nem bonitos, nem feios	10 (31,3%)		5 (16,1%)	
bonitos	12 (37,5%)	15 (46,9%)	18 (58,1%)	25 (80,7%)
muito bonitos	3 (9,4%)		7 (22,6%)	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

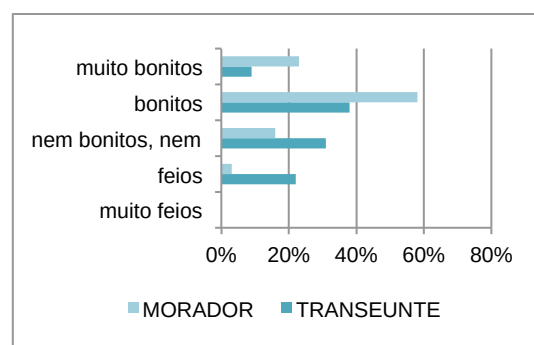


Figura 5.39 | Gráfico questão 9:

Pediu-se que os respondentes justificassem sua avaliação anterior sobre a beleza atual dos prédios. Entre as respostas positivas, o estilo dos prédios foi a característica mais apontada (moradores=83,9%, transeuntes=40,6%). Entre as avaliações negativas, o “estado de conservação” foi o mais fortemente lembrado (moradores=12,9%, transeuntes=43,8%) (Tabela 5.23 e Figura 5.40). A diferença na avaliação entre os grupos é significativa ($U=301$, $N_1=32$, $N_2=31$, two-tailed=0,00).

Tabela 5.23 | Frequências questão 10:

10 – Indica a característica principal que justifica a resposta anterior:	TRANSEUNTE	MORADOR
estilo dos prédios	13 (40,6%)	26 (83,9%)
ornamentos decorativos dos prédios	1 (3,1%)	-
materiais dos prédios	1 (3,1%)	-
cores utilizadas	2 (6,3%)	-
altura dos prédios	1 (3,1%)	-
estado de conservação	14 (43,8%)	4 (12,9%)
outro	-	1 (3,2%)
TOTAL	32 (100%)	31 (100%)

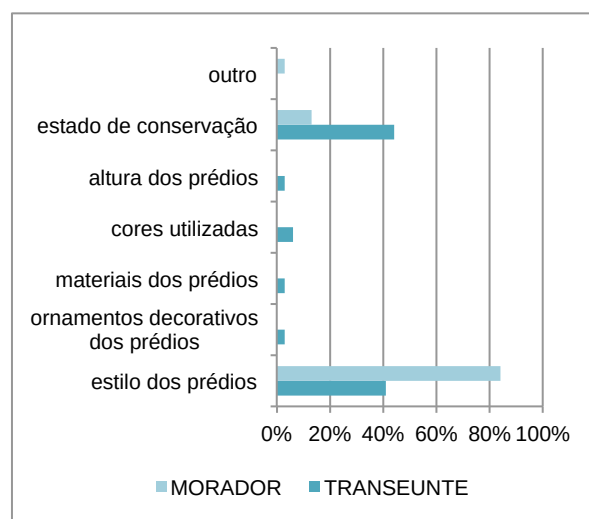


Figura 5.40 | Gráfico questão 10:

Observou-se correlação significativa (amostra total) entre a beleza dos prédios e a satisfação dos respondentes com a aparência do bairro (Spearman,

coef=0,61, sig=0,00), quando foi verificada a tendência de que quanto mais bonitos os prédios, maior a satisfação das pessoas.

Solicitou-se, na questão 11, que os respondentes observassem as imagens do bairro apresentadas e indicassem as três que consideravam mais bonitas em termos de pintura dos prédios. Entre as fotografias mais apontadas, estão as indicadas pela letra M (moradores), O (moradores e transeuntes), P (transeuntes) e Q (moradores e transeuntes) (Figura 5.41).



Figura 5.41 | Relação das fotografias mais escolhidas no questionário.
Fonte: fotos da autora.

As imagens escolhidas representam aspectos cromáticos diferentes. As fotografias representadas pelas letras M e Q possuem prédios com detalhes mais claros que as paredes, enquanto na fotografia representada pela letra O, os detalhes e as paredes são na mesma cor. Na fotografia representada pela letra P, os detalhes são mais escuros. As quatro imagens possuem edificações com cores com saturação baixa, sendo que a M possui também edificações com cores com saturação alta. Com exceção da fotografia M, que mostra edificações de meio de quadra, as fotos mostram os prédios posicionados nas esquinas. As cores frias estão presentes em edificações das quatro imagens, sendo que nas fotografias M e Q há a presença de prédios com cores quentes. As fotografias M, P e Q apresentam composições policromáticas, enquanto que na fotografia O, a composição é monocromática.

Observou-se que as imagens que possuíam fachadas com maior nível de conservação e edificações com linguagem arquitetônica do Primeiro e Segundo

Período Eclético, predominaram nas escolhas dos respondentes. Quanto aos aspectos cromáticos, é possível observar duas tendências: de uma lado, composições neutras, e de outro lado, matizes mais saturados.

Entre as imagens consideradas menos bonitas pelos respondentes, estão as indicadas pelas letras B, D, G e H, segundo ambos os grupos, e as fotos C, I e R segundo os moradores. Essas imagens possuem prédios com detalhes mais claros que as paredes (D, G, H e I), detalhes na mesma cor das paredes (B) e detalhes mais escuros que as paredes (C e R). A foto B apresenta edificações com cores com saturação alta, enquanto a foto C possui edificações com saturação alta e baixa das cores. As outras fotos apresentam edificações com saturação baixa das cores. Com exceção da foto H, todas as fotos contêm edificações no meio da quadra. A fotos B, C e D apresentam edificações com cores quentes, enquanto que as fotos G, H, I e R apresentam prédios com cores frias. Todas as fotos possuem composições policromáticas (Figura 5.42).



Figura 5.42 | Relação das fotos menos escolhidas no questionário.

Notou-se que, nas as imagens menos escolhidas, havia a presença de edificações que revelavam um estado de conservação razoável, além de estilos arquitetônicos do Segundo Período Eclético e construções atuais. Quanto aos aspectos cromáticos, observou-se composições com cores saturadas e, por vezes, contrastantes entre si e ainda em desacordo com seu entorno imediato. Também observou-se, em três das sete fotos, a presença de edificações pintadas na cor azul, com saturação baixa, que transmitem uma sensação fria. A tabela 5.24 e a figura 5.43 mostram a compilação das respostas da questão 11.

Tabela 5.24 | Compilação das respostas questão 11

11 – Observa as fotografias apresentadas e indica as três imagens do bairro que você considera mais bonitas em termos de pintura dos prédios.

FOTOS	TRANSEUNTES	MORADORES
A	3 (3,13%)	5 (5,38%)
B	-	-
C	2 (2,08%)	1 (1,07%)
D	1 (1,04%)	1 (1,07%)
E	11 (11,46%)	9 (9,68%)
F	4 (4,17%)	7 (7,53%)
G	1 (1,04%)	-
H	1 (1,04%)	1 (1,07%)
I	5 (5,20%)	1 (1,07%)
J	2 (2,08%)	6 (6,45%)
K	2 (2,08%)	3 (3,22%)
L	3 (3,13%)	6 (6,45%)
M	5 (5,20%)	13 (13,98%)
N	2 (2,08%)	2 (2,15%)
O	13 (13,54%)	13 (13,98%)
P	21 (21,88%)	10 (10,75%)
Q	16 (16,68%)	15 (16,15%)
R	4 (4,17%)	-
TOTAL	96 (100%)	93 (100%)

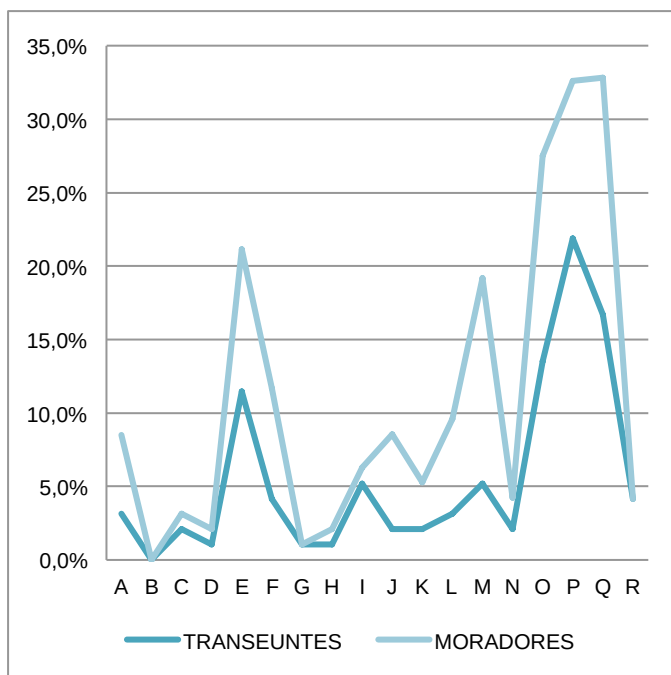


Figura 5.43 | Gráfico questão 11.

Mesmo com uma grande semelhança nas avaliações, os moradores mostraram-se mais satisfeitos que os transeuntes com a aparência dos prédios do bairro. Em relação à satisfação quanto ao aspecto estético dos prédios, novamente moradores concordaram (em maior número que os transeuntes) que os prédios são “bonitos”. Observou-se que quanto mais bonitos os prédios, maior a satisfação das pessoas com sua aparência.

Em conclusão, os dados encontrados sustentam a hipótese investigada que afirma: Há diferença na avaliação de moradores e transeuntes em relação à agradabilidade e à satisfação com o aspecto estético dos prédios do bairro.

Na investigação da hipótese, constatou-se que há diferença na avaliação de moradores e transeuntes em relação à *agradabilidade* do bairro e em relação à *satisfação* quanto ao aspecto estético dos prédios. Quanto à *agradabilidade*, um nível maior de concordância foi encontrado entre os moradores, porém não há uma diferença significativa entre os grupos. Em relação à *satisfação* quanto ao aspecto estético dos prédios, houve uma diferença maior entre as opiniões dos diferentes grupos de respondentes. Os moradores apresentaram uma maior *satisfação* com a aparência dos prédios, além de uma maior concordância sobre sua beleza.

Em ambas as situações, com maior ou menor grau de variância, a visão dos moradores para com o bairro, é sempre mais benevolente. Fato que se justifica pelas diferentes experiências com o lugar que os diferentes níveis de familiaridade proporcionam.

5.2.3 hipótese 3: Existe correlação entre o nível de agradabilidade dos respondentes com as cenas do bairro e a presença de cores nas fachadas.

Sobre *agradabilidade* e cor, os respondentes foram indagados (questão 7) se achavam que as cores das casas contribuíam para que o bairro tivesse uma aparência agradável. Ambos os grupos concordaram (transeuntes = 53,1% e moradores = 64,5%), em sua maioria, que as cores “contribuem” para a agradabilidade do bairro Porto. Ainda é significativa a porcentagem dos respondentes que concordaram que as cores “contribuem muito” para a construção dessa imagem agradável (transeuntes = 28,1% e moradores = 12,9%). Opiniões como “não contribuem, nem desfavorecem” (transeuntes = 9,4% e moradores = 12,9%) e “desfavorecem” (transeuntes = 9,4% e moradores = 9,7%) aparecem com percentuais menores. Observou-se que nenhum dos grupos de respondentes considerou que as cores “desfavorecem muito” a agradabilidade do bairro (Tabela 5.25 e Figura 5.44).

Tabela 5.25 | Frequências questão 7:

7 - Você acha as cores das casas contribuem para que o bairro tenha uma aparência agradável?	TRANSEUNTE		MORADOR	
contribuem muito	9 (28,1%)	26 (81,2%)	4 (12,9%)	24 (77,4%)
contribuem	17 (53,1%)		20 (64,5%)	
não contribuem, nem desfavorecem	3 (9,4%)		4 (12,9%)	
desfavorecem	3 (9,4%)	3 (9,4%)	3 (9,7%)	3 (9,7%)
desfavorecem muito	-		-	
TOTAL	32 (100%)		31 (100%)	

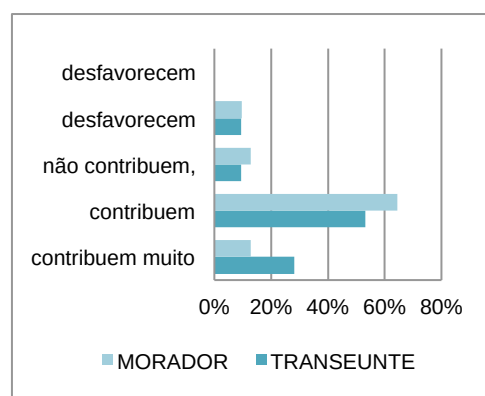


Figura 5.44 | Gráfico questão 7:

Constatou-se que existe correlação significativa (questões 2 e 7) entre a *agradabilidade* do bairro e a presença da cor nas fachadas dos seus prédios (Spearman, coef=0,47, sig=0,00) (amostra total). Isso indica que a cor colabora para tornar o bairro mais agradável, contribuindo para sua boa imagem e legibilidade,

assim como para a construção de sua identidade renovada. Conforme observou Lynch (1976, p.24-25), as pessoas possuem habilidades para reconhecer lugares e integrá-los em imagens mentais. Mas a forma sensorial desses lugares pode fazer esse esforço de entendimento ser mais ou menos difícil, para que se tenha prazer em locais fisicamente distintos, reconhecíveis, e anexar sentimentos e significados a eles.

Em conclusão, os dados encontrados sustentam a hipótese investigada que afirma: Existe correlação entre o nível de agradabilidade dos respondentes com as cenas do bairro e a presença de cores nas fachadas.

CAPÍTULO 6 | CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo são revistos os objetivos da pesquisa, os principais resultados obtidos, a importância e implicação dos mesmos, além de sugestões para futuras investigações sobre o tema abordado.

6.1 REVISÃO DO PROBLEMA, OBJETIVOS E HIPÓTESES

A dinâmica do espaço urbano associada ao processo de globalização pode ser prejudicial para a identidade de bairros e cidades. A perda da identidade desses espaços pode ter consequências negativas, principalmente para as pessoas que vivem nos lugares afetados, prejudicando seu sentido mais geral de bem-estar (GREEN, 1999). Porém, entende-se que a dinâmica da vida nas cidades contribui para que a identidade dos lugares seja uma característica evolutiva (AGUIAR, 2005).

A identidade é um assunto amplamente abordado na literatura sobre o lugar por autores como Relph (1976), Proshansky (1978), Tuan (1980), Norberg-Schulz (1980), Altman e Low (1992), Green (1999), Hidalgo e Hernández (2001), Manzo (2003), Aguiar (2005) e Marušić e Nikšić (2012). Salienta-se que a conservação e a gestão de aspectos que reforçam o caráter de ambientes urbanos tem sido sugerida como uma forma de compensar alguns dos efeitos psicológicos negativos que o crescimento das cidades pode ter sobre as pessoas (GREEN, 1999). A construção de uma identidade do lugar associada ao uso da cor, é altamente considerado pelo seu poder de expressão cultural, capaz de lançar uma dimensão poética complementar ao ambiente (LENCLOS, 1976).

Autores como Lenclos (1976, 1983, 1995, 1999), Efimov (1990), Mazzilli (1993), Lancaster (1996), Naoumova (1997, 2006, 2009) e França (1998), possuem estudos que abordam a cor vinculada ao espaço urbano. Porém, apesar dos estudos existentes, constata-se uma lacuna de conhecimento quanto ao aspecto da percepção do indivíduo sobre a cor na construção da identidade de contextos urbanos históricos de caráter popular. A relevância desta investigação está ligada à necessidade de criar ambientes mais congruentes com as necessidades humanas estéticas e capazes de contribuir de maneira positiva para a formação e manutenção da identidade pessoal dos indivíduos.

A pesquisa teve como objetivo geral desvendar de que forma as manifestações cromáticas espontâneas podem colaborar para a formação da identidade de um ambiente histórico, considerando a percepção dos indivíduos, descobrindo assim o nível de interação das pessoas com o ambiente construído. Deste objetivo geral, derivaram os objetivos específicos:

- (i) investigar a relação existente entre a estrutura física do bairro (espaços e formas arquitetônicas e urbanas) e sua estrutura cromática (pintura dos prédios);
- (ii) verificar a presença de legibilidade (imagem forte) cromática no bairro percebida por moradores e transeuntes;
- (iii) verificar o nível de agradabilidade de cenas urbanas do bairro associadas às relações cromáticas existentes.

Com base no que foi exposto, e nos objetivos definidos, foram determinadas as seguintes hipóteses:

- **hipótese 1** – A estrutura cromática do bairro contribui significativamente para a legibilidade do bairro, sendo mais forte que a estrutura física (mais regular).
- **hipótese 2** – Há diferença na avaliação de moradores e transeuntes em relação à agradabilidade e à satisfação com o aspecto estético dos prédios do bairro.
- **hipótese 3** – Existe correlação entre o grau de agradabilidade e a presença de cores nas fachadas do bairro.

6.2 PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

Na etapa I, que compreendeu o estudo exploratório das peculiaridades das estruturas física e cromática existentes, foi realizada a análise do mapa cromático do bairro em conjunto com os mapas temáticos de usos, de altura das edificações, de estilo arquitetônico e de estado de conservação das edificações.

Por meio do mapeamento cromático foi possível observar a forte presença da cor no bairro e sua distribuição no espaço urbano. A partir desse mapeamento, foram elaboradas as paletas das ruas e do bairro. Constatou-se que a cor aparece essencialmente nas edificações destinadas ao uso residencial (prédios de um e dois pavimentos). Isso deve-se às ações de pintura e manutenção das fachadas realizadas por moradores e proprietários. Esse diferencial contribui para que os prédios de uso comercial e de serviços pareçam perfeitamente integrados ao seu entorno e não tenham tanto destaque como ocorre em outras áreas da cidade. Em comparação a estudos anteriores, observou-se um aumento no número de edificações consideradas bem conservadas. Esse fato assinala uma nova etapa de desenvolvimento do bairro, que pode ser atribuído às instalações da Universidade Federal nessa área.

Hoje a marcante presença da cor no bairro promove a manifestação de uma identidade cromática na área. Isso permite que o bairro Porto comece a formar uma imagem autêntica, diferente da imagem de outros locais da cidade. Como as manifestações cromáticas são espontâneas, fazem parte de uma expressão genuína das pessoas do lugar. Sendo assim, pelo que foi observado, a identidade do bairro – dinâmica como ele próprio – se encaminha de cumprir seu papel na construção e manutenção da identidade pessoal dos indivíduos que por ali vivem.

Além disso, é possível afirmar que a suposição de Efimov sobre a relação entre forma e cor, que diz que uma estrutura regular pressupõe uma coloração também regular, não acontece no bairro. Isso evidencia a peculiaridade dessa área.

Na etapa II, que compreendeu a fase avaliativa do estudo, foram analisadas as hipóteses da pesquisa.

A hipótese 1, que afirma que a estrutura cromática do bairro contribui significativamente para a legibilidade do bairro, é sustentada. Na investigação dessa hipótese, constatou-se que um número significativo de respondentes consideram o bairro “colorido” ou “muito colorido”. Soma-se a isso o fato de que quase metade dos respondentes consideram o bairro mais colorido que outros locais da cidade.

Tal fato está de acordo com as afirmações de Relph (1976), que afirma que a identidade de um lugar é, na verdade, uma unidade constante que permita reconhecer o lugar e diferenciá-lo de outros.

A hipótese 2, que afirma que há diferença na avaliação de moradores e transeuntes em relação à agradabilidade e à satisfação com o aspecto estético dos prédios do bairro é sustentada. Na investigação da hipótese, constatou-se que há diferença na avaliação de moradores e transeuntes em relação à agradabilidade do bairro e em relação à satisfação quanto ao aspecto estético dos prédios. Em ambos os casos os moradores apresentaram uma visão mais positiva do bairro.

Esse resultado pode ser elucidado por meio da teoria Transacionalista, que atenta para a diferença na percepção de diferentes grupos sobre um mesmo local, devido às experiências de vida e valores de cada indivíduo. Soma-se a isso as questões de familiaridade e identidade elencadas por Aguiar (2005), que diferencia a identidade vivida (experenciada por moradores do lugar) da identidade – meramente – percebida (por transeuntes em geral).

A hipótese 3, que afirma que existe correlação entre o grau de agradabilidade e a presença de cores nas fachadas do bairro é sustentada. Na investigação da hipótese, constatou-se que ambos os grupos consideraram que as cores contribuem para a sua agradabilidade, havendo uma correlação significativa entre agradabilidade do bairro e a presença da cor nas fachadas.

Isso leva a concluir que a boa imagem do bairro (em relação a agradabilidade e cor) contribui para a sua legibilidade e assim para construção de sua identidade cromática.

6.3 DIFICULDADES E LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Durante o processo de investigação da pesquisa em questão, foram encontradas algumas dificuldades e limitações, principalmente em relação à aplicação dos questionários. A dificuldade em conseguir respondentes para essa fase do estudo, principalmente entre transeuntes, resultou em amostras de tamanho reduzido, o que caracteriza uma limitação desta pesquisa. Salienta-se que, para futuras investigações relacionadas a este tema, deve-se utilizar uma amostra maior de respondentes.

6.4 IMPORTÂNCIA DOS RESULTADOS

O bairro Porto hoje caracteriza-se pela vida estudantil que abriga em suas ruas. Tal fato deve-se à ocupação de antigos prédios do bairro por novas instalações da Universidade Federal de Pelotas. Entende-se que a recuperação dos prédios para servir à UFPel, bem como o contexto presente hoje no bairro, são frutos também da desaceleração do funcionamento do Porto de Pelotas. A atividade portuária, que foi parte da identidade do lugar, hoje aparece timidamente em segundo plano. Provavelmente, se assim não o fosse, o bairro não possuiria a atmosfera que tem hoje no que se refere à apropriação das pessoas para com o bairro e na imagem da área histórica para os indivíduos.

Na etapa avaliativa da pesquisa, pode-se confirmar que a estrutura cromática do bairro contribui significativamente para a sua legibilidade. Constatou-se que diversas pessoas, além de consideram o bairro “colorido” ou “muito colorido”, consideram o bairro mais colorido que outros locais da cidade. Soma-se a isso a visível homogeneidade de suas ruas, tanto no traçado, como na implantação das edificações. Entende-se portanto, que nesse caso a cor entra como um diferencial, como um definidor de uma identidade.

Foi possível observar a diferença na avaliação de moradores e transeuntes em relação à agradabilidade e à satisfação com o aspecto estético dos prédios do bairro. A avaliação dos moradores em relação do bairro é sempre menos crítica,

tendo em vista as diferentes experiências com o lugar que os diferentes níveis de familiaridade proporcionam. Confirmou-se também a existência de correlação entre o grau de agradabilidade com as cenas do bairro e a presença de cores nas fachadas.

6.5 SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Tem-se a expectativa de que os resultados desta investigação possam contribuir para o campo científico da linha de pesquisa da Percepção Ambiental, especialmente como referência para investigações sobre a identidade de ambientes urbanos de caráter histórico.

Sugere-se que investigações semelhantes podem ser realizadas, com mais profundidade, em outros bairros da cidade que possuam aspectos identitários semelhantes ou não ao bairro Porto. Sugere-se ainda que, através da base teórica disponibilizada, dos levantamentos realizados e das análises feitas, seja elaborado o estudo de um plano cromático para o bairro Porto.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. **Cor e Cidade Histórica**: Estudos Cromáticos e Conservação do Patrimônio. Porto: Edições FAUP, 2005.

ALEXANDER, C. **Uma linguagem de padrões**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

ALTMAN, I.; LOW, S. **Human behavior and environments**: advances in theory and research. Place Attachment. New York: Plenum Press, 1992.

APPLEYARD, D. Why buildings are known. **Environmental and Behavior**, v. 1, n.2, p.131-156, 1969.

BALLESTE, S; NAOUMOVA, N. **Comparativos práticos entre sistemas de referência de cores: NCS e PANTONE**. CIC - UFPel, 2013.

BERLYNE, D. **Aesthetics and Psychobiology**. New York: Appleton-Century Crofts, 1971.

BRENDLE, B. Carnavalização Patrimonial: Destruição Da Identidade Cromática Dos Centros Antigos De João Pessoa, Areia (Pb) E Olinda (Pe). In: **Urbicentros 3**, Salvador 2012.

CASAKIN, H.; BERNARDO, F. **The Role of Place Identity in the Perception, Understanding, and Design of Built Environments**, Technical University of Lisbon and University of Evora Portugal, 2012.

CASTELLO, L. **A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo**. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007.

CUBA, L.; HUMMON, D. **A place to call home**: Identification with dwelling, community and region. *Sociological Quartely*, 34, p.111-131, 1993.

DEVINE-WRIGHT, P.; LYONS, E. **Remembering pasts and representing places**: the construction of national identities in Ireland. *Journal of Environmental Psychology*, n. 17, p. 33-45, 1997.

EFIMOV, A. **Policromia da Cidade**. Moscow: Construção, 1990. (caracteres em russo)

FRANÇA, R. A. **A sistematização cromática e a ordenação da paisagem no bairro do Bonfim em Salvador**. Sinopses, n. 29, p. 5-27, 1998.

GREEN, R. **Meaning and form in community perception of town character**. Journal of Environmental Psychology, n. 19, p. 311-329, 1999.

GOLANT, S.; BURTON, I. A semantic differential experiment in the interpretation and grouping of environmental hazards. In: MOORE, G.; GOLLEDGE, R. (eds.) **Environmental Knowing: Theories, Research and Methods**. Pennsylvania: 1976, 364-374

GUIMARÃES, L. **A Cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.

HARD, A. The Natural Colour System and its Application to Interior and Exterior Environments. In: PORTER, T.; MIKELLIDES, B. **Color for Architecture**, p. 109-122. New York: Van Nostrand Reinhold, 1976.

HIDALGO, M.; HERNÁNDEZ, B. **Place attachment: conceptual and empirical questions**. Journal of Environmental Psychology, 2001, n.21, p.273-281.

ITTELSON, W. H. Perception and transactional psychology. In: **Psychology: A study of a Science**. Vol.4. New York: McGraw-Hill, 1962, p. 660-704.

ITTEN, J. **The art of color: the subject experience and objective rationale of color**. New York: Reinhold, 1961.

JABAREEN, Y. **Culture and housing preferences in a developing city**. Environment and Behavior, vol. 37, n. 1, jan. 2005, p. 134-146.

KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: UNB, 1996.

_____. **Patrimônio cultural e preservação da identidade dos lugares**. Disponível em <www.arquiteturarevista.unisinos.br> acesso em 03/01/2011.

LANCASTER, M. **Colourscape**. Londres: Academy Editors, 1996.

LANG, J. Behavioral and perceptual aspects of the aesthetics of urban environments. In: NASAR, J. L. **Environmental aesthetics: theory, research, and applications**. Cambridge: University Press, 1988.

_____. **Creating architectural theory: the role of the behavioral sciences in environmental design**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987.

LAY, M. C. D.; REIS, A. T. L. **Análise quantitativa na área de estudos ambiente-comportamento**. Ambiente Construído, Porto Alegre, vol. 5, n. 2, p. 23-38, abr/jun 2005.

LAY, M. C. D.; REIS, A. T. L. As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura. **Apostila do curso ministrado no II encontro Nacional e I Encontro Latin-Americano de Conforto no Ambiente Construído**. Gramado, 1995

LENCLOS, J. P. **Color of the World: The Geography of Color**. New York/London: Norton & Company, 1999.

_____. **Les Couleurs d'Europe**. Paris: Moniteur, 1995.

_____. **Les Couleurs de la France**. Paris: Moniteur, 1983.

_____. Living in Colour. In: PORTER, T.; MIKELLIDES, B. **Color for Architecture**, p. 109-122. New York: Van Nostrand Reinhold, 1976.

LOW, S. **Developments in Research Design, Data Collection, and Analysis: Qualitative Methods**. In: ZUBE & MOORE, 1987.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1960.

_____. **Managing the Sense of a Region**. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.

MAHNKE, F. H. **Color, environment, and human response**: an interdisciplinary understanding of colors and its use as a beneficial element in the design of the architectural environment. USA: John Wiley & Sons, Inc, 1996.

MANZO, L. C. (2003). **Beyond house and haven: Toward a revisioning of emotional relationships with places**. Journal of Environmental Psychology, 23, 47-61.

MARUŠIĆ, B.; NIKŠIĆ, M. Multilayered Identity of Places: Linkage Between Physical Form, Behaviour Patterns and Public Perception. In: CASAKIN, H.; BERNARDO, F. **The Role of Place Identity in the Perception, Understanding, and Design of Built Environments**, p.120-132, Technical University of Lisbon and University of Evora Portugal, 2012.

_____. **Identidade Cromática da Paisagem Urbana**: As Cores do Brás. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 1993.

MEERWEIN, G.; RODECK, B.; MAHNKE, F. H. **Color: communication in architectural space**. USA: Birkhäuser, 2007.

MENEZES, M.; TAVARES, M. L. **Salvaguarda da imagem da cidade histórica e dinamização do patrimônio urbano: discutindo algumas questões**. (sd)

MONZEGLIO, E. **Interpretação do significado de módulo/cor**: contribuição ao estudo da cor e sua aplicação na programação de mensagens visuais. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1972.

MOREL-EDNIEBROWN, F. Wither Genius Loci?: The City, Urban Fabric and Identity in Perth, Western Australia. *In: The Role of Place Identity in the Perception, Understanding, and Design of Built Environments*, 2012, 209-227

NAOUMOVA, N. **Como vejo a cidade?** A cor e a imagem cromática urbana. UFRGS, PROPUR, 2006.

_____. **A Policromia da Cidade:** aspectos culturais, simbólicos e estruturais. Teoria e Prática. Apostila do curso. Pelotas, 1997.

_____. **Qualidade estética e policromia de centros históricos.** Tese de Doutorado. PROPUR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NASAR, J. L. Cities, Images of. *In: International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 2001, pp.1822-1825.

_____. **Environmental aesthetics: theory, research, and applications.** Cambridge: University Press, 1992.

_____. **The evaluative image of the city.** California: Thousand Oaks, 1998.

_____. Urban Design Aesthetics. The evaluative qualities of building exteriors. **Environment and Behavior**, vol. 26, n° 3, May 1994, p. 377-401.

NOORMOHAMMADI, S. Essential Human Qualities in Strengthening Place Identity as Expressed in Louis Kahn's Architectural Theory. *In: The Role of Place Identity in the Perception, Understanding, and Design of Built Environments*, 2012, 22-34.

NORBERG-SCHULZ, C. **Intentions in Architecture.** Cambridge: M.I.T. Press, 1965.

_____. **Genius Loci. Towards a Phenomenology of Architecture.** New York: Electra/Rizzoli, 1980.

PEDROSA, I. **Da cor à cor inexistente.** São Paulo, 2010.

PIEMONTESE, L. **Progetto Piano del Colore: I Piani del Colore della Provincia di Latina.** Roma: Gangemi, 2006.

POETSCH, M. C. **Zona do Porto de Pelotas e sua Identidade.** Brasil. 2002. 166f. Tese (Doutorado em Integração Regional), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

POLIS XXI, 2008, disponível em: <<http://politicadecidades.dgotdu.pt/polis/Paginas/default.aspx>>

PORTELLA, A. **A Qualidade Visual dos Centros de Comércio e a Legibilidade dos Anúncios Comerciais.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

PORTER, T.; MIKELLIDES, B. **Color for Architecture**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1976.

PROSHANSKY, H. **The city and self-identity**. Journal of Environment and Behaviour, Vol. 10, pp. 57-83, 1978.

RAPOPORT, A. **Aspectos humanos de la forma urbana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

_____. Environmental Cognition in a cross-cultural perspective. in: MOORE, G. e GOLLEDGE, R. **Environmental Knowing: Theories, Research and Methods**. Pennsylvania:1976, 220-253.

_____. **Neighborhood: heterogeneity or homogeneity**. The field of Man-environment studies. Archit. & Comport. / Archit. & Behav, vol. 1, nº1, p.65-77, 1980/81.

RELPH, E. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

RUSSEL, J. A. Affective appraisals of environments. In: NASAR, J. L. **Environmental aesthetics: theory, research, and applications**. Cambridge: University Press, 1992.

SCHLEE, A. R. **O ultimo eclético**. Arqtexto 3-4, pp. 136-144, 2003.

SEAMON, D; SOWERS, in **Key Texts in Human Geography**. P. HUBBARD, R. KITCHEN, & G. VALLENTINE, eds., London: Sage, pp. 43-51, 2008.

SIRCHAL ATELIERS D'EXPERTISE DE PROJETS. **Revitalização da Zona do Porto: Conclusões do ateliê**. Disponível em: <http://www2.archi.fr/SIRCHAL/atelierdexpertise/pelotas/pel_conclusions_pp/pel_concl_intro.htm> Acesso em 08/09/12.

SIVIK, L. The language of color: colour connotations. In: PORTER, T.; MIKELLIDES, B. **Color fo Architecture**, p.123-139. New York: Van Nostrand Reinhold, 1976.

STAMPS III, A. E. **Are environmental aesthetics worth studying?** Journal of Architectural and Planning Research, vol. 6, n.4, p. 344-355, 1989.

_____. **Defining block character**. Environment and Planning B: Planning and Design, n. 26, p. 1-26, 1999.

_____. **Psychology and the aesthetics of the built environment**. San Francisco: Kluwer Academic Publishers, 2000.

_____. **A Study in Scale and Character: Contextual Effects on Environmental Preferences**. Journal of Environmental Management, n. 42, p. 223-245, 1994.

STAMPS III, A. E.; NASAR, J. L. **Design review and public preferences: effects of geographical location, public consensus, sensation seeking, and architectural styles**. Journal of Environmental Psychology, n. 17, p. 11-32, 1997.

STEELE, F. **Sense of place**. Michigan: CBI Pub Co., 1981.

STOKOLS, D.; SCHUMAKER, S. A. People in places: A transactional view of settings. In: HARVEY, J. H. (ed.) **Cognition, social behavior and the environment**. Hillside, 1981.

TUAN, Y. **Humanistic geography**, Annals of the Association of American Geographers 66 (2): 266-276, 1976.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

UHL, J. Color Typology. In: DUTTMANN, M.; SCHMUCK, F.; UHL, J. **Color in Townscape**, p.86-107. San Francisco: W.H. Freeman and Company, 1981.

WALL, E.; WATERMAN; T. **Desenho urbano: fundamentos de paisagismo**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

WERNER, C. M.; BROWN, B. B.; ALTMAN, I. Transactionaly Oriented Research: Examples and Strategies. In: **Handbook of Environmental Psychology**, p. 203-221, s.d.

Apêndices

Tabela A.1 – Levantamentos da Rua Três de Maio

RUA TRÊS DE MAIO								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
701	S	1P	B	E2	S1510-Y30R	bege	S4010-Y10R	bege
Cruzamento Rua Almirante Barroso								
664	R	1P	A	E3	S0300-N	branco	S2010-Y30R	bege
662	R	1P	A	E2	S2040-G10Y	verde	S0500-N	branco
658	R	1P	B	E2	S2020-R70B	azul	S0300-N	branco
656	R	1P	B	E2	S1020-Y30R	bege	S5030-Y50R	marrom
Cruzamento Rua Cel Alberto Rosa								
649	R	1P	A	E2	S1515-Y40R	bege	S1502-Y	verde
631	R	1P	B	E2	S0502-R	branco	S4030-R90B	azul
629	R	1P	A	E2	S3005-Y80R	bege	S0300-N	branco
628	R	1P	C	E3	S0300-N	branco	-	-
627	R	2P	A	E2	S6005-Y20R	marrom	S0300-N	branco
626	S	2P	B	E2	S5000-N	cinza	S7502-B	preto
623	R	1P	A	E2	S3040-Y70R	marrom	S0300-N	branco
621	R	1P	B	E2	S2030-B	azul	S4020-Y70R	marrom
619	R	2P	A	E3	S1515-G40Y	verde	S0907-G60Y	verde
Cruzamento Rua Álvaro Chaves								
591	R	3P	B	E3	S3040-Y50R	marrom	S0907-Y30R	bege
584	R	2P	B	E3	S2030-G40Y	verde	S4020-G10Y	verde
582	R	1P	A	E2	S0300-N	branco	S5030-Y80R	marrom
578	R	1P	B	E2	S2020-Y20R	bege	S5000-N	cinza
576	R	2P	C	E3	S1515-G40Y	verde	S3010-B50G	verde
574	R	2P	B	E3	S7500-N	cinza	-	-
573	R	2P	A	E3	S/ ACESSO	-	-	-
570	R	1P	C	E2	S5030-Y60R	marrom	S0500-N	branco
565	R	1P	A	E2	S1515-Y30R	bege	S2020-Y30R	bege
564	R	1P	B	E2	S1510-Y50R	bege	S6020-B	azul
562	R	1P	A	E2	S5005-Y20R	bege	-	-
560	R	1P	B	E2	S3010-B10G	verde	S6010-B10G	verde
559	R	1P	A	E3	S/ ACESSO	-	-	-
555	R	1P	A	E2	S3030-Y30R	bege	-	-
552	C	1P	B	E2	S2502-G	verde	S5005-R80B	cinza
551	R	1P	C	E2	S3010-Y30R	bege	S0300-N	branco
Cruzamento Rua Bento Martins								
540	R	1P	A	E2	S0570-Y20R	laranja	S3020-Y50R	marrom
538	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	-	-	-
532	R	2P	B	E3	S1015-G40Y	verde	S3020-G50Y	verde
530	R	1P	B	E2	S1010-Y30R	bege	S3030-Y90R	marrom
528	R	1P	C	E2	S3050-R90B	azul	S0500-N	branco
524	R	1P	C	E2	S1020-Y20R	bege	-	-
523	R	1P	A	E3	S0515-R90B	azul	S0300-N	branco
522	R	1P	B	E2	S1510-Y40R	bege	S0300-N	branco

LEGENDAS DA TABELA A.1

USOS; R – residencial; C – comercial; S – serviços; M – misto; I – institucional

ALTURA DAS EDIFICAÇÕES: 1P – 1 pavimento; 2P – 2 pavimentos; 3P – 3 pavimentos; 4P – 4 pavimentos; 5P – 5 pavimentos; 6P – 6 pavimentos

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A – nível “A”: muito bom; B – nível “B”: razoável; C – nível “C”: ruim

ESTILO ARQUITETÔNICO: E1 – Período eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950); E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

Figura A.1 – Visualização dos dados dos levantamentos realizados na Rua Três de Maio: a) usos; b) altura das edificações; c) estado de conservação das fachadas; e d) estilo arquitetônico dos prédios.

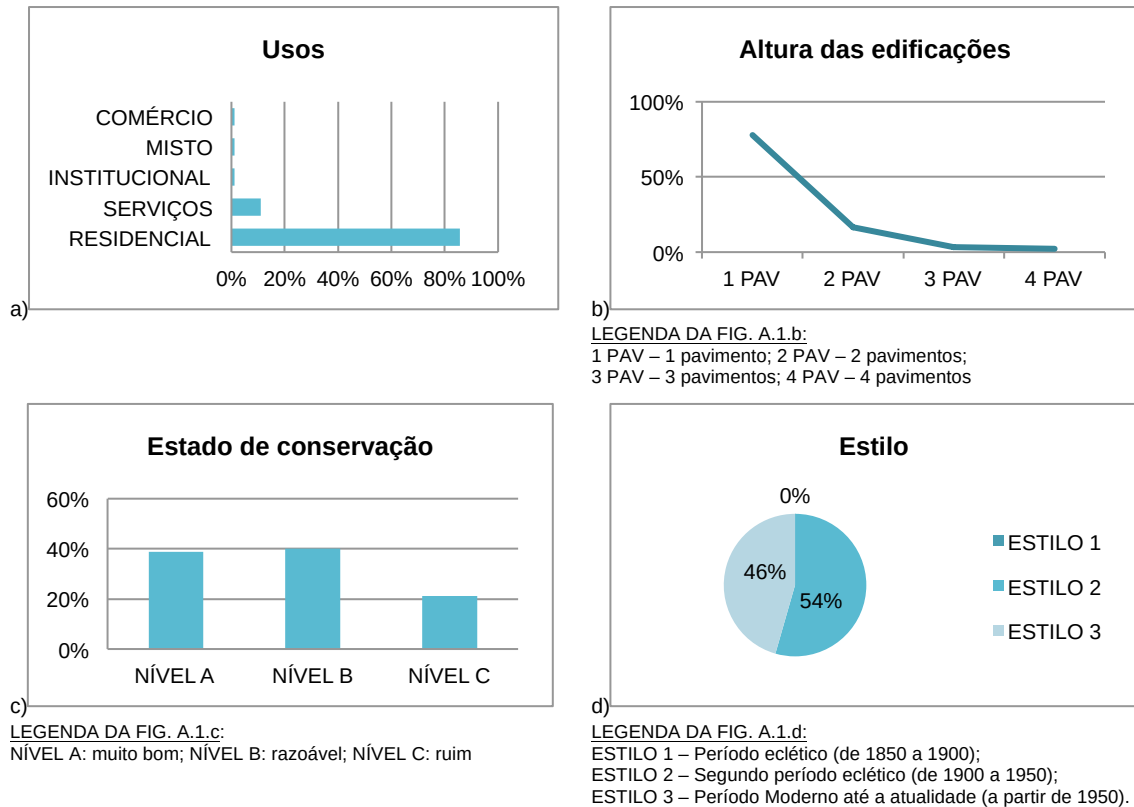


Figura A.2 – Visualização dos aspectos cromáticos levantados na Rua Três de Maio: a) matiz e paleta das paredes, e b) matiz e paleta dos detalhes.

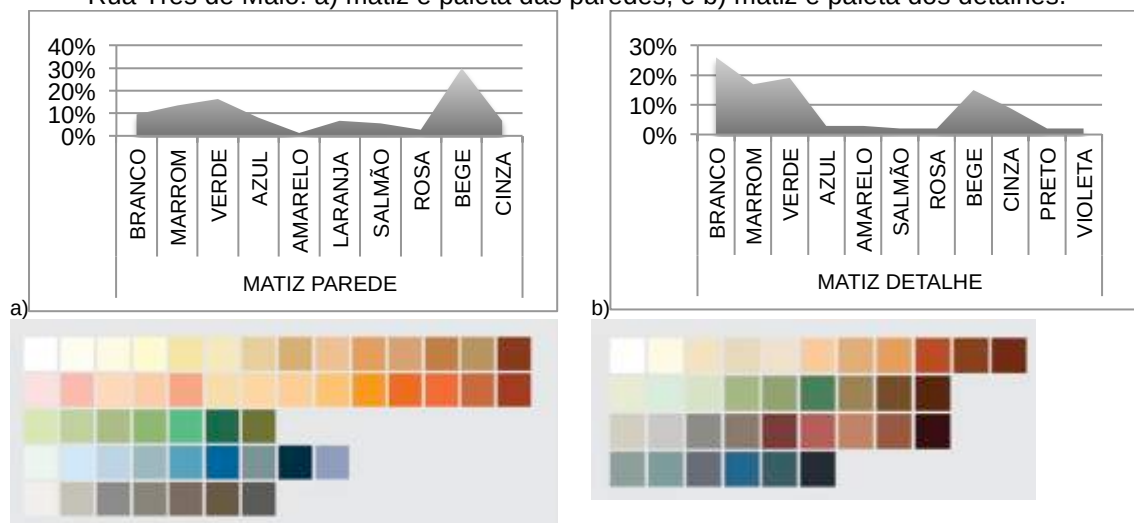


Tabela B.1 – Levantamentos da Rua Gomes Carneiro

RUA GOMES CARNEIRO								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
Cruzamento Rua Almirante Barroso								
1361	R	1P	B	E2	S6005-G80Y	verde	-	-
1335	R	1P	A	E3	S1005-B80G	verde	-	-
1319	R	1P	A	E2	S1510-Y50R	bege	-	-
1311	R	1P	A	E2	S2020-G40Y	verde	S0300-N	branco
1302	I	1P	B	E1	S/ ACESSO	-	-	-
1291	R	2P	C	E2	S5005-Y50R	marrom	-	-
Cruzamento Rua Cel Alberto Rosa								
1267	R	1P	B	E3	S1005-G50Y	verde	S0500-N	branco
1260	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	S/ ACESSO	-	-	-
1259	R	1P	A	E2	S1005-G50Y	verde	S0500-N	branco
1255	R	1P	B	E2	S0505-Y10R	amarelo	S1030-Y70R	salmão
1249	R	1P	B	E2	S1510-Y40R	bege	-	-
1243	R	1P	B	E2	S1515-Y40R	bege	-	-
1242	R	1P	A	E2	S2010-Y30R	bege	S0502-Y50R	amarelo
1238	R	1P	B	E2	S1030-G40Y	verde	S6020-G10Y	verde
1237	R	1P	A	E2	S3010-Y50R	bege	-	-
1231	R	1P	A	E2	S3030-Y60R	marrom	S0502-Y50R	amarelo
1230	R	1P	C	E3	S1020-Y30R	salmão	-	-
1225	R	1P	C	E2	S3010-Y30R	bege	S0300-N	branco
1224	R	2P	A	E2	S1020-Y	amarelo	S5040-Y40R	marrom
1220	R	1P	A	E3	S2005-Y40R	bege	S5030-Y30R	marrom
1217	R	2P	A	E3	S1015-Y30R	amarelo	S5030-Y70R	marrom
1216	R	2P	B	E3	S2020-R	rosa	S1005-Y70R	rosa
1210	R	1P	B	E2	S4005-B80G	verde	-	-
1209	R	1P	B	E2	S0510-Y40R	bege	-	-
1206	R	2P	B	E3	S2500-N	cinza	S5500-N	cinza
1201	S	1P	C	E2	S0300-N	branco	-	-
Cruzamento Rua Álvaro Chaves								
1162	R	1P	A	E2	S2020-G70Y	verde	S4020-G30Y	verde
1153	M	2P	A	E3	OBRA	-	-	-
1150	R	1P	A	E2	S1505-Y20R	bege	S2030-Y20R	bege
1149	R	2P	A	E3	S3050-Y90R	vermelho	S0300-N	branco
1142	R	1P	B	E2	S1010-Y90R	rosa	S0502-Y	amarelo
1145	R	1P	B	E2	S3050-Y60R	marrom	S0300-N	branco
1139	R	1P	A	E2	S0500-N	branco	S1020-Y20R	bege
1134	R	1P	C	E3	S2002-Y	bege	-	-
1133	R	1P	A	E2	S1030-B70G	verde	-	-
1127	R	2P	A	E3	S2030-R70B	violeta	S0300-N	branco
1126	R	1P	B	E2	S2010-G90Y	bege	-	-
1121	R	2P	A	E3	S1020-Y60R	salmão	S5030-Y70R	marrom
1118	R	2P	A	E3	S1010-G30Y	verde	S2020-G40Y	verde

(continuação) Tabela B.1 – Levantamentos da Rua Gomes Carneiro

RUA GOMES CARNEIRO								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
1111	R	2P	A	E2	S2010-B30G	verde	S5030-Y80R	marrom
1110	R	2P	C	E3	S2010-Y40R	bege	-	-
1109	R	2P	A	E2	S1020-R90B	azul	S0520-G50Y	verde
Cruzamento Rua Bento Martins								
1080	R	1P	B	E2	S2002-Y	bege	S0300-N	branco
1079	R	1P	A	E2	S0300-N	branco	S6010-G10Y	verde
1074	R	1P	A	E3	S1020-Y60R	salmão	S6020-R	marrom
1070	R	1P	A	E3	S3010-Y20R	bege	S5005-Y20R	bege
1063	R	1P	A	E2	S6020-G30Y	verde	S2002-Y	bege
1062	R	1P	A	E3	S0500-N	branco	-	-
1058	R	1P	B	E3	S1010-Y60R	salmão	S1040-B80G	verde
1053	R	1P	A	E2	S1020-Y30R	salmão	-	-
1048	R	1P	B	E2	S1030-G	verde	S0603-G40Y	verde
1047	R	1P	A	E3	S0907-Y30R	bege	-	-
1046	R	1P	B	E2	S1030-G	verde	S0603-G40Y	verde
1043	R	1P	A	E3	S1020-Y30R	salmão	-	-
1042	R	1P	A	E2	S1505-Y50R	bege	S0300-N	branco
1035	R	1P	A	E2	S0560-Y60R	laranja	S2005-Y70R	bege
1034	R	1P	A	E2	S1515-G40Y	verde	S0300-N	branco
1028	R	1P	B	E2	S2020-G40Y	verde	S0500-N	branco
1027	R	1P	A	E3	S0300-N	branco	S5500-N	cinza
1022	R	2P	B	E2	S5010-B10G	verde	S1005-Y10R	bege
1021	R	1P	A	E2	S1510-Y30R	bege	S3050-Y20R	bege
1013	R	1P	A	E2	S3030-Y70R	marrom	S5030-Y80R	marrom
Cruzamento Rua João Pessoa								
992	R	1P	A	E2	S2010-Y40R	bege	S7005-Y80R	marrom
987	M	1P	A	E2	S0505-Y30R	amarelo	S3030-Y80R	marrom
984	R	1P	A	E2	S2010-Y40R	bege	S7005-Y80R	marrom
977	R	2P	A	E3	S1010-G20Y	verde	S5030-Y80R	marrom
976	R	1P	A	E2	S2010-Y40R	bege	S7005-Y80R	marrom
971	R	1P	A	E2	S2010-Y40R	bege	S6020-Y80R	marrom
970	R	1P	A	E2	S3040-Y80R	marrom	S0603-Y80R	bege
964	R	1P	A	E3	S3030-G50Y	verde	S3005-Y20R	bege
963	R	1P	A	E2	S2040-R20B	rosa	S0500-N	branco
958	R	1P	B	E2	S5030-Y70R	marrom	-	-
957	R	2P	A	E3	S2020-G40Y	verde	-	-
951	R	2P	B	E3	S1510-G60Y	verde	S0500-N	branco
948	R	1P	B	E3	S1005-Y	amarelo	S4030-Y60R	marrom
945	R	1P	B	E2	S1030-Y60R	salmão	S4030-Y20R	bege
942	R	1P	C	E2	S1015-B80G	verde	-	-
936	R	1P	A	E2	S1030-G40Y	verde	S0300-N	branco
935	R	1P	A	E2	S1030-Y60R	salmão	S4030-Y80R	marrom

(continuação) Tabela B.1 – Levantamentos da Rua Gomes Carneiro

RUA GOMES CARNEIRO								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
930	R	2P	B	E3	S1515-Y70R	salmão	S5020-Y80R	marrom
926	R	1P	B	E2	S2030-Y20R	bege	S5030-R	marrom
Cruzamento Rua José do Patrocínio								
921	R	2P	B	E3	S0500-N	branco	-	-
900	R	2P	C	E3	S2002-Y	bege	-	-
917	R	1P	B	E3	S3020-G10Y	verde	S0500-N	branco
909	R	1P	A	E3	S2030-Y30R	laranja	S1515-Y20R	bege
901	R	1P	A	E2	S1515-Y20R	bege	S4030-Y60R	marrom
894	R	1P	C	E3	S5005-Y20R	marrom	-	-
893	R	2P	A	E3	S2010-Y20R	bege	S5020-Y50R	marrom
888	R	2P	A	E3	S3010-Y50R	bege	S5030-R90B	azul
885	R	1P	A	E3	S3030-G20Y	verde	S0300-N	branco
881	R	1P	A	E3	S1002-Y50R	bege	S5010-Y10R	bege
875	R	1P	A	E3	S1002-Y50R	bege	S5010-Y10R	bege
870B	M	1P	A	E3	S3030-Y70R	marrom	S0502-G50Y	bege
870A	M	1P	A	E3	S4030-Y50R	marrom	S2040-Y40R	laranja
863	R	1P	B	E3	S2020-Y60R	marrom	S3030-Y70R	marrom
856	R	2P	A	E3	S1515-Y20R	bege	S1015-Y20R	bege
848	R	1P	B	E3	S1015-Y20R	bege	S8005-R50B	preto
840	R	1P	A	E3	S2040-Y	amarelo	S8005-R50B	preto
Cruzamento Rua Dona Mariana								
815	C	1P	B	E3	S0500-N	branco	S3010-Y30R	bege

LEGENDAS DA TABELA B.1

USOS; R – residencial; C – comercial; S – serviços; M – misto; I – institucional

ALTURA DAS EDIFICAÇÕES: 1P – 1 pavimento; 2P – 2 pavimentos; 3P – 3 pavimentos; 4P – 4 pavimentos; 5P – 5 pavimentos; 6P – 6 pavimentos

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A – nível “A”: muito bom; B – nível “B”: razoável; C – nível “C”: ruim

ESTILO ARQUITETÔNICO: E1 – Período eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950); E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

Figura B.1 – Visualização dos dados dos levantamentos realizados na Rua Gomes Carneiro: a) usos; b) altura das edificações; c) estado de conservação das fachadas; e d) estilo arquitetônico dos prédios.

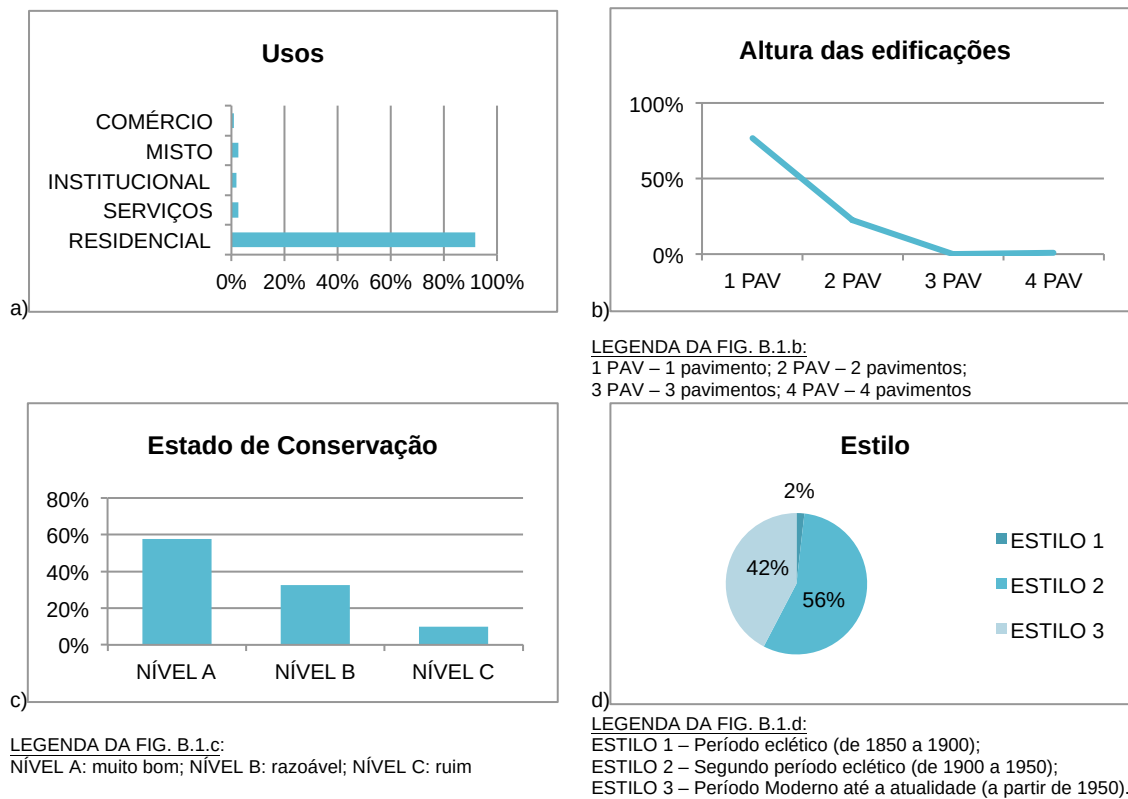


Figura B.2 – Visualização dos aspectos cromáticos levantados na Rua Gomes Carneiro: a) matiz e paleta das paredes, e b) matiz e paleta dos detalhes.

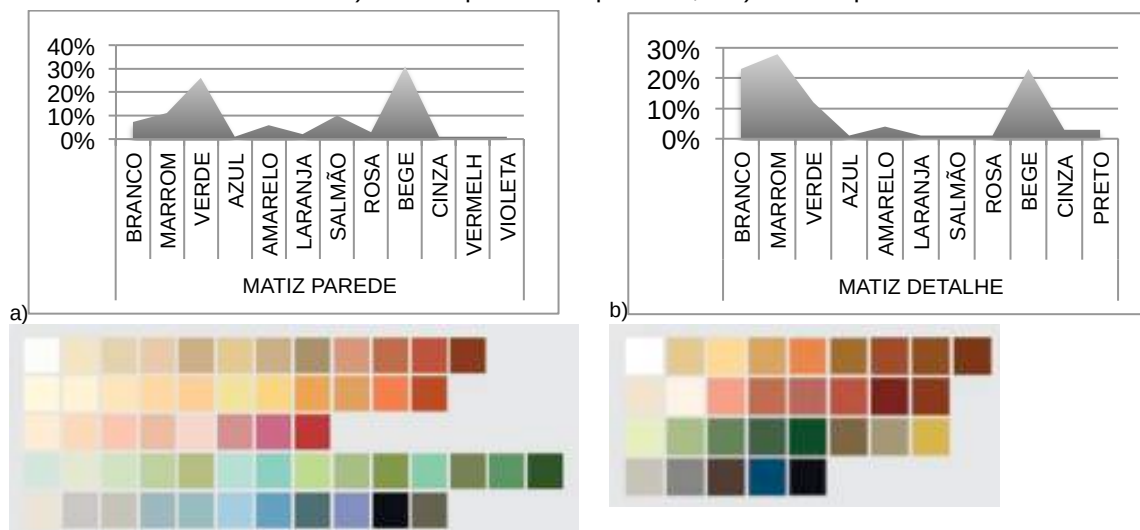


Tabela C.1 – Levantamentos da Rua Uruguai

RUA URUGUAI								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
1201	S	2P	A	E3	S4030-Y70R	marrom	-	-
Cruzamento Rua Almirante Barroso								
1170	R	2P	B	E2	S4005-Y20R	bege	-	-
1162	R	2P	B	E2	S2020-Y40R	bege	-	-
1159	R	2P	A	E3	S1010-Y20R	bege	-	-
1152	R	2P	A	E2	S1020-Y30R	salmão	S5030-Y80R	marrom
1137	R	1P	A	E2	S1005-Y50R	bege	S2010-Y60R	bege
1134	R	2P	A	E2	S0500-N	branco	S7020-Y20R	marrom
1130	R	1P	A	E2	S1020-Y	amarelo	S3010-Y30R	bege
1120	R	1P	C	E2	S4005-Y20R	bege	-	-
Cruzamento Rua Cel Alberto Rosa								
1086	R	2P	A	E2	S4010-Y50R	marrom	S2020-Y60R	marrom
1082	R	2P	A	E2	S1020-G60Y	verde	S0300-N	branco
1078	R	2P	A	E2	S2030-R70B	violeta	-	-
1074	R	2P	A	E2	S3030-Y50R	marrom	S5030-Y80R	marrom
1071	R	1P	B	E3	S3005-Y20R	bege	-	-
1070	R	1P	A	E2	S2040-Y20R	laranja	-	-
1064	R	1P	A	E2	S4030-Y60R	marrom	-	-
1063	R	4P	A	E3	S1002-Y	bege	S5020-Y40R	marrom
1058	R	2P	A	E3	S6020-Y60R	marrom	-	-
1052	R	1P	B	E2	S0500-N	branco	S3010-Y30R	bege
1046	R	1P	A	E2	S0500-N	branco	S5030-B	azul
1038	R	1P	A	E2	S1010-G30Y	verde	S0500-N	branco
1030	R	1P	B	E2	S0502-Y50R	amarelo	-	-
Cruzamento Rua Álvaro Chaves								
999	R	1P	A	E3	S1020-Y30R	salmão	S0500-N	branco
991	R	1P	A	E3	S2500-N	cinza	S4502-Y	cinza
977	S	2P	B	E3	S2010-Y40R	bege	S7010-Y90R	marrom
971	R	1P	B	E2	S0510-Y30R	amarelo	-	-
970	R	1P	A	E2	S1030-Y20R	laranja	-	-
967	R	1P	B	E3	S0907-G90Y	amarelo	-	-
960	R	2P	A	E2	S2030-R90B	azul	-	-
955	R	2P	A	E3	S2030-R10B	rosa	S0502-Y50R	bege
941	R	4P	B	E3	S0500-N	branco	-	-
Cruzamento Rua Bento Martins								
906	R	2P	A	E3	S0500-N	branco	S6020-R80B	azul
902	R	1P	A	E2	S1015-Y20R	bege	S0500-N	branco
897	R	1P	A	E3	S1515-Y40R	salmão	S6005-Y50R	marrom
896	R	2P	A	E3	S2010-Y50R	bege	S2020-Y20R	bege
886	R	1P	A	E3	S1002-Y50R	bege	-	-
885	R	4P	A	E3	S3005-R80B	cinza	S5010-R10B	marrom
880	R	1P	A	E3	S2005-Y50R	bege	-	-

(continuação) Tabela C.1 – Levantamentos da Rua Uruguai

RUA URUGUAI								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
872	R	1P	A	E3	S4005-R80B	cinza	-	-
869	R	4P	A	E3	S3005-R80B	cinza	S5010-R10B	marrom
862	R	1P	A	E3	S1505-Y50R	bege	-	-
859	R	1P	A	E3	S4030-Y50R	marrom	-	-
858	R	1P	B	E2	S2020-G70Y	verde	-	-
Cruzamento Rua João Pessoa								
812	R	2P	A	E2	S3005-Y20R	bege	-	-
809	R	1P	A	E2	S0500-N	branco	S5030-Y80R	marrom
804	R	1P	A	E2	S3040-Y60R	marrom	-	-
801	R	1P	A	E2	S1005-Y20R	bege	S2020-Y40R	bege
798	R	1P	B	E3	S1010-Y50R	salmão	S5030-Y70R	marrom
792	S	1P	B	E2	S1015-G20Y	verde	-	-
791	R	1P	A	E3	S1020-Y60R	salmão	S5030-Y80R	marrom
784	R	1P	B	E3	S4040-R50B	violeta	S3020-R20B	violeta
781	S	1P	B	E3	S1005-B50G	azul	S5020-B	azul
777	R	1P	A	E3	S1020-B70G	verde	-	-
774	R	1P	A	E2	S3050-Y60R	laranja	S0500-N	branco
770	R	1P	A	E2	S2010-G50Y	verde	-	-
761	R	1P	A	E3	S0510-Y	amarelo	-	-
760	S	1P	A	E3	S0530-Y60R	salmão	-	-
Cruzamento Rua José do Patrocínio								
735	R	1P	B	E2	S1020-Y30R	salmão	S4040-Y70R	marrom
725	R	1P	A	E2	S1040-G40Y	verde	-	-
719	R	1P	A	E2	S1515-Y40R	bege	-	-
716	R	1P	B	E3	S4010-B10G	verde	S2020-G70Y	verde
715	R	1P	A	E2	S0530-R90B	azul	S0300-N	branco
714	R	1P	A	E3	S1030-Y70R	salmão	-	-
709	R	1P	B	E2	S1515-Y40R	bege	S1000-N	cinza
708	R	1P	A	E3	S2010-Y60R	bege	S0507-G40Y	verde
700	C	1P	B	E2	S4030-B	azul	S0300-N	branco
697	R	2P	A	E3	S0500-N	branco	-	-
687	R	1P	A	E3	S0507-Y40R	bege	S6030-R10B	marrom
Cruzamento Rua Dona Mariana								

LEGENDAS DA TABELA C.1

USOS: R – residencial; C – comercial; S – serviços; M – misto; I – institucional

ALTURA DAS EDIFICAÇÕES: 1P – 1 pavimento; 2P – 2 pavimentos; 3P – 3 pavimentos; 4P – 4 pavimentos; 5P – 5 pavimentos; 6P – 6 pavimentos

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A – nível “A”: muito bom; B – nível “B”: razoável; C – nível “C”: ruim

ESTILO ARQUITETÔNICO: E1 – Período eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950); E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

Figura C.1 – Visualização dos dados dos levantamentos realizados na Rua Uruguai: a) usos; b) altura das edificações; c) estado de conservação das fachadas; e d) estilo arquitetônico dos prédios.

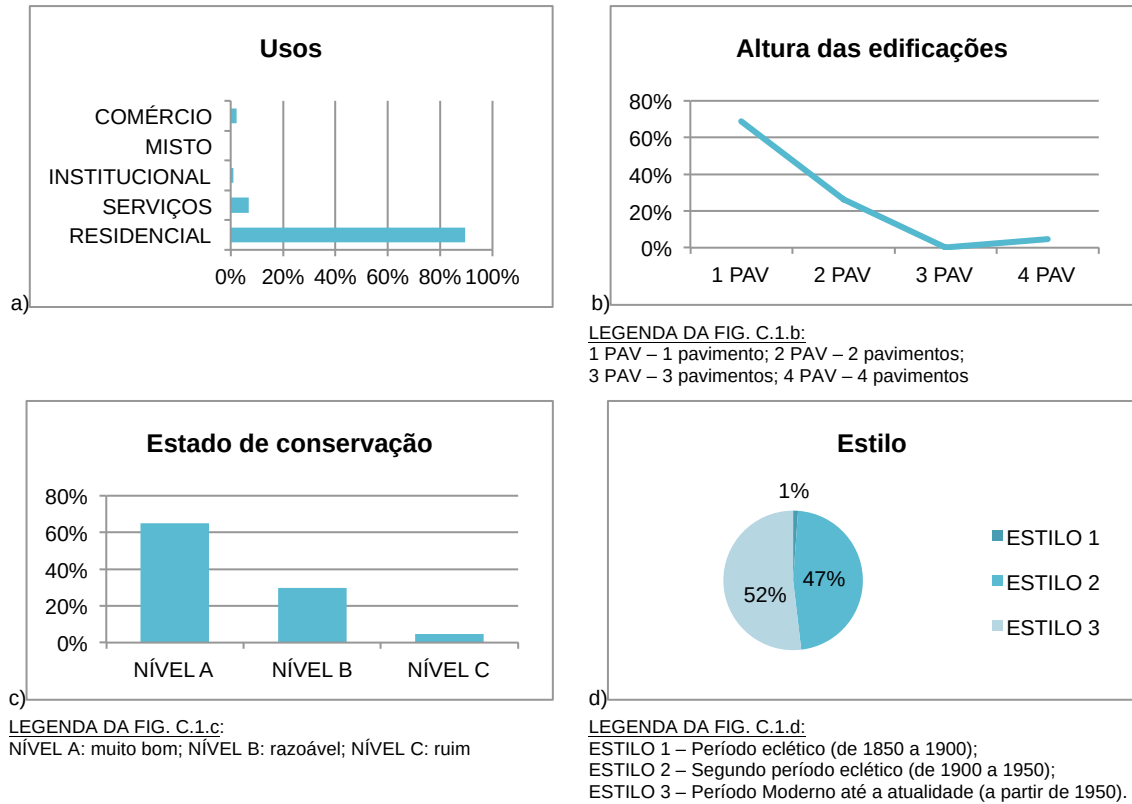


Figura C.2 – Visualização dos aspectos cromáticos levantados na Rua Uruguai: a) matiz e paleta das paredes, e b) matiz e paleta dos detalhes.

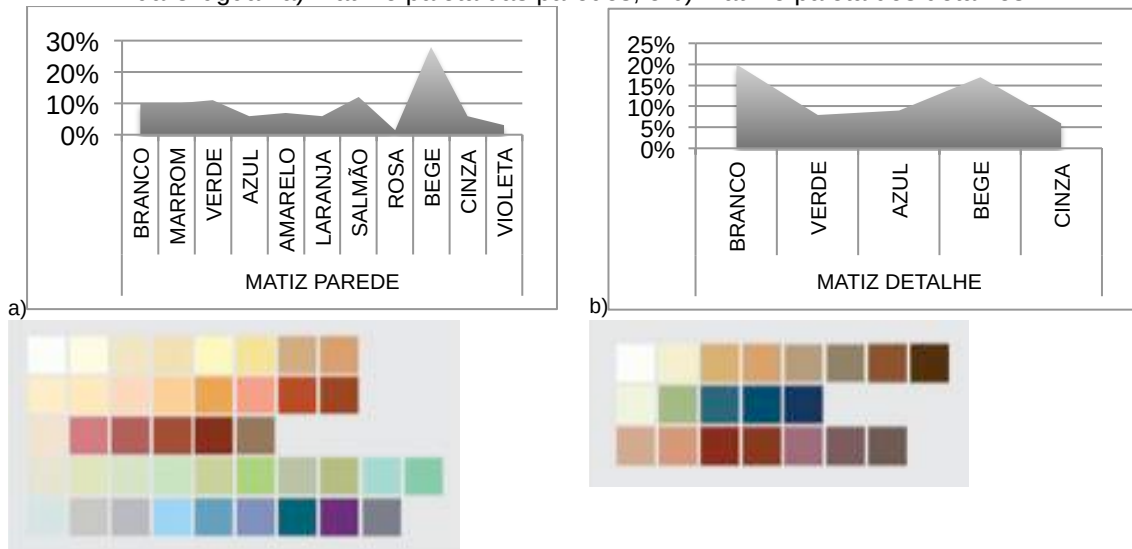


Tabela D.1 – Levantamentos da Rua Almirante Tamandaré

RUA ALMIRANTE TAMANDARÉ								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
352	S	1P	A	E3	S2050-B	azul	-	-
339	S	2P	A	E3	S3040-Y70R	marrom	-	-
Cruzamento Rua Almirante Barroso								
325	R	2P	A	E3	S1030-Y20R	amarelo	S1002-G50Y	cinza
323	R	2P	A	E3	S2010-R90B	azul	S1002-B50G	cinza
304	R	4P	A	E3	S1010-G60Y	verde	S3020-G50Y	verde
301	I	1P	B	E2	S8000-N	cinza	-	-
275	I	1P	B	E2	S8000-N	cinza	-	-
Cruzamento Rua Cel Alberto Rosa								
278	M	1P	C	E2	S0570-G90Y	amarelo	S0500-N	branco
274	R	1P	B	E2	S1002-Y50R	bege	-	-
272	R	1P	B	E2	S1002-Y50R	bege	-	-
268	M	1P	A	E2	S3040-Y60R	marrom	S0500-N	branco
266	R	1P	A	E2	S2030-Y10R	bege	S1510-B20G	azul
260	R	1P	A	E2	S2020-G50Y	verde	S0300-N	branco
258	R	1P	A	E3	S1030-Y10R	bege	S7020-Y60R	marrom
256	R	1P	A	E2	S6010-Y50R	marrom	-	-
254	R	1P	A	E2	S1040-Y70R	rosa	S1002-G50Y	cinza
252	R	2P	A	E3	S4040-Y60R	marrom	S6010-Y50R	marrom
251	R	4P	A	E3	S1010-Y30R	bege	S2030-Y60R	rosa
Cruzamento Rua Álvaro Chaves								
229	R	1P	A	E2	S1015-G20Y	verde	S1515-Y	bege
227	R	1P	A	E2	S1030-Y30R	bege	S4030-Y70R	marrom
225	R	1P	A	E2	S1030-Y90R	rosa	S0502-G50Y	branco
223	R	1P	A	E2	S2000-N	cinza	S6005-Y80R	marrom
217	R	1P	A	E2	S0530-Y10R	amarelo	S0500-N	branco
209	R	1P	A	E2	S1000-N	cinza	-	-
203	R	1P	C	E2	S5005-Y20R	bege	-	-
202	R	1P	A	E3	S3050-G30Y	cinza	-	-
Cruzamento Rua Bento Martins								
185	R	2P	B	E3	S1015-Y60R	salmão	S5020-Y80R	marrom
163	R	4P	A	E3	S1505-Y30R	bege	S4030-Y70R	marrom
162	R	2P	B	E3	S2010-G70Y	verde	S5020-B70G	verde
160	R	1P	B	E3	S1510-Y30R	bege	-	-
158	R	1P	A	E3	S4550-Y70R	marrom	S0603-G80Y	amarelo
156	R	2P	B	E1	S2040-G	verde	S1002-Y	cinza
154	M	1P	A	E2	S1040-R20B	rosa	S0907-Y30R	bege
153	R	1P	B	E3	S1030-B70G	verde	-	-
152	R	1P	A	E3	S2020-G50Y	verde	S3010-Y20R	bege
151	R	1P	C	E2	S3030-Y60R	marrom	-	-
150A	M	2P	A	E3	S1515-Y20R	bege	S6010-Y50R	marrom
150	R	1P	A	E3	S2040-Y20R	laranja	S0502-Y50R	amarelo

(continuação) Tabela D.1 – Levantamentos da Rua Almirante Tamandaré

RUA ALMIRANTE TAMANDARÉ								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
148	R	1P	A	E2	S0510-Y20R	amarelo	S4030-G30Y	verde
146	R	1P	A	E2	S2020-G20Y	verde	S0502-Y50R	amarelo
144	R	1P	A	E2	S4050-Y70R	marrom	S6020-Y20R	marrom
142	R	2P	B	E3	S0502-Y50R	amarelo	S6030-R80B	azul
Cruzamento Rua João Pessoa								
149	R	1P	B	E2	S4005-Y20R	bege	-	-
145	R	2P	A	E3	S2002-G50Y	cinza	S5030-Y80R	marrom
143A	R	1P	B	E3	S3040-Y50R	laranja	-	-
140	S	1P	C	E3	S0502-G50Y	amarelo	S2010-B	azul
139A	S	1P	B	E2	S2010-B	azul	S3040-Y90R	marrom
139	S	1P	A	E2	S2000-N	cinza	S0300-N	branco
137	R	1P	A	E2	S1010-G50Y	verde	S2020-G50Y	verde
130	R	1P	B	E2	S2010-Y50R	bege	S4030-Y70R	marrom
Cruzamento Rua José do Patrocínio								
120	R	1P	B	E3	S1002-Y50R	bege	-	-
118	S	1P	A	E3	S5030-B	azul	S0300-N	branco
116	S	1P	A	E3	S5030-B	azul	S0300-N	branco
115	R	1P	C	E2	S3502-Y	verde	-	-
114	S	1P	A	E3	S5030-B	azul	S0300-N	branco
113	R	1P	B	E2	S0520-B70G	verde	-	-
112	S	1P	A	E3	S5030-B	azul	S0300-N	branco
110B	S	1P	A	E3	S5030-B	azul	S0300-N	branco
110A	S	1P	B	E2	S1030-G50Y	verde	S1502-Y	cinza
110	R	1P	B	E2	S1020-Y20R	laranja	S4020-Y40R	marrom
109	S	1P	C	E2	S5030-B	azul	S0300-N	branco
108	R	2P	A	E2	S2020-B	azul	S6010-Y50R	marrom
107	R	2P	A	E3	S2502-Y	cinza	-	-
106	R	1P	A	E3	S5020-Y80R	marrom	-	-
105	R	1P	A	E2	S0500-N	branco	-	-
103	R	1P	A	E2	S6020-G30Y	verde	S0502-Y50R	amarelo
Cruzamento Rua Dona Mariana								

LEGENDAS DA TABELA D.1

USOS; R – residencial; C – comercial; S – serviços; M – misto; I – institucional

ALTURA DAS EDIFICAÇÕES: 1P – 1 pavimento; 2P – 2 pavimentos; 3P – 3 pavimentos; 4P – 4 pavimentos; 5P – 5 pavimentos; 6P – 6 pavimentos

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A – nível “A”: muito bom; B – nível “B”: razoável; C – nível “C”: ruim

ESTILO ARQUITETÔNICO: E1 – Período eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950); E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

Figura D.1 – Visualização dos dados dos levantamentos realizados na Rua Almirante Tamandaré: a) usos; b) altura das edificações; c) estado de conservação das fachadas; e d) estilo arquitetônico dos prédios.

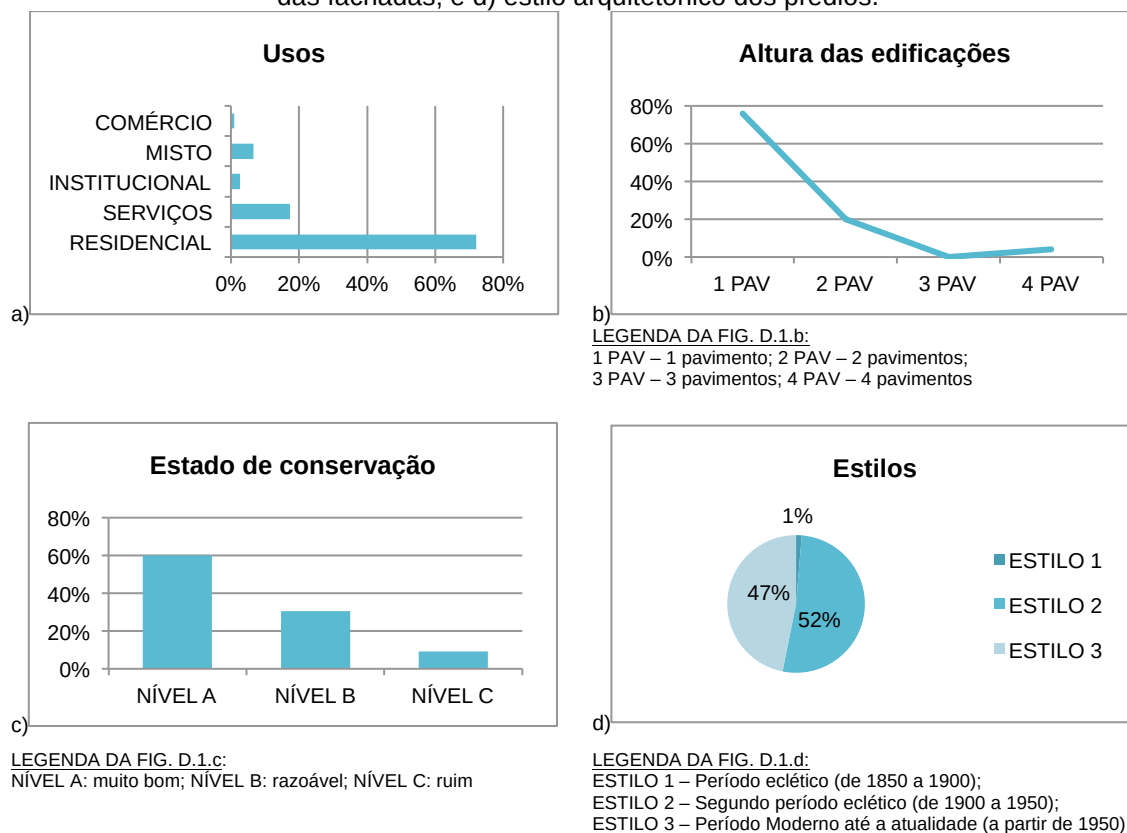


Figura D.2 – Visualização dos aspectos cromáticos levantados na Rua Almirante Tamandaré: a) matiz e paleta das paredes, e b) matiz e paleta dos detalhes.

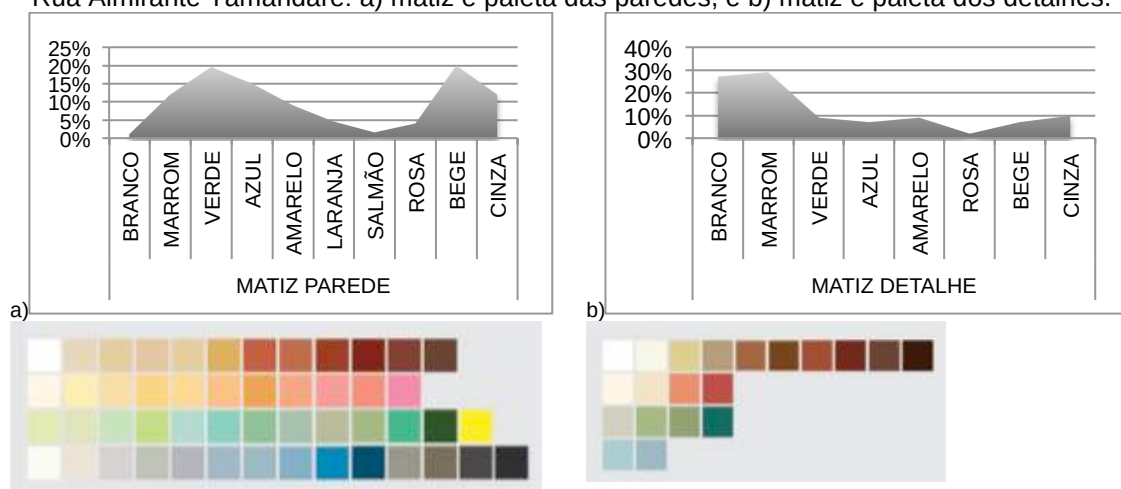


Tabela E.1 – Levantamentos da Rua Benjamin Constant

RUA BENJAMIN CONSTANT								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
1498	S	1P	A	E3	S3050-R	vermelho	-	-
Cruzamento Rua Almirante Barroso								
1460	R	5P	B	E3	S3005-Y50R	bege	S6010-Y30R	marrom
1459	I	1P	A	E1	S1515-G40Y	verde	S0500-N	branco
1446	I	3P	C	E3	S3005-Y20R	bege	-	-
1433	R	1P	A	E2	S2030-Y40R	laranja	S0500-N	branco
1423	R	2P	A	E2	S0520-B90G	verde	S1010-G70Y	verde
1415	R	1P	A	E2	S0502-Y50R	amarelo	S2040-Y10R	amarelo
1407	R	2P	A	E2	S1020-Y60R	salmão	S1005-Y20R	bege
Cruzamento Rua Cel Alberto Rosa								
1377	R	1P	B	E2	S0510-Y30R	amarelo	S1002-G50Y	cinza
1359	I	1P	B	E3	S0507-Y20R	amarelo	S4020-B	azul
1346	S	1P	A	E3	S2020-G60Y	verde	S1015-B80G	verde
1345	R	1P	C	E2	S0502-Y50R	amarelo	S3030-B10G	azul
1314	S	1P	A	E1	S3060-Y90R	vermelho	S0300-N	branco
Cruzamento Rua Álvaro Chaves								
1290	R	1P	A	E3	S3040-Y60R	marrom	S2020-Y20R	bege
1289	S	2P	A	E2	S1515-G80Y	verde	S0907-G60Y	verde
1284	R	1P	A	E2	S2005-B50G	azul	S0500-N	branco
1281	R	1P	A	E2	S3050-B	azul	S1005-B50G	azul
1278	R	1P	A	E2	S1060-G40Y	verde	S0500-N	branco
1275	R	1P	A	E2	S2030-Y30R	laranja	S3502-B	cinza
1272	R	1P	A	E2	S2030-Y20R	bege	S1010-Y20R	bege
1267	R	2P	A	E3	S1002-Y	cinza	S8502-B	preto
1266	R	1P	A	E2	S1015-Y60R	salmão	S3030-Y70R	marrom
1261	R	1P	B	E2	S5005-Y50R	bege	S0500-N	branco
1260	R	1P	A	E2	S2020-G40Y	verde	S1010-G40Y	verde
1254	R	1P	B	E2	S2010-Y20R	bege	S0500-N	branco
1251	S	1P	A	E1	S3010-B	azul	S0300-N	branco
1248	R	1P	B	E2	S4030-Y90R	marrom	S1005-Y30R	bege
1242	R	1P	A	E3	S4040-Y60R	marrom	S0500-N	branco
1241	R	1P	A	E2	S3010-B	azul	S0300-N	branco
1234	R	2P	A	E3	S0300-N	branco	S7020-Y70R	marrom
1231	R	1P	A	E1	S1020-Y30R	salmão	S1030-Y20R	salmão
1228	S	2P	C	E3	S1020-R70B	azul	S0300-N	branco
1225	R	1P	A	E1	S0907-Y30R	bege	S0502-Y50R	amarelo
Cruzamento Rua Bento Martins								
1195	R	2P	B	E3	S0603-G80Y	amarelo	-	-
1192	R	1P	B	E2	S1505-Y50R	bege	S5010-Y50R	marrom
1183	S	1P	B	E3	S1510-Y40R	bege	S5030-Y80R	marrom
1176	R	1P	A	E1	S1505-Y30R	bege	S5030-Y30R	marrom
1175	R	1P	B	E3	S1505-Y50R	bege	S0502-Y50R	amarelo

(continuação) Tabela E.1 – Levantamentos da Rua Benjamin Constant

RUA BENJAMIN CONSTANT								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
1169	R	1P	A	E3	S1050-G	verde	S3040-Y60R	marrom
1168	R	1P	A	E1	S1505-Y30R	bege	S0500-N	branco
1163	R	1P	A	E1	S1515-Y50R	bege	S0500-N	branco
1160	R	2P	B	E2	S1020-Y	amarelo	S0500-N	branco
1157	R	1P	A	E3	S1005-G40Y	verde	-	-
1152	R	1P	A	E3	S1510-Y40R	bege	S0502-G50Y	verde
1149	R	1P	A	E2	S3010-Y30R	bege	-	-
1142	R	1P	A	E2	S0907-Y10R	bege	S3010-Y30R	bege
1134	R	1P	A	E3	S1020-R50B	violeta	-	-
1130	R	1P	B	E2	S1015-Y50R	salmão	S0500-N	branco
Cruzamento Rua João Pessoa								
1088	S	1P	B	E2	S0520-Y20R	amarelo	-	-
1080	S	1P	B	E2	S0520-Y20R	amarelo	-	-
1071	R	1P	C	E1	S1005-Y40R	bege	-	-
1070	R	1P	C	E1	S0502-Y50R	amarelo	-	-
1062	R	1P	C	E2	S2010-Y40R	bege	S0603-G80Y	amarelo
1054	R	1P	A	E2	S1505-Y30R	bege	S5020-Y60R	marrom
1048	R	1P	B	E2	S2010-Y40R	bege	S0804-Y30R	bege
1042	R	1P	B	E2	S5030-G	verde	-	-
1036	R	1P	B	E2	S0520-B70G	verde	S2040-B90G	verde
1030	R	1P	C	E2	S6005-Y20R	marrom	S2002-B	cinza
1024	R	3P	C	E2	S5005-Y20R	marrom	S0500-N	branco
1016	R	1P	A	E3	S5502-Y	cinza	-	-
1010	S	1P	B	E3	S2030-G	verde	S0907-G60Y	verde
1007	R	1P	B	E2	S5010-Y30R	marrom	S0603-Y80R	bege
1006	R	1P	B	E2	S2010-Y50R	bege	S6020-Y40R	marrom
1000	R	1P	B	E2	S0502-Y50R	amarelo	S4040-B	azul
990	R	1P	B	E2	S1015-Y50R	amarelo	S2020-Y50R	salmão
989	I	6P	B	E2	S1015-Y50R	salmão	S2030-Y60R	salmão
987	I	4P	A	E3	S1510-Y20R	bege	S1005-Y10R	bege
Cruzamento Rua Dona Mariana								

LEGENDAS DA TABELA E.1

USOS; R – residencial; C – comercial; S – serviços; M – misto; I – institucional

ALTURA DAS EDIFICAÇÕES: 1P – 1 pavimento; 2P – 2 pavimentos; 3P – 3 pavimentos; 4P – 4 pavimentos; 5P – 5 pavimentos; 6P – 6 pavimentos

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A – nível “A”: muito bom; B – nível “B”: razoável; C – nível “C”: ruim

ESTILO ARQUITETÔNICO: E1 – Período eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950); E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

Figura E.1 – Visualização dos dados dos levantamentos realizados na Rua Benjamin Constant: a) usos; b) altura das edificações; c) estado de conservação das fachadas; e d) estilo arquitetônico dos prédios.

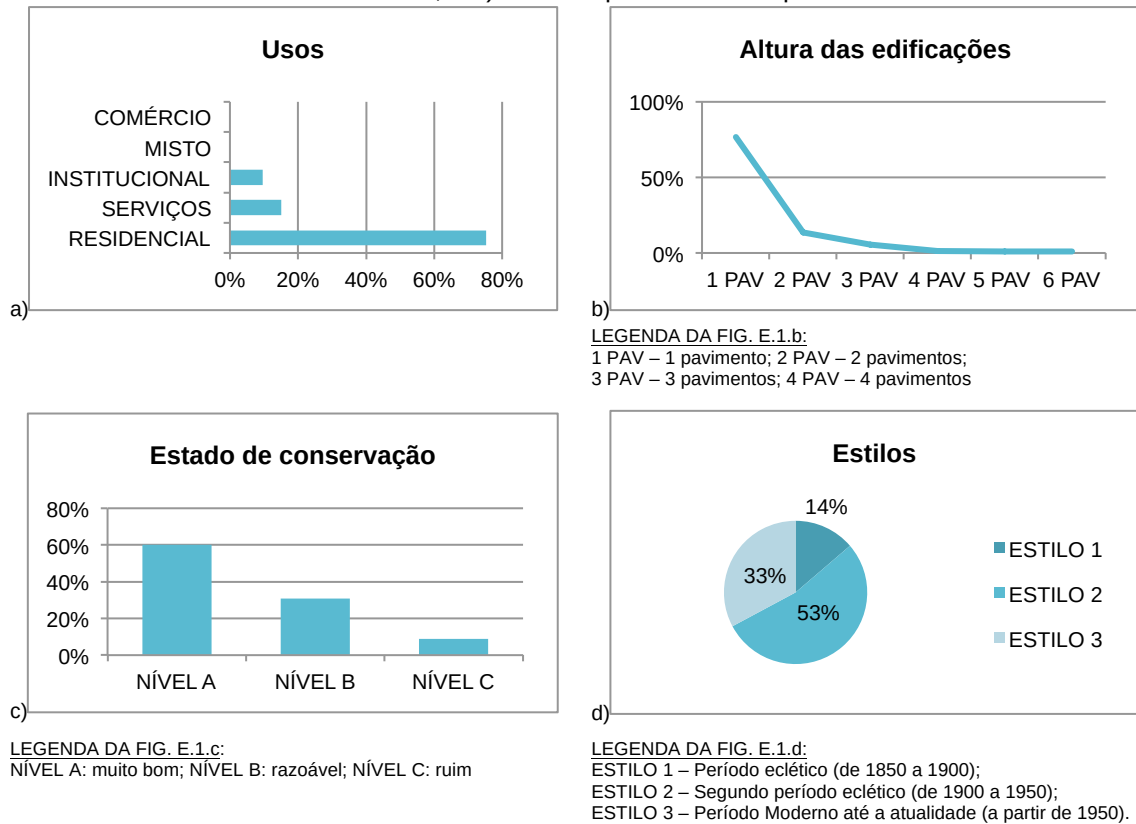


Figura E.2 – Visualização dos aspectos cromáticos levantados na Rua Benjamin Constant: a) matiz e paleta das paredes, e b) matiz e paleta dos detalhes.

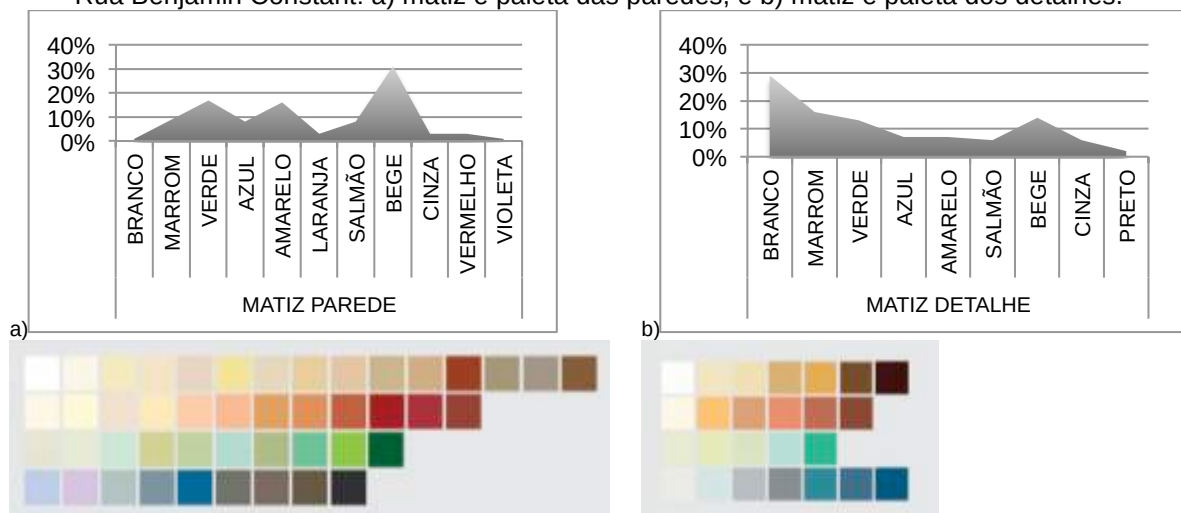


Tabela F.1 – Levantamentos da Rua Almirante Barroso

RUA ALMIRANTE BARROSO								
LOTE	USO	VOLUME	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
1276	S	1P	A	E1	S3020-Y20R	bege	S1005-Y20R	bege
Cruzamento Rua Três de Maio								
1221	R	1P	A	E2	S2005-R50B	violeta	S1002-Y	cinza
1211	R	1P	A	E3	S1015-Y10R	amarelo	S1005-Y80R	rosa
1205	S	1P	A	E3	S0500-N	branco	S4030-Y70R	marrom
1202	I	4P	A	E3	S2010-B10G	azul	S1005-Y40R	bege
1199	S	1P	A	E2	S2050-G10Y	verde	S9000-N	preto
1195	S	1P	A	E3	S6020-G50Y	verde	S0500-N	branco
1191	S	1P	A	E2	S3005-G50Y	verde	-	-
1185	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	S2020-Y20R	bege	S1005-Y60R	bege
1177	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	S2040-Y	amarelo	S7010-Y90R	marrom
1171	S	1P	C	E2	S2020-Y60R	rosa	S6020-Y30R	marrom
1167	S	1P	C	E3	S3020-G50Y	bege	S2010-Y40R	bege
1163	R	2P	C	E1	S4010-G50Y	bege	-	-
1159	R	1P	A	E2	S1015-Y20R	amarelo	-	-
1155	R	1P	B	E2	S0505-Y50R	amarelo	-	-
Cruzamento Rua Gomes Carneiro								
1125	S	1P	A	E1	S0500-N	branco	S5030-Y90R	vermelho
1120	R	1P	B	E2	S6502-Y	cinza	-	-
1117	R	1P	A	E2	S2030-Y30R	laranja	S0300-N	branco
1113	R	1P	A	E3	S2010-Y20R	bege	S4030-Y80R	marrom
1110	R	1P	B	E2	S4005-Y20R	bege	-	-
1107	S	2P	B	E2	S0300-N	branco	-	-
1103	R	1P	A	E2	S1515-G40Y	verde	-	-
1102	R	2P	B	E2	S1505-Y50R	bege	S3040-Y70R	laranja
1097	R	1P	A	E3	S3040-Y70R	laranja	S0500-N	branco
1092	R	1P	A	E3	S1505-Y40R	bege	S8000-N	cinza
1089	R	1P	B	E3	S1002-Y	cinza	-	-
1083	R	1P	A	E2	S6020-G70Y	verde	S0300-N	branco
1082	R	2P	B	E2	S0603-G40Y	verde	S5005-Y20R	marrom
1077	R	1P	C	E3	S0507-V40R	bege	-	-
1074	R	2P	A	E2	S7005-R20B	violeta	S0500-N	branco
1073	R	2P	B	E3	S3030-Y50R	marrom	S1000-N	cinza
1068	R	2P	A	E2	S0510-Y	amarelo	-	-
1062	R	2P	A	E2	S1002-Y	bege	S3010-B	azul
1059	R	2P	B	E1	S2030-R	rosa	S0505-Y90R	bege
1056	R	2P	A	E2	S2050-Y20R	laranja	S1010-Y10R	bege
1048	R	2P	A	E2	S1515-G60Y	verde	S0907-G90Y	bege
Cruzamento Rua Uruguai								
1014	R	1P	A	E3	S5030-Y80R	marrom	S0300-N	branco
1011	R	1P	B	E2	S2020-Y20R	bege	S2040-Y20R	bege
999	R	2P	A	E3	S1020-Y30R	bege	S2040-Y50R	laranja

(continuação) Tabela F.1 – Levantamentos da Rua Almirante Barroso

RUA ALMIRANTE BARROSO								
LOTE	USO	VOLUME	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
998	R	1P	A	E2	S5005-G80Y	Verde	S2030-G70Y	verde
987	R	2P	A	E3	S3010-Y50R	bege	S2040-Y20R	bege
984	R	3P	A	E3	S2030-R40B	violeta	S5030-R30B	violeta
977	R	1P	A	E2	S2020-Y60R	bege	S1005-G80Y	amarelo
971	R	1P	A	E2	S2020-G50Y	verde	S0300-N	branco
970	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	-	-	-
958	R	2P	A	E3	S0500-N	branco	-	-
948	R	2P	A	E2	S2005-Y40R	bege	S2040-G20Y	verde
938	R	2P	A	E2	S1030-Y10R	amarelo	S0300-N	branco
Cruzamento Rua Almirante Tamandaré								
891	R	1P	A	E3	S3040-Y70R	marrom	-	-
885	R	2P	A	E3	S2010-R80B	azul	-	-
879	R	2P	A	E3	S1030-Y30R	bege	-	-
875	R	2P	A	E3	S3050-Y60R	marrom	S0500-N	branco
871	R	2P	A	E3	S1005-Y20R	bege	-	-
867	R	1P	A	E3	S1005-Y20R	bege	S4030-Y50R	marrom
863	R	2P	A	E3	S0505-G20Y	verde	-	-
859	R	1P	A	E3	S0515-Y20R	amarelo	-	-
855	R	1P	B	E3	S2000-N	cinza	-	-
850	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	-	-	-
843	S	1P	B	E3	S1040-G20Y	verde	S2500-N	cinza
833	S	1P	B	E2	S2030-Y30R	laranja	S3010-Y20R	bege
Cruzamento Rua Benjamin Constant								

LEGENDAS DA TABELA F.1

USOS; R – residencial; C – comercial; S – serviços; M – misto; I – institucional

ALTURA DAS EDIFICAÇÕES: 1P – 1 pavimento; 2P – 2 pavimentos; 3P – 3 pavimentos; 4P – 4 pavimentos; 5P – 5 pavimentos; 6P – 6 pavimentos

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A – nível “A”: muito bom; B – nível “B”: razoável; C – nível “C”: ruim

ESTILO ARQUITETÔNICO: E1 – Período eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950); E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

Figura F.1 – Visualização dos dados dos levantamentos realizados na Rua Almirante Barroso: a) usos; b) altura das edificações; c) estado de conservação das fachadas; e d) estilo arquitetônico dos prédios.

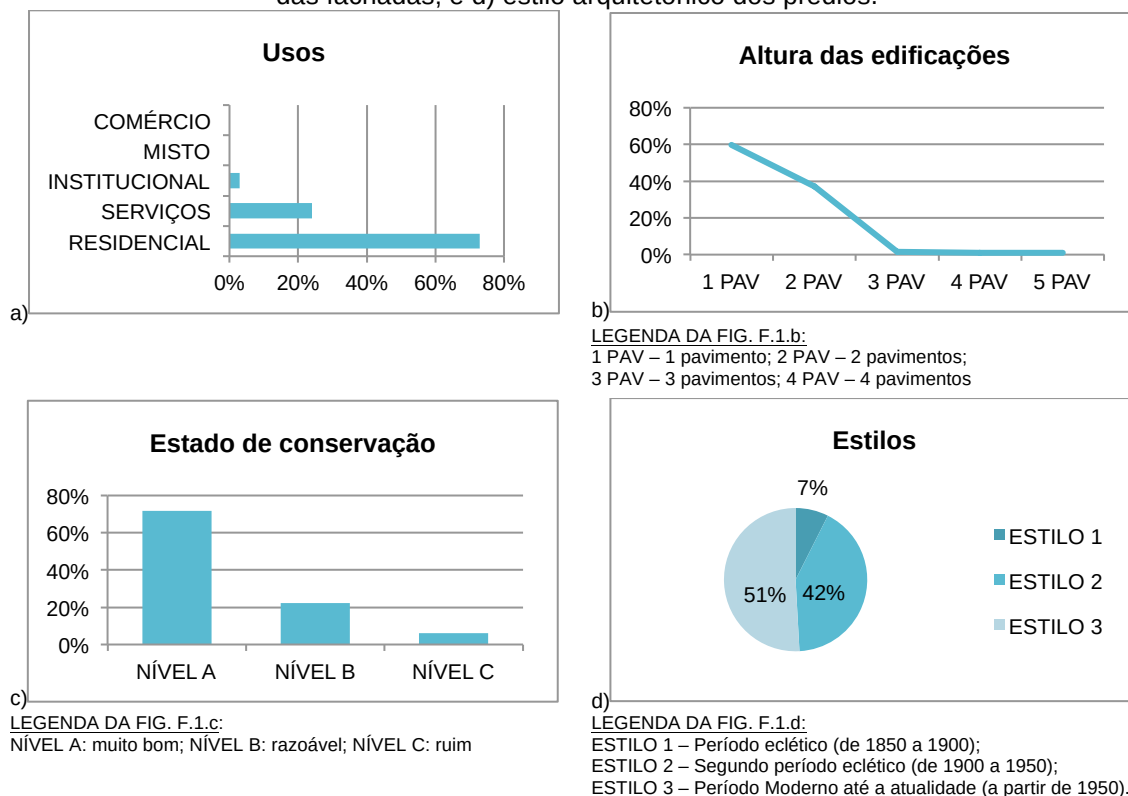


Figura F.2 – Visualização dos aspectos cromáticos levantados na Rua Almirante Barroso: a) matiz e paleta das paredes, e b) matiz e paleta dos detalhes.

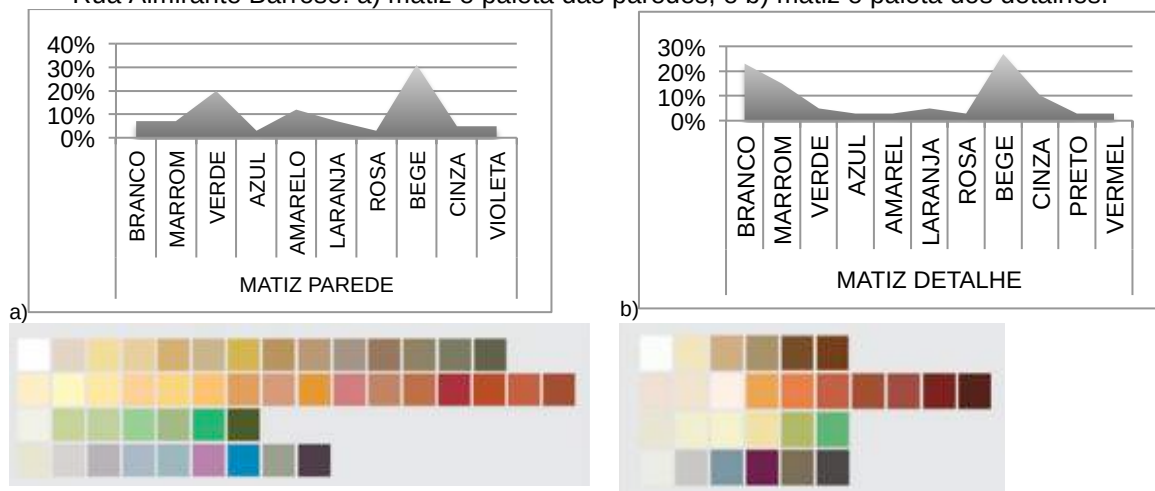


Tabela G.1 – Levantamentos da Rua Cel. Alberto Rosa

RUA CEL ALBERTO ROSA								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
313	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	-	-	-
302	R	1P	C	E3	S3040-Y60R	marrom	-	-
Cruzamento Rua Três de Maio								
284	R	1P	A	E2	S2005-Y40R	bege	-	-
280	R	1P	A	E2	S2030-Y10R	bege	-	-
276	R	1P	A	E2	S0300-N	branco	S3050-Y60R	marrom
272	R	1P	A	E3	S1015-G90Y	amarelo	S3010-R80B	cinza
268	R	1P	A	E3	S5030-Y60R	marrom	-	-
266	R	1P	A	E3	S2050-Y40R	laranja	S3020-Y20R	bege
264	R	1P	A	E3	S2020-Y60R	rosa	S0500-N	branco
262	R	1P	A	E3	S1050-Y80R	rosa	S1510-Y70R	rosa
260	R	1P	A	E2	S2005-G90Y	verde	S3020-G30Y	verde
258	R	1P	C	E2	S4010-Y30R	bege	-	-
254	R	1P	B	E3	S5020-B	azul	S0500-N	branco
252	R	2P	A	E3	S2020-G50Y	verde	S3030-G10Y	verde
Cruzamento Rua Gomes Carneiro								
222	R	2P	B	E3	S3030-Y70R	marrom	S6005-G80Y	verde
221	R	1P	B	E2	S1010-B90G	verde	S3040-Y70R	marrom
220	R	2P	C	E3	S1015-Y20R	amarelo	-	-
219	R	2P	A	E3	S1510-Y20R	bege	S6020-Y40R	marrom
218	R	2P	A	E3	S2020-Y30R	bege	-	-
216	R	1P	C	E2	S2002-G	cinza	S3502-B	cinza
214	R	1P	A	E3	S2020-G50Y	verde	S0500-N	branco
212	R	1P	A	E3	S1030-R90B	azul	S4030-B	azul
210	R	1P	A	E3	S5500-N	cinza	S0500-N	branco
208	R	2P	A	E2	S0907-Y30R	bege	S4040-Y70R	marrom
206	R	1P	A	E3	S/ ACESSO	-	-	-
204B	R	1P	B	E2	S1515-Y50R	salmão	S6030-Y80R	marrom
204A	R	1P	A	E2	S1510-Y20R	bege	S7010-Y90R	marrom
204	R	1P	A	E2	S1030-G50Y	verde	S0300-N	branco
202	R	1P	A	E3	S1515-Y40R	bege	S0300-N	branco
200	R	2P	B	E3	S1515-Y30R	bege	-	-
198	R	2P	B	E3	S1005-Y20R	bege	-	-
Cruzamento Rua Uruguai								
195	R	1P	A	E2	S5005-Y20R	marrom	S2502-Y	cinza
184	R	1P	B	E3	S2005-G40Y	verde	-	-
182	R	1P	A	E3	S1020-B10G	azul	S1005-Y	amarelo
180	R	1P	A	E3	S3030-R90B	azul	S1515-Y70R	rosa
178	R	1P	A	E3	S0507-Y20R	amarelo	S0520-Y20R	amarelo
176	R	1P	A	E3	S1505-Y30R	bege	S0300-N	branco
174	R	2P	A	E2	S1505-Y30R	bege	S0300-N	branco
173	R	1P	A	E3	S5502-R	cinza	S0500-N	branco

(continuação) Tabela G.1 – Levantamentos da Rua Cel. Alberto Rosa

RUA CEL ALBERTO ROSA								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
172	R	1P	A	E2	S1505-Y30R	bege	S0300-N	branco
170	R	1P	A	E2	S2500-N	cinza	S0500-N	branco
169	R	1P	A	E3	S1015-Y30R	bege	-	-
168	R	1P	A	E2	S3020-G90Y	verde	S1015-G40Y	verde
167	R	1P	B	E3	S3020-Y40R	marrom	-	-
166	R	1P	A	E2	S2040-G90Y	verde	S2020-Y60R	rosa
165	R	1P	B	E3	S2010-G90Y	verde	S1515-G60Y	verde
164	I	1P	A	E3	S2030-Y20R	bege	S5020-Y30R	marrom
163	R	1P	C	E2	S1515-Y50R	salmão	S0500-N	branco
162	R	1P	A	E3	S2050-Y40R	laranja	S5030-Y70R	marrom
159	R	1P	B	E3	S4020-R60B	violeta	S3010-R50B	violeta
Cruzamento Rua Almirante Tamandaré								
158	I	3P	B	E2	S1005-Y20R	bege	S5030-Y80R	marrom
154	I	2P	C	E2	S0510-Y30R	amarelo	-	-
123	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	-	-	-
Cruzamento Rua Benjamin Constant								

LEGENDAS DA TABELA G.1

USOS; R – residencial; C – comercial; S – serviços; M – misto; I – institucional

ALTURA DAS EDIFICAÇÕES: 1P – 1 pavimento; 2P – 2 pavimentos; 3P – 3 pavimentos; 4P – 4 pavimentos; 5P – 5 pavimentos; 6P – 6 pavimentos

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A – nível “A”: muito bom; B – nível “B”: razoável; C – nível “C”: ruim

ESTILO ARQUITETÔNICO: E1 – Período eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950); E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

Figura G.1 – Visualização dos dados dos levantamentos realizados na Rua Cel. Alberto Rosa: a) usos; b) altura das edificações; c) estado de conservação das fachadas; e d) estilo arquitetônico dos prédios.

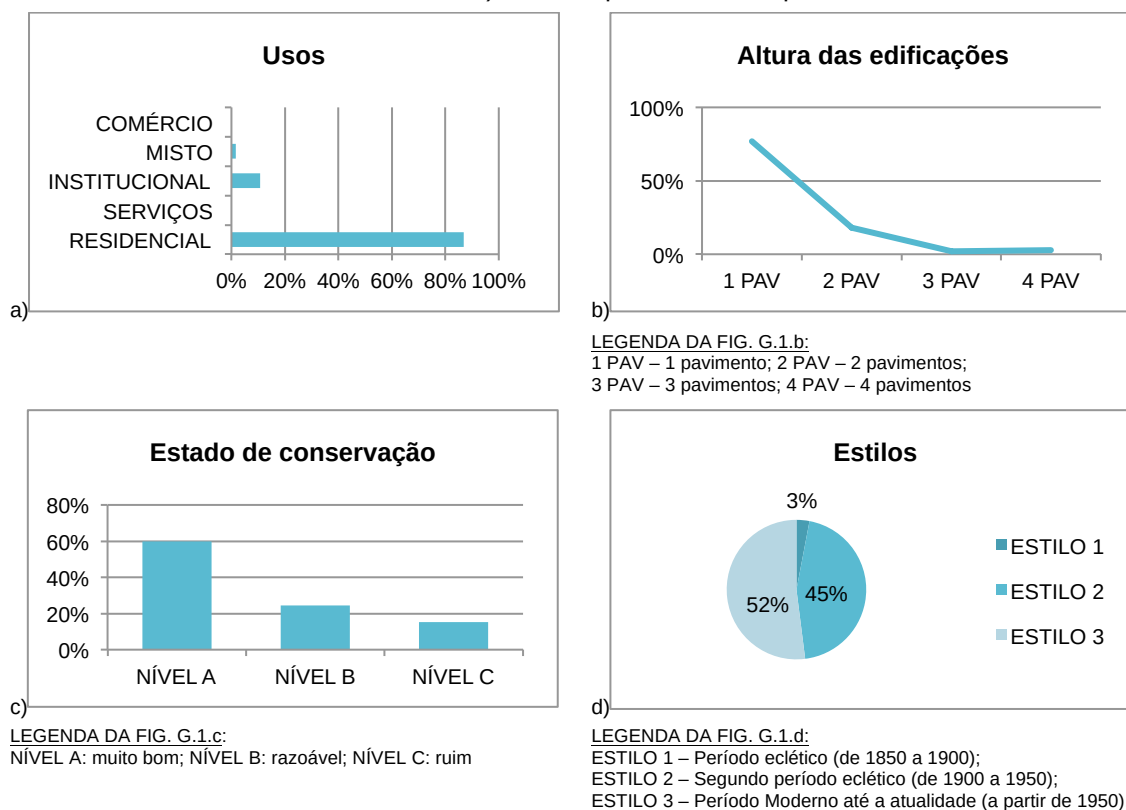


Figura G.2 – Visualização dos aspectos cromáticos levantados na Rua Cel. Alerto Rosa: a) matiz e paleta das paredes, e b) matiz e paleta dos detalhes

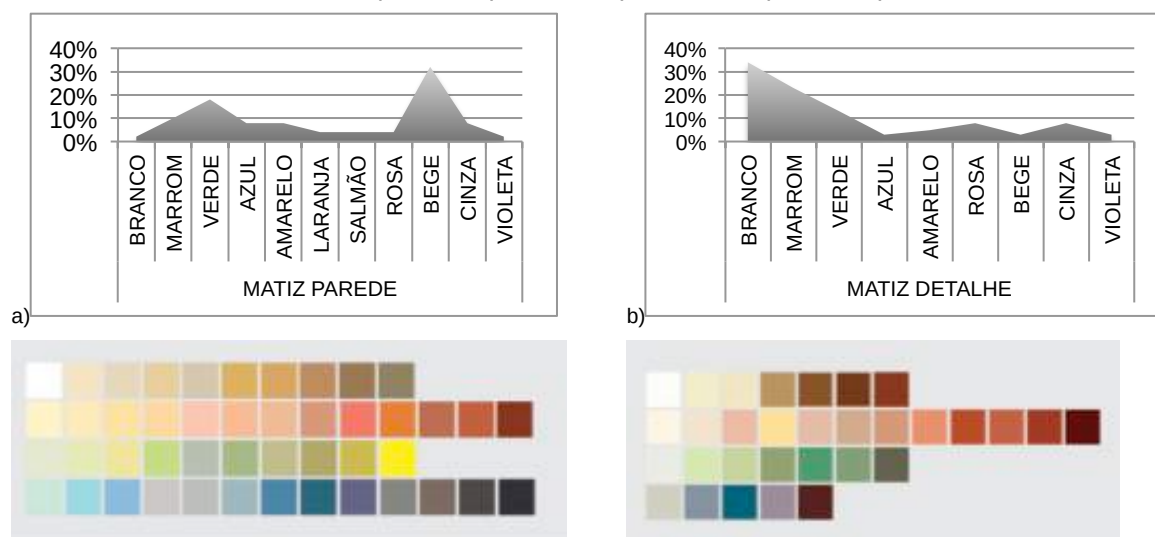


Tabela H.1 – Levantamentos da Rua Álvaro Chaves

RUA ÁLVARO CHAVES								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
302	M	2P	B	E3	S0300-N	branco	S6010-Y50R	marrom
289	R	1P	C	E2	S1515-Y40R	bege	-	-
Cruzamento Rua Três de Maio								
268	R	1P	A	E2	S1515-G60Y	verde	-	-
266	R	2P	B	E3	S1505-Y70R	rosa	S3005-Y20R	bege
264	R	1P	B	E2	S1505-Y70R	rosa	S6030-B	azul
263	S	1P	B	E3	S2005-Y50R	bege	-	-
262	R	1P	A	E2	S2050-Y70R	laranja	-	-
261	R	1P	B	E3	S1010-Y30R	bege	S2020-Y40R	bege
260	R	2P	A	E2	S2010-G80Y	verde	S1005-G50Y	verde
259	R	4P	A	E3	S1515-Y30R	bege	S4005-Y20R	bege
258	R	1P	B	E2	S1515-Y40R	bege	-	-
256	R	1P	B	E3	S3000-N	branco	-	-
255B	R	1P	A	E2	S1020-Y60R	salmão	S3050-Y60R	marrom
255A	R	1P	A	E3	S1510-Y40R	bege	S3020-Y40R	bege
255	R	2P	A	E3	S0907-G60Y	verde	S2010-G70Y	verde
254B	R	1P	A	E2	S1010-Y20R	bege	S3030-Y70R	marrom
254A	R	1P	A	E2	S2010-G80Y	bege	-	-
254	R	2P	A	E3	S2040-Y20R	laranja	S0300-N	branco
253	R	2P	A	E3	S0515-Y70R	salmão	-	-
252	R	1P	A	E3	S2040-Y20R	laranja	S0502-G50Y	amarelo
251	R	1P	C	E3	S0515-Y70R	salmão	S5020-G10Y	verde
249	R	2P	C	E2	S0500-N	branco	-	-
Cruzamento Rua Gomes Carneiro								
230	S	1P	B	E2	OBRA	-	-	-
228	R	3P	A	E3	S3010-Y30R	bege	S4040-Y70R	marrom
226	R	1P	A	E2	S1020-Y30R	salmão	-	-
224	S	2P	B	E3	S1020-B90G	verde	S2030-Y40R	laranja
222	R	1P	B	E2	S1020-Y30R	salmão	S2030-Y30R	bege
220	R	2P	B	E2	S1010-Y50R	rosa	-	-
218	R	1P	B	E2	S2020-R90B	azul	S0505-B20G	azul
216	R	1P	A	E2	S3040-Y20R	bege	S2030-Y20R	bege
214	R	1P	A	E2	S1010-G50Y	verde	S3030-G70Y	verde
212	R	2P	B	E3	S1002-Y	cinza	-	-
210	R	1P	B	E3	S3050-Y60R	marrom	-	-
208	R	1P	A	E3	S3050-Y60R	marrom	-	-
206	R	1P	A	E1	S0804-G60Y	verde	S3020-G30Y	verde
205	R	1P	A	E2	S2020-G10Y	verde	S0502-G	bege
204	R	1P	A	E2	S2030-Y80R	rosa	S1015-Y50R	bege
203	R	1P	A	E2	S2020-R30B	rosa	S0603-G40Y	verde
202	S	1P	A	E2	S1030-Y30R	bege	-	-

(continuação) Tabela H.1 – Levantamentos da Rua Álvaro Chaves

RUA ÁLVARO CHAVES								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
201	R	1P	A	E2	S1015-Y20R	amarelo	-	-
Cruzamento Rua Uruguai								
181	R	1P	A	E3	S1002-Y	bege	S4005-Y20R	bege
179	R	1P	A	E2	S0510-Y20R	amarelo	S0515-Y20R	amarelo
178	R	1P	A	E3	S2040-Y20R	laranja	S0300-N	branco
177	R	2P	A	E3	S1015-Y60R	salmão	S6020-Y60R	marrom
176	R	2P	A	E3	S2030-Y30R	laranja	-	-
175	R	1P	A	E2	S1030-G40Y	verde	S0502-Y50R	amarelo
174	R	1P	A	E3	S1515-Y50R	salmão	S4030-Y70R	marrom
173	R	1P	B	E3	S0510-Y20R	amarelo	S6010-Y70R	marrom
172	R	1P	A	E2	S1020-Y30R	salmão	S0500-N	branco
171	R	1P	B	E2	S1510-Y40R	bege	S2020-Y40R	bege
170	R	1P	B	E3	S5030-Y70R	marrom	S0603-Y80R	bege
169	R	1P	A	E2	S1015-Y60R	salmão	S0502-Y50R	amarelo
168	R	2P	A	E3	S4030-Y60R	marrom	S7010-B90G	verde
167A	R	2P	B	E2	S1005-Y30R	bege	S3005-G20Y	verde
167	R	2P	B	E2	S0603-G80Y	bege	S1030-B90G	verde
166	R	1P	B	E2	S1030-Y20R	laranja	S0603-Y80R	branco
165A	R	2P	B	E3	S1505-G80Y	verde	S7010-B70G	verde
165	R	2P	A	E2	S1005-Y20R	bege	-	-
164	R	1P	B	E2	S1515-Y20R	bege	S0502-Y50R	bege
162	R	1P	B	E2	S1010-Y10R	bege	S1020-Y50R	rosa
161	R	1P	B	E3	S3020-Y30R	bege	-	-
160	R	2P	B	E3	S2502-B	cinza	S0603-G80Y	amarelo
159	R	1P	A	E3	S0520-R20B	rosa	S1030-R10B	rosa
158A	R	1P	B	E2	S3010-Y30R	bege	S5010-Y70R	marrom
158	R	1P	B	E2	S0550-Y	amarelo	S6020-G90Y	verde
157	R	1P	A	E3	S1515-Y30R	salmão	S1050-Y70R	laranja
156A	R	1P	A	E2	S0520-Y30R	salmão	S4030-Y50R	marrom
156	R	1P	A	E2	S1020-Y30R	salmão	-	-
155	R	1P	A	E1	S1060-Y40R	laranja	-	-
154	R	1P	A	E2	S2502-B	cinza	S5020-G10Y	verde
153	R	1P	A	E3	S2030-G10Y	verde	-	-
152	S	1P	B	E3	S1510-Y40R	bege	-	-
151	R	1P	B	E2	S1505-Y30R	bege	S3010-Y30R	bege
Cruzamento Rua Almirante Tamandaré								
150	R	1P	A	E2	S2010-G20Y	verde	S0502-G50Y	bege
148	R	1P	A	E3	S5005-Y80R	marrom	S2005-Y90R	bege
146	R	1P	A	E2	S1010-G10Y	verde	S3005-Y20R	bege
144	R	1P	A	E2	S0520-Y40R	salmão	S0515-Y40R	bege
142	R	1P	A	E2	S3020-Y80R	rosa	S4050-R10B	vermelho
140	R	1P	A	E3	S5010-G30Y	verde	S2002-Y50R	verde

(continuação) Tabela H.1 – Levantamentos da Rua Álvaro Chaves

RUA ÁLVARO CHAVES								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
138	R	1P	B	E2	S2020-Y30R	bege	S0502-G50Y	bege
136	R	1P	A	E3	S0907-Y30R	bege	S3040-Y60R	marrom
109	R	1P	A	E3	S2040-B	azul	S0907-Y10R	bege
107	R	1P	B	E3	S1005-B80G	verde	S0502-Y50R	amarelo
105	R	1P	A	E3	S2050-Y70R	laranja	S7020-B90G	verde
103	S	1P	C	E3	S8500-N	preto	-	-
99	S	1P	C	E3	S4030-B90G	verde	-	-
Cruzamento Rua Benjamin Constant								
87	R	2P	C	E2	S0502-Y50R	vermelho	S3030-B10G	branco

LEGENDAS DA TABELA H.1
USOS; R – residencial; C – comercial; S – serviços; M – misto; I – institucional
ALTURA DAS EDIFICAÇÕES: 1P – 1 pavimento; 2P – 2 pavimentos; 3P – 3 pavimentos; 4P – 4 pavimentos; 5P – 5 pavimentos; 6P – 6 pavimentos
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A – nível “A”: muito bom; B – nível “B”: razoável; C – nível “C”: ruim
ESTILO ARQUITETÔNICO: E1 – Período eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950); E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

Figura H.1 – Visualização dos dados dos levantamentos realizados na Rua Álvaro Chaves: a) usos; b) altura das edificações; c) estado de conservação das fachadas; e d) estilo arquitetônico dos prédios.

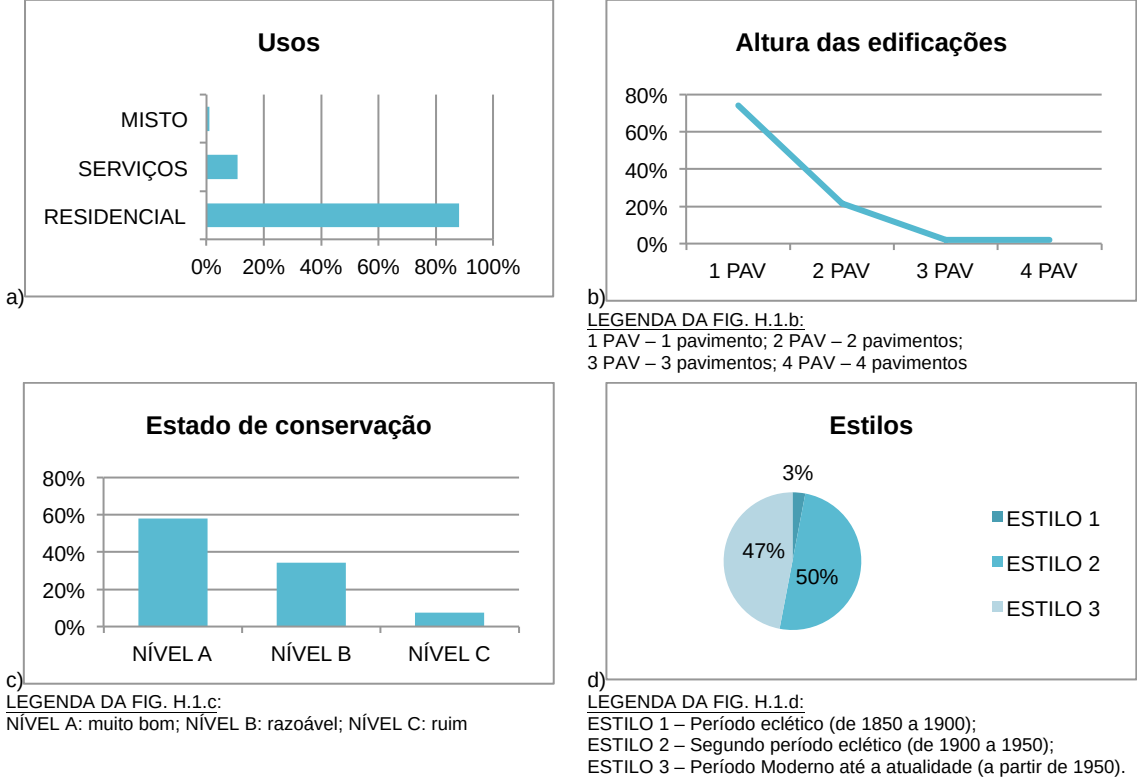


Figura H.2 – Visualização dos aspectos cromáticos levantados na Rua Álvaro Chaves: a) matiz e paleta das paredes, e b) matiz e paleta dos detalhes

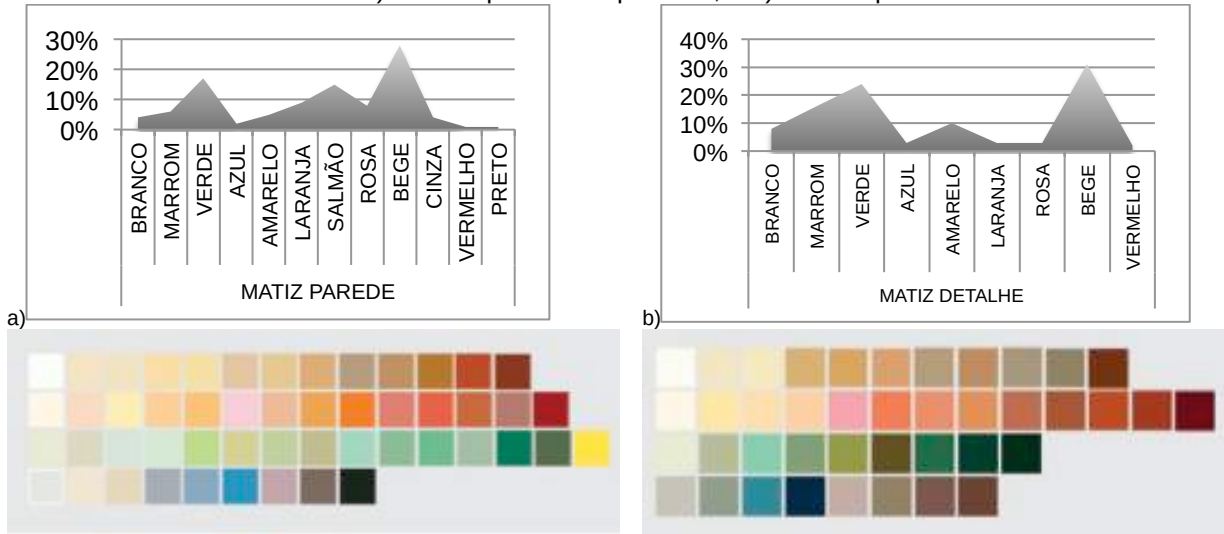


Tabela I.1 – Levantamentos da Rua Bento Martins

RUA BENTO MARTINS								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
Cruzamento Rua Três de Maio								
750	R	1P	B	E2	S1010-Y50R	salmão	S7010-Y70R	marrom
746	R	1P	B	E3	S5005-R80B	cinza	-	-
740	R	2P	A	E3	S1515-G80Y	verde	S0907-G60Y	verde
730	R	2P	B	E3	S1030-Y20R	laranja	S0603-G40Y	verde
720	R	2P	B	E3	S1030-Y10R	amarelo	S0500-N	branco
711	R	2P	A	E3	S1505-Y60R	rosa	S4020-Y90R	marrom
710	R	2P	B	E3	S/ ACESSO	-	-	-
709	R	1P	B	E3	S0530-B70G	verde	-	-
703	R	2P	B	E3	S4010-G90Y	verde	-	-
695	R	4P	A	E3	S/ ACESSO	-	-	-
690	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	S0907-Y30R	bege	S4010-Y10R	bege
686	OBRA	OBRA	OBRA	OBRA	S0907-Y30R	bege	S4010-Y10R	bege
675	R	2P	A	E3	S6020-Y70R	marrom	-	-
669	R	1P	A	E3	S2020-G50Y	verde	S1010-G40Y	verde
665	R	2P	B	E3	S2040-Y	amarelo	-	-
660	R	1P	A	E3	S0300-N	branco	S5030-R	vermelho
659	R	1P	A	E3	S2040-Y20R	laranja	-	-
649	R	2P	A	E2	S1030-Y20R	laranja	S3010-Y30R	bege
643	R	1P	B	E3	S4040-Y70R	marrom	S2020-Y20R	bege
639	R	1P	C	E3	S0907-Y30R	bege	-	-
Cruzamento Rua Gomes Carneiro								
605	R	1P	A	E2	S1010-B10G	azul	S0300-N	branco
604	R	1P	A	E3	S0500-N	branco	-	-
599	R	2P	B	E3	S4010-Y30R	bege	-	-
598	R	1P	A	E3	S0500-N	branco	-	-
595	R	2P	B	E3	S4010-Y30R	bege	-	-
590	R	1P	A	E3	S1020-Y70R	salmão	S0300-N	branco
587	R	1P	B	E2	S0300-N	branco	-	-
580	R	1P	B	E3	S0300-N	branco	-	-
577	R	1P	A	E2	S1515-Y20R	bege	-	-
573	R	1P	A	E2	S2020-G90Y	verde	S2010-G30Y	verde
572	S	1P	B	E3	S0300-N	branco	-	-
565	R	1P	B	E2	S2030-Y60R	salmão	S1005-Y70R	bege
561	R	1P	A	E2	S1040-Y20R	amarelo	S6010-R10B	marrom
560	R	1P	B	E3	S0300-N	branco	S7020-Y60R	marrom
557	R	1P	B	E2	S3020-Y10R	bege	-	-
554	R	1P	B	E2	S0502-G50Y	branco	-	-
553	R	1P	B	E2	S0505-Y10R	bege	S0300-N	branco
548	R	1P	B	E2	S4010-G90Y	verde	S0603-Y20R	bege
545	R	1P	A	E3	S1010-Y20R	bege	S6010-G10Y	verde
544	R	1P	A	E2	S3020-Y40R	bege	-	-

(continuação) Tabela I.1 – Levantamentos da Rua Bento Martins

RUA BENTO MARTINS								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
541	R	1P	A	E3	S1030-Y10R	amarelo	-	-
538	R	1P	B	E2	S1010-Y30R	amarelo	-	-
537	C	1P	A	E3	S4040-Y50R	marrom	S2050-Y20R	bege
Cruzamento Rua Uruguai								
501	R	4P	B	E3	S0603-G40Y	verde	S5020-G30Y	verde
494	R	1P	B	E2	S1020-Y20R	bege	S0300-N	branco
490	R	1P	B	E2	S2030-G20Y	verde	S0502-Y50R	bege
487	R	4P	A	E3	S1020-Y30R	bege	S3030-Y60R	bege
486	R	1P	A	E3	S3050-Y70R	vermelho	S1002-Y50R	bege
483	R	1P	A	E2	S1020-G	verde	S7020-Y80R	marrom
480	R	2P	B	E3	S0603-G80Y	bege	S3010-Y20R	bege
473	R	1P	B	E3	S1020-Y20R	bege	-	-
466	R	1P	B	E2	S1040-Y20R	laranja	-	-
464	R	1P	B	E2	S0510-Y90R	rosa	-	-
463	R	2P	A	E3	S2502-R	cinza	-	-
460	R	1P	B	E2	S4040-Y70R	marrom	S1005-Y20R	bege
459	R	2P	B	E3	S1515-G60Y	verde	-	-
449	R	1P	B	E3	S1510-Y70R	rosa	-	-
447	R	1P	B	E2	S1515-Y40R	bege	-	-
445	R	1P	A	E3	S3050-Y60R	marrom	S5005-Y20R	marrom
444A	R	2P	B	E3	S2010-G60Y	verde	S4020-B70G	verde
444	R	2P	B	E3	S2010-G60Y	verde	S4020-B70G	verde
443	R	1P	A	E3	S1510-G40Y	verde	-	-
442	R	2P	B	E3	S2010-G60Y	verde	S4020-B70G	verde
423	R	2P	A	E3	S2040-Y60R	rosa	-	-
421	M	2P	B	E3	S2010-G10Y	verde	-	-
Cruzamento Rua Almirante Tamandaré								
410	R	2P	A	E3	S1020-Y60R	salmão	S6020-Y80R	marrom
406	R	2P	B	E3	S1510-Y40R	bege	-	-
402	R	2P	B	E3	S0300-N	branco	-	-
399	R	1P	C	E2	S0804-Y30R	bege	-	-
398	R	2P	B	E3	S2010-Y40R	bege	-	-
397	R	1P	C	E2	S3502-Y	cinza	-	-
394	R	2P	B	E3	S2030-G90Y	verde	-	-
391	R	2P	A	E3	S2030-B	azul	S0500-N	branco
390	R	2P	B	E3	S5020-Y70R	marrom	-	-
387	R	1P	B	E2	S1020-Y20R	amarelo	S0502-Y50R	amarelo
384	R	5P	B	E3	S1515-Y50R	salmão	S4030-Y60R	marrom
381	R	1P	A	E3	S1020-Y20R	bege	S3005-G20Y	verde
380	R	2P	A	E3	S2050-Y10R	amarelo	S2005-Y	bege
379	R	1P	B	E3	S3040-Y70R	marrom	S0500-N	branco
375	R	1P	B	E2	S0502-Y50R	bege	-	-

(continuação) Tabela I.1 – Levantamentos da Rua Bento Martins

RUA BENTO MARTINS								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
373	R	2P	A	E3	S4040-Y60R	marrom	S3050-R10B	rosa
371	R	2P	A	E3	S2005-Y10R	bege	-	-
369A	R	2P	B	E3	S1020-Y40R	salmão	S5030-Y80R	marrom
369	R	2P	B	E3	S1020-Y40R	salmão	S5030-Y80R	marrom
368	R	1P	A	E3	S1510-Y40R	bege	-	-
365	R	1P	A	E2	S0507-Y20R	amarelo	S5010-Y30R	bege
353	R	1P	A	E2	S0507-Y20R	amarelo	S5010-Y30R	bege
Cruzamento Rua Benjamin Constant								

LEGENDAS DA TABELA I.1
USOS; R – residencial; C – comercial; S – serviços; M – misto; I – institucional
ALTURA DAS EDIFICAÇÕES: 1P – 1 pavimento; 2P – 2 pavimentos; 3P – 3 pavimentos; 4P – 4 pavimentos; 5P – 5 pavimentos; 6P – 6 pavimentos
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A – nível “A”: muito bom; B – nível “B”: razoável; C – nível “C”: ruim
ESTILO ARQUITETÔNICO: E1 – Período eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950); E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

Figura I.1 – Visualização dos dados dos levantamentos realizados na Rua Bento Martins: a) usos; b) altura das edificações; c) estado de conservação das fachadas; e d) estilo arquitetônico dos prédios.

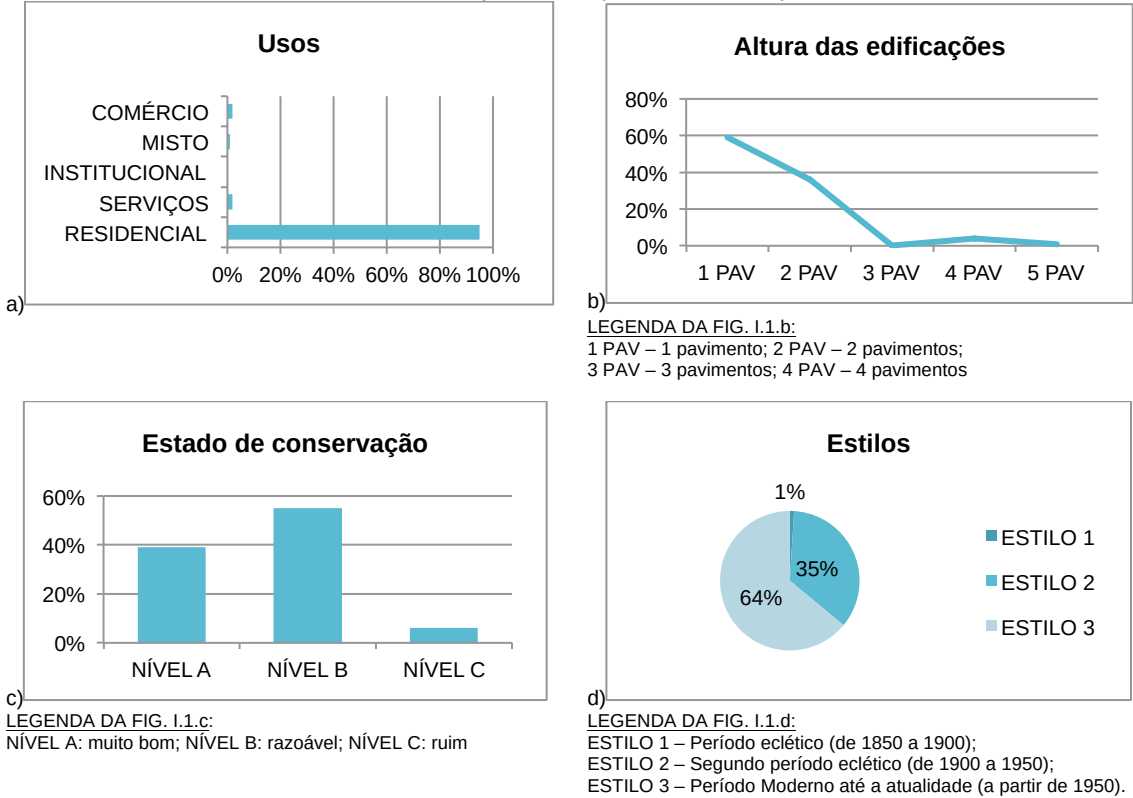


Figura I.2 – Visualização dos aspectos cromáticos levantados na Rua Álvaro Chaves: a) matiz e paleta das paredes, e b) matiz e paleta dos detalhes

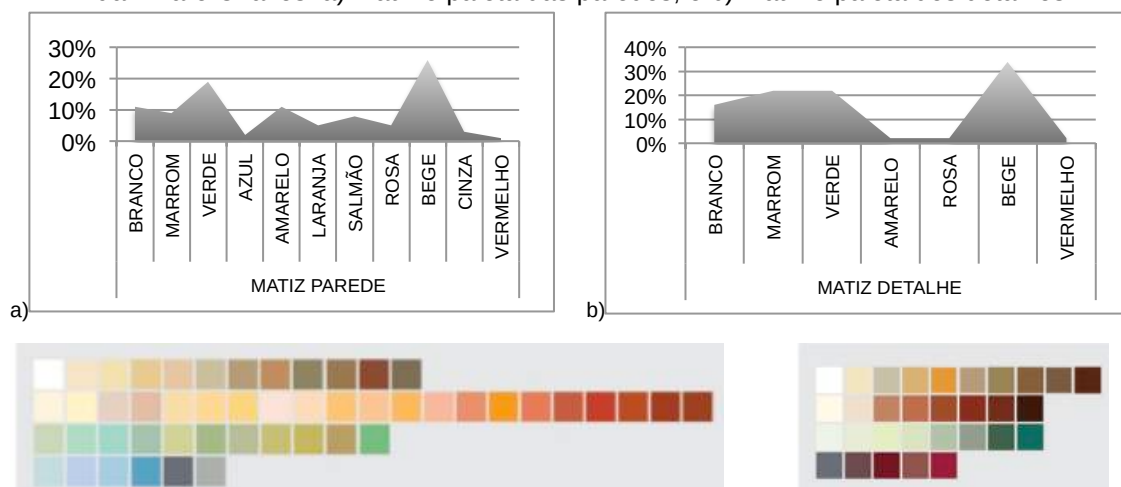


Tabela J.1 – Levantamentos da Rua João Pessoa

RUA JOÃO PESSOA								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
Cruzamento Rua Três de Maio								
339	R	1P	C	E3	S1015-Y	amarelo	S6010-Y30R	marrom
333	R	2P	A	E3	S2010-Y40R	bege	S6020-Y30R	marrom
330	R	1P	A	E3	S3030-G50Y	verde	S2010-G70Y	verde
329	R	1P	A	E2	S1510-Y40R	bege	S4020-Y40R	bege
327	R	1P	B	E2	S2020-Y60R	rosa	S4502-Y	cinza
326	R	1P	A	E2	S1015-Y40R	salmão	S0502-Y50R	bege
322	R	1P	A	E2	S1020-Y50R	salmão	S0520-Y	amarelo
321	R	1P	A	E2	S1050-G50Y	verde	S0500-N	branco
319	R	1P	A	E3	S1015-Y40R	bege	S4040-Y70R	marrom
318	R	1P	C	E2	S7005-Y20R	marrom	S4040-Y70R	marrom
317	R	2P	A	E2	S2010-G80Y	verde	-	-
314	R	1P	A	E3	S2020-G80Y	verde	S0500-N	branco
313	R	1P	A	E2	S1020-Y60R	salmão	S1505-Y20R	bege
312	R	2P	A	E3	S1040-Y60R	salmão	S0500-N	branco
309	R	1P	A	E2	S0515-Y10R	amarelo	S0502-G50Y	bege
308	R	1P	A	E2	S1040-Y50R	salmão	S0300-N	branco
307	R	1P	A	E2	S2030-R90B	azul	S0300-N	branco
306	R	1P	A	E2	S2010-Y40R	bege	S7005-Y80R	marrom
304	R	1P	A	E2	S2010-Y40R	bege	S7005-Y80R	marrom
Cruzamento Rua Gomes Carneiro								
296	R	1P	A	E2	S1030-Y10R	amarelo	S3040-Y80R	marrom
291	R	1P	A	E1	S5010-G70Y	verde	S0500-N	branco
290	R	2P	B	E3	S2010-Y60R	bege	S3020-G70Y	verde
285	R	1P	A	E3	S5005-G80Y	verde	-	-
279	R	1P	B	E2	S3040-Y80R	marrom	S0500-N	branco
273	R	2P	A	E3	S7502-B	cinza	-	-
270	R	1P	A	E3	S2050-Y60R	laranja	-	-
269	R	1P	A	E2	S1050-G50Y	verde	S0502-Y50R	bege
268	R	1P	B	E3	S3020-Y40R	bege	-	-
267	R	1P	A	E2	S1005-Y30R	bege	S3010-Y40R	bege
266	R	1P	B	E2	S3040-Y70R	marrom	S0300-N	branco
263	R	1P	B	E2	S1010-Y10R	amarelo	S7010-Y70R	marrom
262	R	1P	A	E2	S1030-G20Y	verde	-	-
260	R	1P	B	E2	S0505-B	azul	-	-
259	R	2P	B	E3	S6502-Y	cinza	-	-
258	R	1P	B	E3	S0500-N	branco	S5020-G30Y	verde
257	R	2P	A	E3	S1020-Y30R	bege	S4550-Y50R	bege
256	R	2P	A	E3	S3040-Y60R	marrom	S0500-N	branco
255	R	2P	B	E3	S1020-Y30R	bege	S4550-Y50R	bege
254	R	1P	B	E3	S3030-Y20R	bege	S6030-Y80R	marrom
253	R	1P	C	E2	S3030-Y90R	rosa	-	-

(continuação) Tabela J.1 – Levantamentos da Rua João Pessoa

RUA JOÃO PESSOA								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
252	R	1P	A	E2	S3030-Y20R	bege	S6030-Y80R	marrom
250	R	1P	B	E2	S0505-G90Y	amarelo	-	-
Cruzamento Rua Uruguai								
240	I	1P	A	E3	S1010-Y20R	amarelo	S4030-B	azul
223	R	2P	C	E3	S2005-Y30R	bege	-	-
221	R	1P	B	E2	S1015-Y40R	salmão	-	-
219	R	1P	B	E3	S5005-Y20R	bege	-	-
217	R	1P	A	E2	S0804-G20Y	verde	-	-
213	R	1P	B	E3	S1030-Y40R	salmão	S0300-N	branco
209	S	1P	B	E3	S0502-Y50R	amarelo	S2020-R	rosa
207	R	1P	A	E3	S0510-Y20R	amarelo	-	-
205	R	1P	A	E2	S1020-B90G	verde	S2040-G	verde
203A	R	1P	A	E2	S1515-G40Y	verde	-	-
203	R	2P	A	E3	S0300-N	branco	-	-
Cruzamento Rua Almirante Tamandaré								
171	C	1P	B	E2	S1030-Y60R	salmão	-	-
169	R	1P	C	E3	S0603-Y60R	amarelo	-	-
168	R	1P	A	E2	S1030-Y30R	salmão	S0510-Y20R	amarelo
167	R	1P	A	E2	S0907-G60Y	verde	S2020-G50Y	verde
166	R	1P	A	E3	S1030-Y10R	amarelo	S4030-Y50R	marrom
164	R	1P	A	E2	S3030-Y90R	rosa	S1510-Y40R	bege
162	R	1P	A	E2	S1020-B10G	azul	S7005-Y50R	marrom
160	R	2P	A	E3	S1515-Y20R	bege	S0603-G80Y	amarelo
159	R	4P	B	E3	S0907-G90Y	amarelo	S6020-R90B	azul
158	R	1P	C	E2	S1015-B80G	verde	S6010-Y30R	marrom
156	R	2P	A	E3	S3020-Y10R	bege	-	-
155	R	1P	B	E3	S0510-Y30R	amarelo	-	-
154	S	1P	B	E3	S1005-B	cinza	S1515-Y30R	salmão
153	R	1P	A	E3	S0907-Y30R	bege	S3020-Y30R	bege
Cruzamento Rua Benjamin Constant								

LEGENDAS DA TABELA J.1

USOS; R – residencial; C – comercial; S – serviços; M – misto; I – institucional

ALTURA DAS EDIFICAÇÕES: 1P – 1 pavimento; 2P – 2 pavimentos; 3P – 3 pavimentos; 4P – 4 pavimentos; 5P – 5 pavimentos; 6P – 6 pavimentos

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A – nível “A”: muito bom; B – nível “B”: razoável; C – nível “C”: ruim

ESTILO ARQUITETÔNICO: E1 – Período eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950); E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

Figura J.1 – Visualização dos dados dos levantamentos realizados na Rua Bento Martins: a) usos; b) altura das edificações; c) estado de conservação das fachadas; e d) estilo arquitetônico dos prédios.

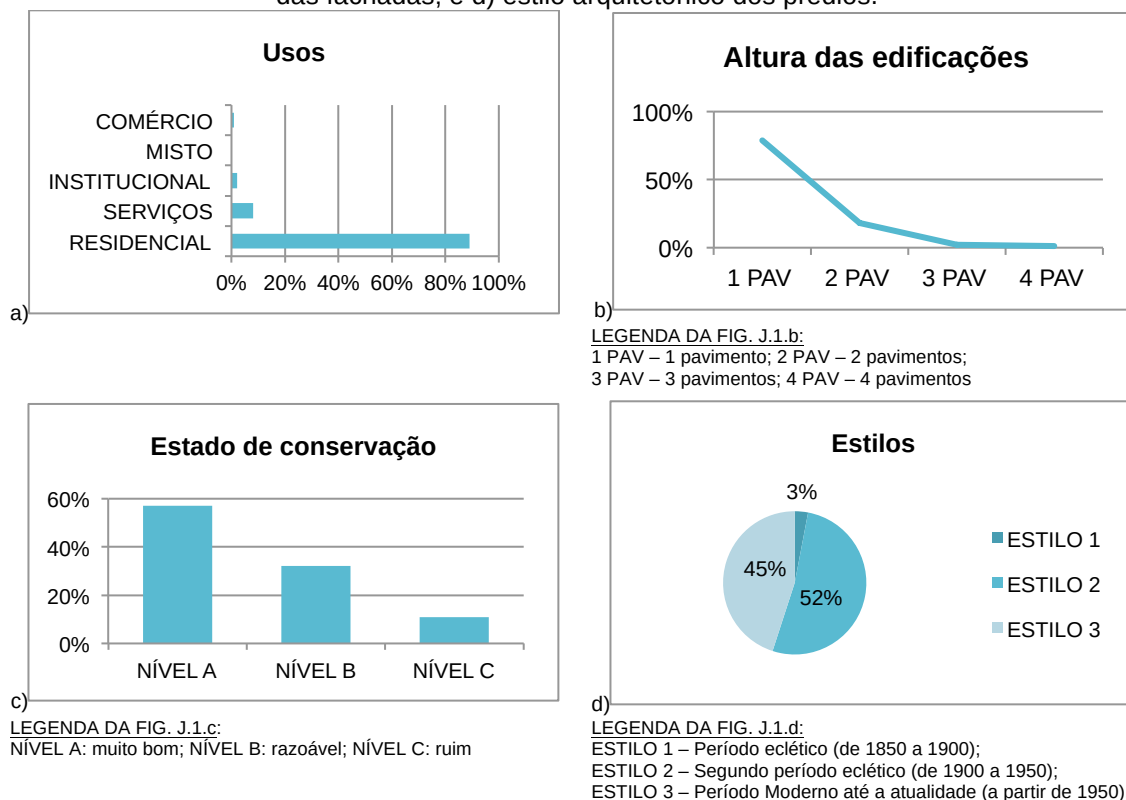


Figura J.2 – Visualização dos aspectos cromáticos levantados na Rua João Pessoa: a) matiz e paleta das paredes, e b) matiz e paleta dos detalhes

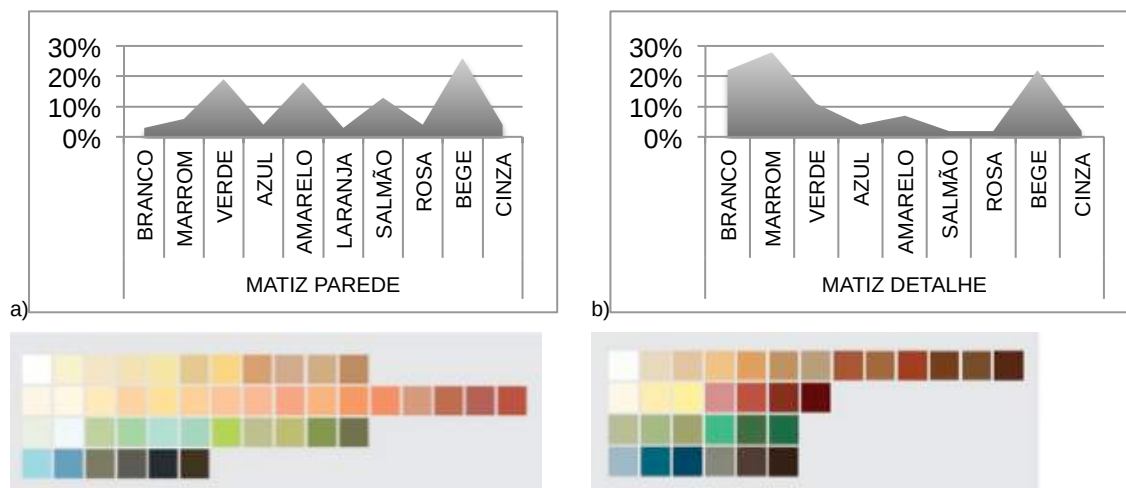


Tabela K.1 – Levantamentos da Rua José do Patrocínio

RUA JOSÉ DO PATROCÍNIO								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
Cruzamento Rua Três de Maio								
198	R	1P	A	E2	S1005-Y10R	bege	S5020-G30Y	verde
176	R	1P	A	E3	S0515-B	azul	-	-
175	S	1P	A	E2	S1010-Y30R	bege	S7010-Y90R	marrom
167	R	1P	B	E2	S1015-Y	amarelo	S4005-Y20R	bege
165	R	1P	A	E2	S3030-Y70R	marrom	S0603-Y40R	amarelo
164	R	1P	A	E3	S1015-Y60R	bege	S5010-Y50R	marrom
162	R	2P	A	E3	S1005-R	rosa	S4005-Y20R	bege
161	R	1P	C	E2	S0300-N	branco	-	-
160	R	2P	C	E3	S0603-Y40R	amarelo	S3020-G20Y	verde
159	R	1P	A	E3	S1000-N	cinza	S6010-G30Y	verde
157	R	1P	B	E3	S1510-Y70R	bege	-	-
155	R	1P	A	E3	S0300-N	branco	-	-
153	R	1P	A	E3	S6010-G30Y	verde	S3000-N	cinza
151	R	1P	B	E3	S2005-Y40R	bege	S4030-Y80R	marrom
149	R	2P	A	E3	S3050-Y70R	vermelho	-	-
147	R	1P	A	E3	S0500-N	branco	-	-
145	R	1P	B	E2	S2020-Y90R	rosa	S4030-Y70R	marrom
Cruzamento Rua Gomes Carneiro								
125	R	1P	A	E3	S0300-N	branco	-	-
123	R	1P	A	E3	S0505-Y30R	amarelo	-	-
121	R	1P	A	E3	S1515-G80Y	verde	S0300-N	branco
120	R	1P	A	E3	S2050-Y50R	laranja	-	-
118	R	1P	B	E2	S2020-Y20R	bege	-	-
117	R	1P	A	E2	S1510-Y40R	bege	S6030-Y90R	marrom
116	R	1P	A	E3	S4040-B20G	verde	S0505-G70Y	amarelo
115	R	1P	B	E2	S3020-R	rosa	S1002-G50Y	cinza
114	M	2P	B	E3	S0300-N	branco	-	-
113	R	1P	C	E2	S5005-Y20R	bege	-	-
112	R	1P	B	E2	S0603-Y80R	amarelo	S3500-N	cinza
111	R	1P	A	E3	S2040-G20Y	verde	S4040-Y60R	marrom
110	R	1P	B	E3	S2020-Y50R	verde	-	-
109A	R	1P	B	E3	S0515-B	azul	-	-
109	R	1P	B	E3	S1002-Y	cinza	-	-
Cruzamento Rua Uruguai								
70	R	1P	B	E2	S0510-R	rosa	S0502-Y50R	amarelo
68	R	1P	A	E2	S3010-Y30R	bege	S0502-Y50R	amarelo
67	R	2P	B	E3	S2040-G10Y	verde	S0502-G50Y	amarelo
66	R	1P	A	E2	S1510-G40Y	bege	S0300-N	branco
62	R	1P	A	E2	S1002-Y	cinza	S5020-G10Y	verde
59	R	2P	A	E3	S3050-Y60R	marrom	-	-
57	R	1P	A	E2	S0907-Y30R	bege	S5030-Y60R	marrom

(continuação) Tabela K.1 – Levantamentos Rua José do Patrocínio

RUA JOSÉ DO PATROCÍNIO								
LOTE	USO	ALTURA	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
55	R	1P	B	E3	S0505-B80G	verde	-	-
53A	R	1P	B	E2	S2010-Y10R	bege	S7005-Y80R	marrom
53	R	1P	A	E2	S2020-G10Y	verde	S0502-G50Y	branco
52	R	1P	A	E3	S0502-G50Y	cinza	S6502-Y	cinza
51	R	1P	A	E2	S1015-Y40R	bege	-	-
50	R	1P	C	E2	S1020-Y70R	salmão	-	-
49	R	1P	B	E3	S2002-R50B	cinza	-	-
48	R	1P	A	E2	S3040-R	vermelho	S0300-N	branco
46	R	1P	A	E2	S1515-G40Y	verde	-	-
44	R	1P	B	E2	S1515-Y30R	bege	-	-
42	R	1P	A	E2	S0505-Y30R	bege	S2020-Y50R	salmão
40	R	1P	B	E2	S2002-G	cinza	S5502-G	cinza
38	R	1P	A	E2	S0507-Y20R	amarelo	-	-
36	R	1P	B	E2	S2005-Y10R	bege	-	-
34	R	1P	A	E2	S1015-Y60R	salmão	S3030-Y80R	marrom
Cruzamento Rua Almirante Tamandaré								
37	R	1P	A	E2	S1010-G40Y	verde	-	-
35	R	1P	B	E2	S3010-G10Y	verde	S1005-Y20R	bege
33	R	1P	B	E2	S1010-Y50R	rosa	S0502-G50Y	branco
31	R	1P	B	E2	S0502-Y	bege	-	-
30	R	1P	A	E3	S0300-N	branco	-	-
29	R	1P	A	E2	S1515-Y40R	salmão	-	-
28A	R	1P	B	E2	S0300-N	branco	-	-
27	S	1P	B	E3	S0300-N	branco	S5030-R90B	azul
20	R	1P	B	E2	S0300-N	branco	-	-
Cruzamento Rua Benjamin Constant								

LEGENDAS DA TABELA K.1

USOS; R – residencial; C – comercial; S – serviços; M – misto; I – institucional

ALTURA DAS EDIFICAÇÕES: 1P – 1 pavimento; 2P – 2 pavimentos; 3P – 3 pavimentos; 4P – 4 pavimentos; 5P – 5 pavimentos; 6P – 6 pavimentos

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A – nível “A”: muito bom; B – nível “B”: razoável; C – nível “C”: ruim

ESTILO ARQUITETÔNICO: E1 – Período eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950); E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

Figura K.1 – Visualização dos dados dos levantamentos realizados na Rua José do Patrocínio: a) usos; b) altura das edificações; c) estado de conservação das fachadas; e d) estilo arquitetônico dos prédios.

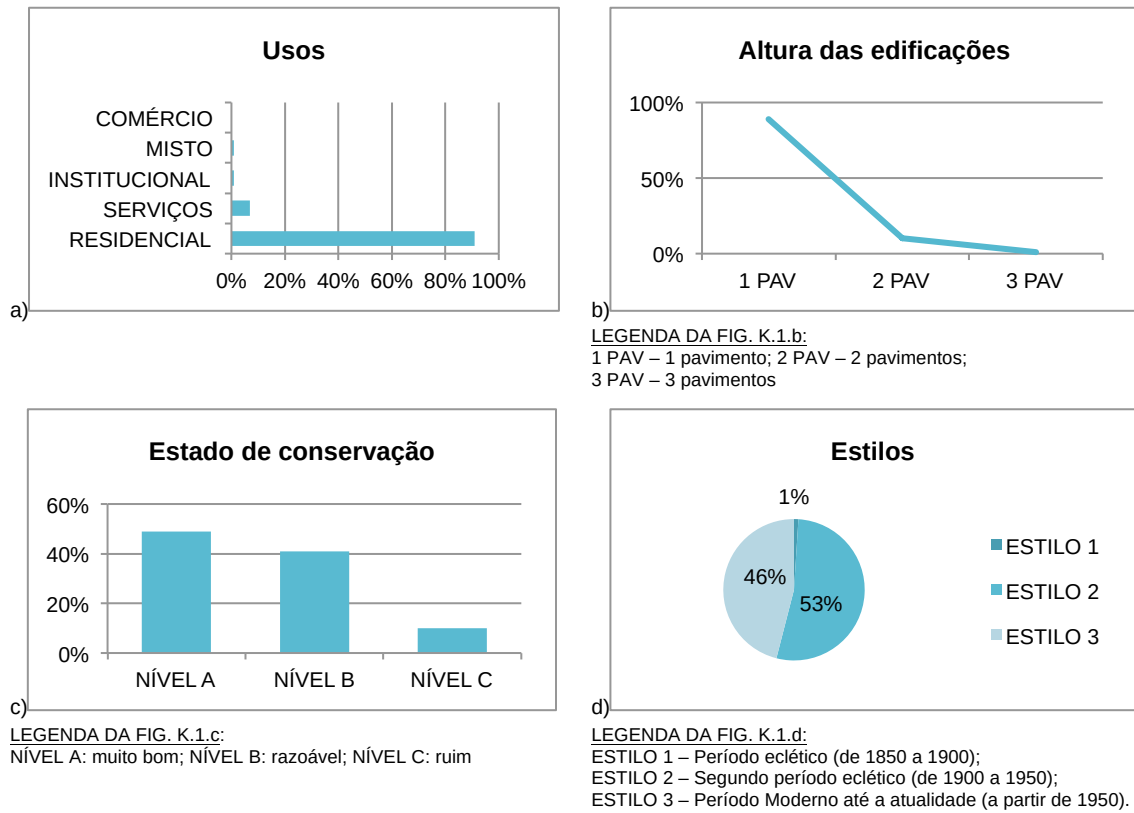


Figura K.2 – Visualização dos aspectos cromáticos levantados na Rua José do Patrocínio: a) matiz e paleta das paredes, e b) matiz e paleta dos detalhes

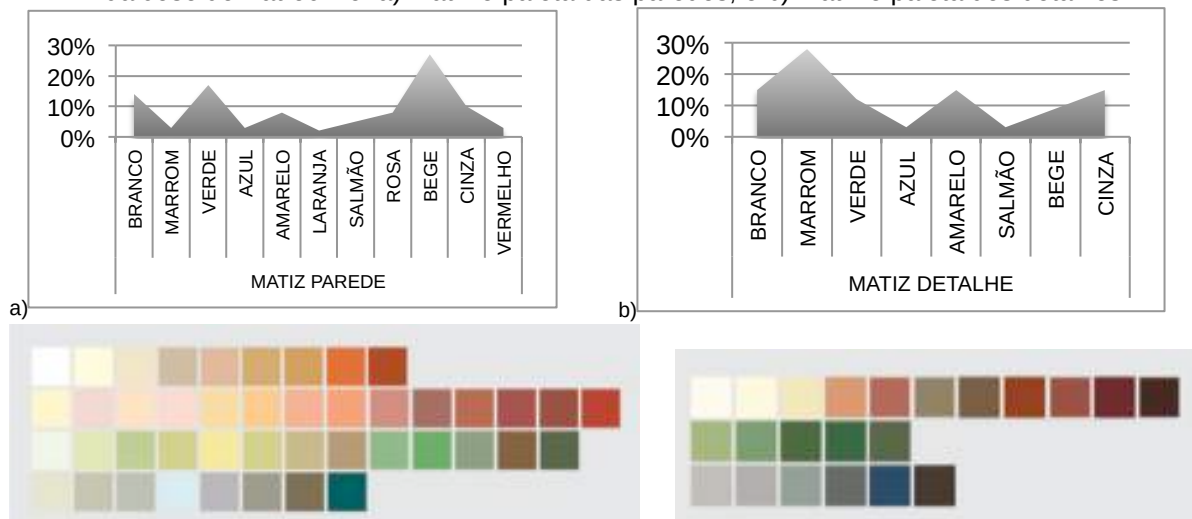


Tabela L.1 – Levantamentos da Rua Dona Mariana

RUA DONA MARIANA								
LOTE	USO	VOLUME	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
Cruzamento Rua Três de Maio								
129	R	1P	A	E2	S2020-G50Y	verde	S0300-N	branco
125	R	1P	A	E3	S1015-Y20R	bege	S2020-Y50R	bege
123	R	1P	A	E2	S2020-Y50R	bege	S0804-Y30R	bege
121	R	1P	A	E2	S2040-B30G	azul	S0300-N	branco
117	R	1P	B	E3	S1502-Y	cinza	-	-
115	R	2P	B	E3	S7005-B20G	azul	-	-
113	R	1P	C	E2	S2020-R70B	violeta	-	-
109	R	1P	A	E2	S1050-Y60R	laranja	S0500-N	branco
107	R	1P	C	E2	S1020-B70G	verde	-	-
105	R	2P	B	E3	S1015-Y60R	bege	-	-
94	R	2P	B	E2	S0510-Y40R	bege	S4020-Y80R	marrom
92	R	2P	A	E2	S0907-B80G	verde	-	-
90	R	2P	A	E2	S2020-Y30R	bege	S0500-N	branco
86	R	1P	B	E3	S0507-Y40R	bege	-	-
84	R	2P	B	E3	S0907-Y30R	bege	S5020-G30Y	verde
82	R	2P	A	E3	S1030-Y60R	salmão	S3030-Y50R	marrom
80	R	1P	A	E3	S3020-G	verde	S0500-N	branco
78	R	2P	B	E3	S0500-N	branco	S5040-Y50R	marrom
76	R	1P	C	E3	S2505-Y	branco	-	bege
74	R	1P	B	E2	S2010-Y40R	bege	S3010-Y10R	bege
Cruzamento Rua Gomes Carneiro								
83	R	2P	A	E3	S4020-G50Y	verde	S0603-G80Y	amarelo
81	R	2P	B	E3	S2040-Y80R	rosa	S0500-N	branco
79	R	2P	B	E3	S1010-Y30R	bege	S0500-N	branco
77	R	2P	B	E3	S1020-Y20R	amarelo	-	-
75	R	2P	A	E3	S0300-N	branco	-	-
73	R	1P	B	E3	S3030-Y60R	marrom	-	-
72A	R	4P	B	E3	S0500-N	branco	S3010-Y30R	bege
72	C	1P	A	E3	S0500-N	branco	S3010-Y30R	bege
71	R	2P	A	E3	S6020-G10Y	verde	S0500-N	branco
70	C	1P	A	E2	S0500-N	branco	S3010-Y30R	bege
68	R	2P	A	E3	S0510-R10B	rosa	-	-
67	R	1P	C	E3	S4005-Y20B	bege	-	-
66	R	1P	B	E3	S0510-Y40R	bege	S3020-Y40R	bege
64	R	1P	B	E1	S1030-Y30R	bege	S5010-Y30R	marrom
62	R	1P	B	E2	S2030-G30Y	verde	-	-
61	R	1P	B	E2	S2030-Y20R	bege	S2040-Y50R	laranja
60	R	1P	B	E2	S2020-Y40R	bege	-	-
59	R	1P	A	E3	S1010-Y50R	bege	-	-
58	R	1P	C	E3	S2500-N	cinza	-	-
55	R	1P	B	E3	S2040-Y20R	bege	-	-

(continuação) Tabela L.1 – Levantamentos da Rua Dona Mariana

RUA DONA MARIANA								
LOTE	USO	VOLUME	ESTADO	ESTILO	NCS PAREDE	MATIZ	NCS DETALHE	MATIZ
53	R	1P	A	E3	S1500-N	cinza	-	-
51	R	2P	B	E3	S1010-R80B	azul	-	-
Cruzamento Rua Uruguai								
43	R	1P	A	E3	S1030-G	verde	-	-
41	R	2P	A	E3	S3005-Y20R	bege	-	-
19A	R	2P	A	E3	S2020-G50Y	verde	S6005-G80Y	verde
19	R	2P	A	E3	S2020-G50Y	verde	S6005-G80Y	verde
17B	R	2P	A	E3	S3010-Y30R	bege	S6020-R10B	vermelho
17A	R	2P	A	E3	S3010-Y30R	bege	S6020-R10B	vermelho
17	R	2P	A	E3	S3010-Y30R	bege	S6020-R10B	vermelho
15	R	1P	B	E2	S0300-N	branco	-	-
13	R	1P	A	E2	S1020-G40Y	verde	S0300-N	branco
11	S	1P	B	E3	S3005-R80B	cinza	-	-
9	R	1P	B	E3	S3005-R80B	cinza	-	-
Cruzamento Rua Almirante Tamandaré								
83 praça	R	1P	C	E3	S6005-Y20R	marrom	-	-
79 praça	R	1P	B	E3	S1010-Y60R	salmão	-	-
77 praça	M	1P	A	E3	S2010-Y30R	bege	S3020-Y60R	bege
73 praça	R	1P	B	E3	S3010-Y30R	bege	-	-
71 praça	R	1P	A	E3	S3040-Y50R	marrom	-	-
69 praça	I	1P	B	E1	S1020-Y60R	salmão	-	-
67 praça	R	1P	C	E1	S2030-Y20R	bege	-	-
65 praça	R	1P	C	E1	S2030-Y20R	bege	-	-
63 praça	R	2P	C	E1	S2030-Y20R	bege	-	-
61 praça	R	2P	A	E1	S2020-G40Y	verde	S2030-G10Y	verde
59 praça	R	2P	A	E1	S2020-G40Y	verde	S2030-G10Y	verde
57 praça	R	1P	C	E3	S1015-Y60R	salmão	S2030-Y60R	salmão
55 praça	R	1P	C	E3	S1015-Y60R	salmão	S2030-Y60R	salmão
53 praça	R	1P	A	E3	S1015-Y60R	salmão	S2030-Y60R	salmão
Cruzamento Rua Benjamin Constant								

LEGENDAS DA TABELA L.1

USOS: R – residencial; C – comercial; S – serviços; M – misto; I – institucional

ALTURA DAS EDIFICAÇÕES: 1P – 1 pavimento; 2P – 2 pavimentos; 3P – 3 pavimentos; 4P – 4 pavimentos; 5P – 5 pavimentos; 6P – 6 pavimentos

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A – nível "A": muito bom; B – nível "B": razoável; C – nível "C": ruim

ESTILO ARQUITETÔNICO: E1 – Período eclético (de 1850 a 1900); E2 – Segundo período eclético (de 1900 a 1950); E3 – Período Moderno até a atualidade (a partir de 1950).

Figura L.1 – Visualização dos dados dos levantamentos realizados na Rua Dona Mariana: a) usos; b) altura das edificações; c) estado de conservação das fachadas; e d) estilo arquitetônico dos prédios.

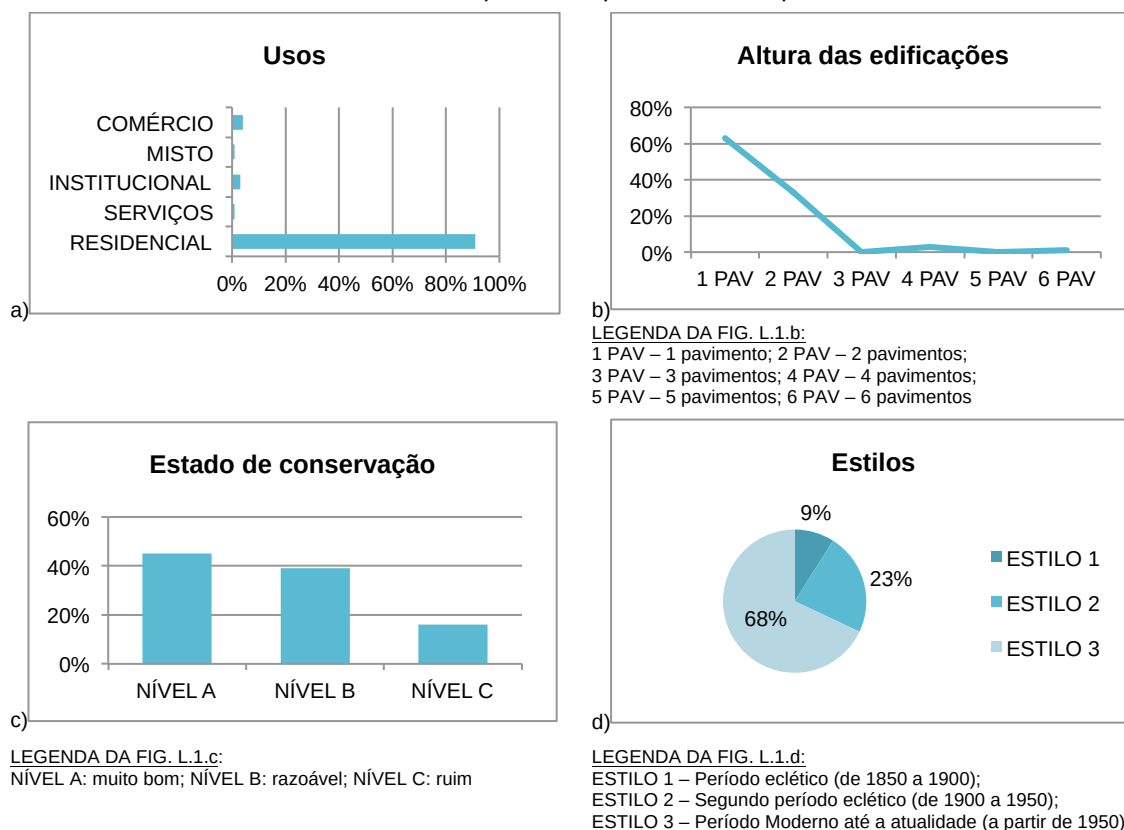
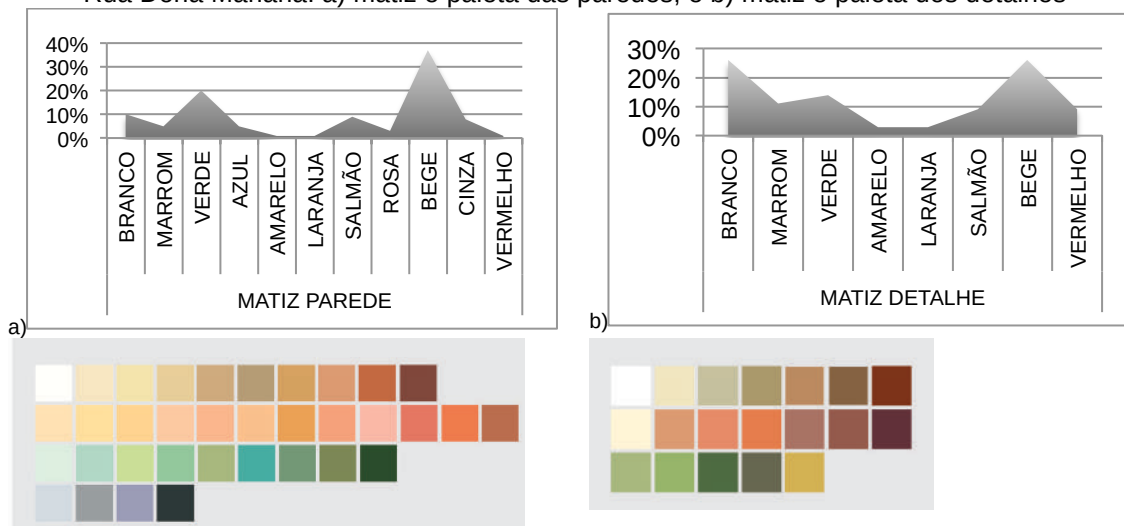


Figura L.2 – Visualização dos aspectos cromáticos levantados na Rua Dona Mariana: a) matiz e paleta das paredes, e b) matiz e paleta dos detalhes



QUESTIONÁRIO n° _____

1 – Pense no bairro Porto e responda: qual a rua, o lugar e o prédio que você acha que mais caracterizam o bairro?

- a) rua: _____
 b) lugar: _____
 c) prédio: _____



2 – Você acha que o bairro é: (marque com X a sua resposta)

- () muito agradável
 () agradável
 () nem agradável, nem desagradável
 () desagradável
 () muito desagradável

3 – Escreva o principal motivo que explica a resposta anterior:

4 – Mencione quais são, para você, os locais mais agradáveis no bairro:

4.1 – Mencione também os locais que você considera desagradáveis:

5 – Você considera o bairro: (marque com X a sua resposta)

- () muito colorido () colorido () mais ou menos colorido () pouco colorido () sem cor

6 – Na sua opinião, quais são as 3 cores que predominam no bairro?

- a) cor 1: _____ b) cor 2: _____ c) cor3: _____

7 – Você acha que as cores das casas contribuem para que o bairro tenha uma aparência agradável? (marque com X sua resposta)

- () contribuem muito
 () contribuem
 () não contribuem, nem desfavorecem
 () desfavorecem
 () desfavorecem muito

8 – Você está satisfeito com a aparência visual dos prédios do bairro? (marque com X a sua resposta)

- () muito satisfeito
 () satisfeito
 () nem satisfeito, nem insatisfeito
 () insatisfeito
 () muito insatisfeito

9 – Os prédios do bairro são: (marque com X a sua resposta)

- () muito bonitos
 () bonitos
 () nem bonitos, nem feios
 () feios
 () muito feios

10 – Indica a característica principal que justifica a resposta anterior (marque com X a sua resposta):

- () Estilo dos prédios
 () Ornamentos decorativos dos prédios
 () Materiais dos prédios
 () Cores utilizadas
 () Altura dos prédios
 () Estado de conservação
 () outro _____

11 – Observa as fotografias apresentadas e indica as 3 imagens do bairro que você considera mais bonitas em termos de pintura das edificações (marque com X as letras que correspondem às imagens selecionadas)

- () A, () B, () C, () D, () E, () F, () G, () H, () I, () J, () K, () L, () M, () N, () O, () P, () Q, () R

12 – Diga o que você pensa a respeito das afirmações abaixo, circulando o número correspondente à sua resposta:

AFIRMAÇÃO	RESPOSTA
12.1 – O bairro é muito interessante. As suas ruas proporcionam uma grande variedade de visuais e cores.	Concordo ← 1 2 3 4 5 → não concordo
12.2 – O bairro é muito monótono em termos de cor. As casas do bairro parecem todas iguais.	Concordo ← 1 2 3 4 5 → não concordo
12.3 – O Porto é um bairro antigo, tem muitas casas de valor histórico.	Concordo ← 1 2 3 4 5 → não concordo
12.4 – O Porto é um bairro em mudança, tem muitos prédios em construção.	Concordo ← 1 2 3 4 5 → não concordo
12.5 – No bairro Porto há muitas casas com pintura nova.	Concordo ← 1 2 3 4 5 → não concordo
12.6 – A maioria das casas do bairro tem sua pintura bem conservada.	Concordo ← 1 2 3 4 5 → não concordo
12.7 – As cores presentes nas ruas do bairro são diferentes dos outros lugares da cidade.	Concordo ← 1 2 3 4 5 → não concordo
12.8 – A pintura com cores fortes combina melhor com os prédios do bairro.	Concordo ← 1 2 3 4 5 → não concordo
12.9 – A pintura com cores pálidas e neutras combina melhor com os prédios do bairro.	Concordo ← 1 2 3 4 5 → não concordo
12.10 – As mudanças que estão acontecendo no bairro com a vinda da Universidade são positivas.	Concordo ← 1 2 3 4 5 → não concordo

13 – O que você mudaria em termos de cor no bairro Porto?	14 – O bairro do porto é mais colorido do outros locais da cidade?
_____	() sim () não
15 – Escreva uma palavra que, para você, define o bairro Porto:	

Se você É MORADOR(A) do bairro...	Se você NÃO É MORADOR(A) do bairro...
16 – Há quanto tempo reside?	19 – Escreva seu principal trajeto no bairro, ou os lugares que mais frequenta nessa área:
() até 1 ano	_____
() de 1 a 5 anos	_____
() mais de 5 anos	
17 – Você mora em casa:	20 – Com que frequência você visita (passa pelo) o bairro?
() própria	() diariamente
() alugada	() uma ou mais vezes por semana
() outro	() uma ou mais vezes por mês
	() outro _____
18 – Você gosta de morar no bairro Porto?	21 – Você gostaria de morar no bairro Porto?
() sim () não	() sim () não

INFORMAÇÕES SOBRE O RESPONDENTE		
22 – Sexo:	22 – Faixa etária:	24 – Nível de escolaridade:
() feminino	() de 18 a 30 anos	() fundamental incompleto
() masculino	() de 31 a 59 anos	() fundamental completo
	() acima de 60 anos	() médio completo
25 – Profissão:		() superior completo
_____		() outro _____

Obrigada por participar!
Sua contribuição foi muito importante!
Helena Soares
mestranda PROGRAU | FAUrb | UFPel

Tabela N.1 – Imagens das edificações com detalhes mais claros que as paredes e seus aspectos individuais.

ASPECTOS GERAIS DAS IMAGENS	ASPECTOS INDIVIDUAIS DAS IMAGENS		
DETALHES MAIS CLAROS QUE AS PAREDES			
	FOTO D	FOTO F	FOTO G
	S- Q POLI MQ	S+ F POLI MQ	S- F POLI MQ
			
	FOTO H	FOTO I	FOTO J
	S- F POLI E	S- F POLI MQ	S- F Q POLI MQ
			
	FOTO K	FOTO M	FOTO Q
	S- S+ F Q POLI MQ	S- S+ F Q POLI MQ	S- F Q POLI E

LEGENDA DA TABELA N.1

SATURAÇÃO CROMÁTICA DA COMPOSIÇÃO: S+ saturação alta; S- saturação baixa

CORES QUENTES/FRIAS: Q cor quente; F cor fria

TIPO DE COMPOSIÇÃO: POLI policromática

POSIÇÃO NA QUADRA: E esquina; MQ meio de quadra

Tabela N.2 – Imagens com edificações com detalhes na mesma cor das paredes e seus aspectos individuais.

ASPECTOS GERAIS DAS IMAGENS	ASPECTOS INDIVIDUAIS DAS IMAGENS	
DETALHES NA MESMA COR DAS PAREDES		
	FOTO A	FOTO B
	S+ Q MONO E	S+ Q POLI MQ
		
	FOTO L	FOTO O
	S+ Q F POLI MQ	S- F MONO E

LEGENDA DA TABELA N.2

SATURAÇÃO CROMÁTICA DA COMPOSIÇÃO: S+ saturação alta; S- saturação baixa

CORES QUENTES/FRIAS: Q cor quente; F cor fria

TIPO DE COMPOSIÇÃO: POLI policromática; MONO monocromática

POSIÇÃO NA QUADRA: E esquina; MQ meio de quadra

Tabela N.3 – Imagens das edificações com detalhes mais escuros que as paredes e seus aspectos individuais.

ASPECTOS GERAIS DAS IMAGENS	ASPECTOS INDIVIDUAIS DAS IMAGENS		
DETALHES MAIS ESCUROS QUE AS PAREDES			
	FOTO C	FOTO E	FOTO N
	S- S+ Q POLI MQ	S+ Q POLI E	S+ F POLI MQ
			
	FOTO P	FOTO R	
	S- F POLI E	S- F POLI MQ	

LEGENDA DA TABELA N.3

SATURAÇÃO CROMÁTICA DA COMPOSIÇÃO: S+ saturação alta; S- saturação baixa

CORES QUENTES/FRIAS: Q cor quente; F cor fria

TIPO DE COMPOSIÇÃO: POLI policromática

POSIÇÃO NA QUADRA: E esquina; MQ meio de quadra



A



B



C



D



E



F



G



H



I



J



K



L



M



N



O



P



Q



R